O PASTOR RENOVADO

RICHARD BAXTER

Penkall
TUDO EM LIVROS. LIVROS PARA TODOS.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Baxter, Richard, 1615-1691
O pastor renovado / Richard Baxter ; [tradução
Danilo Furlanete]. -- Londrina, PR : Livrarias
Família Cristã, 2021.

Título original: The reformed pastor

ISBN Brochura: 978-65-5996-036-1
ISBN Capa Dura: 978-65-5996-261-7

21-87357
21-87372

CDD-253

1. Teologia pastoral - Obras anteriores a 1800
I. Título.

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:
1. Teologia pastoral : Cristianismo 253
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

© 2021 Livrarias Família Cristã LTDA.

Autor: Richard Baxter
Tradução: Danilo S. Furlanete
Coordenação do projeto: Rebeca Louzada Macedo
Equipe de revisão: Victoria Viude Verris & Ana Santos
Revisão final: Lucas dos Santos Lavisio
Coordenação do projeto gráfico: Thaila Sayuri Nagazawa
Diagramação: Victória Ariza
Capa: Emerson Pereira & Guilherme Ribeiro

Tradução dos textos em latim e notas por Brian Gordon Kibuuka

Toda esta publicação foi desenvolvida pela Editora Penkal
Edição Exclusiva Livrarias Família Cristã

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

O
PASTOR RENOVADO

Demonstrando

A NATUREZA DO TRABALHO DO PASTOR; ESPECIALMENTE NA INSTRUÇÃO PRIVADA E NA CATEQUESE; COM UMA CONFISSÃO ABERTA DE NOSSOS PECADOS TAMBÉM ABERTOS.

Preparado para

O DIA DA HUMILHAÇÃO TIDO EM WORCESTER, NO DIA 4 DE DEZEMBRO DE 1655, PELOS PASTORES DAQUELE CONDADO, QUE CONCORDARAM ENTRE SI SOBRE A CATEQUESE E A INSTRUÇÃO PESSOAL, AO ENTRAREM NESTE TRABALHO.

SUMÁRIO

RICHARD BAXTER E O PASTORADO. 9

CAPÍTULO I 19

CAPÍTULO II 57

CAPÍTULO III 121

CAPÍTULO IV 141

CAPÍTULO V 231

CAPÍTULO VI 281

CAPÍTULO VII. 361

CAPÍTULO VIII 391

RICHARD BAXTER E O PASTORADO

O pastor puritano Richard Baxter e a sua reflexão a respeito do ministério pastoral são relevantes para os pastores, ministros e cristãos de qualquer época. Ao enumerar os vícios do ministério pastoral e descrever os efeitos destrutivos dos erros pastorais sobre o povo, Baxter indica que a solução passa pelo fato de os pastores de sua época serem reavivados, renovados e cheios de vitalidade espiritual.

O termo "reformado" ou "renovado" do título da obra de Baxter indica que, em 1657, já se sabia que, para além do calvinismo, do arminianismo e até mesmo da doutrina católica, era o analfabetismo bíblico, a simonia, a falta de vocação e a falta de seriedade em relação à formação espiritual pessoal que limita a eficácia do Evangelho pregado. Para Baxter, não adianta proclamar ao mundo a necessidade de um Salvador, se o próprio coração de quem anuncia a salvação não tem interesse pelo Senhor e por Seus benefícios salvadores.

A própria trajetória de Baxter auxilia na compreensão do problema que ele aborda. Quando chegou à sua primeira designação paroquial, ele ficou angustiado com o que encontrou. Em uma igreja com até 4 mil pessoas, ou 800 famílias, cuja maioria era membro da igreja, talvez apenas um por família fosse comprometido. Em sua opinião, eles eram um povo ignorante, rude e festeiro, e muitos em sua paróquia abusavam do álcool.

Segundo Baxter, a maioria dos pastores luta contra o excesso de trabalho em cargos de baixa remuneração na igre-

ja enquanto, ao mesmo tempo, tentam pagar dívidas de caros cursos de seminário e lutam para obter o nível de mestrado e doutorado que se espera deles. Muitos pastores hoje lutam contra o alcoolismo, têm sérias dúvidas sobre a sua profissão e estão frequentemente cansados e esgotados semanalmente ou mesmo diariamente.

O propósito de Baxter era o de encorajar seus colegas clérigos, pois o sintoma que ele identificou era um indício subjacente de algo mais profundo, algo espiritual. Vemos em suas prescrições para pastores que seu principal temor era que o clero não estivesse experimentando Deus. Segundo Baxter, da mesma forma que muitos alfaiates andam em trapos, mas fazem roupas caras para outros; e muitos cozinheiros mal lambem os dedos, mas preparam para os outros os pratos mais caros, há pastores que conduzem as pessoas à salvação, mas não creem de todo o coração no Salvador que a oferece. Logo, se os pastores começassem a pregar para si mesmos o mesmo Evangelho que proclamavam para o povo, eles seriam "renovados", e o trabalho que precisava ser realizado nas igrejas começaria a acontecer a partir do transbordamento de sua própria formação espiritual.

A obra de Baxter é, portanto, um trabalho de treinamento de pastores e um esforço para encorajar e trabalhar mais profundamente.

O reavivamento proposto por Baxter: o contexto da Igreja Inglesa.

O reavivamento, para Baxter, não era atingir os métodos e maneiras corretos de se fazer uma igreja, mas, sim, fazer com que os pastores se dedicassem como líderes à adoração a Deus e à formação de si mesmos, o que daria muitos frutos nas igrejas. Baxter entendeu corretamente que, antes de ver uma reforma em outros, ela deve começar por si mesmo. Baxter exerceu um impacto na história que se mede não pela participação em grandes concílios ou pela virada dos acontecimentos ao seu

redor, mas por seu espírito inabalável e por sua sede de salvação para todos.

O mundo da igreja inglesa dos séculos 16 e 17 era muito turbulento. Disputas constantes sobre formas de adoração, pontos de vista de comunhão, vestimentas, autoridade da igreja, livros de orações concorrentes e muito mais levaram a Igreja a uma guerra consigo mesma, metaforicamente e, por acaso, literalmente. Embora Henrique VIII tenha se proclamado chefe da igreja na Inglaterra, sua doutrina permaneceu em grande parte católica romana. Foi durante a época de seu filho e sucessor Eduardo VI (1547–53) que a Reforma foi efetivamente introduzida na Inglaterra.

O arcebispo de Canterbury, Thomas Cranmer, o estudioso Nicholas Ridley e o pregador Hugh Latimer, junto de outros, pressionaram pela Reforma da doutrina inglesa. Depois de Maria (1553–1558), que tentou restaurar o catolicismo e a autoridade do Papa na Grã-Bretanha, Elizabeth (1558–1603) restaurou e estabeleceu permanentemente o Protestantismo na Inglaterra durante seu longo reinado. No seu governo, ela substituiu clérigos católicos por protestantes, restaurou os artigos da igreja e o Livro de Orações de Eduardo VI. Em um esforço para acalmar os temores dos que se opunham a ela, assumiu o título de governadora suprema da Igreja da Inglaterra. O Acordo Elisabetano tentou estabelecer uma Igreja da Inglaterra que fosse diferente, mas não excessivamente, do Catolicismo Romano. Apesar de romper os laços oficiais com Roma, esses atos buscaram encontrar um meio de comunicação, ou "meio-termo", removendo a duras penas os católicos romanos na Inglaterra, removendo o abuso do Papa na liturgia da Igreja e permitindo diferenças de opinião quanto à natureza da comunhão e vestimentas a serem usadas na adoração.

Na paisagem turbulenta das reformas promovidas por Elizabeth, os católicos romanos da Inglaterra se sentiam privados de direitos. Os que desejavam ver uma Reforma completa acontecer na Inglaterra também se viam frustrados. O Ato de Supremacia de 1558, que restabeleceu a independência da

Igreja Anglicana de Roma, e o Ato de Uniformidade de 1558, que incluiu o uso da cruz no batismo, do ajoelhar-se para a comunhão e o uso de sobrepeliz, paramentos litúrgicos romanos, foram um duro golpe para os que queriam uma Reforma aprofundada. Além disso, frustrou-se o desejo de se afastar da forma episcopal de governo da igreja em direção ao padrão reformado de presbíteros e sínodos.

O grupo mais representativo das iniciativas de Reforma da Igreja Inglesa eram os puritanos. Havia um conjunto de convicções compartilhadas entre os puritanos em relação à fé e às práticas cristãs, como a vida congregacional e a centralidade do ofício pastoral. Os puritanos tendiam a ser biblicistas e geralmente calvinistas. Eles tinham o desejo de livrar a Igreja na Inglaterra da influência do Catolicismo Romano, adotando o padrão de adoração do Novo Testamento. Os puritanos também cultivavam uma literatura catequética, evangelística e devocional.

O puritanismo também foi um movimento de reforma política e eclesiástica e de avivamento pessoal, começando na Igreja da Inglaterra, mas acabou se espalhando muito além dela. Por isso, Baxter, representante dos puritanos, apresenta como temas principais o amor pela leitura e a sua necessidade, e o desejo de se educar. Além disso, ele também almeja uma mudança da Igreja Inglesa e está engajado para que ela aconteça.

Aspectos biográficos de Baxter que se relacionam com suas orientações pastorais

Baxter nasceu em 1615, sendo filho de uma família moderadamente abastada. Ele passou os primeiros anos de sua infância, até por volta dos 10 anos, com seu avô materno. Seu pai havia empenhado a propriedade da família com dívidas de jogo que levaram anos até que fossem pagas. Durante esse tempo, no entanto, o pai de Baxter experimentou uma conversão séria em sua vida, retomando o estudo das Escrituras e decidindo levar uma vida santa.

Quando Baxter voltou para casa, seu pai o colocou em um curso de leitura das Escrituras para si mesmo, talvez colocando o futuro pastor no caminho para o ministério. Naqueles primeiros anos, Baxter lutou fortemente contra as tentações da juventude, especialmente quanto a unir-se a outros de sua idade. Foi durante essa época que ouviu pela primeira vez seu pai ser chamado de puritano.

Baxter, um jovem ávido, sensível e inteligente, era um tanto solitário devido à sua posição religiosa. O jovem Baxter também se destacou em sua educação, apesar de ser amplamente negligenciado por seus professores e deixado por sua própria conta. Embora desejasse frequentar a universidade, ele foi persuadido por seu mestre-escola a aceitar uma oferta de Richard Wickstead, Capelão do Conselho em Ludlow, para ser seu tutor. Essa proposta foi apoiada por seus pais, pois significava que seu único filho permaneceria geograficamente perto deles. Embora uma forte relação se desenvolvesse entre o aluno e o preceptor, novamente aconteceu que a educação de Baxter foi negligenciada. Wickstead, ansioso pelo avanço social, parecia dedicar pouco ou nenhum tempo à instrução real, preferindo permitir que Baxter assumisse a administração da biblioteca no Castelo de Ludlow enquanto ele tentava ganhar favores na corte.

O puritanismo de Baxter e o preconceito com sua religião o deixaram, portanto, em uma condição em que restou a ele se educar, algo que continuaria a fazer pelo resto de sua vida. Ele era um leitor rápido, com um amplo conhecimento, especialmente dos clássicos, da história da Igreja e da teologia. A extensão de suas referências em suas notas de rodapé é extraordinária, a quantidade e extensão de sua própria escrita é imensa.

Baxter permaneceu tutelado por Wickstead até ser convencido por ele a considerar abandonar seus planos de assumir o ministério pastoral e ir para Londres para conhecer a corte e obter algum cargo. Então, com o incentivo de seus pais, ele consentiu e foi para Whitehall morar com *Sir* Henry Herbert. Após um mês, viu uma peça de teatro em vez de um sermão no domingo, e o estado moral da corte moveu-o à decisão de

ir embora. Foi nessa época que recebeu a mensagem de que sua mãe havia ficado doente e desejava que ele voltasse para casa. O resultado das desventuras educacionais de Baxter foi que ele se tornou um autodidata, alguém acostumado a ensinar a si mesmo o que precisava aprender.

Baxter, leitor voraz, teólogo autodidata, voltou para casa e, após a morte de sua mãe, permaneceu lá por quatro anos, trabalhando para seu pai e continuando seus estudos, embora, durante esse tempo, tenha sido prejudicado por problemas de saúde, algo que suportou desde cedo. Baxter lutou contra vários tipos de doenças ao longo de sua vida e, a partir da adolescência, acreditava estar à beira da morte. Ele teve varíola aos 14 anos, resfriados e hemorragias nasais crônicas, uma doença intestinal crônica e uma dor que atribuiu ao fato de ter comido muitas frutas roubadas quando criança. Hemorragias persistentes em seus olhos e gengivas, uma doença ocular que quase lhe custou a visão de um olho, cálculos renais recorrentes, uma massa na garganta: tantas doenças o deixaram em uma expectativa constante de morte. Embora Baxter lutasse com sua saúde, ele entendia como Deus agira nele por meio dela.

Baxter acreditava que seus problemas de saúde e doenças constantes agiam nele de maneira a produzir uma urgência em seu ministério e pregação. Baxter, talvez com bons motivos, via cada oportunidade no púlpito como possivelmente a última. E assim, apesar de seu autodidatismo e das lutas ao longo da vida quanto à sua saúde, Baxter se tornou uma das principais forças formadoras do puritanismo inglês e do próprio clero inglês.

Baxter assumiu o ministério pastoral em Kidderminster e, à medida que o ministério de Baxter progredia, ele adquiriu grande fama como pregador e como escritor. Ele era conhecido por ser um grande defensor da paz eclesiástica e civil. Por causa disso, passou a ser frequentemente consultado tanto por autoridades civis quanto por líderes religiosos, sendo frequentemente chamado a Londres para falar sobre vários assuntos. Em abril de 1660, ele foi chamado a Londres para uma consulta sobre a Restauração da monarquia: o retorno do exilado Carlos II. Ele

pregou perante o Parlamento um dia antes da aprovação do projeto de lei garantindo a Restauração, e novamente pouco depois perante os líderes da cidade. Nenhum de seus sermões satisfez o público. Havia algo nas opiniões moderadas de Baxter que ofendia a todos; alguns o consideraram culpado de sedição, alguns de vacilação. Na verdade, Baxter, como amigo do rei, era a favor da Restauração da monarquia e usou todos os seus esforços para que ela acontecesse.

Após a Restauração, Baxter estava entre os ministros nomeados capelães do Rei. Ele patrocinou várias conferências tentando trazer paz à igreja, principalmente entre aqueles com tendências mais episcopais e seus oponentes presbiterianos. Foi realizada uma reunião sobre o assunto, na presença de Charles, onde Baxter foi o orador principal. Seu discurso na ocasião se distingue igualmente por sua piedade e fidelidade. Ele estava desejoso de promover e garantir as liberdades religiosas do povo. Baxter forneceu uma presença moderada e irênica, e o seu desejo de encontrar o meio-termo, de reunir lados opostos tanto teológica quanto politicamente, foi uma marca registrada de sua vida. O maior legado de Baxter reside, sem dúvida, em sua influência refinadora sobre o clero de sua época e, portanto, sobre as igrejas de sua época, bem como sobre todos aqueles que interagiram com as exortações pastorais presentes em seus escritos. Com sua mente perspicaz e caneta prolífica, ele chamou as pessoas de sua época para colocarem sua fé em Cristo. Com a mesma mente e pena, ele desafiou os pastores de sua época a serem especialmente cuidadosos em fazer o mesmo e a serem cuidadosos com sua fé pessoal, mesmo quando tentassem influenciar a fé de outros.

A importância das orientações pastorais de Baxter

Embora tenha escrito mais de 140 livros durante sua vida, Baxter é hoje mais conhecido por suas instruções para o clero de sua época com relação à sua própria formação espiritual. Em *Pastor Renovado*, Baxter chama os pastores para se certifi-

carem de que não perderiam a si mesmos no que eles próprios pregavam e incentivavam os outros a fazer. Eles também são orientados para que a obra da graça salvadora seja totalmente operada em suas próprias almas. Ele exorta os pastores a verem o cuidado de seu rebanho relacionado ao cuidado de suas próprias almas. Ele os encorajou a pregar seus sermões primeiro para si mesmos e depois para suas igrejas. Acreditando que a saúde espiritual do ministro impactava grandemente o clima espiritual da igreja, Baxter promoveu uma visão do ministério que permitisse ao pastor se ver como um instrumento para que o poder e a transformação do Espírito de Deus marcassem a vida de todos, a começar pela do próprio pastor.

A estrutura da exortação primária de Baxter ao clero é instrutiva em si mesma. Após algumas desculpas introdutórias pela reprimenda que ele está prestes a dar, Baxter abre para sua audiência as instruções de Paulo aos anciãos de Éfeso. No capítulo dois, ele começa a instruir os pastores sobre o que significa cuidar de seus rebanhos. Ele começa explicando que escolheu essa ordem não simplesmente por ser a ordem que Paulo deu em suas instruções, mas porque é necessário cuidar da própria alma antes de cuidar das almas dos outros. Baxter está novamente exibindo uma visão formativa do ministério, isto é, que o ministério é antes de tudo sobre quem o pastor é e como está sendo formado pelo Espírito de Deus na imagem do Filho. O problema, acreditava Baxter, era que muitos pastores estavam tentando oferecer algo aos outros que eles próprios não estavam experimentando. Baxter viu isso como trágico, tanto para si mesmo quanto para todos em seu cuidado pastoral.

Uma das abordagens mais eficazes de Baxter foi exortar os pastores a considerarem os efeitos de sua própria vitalidade espiritual. Baxter acreditava que a saúde espiritual e o bem-estar deveriam ser buscados, e insiste que os pastores devem ter uma compreensão aguçada de quem eles são. Para Baxter, um pastor é aprendiz ao longo da vida, devendo se conduzir com mansidão e condescendência para com todos, e assim ensinar

aos outros, de forma a estar pronto para aprender de qualquer um que possa ensinar.

Particularmente irritante para Baxter foi uma atitude que ele discerniu no clero de seu tempo, que ele considera formado, em grande parte, de bêbados, mundanos ou pessoas ignorantes. A solução apontada por Baxter era que a instrução e o estímulo à humildade eram parte essencial da vida cristã e deveriam ser características dos ministros. Os ministros também deveriam amar, reverenciar, ler, estudar, obedecer e apegar-se às Escrituras, que devem ocupar o primeiro lugar em seus corações e mãos.

Baxter também instrui a respeito das orações dos pastores. A vida de oração, junto ao relacionamento pessoal com as Escrituras, multiplica os frutos do ministério, pois, se há arrependimento entre os pastores, isso provoca efeitos na assembleia. Baxter acreditava que orar é desfrutar do ser de Deus nos próprios corações. Assim, a alma que tem um interesse filial em Deus, e uma herança na vida eterna, se livra da concupiscência da carne e encontra suficiência em Deus.

Baxter também afirma que a bondade de Deus e o conhecimento de seu amor, diante da natureza transitória dos problemas e tentações, ajuda a resolver, consertar, vivificar e viver em gratidão e alegria. A meditação em Deus torna os pastores mais vivos e alegres, porque eles estão mais perto da fonte de toda a satisfação.

Outro conselho dado por Baxter é a coerência entre a vida interior e exterior, entre o relacionamento com Deus e o relacionamento com as pessoas. Um erro palpável de alguns ministros, denunciado por Baxter, é cumprir os deveres ministeriais sem ter integridade absoluta em toda a vida e ministério. As preocupações de Baxter com seus colegas clérigos estendiam-se não apenas ao que eles deveriam fazer para o bem de sua própria formação e para o bem daqueles a quem ministravam, mas também para o que eles deveriam evitar para que a vida fosse consistente com as exigências do ministério.

O excesso de brincadeiras, mentiras, desobediência, relutância em aprender as coisas que pertencem à sua salvação, luxúria, volúpia e luxo são alvos de advertências específicas de Baxter. Ele compreendeu que aqueles que chamam outros para viver como Jesus seriam necessariamente culpados se deixassem de viver assim.

Por fim, as admoestações de Baxter se voltam contra o orgulho. O orgulho é um vício que não convém àqueles que devem conduzir pessoas de maneira tão humilde ao Céu. Tanto o orgulho quanto a hipocrisia são condições humanas, juntamente à concupiscência, condições precárias que o jejum e o trabalho farão muito para obstruir. Baxter acreditava que ficar ocupado e usar o jejum como uma forma de conter os apetites corporais eram uma boa maneira de evitar cair nas armadilhas da luxúria ou do amor ao dinheiro.

Baxter recomenda que o trabalho diário do pastor seja realizado com consciência e caráter, e que cada pastor cresça na graça e se torne mais semelhante a Cristo. Para louvor da Graça Divina, o pastor deve viver em humildade e mansidão. A beleza de Baxter e de suas palavras é que ele combina um conhecimento misterioso do coração humano com uma franqueza corajosa ao falar a esse coração. Sua profundidade espiritual foi duramente conquistada, em certo sentido, através da luta contra doenças e problemas de saúde. Ele falou abertamente de dúvidas e medos, e tão abertamente ele os submeteu a Deus e lidou com eles à luz do que sabia que Cristo fizera por ele. Assim, Baxter se habilitou para ensinar pastores a desenvolverem seu ministério na dependência de Cristo, do Espírito Santo e da Graça de Deus.

Brian Kibuuka

Professor de História Antiga e Medieval na
Universidade Estadual de Feira de Santana

CAPÍTULO I

Atos 20.28

"Olhai, por vós, e por todo o rebanho sobre o que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue."

Caros e reverentes irmãos,

Apesar de alguns acharem que o sermão de Paulo a esses anciãos faz deles soberanos, nós que hoje lhes falamos do Reino do Senhor esperamos poder fazer o mesmo sem atrair a inveja de tal conclusão. Pois ensinamos nosso povo como se oficiais colocados acima deles no Senhor, mas esperamos poder ensiná-los como irmãos, tanto em autoridade quanto em fé. Se as pessoas que nos foram encarregadas devem se ensinar, admoestar e exortar umas às outras diariamente (Colossenses 3.16, Hebreus 3.13), certamente aqueles que as ensinam conseguem também fazê-lo sem supremacia de poder ou grau. Nós temos os mesmos pecados a matar, e as mesmas graças para serem avivadas e corroboradas, que as outras pessoas têm; temos trabalhos maiores do que eles têm, e também dificuldades maiores a superar, e também não menos necessidades do que as deles nos são dadas; portanto, devemos ser avisados e trazidos à luz, senão instruídos, tanto quanto eles. Para tal fim, confesso que acredito que deveríamos fazer estas reuniões com muito mais frequência do que no momento temos, se não tivéssemos nada mais a fazer exceto isso. E deveríamos também nos relacionar de modo tão franco e próximo entre nós

quanto aqueles mais sérios fazem com seus rebanhos; pois, se eles tiverem estes fortes avisos e repreensões, estarão também mais fortes na crença. Este é o julgamento de Paulo, e não são necessárias mais provas disso, exceto por esta exortação estimulante feita aos anciãos efésios; um sermão curto, mas não facilmente compreendido. Se ao menos os bispos e professores da igreja tivessem estudado esta exortação a fundo, privando-se daqueles volumes que agora tomam seu tempo e os levam a serem mais exaltados no mundo físico; quão feliz isso teria sido para eles e para a igreja!

Por termos tempo limitado, não poderei abordar parte nenhuma além de meu próprio texto; que, supondo Paulo como o orador e os anciãos efésios como seus ouvintes, contém:

1. Um dever duplo;

2. Uma razão quádrupla para lhe impor.

O primeiro dever é "Olhai por vós"; o segundo, "e por todo o rebanho". E seu dever principal para com o rebanho, que deve ser feito com atenção especial, é expresso em "*o meu servo Davi é que as apascentará; ele lhes servirá de pastor*". (Ez 34.23)

Os motivos para tal são deixados claros:

1. Por seu compromisso e sua relação; eles são aqueles que cuidam do rebanho: é o seu trabalho;

2. Pela causa eficiente, a autoridade e excelência daquele que os chamou para este dever, que é o Espírito Santo;

3. Pela dignidade do objetivo, que é a razão de seu encargo;

4. Pelo amor que Cristo tem com Sua igreja, e o preço que esta Lhe custou; pois foi obtida com Seu sangue. Este motivo é parcialmente subordinado ao anterior.

Os termos usados no texto não são tão difíceis que justifiquem eu gastar muito de nosso parco tempo em suas explicações. *Προσέχειν*[1] aqui é "*maxima cura et diligentia animum*

[1] O termo grego *προσέχω* aparece aqui no infinitivo (*προσέχειν*), tendo o sentido de

adhibere";[2] ποίμνιον, como Jansénio e outros mencionam, é "um pequeno rebanho". Significa não toda a Igreja de Cristo, que é também referida como ποίμνιον[3] em outros textos por referência a Cristo como o grande pastor; mas, sim, à igreja especificamente colocada sob os cuidados desses anciãos. Se era apenas uma ou várias, não devemos questionar. O que se diz por *ἐπισκοπῆς*,[4] "bispos" ou "administradores", é concordado que eles foram encarregados de ensinar e guiar à salvação; e que são as mesmas pessoas chamadas de anciãos da igreja de Éfeso, e agora aqui de bispos, de quem falaremos sem mais demora. O verbo *ἔθετο*[5] parece aqui significar a qualificação, ordenação e designação particular desses anciãos ou bispos para onde foram encarregados; pois não devemos limitar ou excluir sem necessidade. O Espírito Santo fez por estas três maneiras de torná-los encarregados sobre seus rebanhos:

1. Qualificou-os com os dons necessários para isso;

2. Direcionou as mentes daqueles que ordenou para o ministério;

3. Dispôs de suas mentes, e das dos ordenadores, e das do povo, ao afixá-los àquela igreja específica em vez de outra.

"voltar" ou "dirigir a mente" para alguém ou algo; "dar atenção" ou "prestar atenção" (At 8.10); "tomar cuidado com", "cuidar de" (Mt 6.1; 7.15; Lc 21.34); ou "prestar atenção em".

[2] "Aplique o máximo cuidado e diligência".

[3] O termo grego *ποίμνιον* significa literalmente "rebanho", especialmente um "grupo de ovelhas", sendo metaforicamente alusivo à comunidade dos discípulos seguidores de Jesus (Lc 12.32) ou à igreja (At 20.28).

[4] O termo *ἐπισκοπή* aparece aqui como a posição de "supervisor" ou bispo (At 1.20).

[5] O verbo *ἔθετο* é a terceira pessoa do singular do indicativo aoristo médio do verbo *τίθημι*, que significa "colocar", "pôr", com sentido frequentemente derivado de seu objeto e do contexto. Em um sentido local; "colocar" (um alicerce) (Pv 14.29), "estender-se" para ser visto por alguém que passe (Mc 6.56), "deitar" ou "enterrar" (Mc 6.29); "impor" (as mãos) (Mc 8.25); colocar (uma luz) (Mc 4.21); "dotar" (com o Espírito) (Mt 12.18); "abater" (inimigos) (Mt 22.44); "investir economicamente", "depositar" (dinheiro) (Lc 19.21); "reservar", "armazenar" (dinheiro) (1Co 16.2); "colocar" literalmente os joelhos, ou seja, "dobrar os joelhos" (Mc 15.19); "estabelecer", "nomear" (At 13.47; Rm 4.17).

"*Dicit autem eos constitutos a Spiritu Sancto*",[6] disse Grotius, "*quia constituti erant ab Apostolis plenis Spiritu Sancto, quanquam approbante plebe*".[7] Mas não há dúvidas de que naquela época o Espírito Santo lhes deu ordens especiais, como se fosse um oráculo interno, para que certos ensinadores pudessem estar dispostos. Nós leremos neste caso sobre Saulo e Barnabé, como proveram por suas respectivas congregações.

ποιμαίνειν τὴν ἐκκλησίαν[8] é traduzido aqui como "alimentar"; por outros, como "governar"; mas como Gerhard, Jansénio e vários outros apontam, não é para ser restrita a só um ou outro, mas, sim, conter em si ambas como parte do trabalho do pastor. De modo simples, é "*Pastorem agere*";[9] o ato de realizar o trabalho do pastor. Quer esta seja uma congregação efésia, antes chamada de *ποίμνιον*,[10] que aqui é chamada de *ἐκκλησίαν τοῦ θεοῦ*,[11] ou uma igreja universal que eles possam alimentar e governar, ao fazerem seu trabalho por ela, em seu encargo (a paz e a justiça podem ser ditas como governadoras da terra), não parece ser uma questão fundamental a ser debatida; mas a última parece fazer mais sentido: *περιεποιήσατο*[12] é tanto "*acquisivit et asseruit et in suam vindicavit*".[13] É feita pelo sangue de Deus, pela comunicação dos nomes com suas naturezas distintas, e nos oferece um argumento contra os arianos, visto que Cristo aqui está chamando de Deus explicitamente.

---

[6] "Ele diz que eles são nomeados pelo Espírito Santo".

[7] "Porque foram ordenados pelos apóstolos, cheios do Espírito Santo, embora com a aprovação do povo". (Hugonis Grotii annotationes in Novum Testamentum. *Ad Act. Apost*. 20.28).

[8] "Para pastoreardes a igreja" (At 20.28).

[9] "Atuando como pastor".

[10] Ver a nota 3.

[11] "Igreja de Deus".

[12] O termo *περιεποιήσατο*, verbo na terceira pessoa do singular do indicativo aoristo médio de *περιποιέω*, significa "preservar" (para si mesmo), "salvar" (Pv 17.33); "ganhar" ou "adquirir" (para si mesmo), "obter" (1Tm 3.13); "pagar o preço", "adquirir com muito esforço" (At 20.28).

[13] "Comprou, reivindicou e vingou por conta própria".

Mas é necessário, antes de prosseguirmos para a instrução e aplicação, que esclareçamos mais quem esses anciãos ou bispos a quem Paulo discursou eram. Desejo fazer de tudo o possível para evitar a controvérsia, especialmente neste lugar e em tal ocasião; mas é inevitável que o faça aqui, pois todas as aplicações que serão aqui ditas dependem dessa explicação; e se vocês pressuporem que esta exortação não tem nada de válido para homens em seu encargo e capacidade, então não será surpreendente que vocês a vejam, ignorem e ajam como se não tivesse ocorrido, tomando-me por impertinente. Este texto foi julgado como o mais apto para trazer a luz do dever aos pastores do Evangelho; mas nestes tempos os negligentes sentem-se gratificados com as notícias (pois certamente são novidades) de que apenas bispos, em um sentido supereminente, que são normalmente chamados de abades, são os alvos deste texto; e não somente isso, mas que texto algum da Escritura fala para com quaisquer outros presbíteros da Igreja (certamente) exceto estes; que, decerto, não há outro ser no tempo das Escrituras. Eis, então, duas questões para resolvermos:

1. Se os anciãos aqui mencionados são de fato os anciãos da igreja de Éfeso, ou de toda aquela parte da Ásia, ou melhor dizendo, de toda igreja nela encontrada? E esta pergunta naturalmente nos leva à próxima:

2. Se estes anciãos eram apenas prelados, ou bispos tais como aqueles dentre nós que tiveram tal nome?

As razões que podem ser mencionadas para provar que estes eram prelados de várias cidades da Ásia, e que *πᾶν τὸ ποίμνιον*[14] são estas várias cidades, são as seguintes:

1. A afirmação de Ireneu, que significa: 1. Que pode haver múltiplos anciãos de Éfeso presentes, apesar de alguns de cidades próximas também estarem presentes, tudo isso sendo coisas que Ireneu afirma; e 2. Que nos opomos à fala de Ireneu

[14] "Todo o rebanho" (At 20.28).

sobre a exposição ordinária desses anciãos; o mais singular é o de menor autoridade, "*caeteris paribus*".[15]

2. "Deve ser dito que 'Paulo os convida a lembrar que ele estivera entre os anciãos por três anos, admoestando-os frequentemente, etc. Mas que ele estivera por esses três anos não somente em Éfeso, mas na Ásia, etc.'" ***Resposta:*** Pode ser dito que ele morava no local onde retornou. Aquele que reside, em origem, em Éfeso, apesar de fazer excursões frequentes para outras regiões, ainda pode ser tratado como alguém que mora em Éfeso. E os anciãos efésios teriam-no, portanto, conhecido, pois viajava entre eles, apesar de não ser certo que discursava mais do que o que discursou com eles. Pois o que ele fez em Éfeso ele fez na Ásia, assim como o que é feito em Londres é feito na Inglaterra.

3. "Mas o texto menciona toda a Ásia; pois ele diz 'todos vós, por quem passei'". ***Resposta***: 1. Como se Paulo não fosse pregar o Evangelho em Éfeso; 2. Se ele decidisse viajar mais longe, os anciãos efésios teriam ido com ele.

4. "Éfeso era a metrópole, portanto, toda a Ásia poderia ser denominada como tal". ***Resposta***: 1. Deve ser provado que foi assim denominada. A França não é chamada de Paris, nem a Inglaterra de Londres. 2. Não é de países, mas da Igreja que Paulo fala; e ainda não é provado que a igreja de uma cidade tivesse então qualquer dependência na igreja de outra cidade, tal como as cidades menores tiveram na metrópole.

Por outro lado, as razões que podem ser usadas para nos levar a crer que todos, ou ao menos muitos destes anciãos ou bispos, eram especificamente da igreja de Éfeso são tais:

1. É dito no texto que eles eram anciãos da igreja, referindo-se a Éfeso no que é mencionado: "*E de Mileto mandou a*

[15] *Ceteris paribus*, também grafado como *coeteris paribus*, é uma expressão latina que significa "todo o mais é constante", ou "mantidas inalteradas todas as outras coisas". Essa expressão indica uma predição ou uma afirmação sobre uma relação causal, empírica, dedutível logicamente, que, embora seja precisa em condições esperadas, pode falhar por causa de fatores intervenientes.

Éfeso, a chamar os anciãos da igreja". E não há como provar, em todo o Novo Testamento, que os bispos de outras igrejas e cidades eram chamados de bispos na metrópole, apenas por esta ser a metrópole.

2. Há aqui apenas a menção de uma única igreja e um único rebanho, não vários; e é reconhecido que aqui ele não fala da igreja universal (pois, se estivesse, sua linguagem aqui não seria tão estranha), mas de uma igreja em particular. E é de costume dos apóstolos falar em plural quando mencionam as igrejas em particular de várias cidades, e não mencioná-las como se fossem todas uma única igreja ou rebanho.

3. E poderia, se o fizessem, parecer que os anciãos de cada cidade eram, de alguma maneira, superiores aos outros, pois estes teriam a obrigação de cuidar de todo o rebanho; o que seria possível se cada um tomasse conta de sua parte, mas, se um único falhasse, o resto teria de tomar a parte deste para si, que é mais do que são capazes de fazer.

4. Paulo estava agora em uma jornada tão apressada para Jerusalém que Lucas media essa viagem em dias. E em tal pressa, não é provável que Paulo tenha chamado anciãos de todas as várias cidades da Ásia. Se ele tivesse passado pelos mares britânicos em tal pressa, parasse em Plymouth e de lá chamasse todos os anciãos de Paris, ele estaria esperando todos os bispos de Remes, Arles, Orleans e todo o resto da França.

5. Os números de profetas e homens abençoados naqueles, assim como o estado de outras igrejas em particular, nos dá razões que não são suficientes para conjecturar que Éfeso tenha estado em necessidade tão grande de ajuda, a ponto de ter um único presbítero. Grotis achou que Timóteo, com seus copresbíteros, apenas fez essa aparição; mas outros têm dado boas razões para que Timóteo não fosse um deles.

6. O julgamento dos expositores, antigos e modernos, correndo sempre em direção ao caminho oposto, nos demonstra muito respeito.

Mas devo confessar que esse assunto é puramente conjectura, de ambos os lados, e nenhum parece ter a certeza. Mas, se a probabilidade puder dizer sua parte, certamente havia muitos desses anciãos de Éfeso, apesar de ser possível que alguns fossem de cidades vizinhas. Mas deixemos isso de lado, pois não importa tanto em relação à questão verdadeira que enfrentamos. Se Éfeso, e toda outra cidade, ou igreja, tivesse apenas um presbítero, este seria, então, um prelado? Não, o contrário: isso provaria que não havia prelado algum, pois não haveria presbíteros subalternos. Não há rei sem súditos; não há mestre sem criados.

1. Os vários expositores, tanto antigos quanto modernos, interpretam que esse texto fala de presbíteros no sentido comum. E devemos tomar cuidado ao nos expor a tantos textos que pensam do mesmo modo.

2. Se os homens forem empregados agora, no fim do mundo, em achar uma nova fundação para a Abadia, supondo que tenha sido mal defendida até agora, e todos estes textos (com algumas exceções) errados expostos, isto causará o abalo da própria fundação em si.

3. Mas é melhor que comecemos a concordar, ao menos sobre o governo "de fato" que estava presente nos tempos da Escritura.

Pois:

1. Enfim se confessa que a palavra Ábade, ou presbítero, não é usada de maneira definitiva em qualquer parte do Novo Testamento para se referir a alguém que esteja sujeito a um bispo, não tendo nenhum poder de ordenação ou jurisdição; portanto, não havia tais prelados no tempo das escrituras. E por qual autoridade estes foram desde então eleitos a tal, que contestem aqueles que quiserem fazer isso.

2. Estamos, então, de acordo que aqueles nas Escrituras eram chamados de bispos.

3. E que essas pessoas conseguiam ordenação e jurisdição.

4. E que essas pessoas não eram os bispos de várias igrejas, mas, sim, de uma cada; não tinham várias assembleias ocorrendo ordinariamente para a comunhão diária, pois tais não poderiam ser tidas sem um bispo ou presbítero para administrar as ordenações de Cristo em cada um. E se havia em uma diocese somente um bispo, e nenhum presbítero no tempo das Escrituras, então essa diocese deveria por necessidade conter uma assembleia da igreja comum, e que nenhum bispo tinha "de fato" quaisquer presbíteros sob seu comando, nem mais assembleias além de uma; isto é, eles governavam suas igrejas particulares, tal como nossos pastores fazem. Assim, podemos nos fazer satisfeitos por seguirmos aquilo que os apóstolos estabeleceram e que era o modo "de fato" na época das Escrituras. E se alguém conseguir provar sobre a legalidade das mutações tardias, ou provar que os apóstolos deram poder a esses pastores em particular para se degenerarem em outros tipos de oficiais depois, então, conforme a irrefutabilidade de sua evidência, nós acreditaremos. Até isso acontecer, desejando seguir a Palavra de Deus, seguir em terra firme e aceitar apenas aquilo que é certo, nós nos manteremos onde estamos, alegres em nossa concordância. Mas não presumimos censurar ou reprovar todo o episcopado superior, nem nos recusaremos a obedecer a qualquer homem que nos comande a realizarmos nossos deveres; apenas temos a resolução de seguir com nosso trabalho em paz e fé.

Pessoalmente, sempre achei mais fácil ser governado do que governar; e estou pronto, como os Ingleses disseram a Agostinho,[16] para ser obediente a qualquer homem pelo Senhor. Não acho que possa haver um governo que seja opressivo, se tiver sido apontado pelo senhor, pois trará benefício a nós; fará nossos fardos mais leves e não pesados, ajudará e não nos impedirá de entrarmos no Céu. Se o trabalho de Cristo fosse feito propriamente, seria eu o mais errado em contestar quem poderia fazê-lo. Concordemos, então, sobre ao menos uma coisa que está clara aqui em meu texto: que as igrejas ou

[16] Agostinho de Tours.

rebanhos não devem ser maiores do que seus pastores podem pessoalmente liderar, de modo que possam "administrar propriamente a todo o rebanho", e então que apenas homens capazes e fiéis sejam estes administradores, que farão da palavra de Deus a regra, e se abrirão para a salvação das almas dos homens, e com estes jamais terei que debater sobre a questão da superioridade; mas alegremente obedecerei em tudo que for da lei, se precisarem de minha obediência. Se a diferença não fosse tanto sobre as coisas comandadas e o trabalho a ser feito do que sobre quem os comanda, acredito eu que homens humildes obedeceriam facilmente. Se deixassem de lado todas as imposições e obstruções humanas desnecessárias e se contentassem com a Palavra de Deus, que é mais do que suficiente, e não fizessem novos trabalhos para necessitá-la, novos cânones e autoridades para impô-la, mas se contentassem com a simplicidade do Evangelho e nos deixassem ter isso como um caminho suficiente para o Céu, tal como Pedro e Paulo fizeram; um bispo tal como esse eu não teria razão para desobedecer, pois estaria satisfeito com ele. Sim, se ele estivesse no vício de alguma usurpação, na busca por mais poder do que lhe compete, mas viesse até nós não com "*ecce duo gladii*",[17] mas, sim, com a espada do espírito, que reconhece o debate justo e trabalha na consciência, eu não vejo razão para temer tal poder, por mais impróprio que fosse. Mas já basta desse assunto.

As observações que o texto nos permite são tantas que talvez não possa fazer mais do que as nomear, e simplesmente explicarei aquela que puder se ater ao âmbito do texto e entender as outras como subordinadas nesse ato, pelo método que o apóstolo nos ensinou.

Esse método consiste no seguinte: I: Abrirei brevemente os termos do assunto, ou seja, os pastores e as igrejas; II: Irei demonstrar o que significa se ater a si mesmo e em que isso deve ser feito; III: Darei razões simples sobre essa parte do assunto; IV: Mostrarei o que significa se ater a todo o rebanho em nos-

[17] "Veja duas espadas".

so trabalho pastoral e em que isso deve ser feito; V: Farei uma aplicação disso tudo.

I

O que as palavras "pastor", "bispo" e "igreja" significam é algo que não gastarei tempo explicando, pois são bem conhecidas. Quanto às coisas que serão aqui demonstradas: por pastor e bispo, aqui se fala de um oficial encarregado por Cristo para o ensino e ordenação de uma igreja em particular e todos os seus membros, de modo que sejam salvos e isso agrade a Deus.

Cristo faz esse encargo de acordo com as Suas leis. A pessoa a quem Ele chama, Ele faz por conta de Seus dons qualificadores, Sua disposição provincial, Seu desejo secreto, e de maneira ordinária pela ordenação de Seus oficiais presentes e a aceitação da igreja.

O ensino e o ato de guiar contêm as partes principais do trabalho para o qual são necessários. As particularidades serão explicadas sem demora.

É em uma igreja em particular onde focam o seu trabalho, pelo qual se distinguem de pastores apostólicos itinerantes. São os professores declarados de tal igreja, pelo que se diferenciam tanto do homem privado, que ocasionalmente ensina, quanto dos pastores itinerantes mencionados, que só o fazem "*in transitu*"[18] e raramente ensinam uma igreja em particular. O assunto deste ensino feito pelo pastor encarregado é a questão da salvação e obediência em Deus, a fim de se alcançar a própria salvação e agradar a Deus com isso; trabalho e finalidade pelos quais seu cargo se distingue de todos os outros, como magistrados, professores, etc.

Por rebanho ou igreja, se quer dizer aquela sociedade particular de cristãos dos quais esses bispos ou anciãos são encarregados, associados com a comunhão pessoal pelo adorar

[18] "Em trânsito".

de Deus em público e com o auxílio mútuo na salvação. Definições exatas não precisam ser agora feitas; já fizemos tentativas quanto a isso antes.

II

Consideremos agora o que significa nos atermos a nós mesmos e em que o fazemos. E aqui posso muito bem, no intuito de ser breve, juntar a aplicação à explicação, já que ambas falam sobre a questão da prática, e assim não terei que me repetir desnecessariamente. Leiam, portanto, eu lhes peço, esta explicação, este conselho e esta exortação quanto ao dever, e deixem que seus corações compreendam, assim como suas próprias faculdades.

1. Atenham-se a si mesmos, ou serão negados à Graça de Deus que oferecem ao outros, e também estranhos aos trabalhos edificadores do Evangelho que vocês pregam; e assim, enquanto proclamam a necessidade do Salvador ao mundo, seus próprios corações o negligenciarão, e vocês perderão interesse nele e nos benefícios de Sua salvação! Atenham-se a si mesmos, ou perecerão, mesmo enquanto salvam outros de perecerem, e morrerão de fome enquanto preparam aos outros o que comer. A promessa àqueles que resplandecerão no firmamento como as estrelas sempre e eternamente por trazerem os outros ao caminho certo (Daniel 13.3) supõe em si que aqueles que o fazem estão também já no caminho certo; tais promessas são feitas "*caeteris paribus, et suppositis supponendis*".[19] Sua sinceridade na fé é a condição de sua glória a ser considerada, mesmo que o trabalho do sacerdócio seja a condição da promessa de glória especial. Muitos homens já avisaram a outros que não se encaminhassem ao tormento, mas não impediram a si mesmos; muitos oradores se encontram no Inferno, mesmo que tenham chamado a seus ouvintes para o cuidado e a diligência com o qual escapariam dele. Como pode um homem racional esperar que Deus salve homens que salvam aos outros, mas não sal-

[19] "Outras coisas sendo iguais, e pressupondo".

vam a si mesmos, que contam a verdade aos outros enquanto mentem para si mesmos? Muitos alfaiates se vestem com trapos, mas fazem roupas caras aos outros. Acreditem, meus caros, que Deus nunca salvou um homem por ser pastor, não importa quão bom; mas, sim, porque era um homem justo e santo, e consequentemente fiel ao trabalho do Senhor. Atenham-se a si mesmos primeiro, então, para que sejam aquilo que convence o rebanho a ser, e acreditem naquilo que diariamente os leva a crer; e se deleitem em Cristo e no Espírito, tal como encorajam aos outros. Aquele que lhes diz que ama seus vizinhos tal como a si mesmo deixa implícito que deve, de fato, amar a si mesmo, não odiar e destruir a si e a eles.

2. Atenham-se a si mesmos, ou viverão no pecado sobre o qual avisam aos outros e serão culpados daquilo que condenam diariamente. Farão de seu trabalho magnificar Deus, e quando tiverem terminado, desonrá-Lo tanto quanto qualquer outro? Proclamarão o poder governante de Cristo, e ainda assim condenam e se rebelam? Pregarão suas leis enquanto as quebram intencionalmente? Se o pecado é vil, por que vivem nele? Se não é, por que dissuadir os homens de fazê-lo? Se ele é perigoso, como ousam se aventurar nele? Se não é, por que dizem aos homens que é? Se as ameaças de Deus são reais, por que não as temem? Se elas são falsas, por que vocês incomodam os homens com elas e os trazem medo sem razão? Por acaso conhecem o juízo de Deus, dignos de morte os que tais coisas praticam, e ainda assim as praticam? (Rm 1.32) *Tu, pois, que ensinas a outro, não ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtar, furta? Tu, que dizes que não se deve adulterar, adulteras? Tu, que abominas os ídolos, cometes sacrilégio? Tu, que te glorias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei?* (Rm 2.21-23). Irá a mesma língua que se declara contra o mal cometê-lo? Deve censurar e difamar, e morder em segredo, aquela que abomina isso nos outros? Atenham-se a si mesmos, ou cairão no pecado e não o superarão; pois, enquanto tentam salvar os outros dele, curvar-se-ão a si mesmos e se tornarão seus escravos. *Porque de quem alguém é vencido, do tal faz-se também servo.* (2Pe 3.19) *Não sabeis vós*

que a quem vos apresentardes por servos para lhe obedecer, sois servos daqueles a quem obedeceis, ou do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça? (Rm 6.16) É mais fácil declamar contra o pecado do que superá-lo.

3. Atenham-se a si mesmos, também, para que não sejam indignos do grande encargo que receberam. Não deve ser um infante no conhecimento aquele que deve ensinar aos homens sobre todas as coisas misteriosas que devem ser conhecidas para que haja a salvação. Quais são as qualificações necessárias para aquele que tem um cargo tal como nós: quantas dificuldades se encontram na divindade, que cabem a nós abrir! Quantos textos confusos da Escritura que devemos esclarecer! Quantos deveres a serem feitos, nos quais nós e outros podemos falhar, se no modo, ou fim, ou maneira, ou circunstâncias, não nos encontrarmos suficientes! Quantos pecados devem ser evitados, que, sem compreensão e preparo, não podem ser evitados! Que número de tentações astutas e sutis existem às quais devemos abrir os olhos das pessoas, para que delas possam escapar! Quantos casos de consciências pesadas em situações delicadas devemos enfrentar quase diariamente! Pode tanto trabalho, e um trabalho desta sorte, ser feito por homens crus, desqualificados? Oh, que fortalezas devemos derrubar, e quantas são! Que resistência sutil e diligente, até mesmo obstinada, que devemos esperar em cada coração com o qual temos de lidar! O preconceito bloqueia nosso caminho; mal podemos obter uma audiência paciente. Pensam mal do que falamos enquanto o dizemos! Não podemos abrir caminho entre suas esperanças sem chão ou a sua paz carnal, mas eles têm 20 ardis e razões aparentes para usá-los; e 20 inimigos se passando por amigos prontos para ajudá-los. Não disputamos com eles nos mesmos termos; é com crianças que devemos argumentar, e elas não nos entendem. Homens distraídos espiritualmente, que nos tentarão derrubar com tolices desvairadas; pessoas teimosas e não razoáveis que, mesmo quando silenciadas, não se encontram mais convencidas; e quando não lhe podem dar uma razão, dar-lhe-ão uma resolução, tal como o

homem com quem Salviano teve de lidar (*De Gubernatione Dei*,[20] livro 2, p. 133), que, tendo se decidido a devorar os meios de um homem pobre, e, ao que Salviano o suplicou por sua paciência, lhe disse que Deus não poderia cumprir seu pedido, pois havia jurado tomar o que queria; de modo que o pastor, "*audita religiosilsimi sceleris ratione*",[21] ficou feliz de poder partir. Fazemos nosso caso contra as vontades dos homens e suas paixões sensuais, assim como contra aquilo que eles compreendem; e essas coisas não têm razão nem ouvidos. Seus melhores argumentos são "Não acreditarei em você nem em qualquer pastor do mundo sobre isso. Não mudarei minha mente ou minha vida; não deixarei meus pecados; não serei tão certo, não importa o que venha disso." Temos em nós não uma, mas multidões de paixões delirantes e inimigos contradizentes, contra os quais disputamos, todos ao mesmo tempo, sempre que conversamos com um pecador; como se o homem fosse uma batalha tumultuosa, tida no meio de uma aglomeração de impropérios violentos. Que sucesso, que acordo entre iguais, poderíamos esperar aqui? Ora, é esse o nosso trabalho, e deve ser feito.

Caros irmãos, que homens nós devemos ser em habilidade, resolução e diligência incansável, de modo a fazermos tudo isso? Paulo disse *"E para estas coisas, quem é idôneo?"* (2Co 2.16), e, por causa disso, devemos nos fazer orgulhosos, ou descuidados e preguiçosos, como se fôssemos idôneos? Tal como Pedro disse a todos os cristãos, considerando nossa grande mudança vindoura, "*Que pessoas vos convém ser em santo trato, e piedade*?" (2Pe 3.11). Assim, digo a todos os pastores, vendo todas as coisas que ocorrem em nosso alcance, que pessoas nos convém sermos em todos os nossos empreendimentos e nossas resoluções desse santo trabalho? Esse não é um peso a ser aguentado por uma criança. Que habilidade cada parte desse trabalho requer, e quão momentosa é cada parte! Pregar um sermão não é, acho eu, a parte mais difícil; mas ainda requer uma habilidade incrível, esse ato de se dei-

[20] Mais corretamente, "*De praesenti judicio*".

[21] "Ouvindo falar do crime mais religioso".

xar a verdade clara, de convencer seus ouvintes; de fazer a luz irresistível entrar em suas consciências e mantê-la ali, fazer deles cientes; de afixar a verdade em suas mentes e trabalhar Cristo em suas afeições; de ir ao encontro de toda objeção e negação, e resolvê-la com clareza; de levar os pecadores a seu fim e fazê-los ver que não há esperança, mas que eles devem, inevitavelmente, se converterem, ou serão condenados; e tudo isso através da linguagem e da maneira apropriada para nosso trabalho, mas também de maneira apropriada às capacidades dos ouvintes; isso, e muito mais, deve ser feito em cada sermão e deve ser feito com grande quantidade de habilidade divina. Um Deus tão bom, cuja mensagem entregamos, deve ser honrado pela entrega desta! É um caso lamentável que, nesse ato de levarmos a mensagem de Deus no Céu, algo de tão séria consequência à alma do homem, nós nos comportemos com tanta fraqueza, tão pouca beleza, tanta imprudência, de modo que o empreendimento inteiro falha em nossas mãos, e Deus é desonrado, seu trabalho desgraçado, e os pecadores se reforçam em vez de se converterem, e muito mais, por nossa fraqueza ou negligência! Quantas vezes um ouvinte carnal se foi para casa escarnecendo as falhas palpáveis e desonrosas de seu pastor? Quantos dormem sob nós, porque nossos corações e línguas são em si sonolentos; e nós não trazemos conosco a habilidade e a força para acordá-los?

Mais do que isso: que habilidade é necessária para defender a verdade contra aqueles que a contestam e para lidar com sofistas em seus vários modos e casos! E se falhamos por nossa fraqueza, como eles nos insultarão! E esse é o menor dos problemas: quantos, mais fracos, serão pervertidos pelo sucesso a se desfazerem e darem trabalho à igreja? Que habilidade é necessária para lidar, de modo privado, com uma alma pobre e ignorante, de modo que se converta!

Ó irmãos, não retrocedem e tremem diante da compreensão de todo esse trabalho? Uma medida comum de habilidade divina, prudência e outras tais qualificações será o bastante para tal tarefa como essa? Sei que a necessidade pode causar

que a igreja tolere os fracos; mas ai de nós se tolerarmos a nossa própria fraqueza. A razão e a consciência não lhes dizem que, se ousarem aventurar-se em um trabalho tão altivo quanto esse, não devem poupar forças em realizá-lo? Não é algo que se faz de tempos em tempos, ou apenas um exemplo de estudos que servirão para fazer um som divino. Sei que a preguiça tem aprendido ultimamente a se esconder dentre nossos estudos, e o quão completamente, e que somente o Espírito pode nos qualificar e ajudar nesse trabalho; e assim, como Salviano disse em outro caso (Livro 4, página 134), "*authorem quodammodo sui sceleris Deum faciunt*":[22] como se Deus nos comandasse o uso dos meios para que nós os negligenciássemos! Como se fosse o modo de Ele fazer com que tivéssemos sucesso no ócio e trazer-nos ao conhecimento por sonhos, enquanto dormimos; ou de nos levar ao Céu e mostrar-nos Seus conselhos, quando nós não pensamos em tais coisas, por estarmos firmes na terra. Pois os homens ousam pecaminosamente, por sua preguiça, extinguir o espírito, e então culpam o espírito pelo que fizeram. "*Quis unquam*" (dito por Salviano na parte mencionada anteriormente) "*crederet usque in hane contumeliam Dei, progressuram esse humanae cupiditatis (ignaviae) audaciam? Ut id ipsum in quo Christo injuriam faciunt, dicant se ob Christi nomen esse facturos? O inestimable facinus et prodigiosum!*"[23] Deus requer de nós que "*não sejais vagarosos no cuidado; sede fervorosos no espírito, servindo ao Senhor*" (Rm 12.11). Assim devemos levar nossos ouvintes a ser e assim devemos ser nós mesmos. Portanto, irmãos, não percam tempo: estudem, orem, consultem e pratiquem; pois, por esses quatro meios, suas habilidades serão maiores. Atenham-se a si mesmos, ou serão fracos por sua negligência e frustrarão o trabalho de Deus por sua fraqueza. "*Porque qual o homem, tal sua valentia.*" (Jz 8.21)

---

[22] "Eles fazem de Deus o autor de seu crime".

[23] "Quem jamais acreditaria que, mesmo nesta desgraça de Deus, a audácia da cobiça humana (covardia) iria progredir? Para que possam dizer que fariam exatamente aquilo em que erram contra Cristo, por causa do nome de Cristo. Oh, o feito inestimável e bizarro!"

4. Acima de qualquer outra coisa, atenham-se a si mesmos, ou seus exemplos irão contradizer suas doutrinas, e vocês colocarão obstáculos diante daqueles que estão cegos e causarão sua ruína; desdirão com suas vidas aquilo que dizem com suas línguas e serão os maiores impedimentos aos sucessos de seus próprios trabalhos. É de grande impedimento ao nosso trabalho quando outros homens passam toda a semana contradizendo para os pobres confidencialmente aquilo que dissemos da Palavra de Deus em público, pois não estamos presentes para declarar sua tolice; mas muito mais nos impede quando contradizemos a nós mesmos, quando suas ações fazem de sua palavra mentirosa, quando construímos por uma ou duas horas com nossas palavras e depois passamos a semana inteira desconstruindo. É dessa maneira que muitos são levados a achar que a Palavra de Deus é apenas um conto fantástico e a fazer da pregação algo tão tolo quanto a tagarelice desmedida. Aquele que acredita no que diz fará como o que acredita. Uma palavra orgulhosa, imperiosa ou grosseira; uma briga desnecessária, uma ação invejosa; cada uma pode cortar um sermão pela garganta ou apodrecer o fruto de tudo que você tem feito. Digam-me, irmãos, vocês se importam com o sucesso de seus esforços, ou não? Querem vê-lo nas almas de seus ouvintes? Se não o querem, por que razão pregam, por que estudam e por que se chamam de pastores de Cristo? Mas se o querem, então certamente não poderão ter em seus corações a coragem de estragar seus trabalhos por algo tão pequeno! Por acaso prezam o sucesso de seus feitos, mas ainda assim não o dividem com os pobres, nem aguentam um dano ou palavra de insulto, nem se rebaixam ao nível de seus inferiores, ou renegam sua carruagem grandiosa, nem mesmo pelo ganho das almas e a completude de todos os seus trabalhos! Vocês certamente prezam o sucesso de seus feitos, sim, e o vendem por tão pouco, se fazem tão pouco para consegui-lo!

É um erro notável, naqueles pastores que causam tal desproporção entre o que pregam e o que vivem, que eles estudem muito como pregar, mas não como viver; pois toda uma semana é pouco tempo para se aprender a pregar por duas horas;

mas uma hora parece muito tempo para se estudar como se viver por uma semana. Eles abominam que seus sermões tenham uma palavra fora do lugar, ou serem culpados de qualquer enfermidade (e não os culpo, pois o assunto é divino e de peso). Mas não se importam de que suas afeições estejam mal colocadas, nem suas palavras ou ações tomadas ao longo da vida. Quão cuidadosamente já vi alguns homens pregarem, e quão descuidadamente já os vi viverem! Eles são tão cuidadosos com as palavras em suas preparações, que o ato de pregar em si raramente parece uma virtude para eles; que sua linguagem pudesse ser a mais educada, e todos os escritores retóricos com os quais se encontrassem pedissem a eles que auxiliassem com o adorno de seus estilos, e Deus era um de seus ornamentos mais frequentes. Eles eram tão educados com o que falavam, que homem algum que falasse como pensava, ou que não se derramava em afeições, ou que não temperava e adoçava o que dizia pelos traços de uma sagacidade fantástica deixava de apreciá-los. Mas, quando se tratava de questões de prática, eles estavam fora da igreja, quão indiferentes eram esses homens, quão pouco se importavam com o que falavam e diziam para que não fosse terrível e desonroso. Aqueles que pregavam como viver de modo certo não eram certos eles mesmos! Que diferença entre seus discursos no púlpito e seus discursos normais! Aqueles que são os mais impacientes para com barbaridades, solecismos e paralogismos no sermão facilmente os toleravam em seus discursos.

Certamente, irmãos, temos muito ao que nos ater quanto ao que fazemos e ao que dizemos; se somos realmente servos de Cristo, devemos não somente ser seus servos com a língua, mas servi-Lo com nossas ações, pois "*Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade, e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecidiço, mas fazedor da obra, este tal será bem-aventurado no seu feito*" (Tg 1.25). "*E sede cumpridores da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos*" (Tg 1.22). Uma doutrina prática deve ser pela prática pregada. Devemos estudar arduamente o modo de se viver bem, assim como pregar bem. Devemos pensar, de novo e de novo,

em como compor nossas vidas de modo que levem os homens à salvação tanto quanto nossos sermões. Quando vocês estão estudando o que dizer a eles, sei que estes são seus pensamentos, ou então eles seriam em vão e sem propósito: "Como poderei tocá-los? E o que posso dizer para os convencer do modo mais efetivo e para os converter e levar à salvação?" E você não deveria também pensar diligentemente de si mesmo: "Como deverei viver, e o que farei e direi; e como disporei de tudo que tenho, de modo a melhor salvar as almas destas pessoas?" Irmão, se salvar almas é o seu objetivo, certamente pretende fazê-lo no púlpito tão bem quanto fora dele! Se é esse seu objetivo, se você vive para tal coisa e contribui com todos os seus esforços para isso; e se assim o faz, pode muito bem se perguntar sobre suas palavras como se pergunta sobre o dinheiro em sua bolsa: "De que modo devo usar isto pelo bem maior, em especial pelas almas dos homens?" Se esse fosse o seu estudo diário, o modo de usar sua riqueza, seus amigos e tudo que você tem por Deus, incluindo sua língua! E então veríamos que os frutos de seu trabalho se tornariam tais como você jamais viu. Se pretende que o objetivo de seus trabalhos divinos seja somente no púlpito, então se considera pastor apenas pelo tempo em que está aqui; caso em que não é merecedor de ser estimado como tal.

III

Tendo lhes mostrado como devemos nos ater a nós mesmos e no que esse comando consiste, eu lhes darei agora as *razões* para tal, das quais suplico que tomem tantas quanto forem necessárias para lhes trazer aos seus deveres, e que as apliquem conforme seguirmos.

1. Vocês têm o Céu a perder ou ganhar por conta própria, e almas que serão felizes ou miseráveis para sempre; portanto, interessa-lhes que comecem em casa e atentem a si mesmos assim como aos outros. Pregar bem pode suceder na salvação do outro sem que a divindade esteja em seus corações ou vi-

das; é possível, pelo menos, mesmo que menos comum; mas é impossível que sirva para salvar a si mesmo: "*Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos em seu nome?*" (Mt 7.22). E esses deverão ser respondidos com: "*Nunca vos conheci: apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade*" (Mt 7.32). Ó senhores, quantos homens pregaram sobre Cristo e pereceram por faltarem em interesse n'Ele! Quantos agora estão no Inferno e que disseram aos seus dos tormentos de lá, avisando-os contra ele! Quantos pregaram sobre a fúria de Deus contra pecadores e que agora a sentem! Que caso mais triste pode haver no mundo do que o de um homem que teve seu encargo em proclamar a salvação e ajudar os outros a alcançá-la, apenas para não salvar a si mesmo! Que pena, que tenhamos tantos livros em nossas bibliotecas que nos ensinam o caminho aos céus; que possamos passar nossos anos lendo esses livros, estudando a doutrina da vida eterna, e ainda assim perdê-la! Que possamos estudar e pregar tantos sermões da salvação apenas para falhar em alcançá-la! Tantos sermões sobre a danação apenas para cair nela! E tudo isso porque pregamos os sermões de Cristo enquanto O negligenciávamos; do Espírito, enquanto resistíamos; da fé, enquanto não acreditávamos; do arrependimento e da conversão, enquanto continuávamos neste estado de carne e pecado; e da vida divina, enquanto continuávamos carnais e terrenos. Se seremos devotos apenas em língua e título, e não teremos a imagem divina em nossas almas, nem nos daremos à honra e vontade divinas, não é de se surpreender que sejamos separados da presença divina e negados à fruição de Deus para sempre. Acreditem, senhores, Deus não é um respeitador das pessoas; Ele não salva os homens por seus casacos ou seus chamados; um chamado ao que é divino não salvará o homem que não é devoto. Se vocês estiverem na entrada do Reino da Graça, para acender a luz aos outros, e não entrarem vocês mesmos; quando suas velas estiverem queimadas até o fim, simplesmente se apagarão do nada e então baterão futilmente nos portões da glória, sem encontrar a porta ou a graça. Descobrirão que suas lâmpadas deveriam ter o óleo da graça em vez de apenas

dons ministeriais; de divindade assim como doutrina, se vocês ao menos tomassem parte na glória que tanto pregaram. Preciso lhes dizer que aqueles que pregam o Evangelho também serão julgados por ele, estarão no mesmo nível e serão julgados nos mesmos termos e lidados com a mesma severidade que qualquer outro homem? Pensam, então, que serão salvos pelo seu clero e passarão por "*legit ut clericus*"[24] quando lhes falta "*credidit et vixit ut Christianus*"?[25] Assim não será, e vocês bem sabem disso. Atentem-se a si mesmos, portanto, para os seus próprios bens, já que vocês têm almas para salvar ou perder tanto quanto qualquer outro.

2. Atentem-se a si mesmos, pois vocês têm uma natureza depravada e inclinações pecaminosas tanto quanto os outros. Se Adão, inocente, precisou de aviso, e perdeu a si mesmo e a nós por falta deste, quanto mais aviso precisamos nós! O pecado reside em nós, que sempre pregamos contra este; cada grau o prepara para o próximo. Se um ladrão vier à sua casa, ele abrirá caminho para os outros, pois eles têm a mesma disposição e desígnio. Uma fagulha é o começo de um incêndio, e uma doença leve pode ser o começo de uma pesada. Um homem que sabe que é cego deve se ater aos seus pés. Ai! Pois, mesmo em nossos corações, assim como em nossos ouvintes, há uma aversão a Deus, uma estranheza para com Ele, paixões desordenadas, e não razoáveis! Há em nós, até mesmo no melhor entre nós, o resquício do prazer, da descrença, do egoísmo, da hipocrisia e todos os pecados mais odiados e capitais. Não é certo, então, nos atermos? Há tanto assim do fogo infernal, aquele sendo aceso em nós a tanto tempo atrás, que ainda não se extinguiu? Há tantos traidores em nossos corações, e ainda assim não tomaremos o tempo de nos atermos a nós mesmos? Não deixaríamos nossas crianças se separarem de nós enquanto ainda são fracas sem avisá-las do perigo de cair! Pois quão fracos são mesmo os mais fortes dentre nós! Quão aptos a cairmos pelo menor motivo! Quão pequenos os

[24] "Ele lê como um escriturário ou estudioso".

[25] "Lido como um clérigo que acreditava e vivia como cristão".

problemas que nos derrubam, que nos atraem ao fracasso; ou acendem nossas paixões e desejos desordenados, pervertem nossos julgamentos, abatem nossas resoluções, descem nosso zelo e interrompem nossa diligência! Os pastores não são somente filhos de Adão, mas pecadores contra a Graça de Cristo, assim como outros, portanto, aumentam seu pecado radical! Esses corações traiçoeiros irão por ocasião lhes enganar, se não tiverem cuidado. Esses pecados que parecem mortos irão reviver; seu pecado e sua mundanidade, e muitos outros vícios importunos se apresentarão dentre aqueles que você acreditou ter removido pelas raízes! É de grande necessidade, portanto, que homens com tais enfermidades se atenham a si mesmos e sejam cuidadosos no uso de suas almas.

3. E também se atenham a si mesmos, porque o trabalho que fazemos inspira os homens a usarem e aumentarem suas graças, consequentemente, a enfrentarem tentações maiores do que outros homens. Dons e graças mais fracos carregam um homem por um caminho mais confortável na vida, no qual não enfrenta obstáculos tão grandes. Uma força menor serve para trabalhos mais leves, fardos mais leves. Contudo, se você se aventura ao sacerdócio, se lidera as tropas de Cristo contra Satã e seus seguidores, se pretende empenhar-se contra principados, e poder, e a maldade em lugares superiores; se deseja resgatar pecadores cativados e tirar homens das garras do demônio, não pense que um pastor descuidado e desatento bastará para um trabalho tão sério. Vocês devem ter em suas vidas uma humilhação e consciência mais profundas do que alguém que tenha vivido uma vida comum, se pensam que poderão fazer tal coisa com uma alma descuidada. Esse é o tipo de trabalho que pede por uma atenção e também por um trabalhador que possa aguentar o fardo de tal trabalho; nós vimos por experiência que muitos homens vivem vidas cristãs em privacidade, bem reputados por bondade e piedade, quando chamados a serem militares, ou magistrados, onde o trabalho em muito excede suas capacidades, a tentação supera suas forças e eles se provam homens escandalosos e desgraçados. E vimos também cristãos em privacidade que, tendo superesti-

mado suas capacidades e sido jogados no encargo episcopal, se revelaram vazios e trouxeram problemas à igreja, piores até do que alguns que nós mesmos tentamos remover. Eles teriam feito maior bem a Deus se se tivessem mantido homens privados do que em qualquer parte do clero. Se pretendem, portanto, aventurar-se dentre seus inimigos e tomar para si o fardo e o calor da batalha, atentem-se a si mesmos.

4. E também se atentem a si mesmos para que o tentador tenha seu primeiro e mais difícil obstáculo em vocês. Se forem os líderes contra ele, ele não lhes poupará além do que Deus o impedir. É da natureza dele a maior violência e malícia, para que ele cometa as maiores maldades. E como ele odeia Cristo mais do que a qualquer um de nós, porque ele é o general neste campo, e o campeão de nossa salvação, que faz mais do que todo o mundo contra o reino da escuridão; ele também odeia os que lideram contra ele mais do que os soldados comuns desse tipo (em suas proporções); ele sabe que desordem é capaz de causar entre os soldados se fizer seus líderes caírem diante deles. Há muito tempo que ele luta dessa maneira, não contra os grandes ou os pequenos, mas contra os pastores, de modo a destruir o rebanho; e muito sucesso ele desfruta com isso, de modo que continuará por tanto tempo quanto puder. Atentem-se, então, irmãos, pois o inimigo mantém um olho especialmente sobre vocês. Vocês sofrerão as insinuações mais sutis, as solicitações mais incessantes e os ataques mais violentos. Quão sábios e capazes sejam, tal é capaz de lhes sobrepujar. O demônio é maior erudito do que qualquer um de vocês e um oponente mais ágil também; ele pode se transformar em anjo para enganar; ele entrará em vocês e lhes derrubará antes que percebam; fará malabarismos com os despreparados e os roubará de sua fé e inocência, e vocês mal perceberão que as perderam; não, ele vai fazer com que achem que estas se multiplicaram, quando, na verdade, foram perdidas. Vocês não verão o anzol nem a linha, muito menos o sagaz pescador em pessoa, enquanto ele lhes oferece sua isca; e essa isca será tão bem moldada ao temperamento e disposição de vocês que ele encontrará vantagens sobre vocês e fará seus próprios princí-

pios e inclinações lhes traírem. E, quando ele os arruinar, fará de vocês o instrumento de sua própria ruína. E que conquista ele acha que obteve, quando faz de um pastor preguiçoso ou infiel! Ele pode tentar um pastor à inveja ou ao escândalo, vai se vangloriar contra a igreja e dizer: "Estes são seus pastores devotos; vejam o que é feito de sua precisão e aonde ela os leva!" Ele se vangloriará contra Jesus Cristo em pessoa e dirá: "Estes são teus campeões! Faço seus principais servos abusarem de ti; faço os chefes de tua casa infiéis!" Se ele pudesse insultar Deus de tal modo com a conjectura falsa de que poderia fazer Jó renegar a Ele, o que faria se realmente conseguisse triunfar sobre nós? E por fim ele o insultará por tentar levá-lo a ser falso com o grande encargo que lhe foi confiado, e macular sua profissão divina, e fazer com que sirva a seu inimigo. Não gratifiquem Satanás dessa maneira! Não lhe deem a satisfação; não deixem que ele o use, tal como os Filisteus usaram Sansão, primeiro para privá-los de suas forças e então tirar seus olhos e fazer de vocês objetos do triunfo e zombaria dele.

5. Atenham-se também porque há muitos olhos os observando, portanto, haverá muitos espectadores de suas quedas. Vocês não podem falhar, mas o mundo antecipa isso. Eclipses solares raramente ocorrem sem testemunhas. Se vocês tomarem o papel de luz de suas igrejas, podem, e devem, esperar que os olhos de todos estejam sobre vocês. Se outros homens podem pecar sem ser observados, vocês não podem. E devem considerar, com gratidão, que misericórdia incrível esta é, ter tantos olhos os observando, prontos para lhes dizer em que falharam, e o auxílio de tantos outros, ao menos no que concerne ao controle sobre o pecado de vocês. Por mais que o façam com intenções maliciosas, vocês podem muito bem tirar proveito disso. Que Deus não permita que sejamos tão impudentes que façamos o mal diante de todos, e que pequemos enquanto o mundo inteiro nos observa! "*Porque os que dormem, dormem a noite, e os que se embebedam, embebedam-se de noite*" (1Ts *5.7*). Que fornicador seria tão impudente para pecar na rua, com todos olhando? Pois considere que você está sob a luz, e mesmo a luz de sua própria doutrina irá deixar claro todo ato vil que fizer. "*Vós sois a luz do*

mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte" (Mt 5.14). Atentem-se, pois, a si mesmos e façam seu trabalho como aqueles que se lembram que o mundo os observa, e que o faz com o olhar fugaz da malícia, pronto para concluir sempre o pior de tudo e encontrar a melhor falha onde quer que esteja, e a agravar e divulgar, e torná-la proveitosa para seus próprios planos; e criar falhas onde não encontraram nenhuma. Quão cuidadosamente, então, devemos caminhar diante de observadores tão cruéis!

6. Atentem-se a si mesmos também porque seus pecados são agravantes mais hediondos que os de outros homens: nota-se, dentre os ditos do rei Afonso X de Castela, que um grande homem não comete pecados pequenos; podemos ainda dizer que um homem erudito ou que ensina a outros não pode cometer um pecado pequeno, ou, ao menos, que o pecado grande que ele comete seria um pecado pequeno em outro homem.

a) É mais provável que vocês, e não os outros, pequem contra o conhecimento, pois vocês o têm mais do que eles. Ao menos vocês pecam em contraste com a luz ou seus meios de conhecimento, então? Ora! Não sabem que orgulho e cobiça são pecados? Não sabem o que é ser infiel com sua confiança, e por negligência ou egoísmo trair as almas dos homens? "*E o servo que sabe a vontade de seu senhor, e não se aprontou, nem fez conforme a sua vontade, será castigado com muitos açoites*" (Lc 12.47). Deve, portanto, haver uma vontade maior, igual à quantidade de conhecimento. Se vocês pecam, é porque vocês pecaram.

b) Seus pecados contêm mais hipocrisia que os de outros homens, pela mesma quantia que você declamou contra eles. Que coisa hedionda em nós estudar como desgraçar o pecado ao máximo, apenas para, quando terminamos isso, vivermos nele, nós mesmos, secretamente desfrutando daquilo que combatemos em público! Que vil hipocrisia é fazer de nosso trabalho diário declamá-lo,

e ainda assim mantê-lo; acusá-lo publicamente em vão, pois em particular o fazemos nosso companheiro; atrelar aos outros fardos pesados, mas não o tocar nós mesmos! O que dizem vocês desse julgamento? Pensam vocês tão mal do pecado quanto dizem, ou não? Se não, por que continuam falando dele de maneira dissimulada? Se pensam, por que o continuam praticando? Não tomem para si mesmos o medalhão dos Fariseus! "Eles que dizem, mas não fazem." Muitos pastores do Evangelho se encontrarão confusos e incapazes de olhar para cima, por razão dessa acusação pesada de hipocrisia.

c) Por mais, seus pecados têm mais perfídia do que os de outros homens. Vocês se empenharam mais contra eles. Além de todos os seus empenhos como cristãos, vocês têm mais ainda como pastores. Quão frequentemente vocês proclamaram os males e perigos do pecado, e declararam os pecadores a partir deste? Quão frequentemente vocês declamaram os terrores do Senhor? Todos esses implicam que vocês abandonaram o pecado! Todo sermão que você pregou contra ele, toda exortação privada, toda confissão dele na congregação, todos contam a história de seu abandono a ele. Toda criança que você batizou e fez entrar em aliança com Cristo, e toda administração da Ceia do Senhor, onde você convidou os homens a renovarem suas alianças, traziam consigo a sua renúncia da carne e do mundo, e seu empenho em Cristo. Quão frequentemente, e quão abertamente, você tem sido testemunha da natureza odiosa e desgraçada do pecado? E, ainda assim, pratica-o depois de todas essas declarações e testemunhos? Que traiçoeiro é causar tal alvoroço no púlpito contra o pecado, enquanto o traz no coração e lhe dá o espaço que é de Deus, preferindo-o à glória dos santos! Muitas outras agravações de seus pecados devem ser mencionadas, mas, assim como passamos com pressa pelas já ditas, devemos também passar por essas com pressa.

7. Atentem-se a si mesmos, pela honra do Senhor e Mestre, e Suas verdades divinas e os modos, que residem mais em vocês do que em qualquer outro homem. Assim como você faz mais por Ele do que os outros, também poderá fazer menos. Quão mais próximos os homens se encontram de Deus, maior a desonra tida por aquele que ali erra; e mais seus atos serão responsabilizados por homens tolos ao próprio Deus. Esse julgamento terrível foi ameaçado e executado em Eli e em sua família, pois: "*Pisaste o meu sacrifício e minha oferta de alimentos*" (1Sm 2.29). "*Era, pois, muito grande o pecado destes moços perante o Senhor, porquanto os homens desprezavam a oferta do Senhor*" (1Sm 2.17). Foi esse agravamento de fazer com que "*os inimigos do senhor blasfemem*" que levou Deus a lidar mais duramente com Davi do que teria normalmente (2Sm 12.11-14). Se vocês são, de fato, cristãos, a Glória de Deus deve ser para vocês mais importante do que suas próprias vidas. Atentem-se, portanto, ao que fazem contra a glória, assim como se atentariam a algo que fosse contra suas vidas. Não lhe feriria o coração ouvir o nome e a verdade de Deus difamados por sua culpa? Ver os homens apontarem para um de vocês e dizerem: "Lá vai o pastor cobiçoso, o beberrão secreto, o homem escandaloso; estes, famosos por pregar severamente, quando podem, se soltam tanto quanto qualquer outro; eles nos condenam por seus sermões e se condenam por suas vidas; no fim, são tão ruins quanto qualquer um de nós." Ó irmãos, poderiam seus corações suportar ouvir os homens causarem a mácula por suas iniquidades à face de Deus, e na face do Evangelho, e de todo aquele desejo de temer o Senhor? Não partiria seus corações pensar que todos os cristãos tementes a Deus devam ser repreendidos por aquilo que vocês lhes ensinaram? Se um de vocês, que lideram seus rebanhos, fossem mesmo que só uma vez pegos em algum crime escandaloso, por mais que poucos sejam os homens ou mulheres que busquem diligentemente sua salvação, ao ouvir do que vocês fizeram, e serem tomados de pesar por seus pecados, eles provavelmente teriam suas ações lançadas contra eles pelos ímpios, mesmo que para si mesmos eles jamais as lamentem. O marido ímpio

contará para sua mulher, e os pais ímpios contarão para suas crianças, vizinhos e criados contarão uns aos outros e dirão: "Este é um de seus pregadores devotos: vê só o que resulta de todo esse barulho? Vocês por acaso são melhores que isso? São todos iguais, os cristãos." Talvez todos os cristãos deste país devessem ouvir essas palavras, para seus próprios bens. "*Ai do mundo, por causa dos escândalos; porque é mister que venham escândalos, mas ai daquele homem por quem o escândalo vem!*" (Mt 18.7). Atenham-se, irmãos, em nome de Deus, a cada palavra que falam, a cada passo que dão, pois carregam o fardo de Deus; são confiados com Sua honra e, por acaso, ousam deixá-la cair na lama? "*E sabes a sua vontade e aprovas as coisas excelentes, sendo instruído por lei; e confias que és guia dos cegos, luz dos que estão em trevas, instrutor dos néscios, mestre de crianças, que tens a forma da ciência e da verdade na lei*" (Rm 2.18-20), vocês, então, que vão contra a escritura: "*O nome de Deus é blasfemado entre os gentios por causa de vós*" (Rm 2.24), e diz o Senhor Deus de Israel: "*Aos que me honram honrarei, porém os que me desprezam serão desprezados*" (1Sm 2.30). Nunca um homem desonrou a Deus sem cometer maior desonra contra si mesmo. Deus encontrará maneiras de se desfazer de tudo que seja jogado contra ele; mas vocês não poderão tão facilmente remover a vergonha e o pesar de si mesmos.

8. Atentem-se a si mesmos, pois seus ouvintes e o sucesso de seus empenhos certamente dependem disso. Deus prepara os homens para grandes coisas antes de fazer deles seus instrumentos em realizá-los. Ele exercita esses homens nos trabalhos nos quais são mais aptos. Se o trabalho do Senhor não tiver sido feito propriamente em seus corações, como podem esperar que Ele abençoe seus trabalhos para que os efetue em outros? Ele pode fazer como quiser, mas vocês têm razões para crerem que Ele não irá. Mostrarei aqui algumas das razões para essa última, que lhes deverão satisfazer, pois aquele que deverá ser um meio de salvar os outros deve também se ater a si mesmo, e Deus raramente permite que prospere o trabalho do homem não santo.

a) Pode-se esperar que Deus abençoe o trabalho de um homem (ainda comparativamente, quanto a outros pastores) que trabalha não para Deus, mas para si mesmo? Esse é claramente o caso de todo homem não santo. Nenhum exceto os corretos fazem de Deus seu fim e objetivo, e fazem tudo e qualquer coisa com gosto por Sua honra; esses não corretos fazem do episcopado uma profissão a se seguir, escolhem-na em vez de serem chamados a ela, porque seus pais os destinaram a isso, pois é algo agradável de se saber; e é uma vida na qual eles terão maiores oportunidades de preencher seus intelectos com todo tipo de ciência; porque não traz cansaço ao corpo daqueles que favorecem a carne; porque vem acompanhada da reverência e respeito dos homens; porque acreditam que é algo admirável serem líderes e professores, e ter outros dependendo deles, receberem a lei de suas bocas; porque lhes fornece uma completa manutenção de si. Para tais fins é que se tornam pastores, e são estes que pregam; e se não fosse por estes e similares, eles logo desistiriam de tudo. Pode ser esperado que Deus abençoe os trabalhos de tais homens como estes? Se não é por Ele que pregam, mas por si mesmos, sua reputação e ganho; se não é Ele, mas a si mesmos que eles buscam e servem; é, portanto, nenhuma surpresa que Ele os deixe com seus próprios sucessos, e que seus trabalhos não lhes deem benção maior do que as que eles mesmos podem obter, e que suas palavras não alcancem nada além do que sua própria força pode alcançar.

b) Acham possível que tenha tanto sucesso aquele que nunca faz seu trabalho com fé e força, e nunca acredita no que diz, e nunca é realmente sério quando deveria estar mais diligente, quanto aquele que faz tudo isso? E acham que um homem não santo possa ser sincero e sério no trabalho do ministério? Não pode ser. Qualquer que seja o tipo de seriedade que tenha, seja da fé comum ou da opinião de que a palavra é verdade, ou de um fer-

vor natural, ou por fins egoístas; qualquer que seja, a seriedade e a fidelidade de um crente verdadeiro, que por fim tem a intenção pela Glória de Deus e a salvação dos homens, isso ele não tem. Ah, senhores, toda a sua pregação e persuasão de outros será apenas um sonho e uma hipocrisia tola, até que seus trabalhos sejam feitos propriamente sobre si mesmos. Como podem se pôr em um trabalho constante se ele é contra seus desejos carnais? Como podem chamar com fervor verdadeiro aos pobres pecadores que se arrependam e venham a Deus, se nunca se arrependeram ou vieram por si próprios? Como podem sinceramente seguir os pobres pecadores com solicitações importunas, para tomarem nota de seus pecados e se dirigirem a uma vida divina, se nunca sentiram por si próprios o mal do pecado ou o valor da divindade? Eu lhes digo: essas coisas nunca são realmente conhecidas até que sejam sentidas pessoalmente, até que sejam possuídas; e aquele que não as sente também não poderá falar sobre senti-las para outros, nem os ajudar a sentir essas coisas por si próprios. Como podem seguir pecadores com compaixão em seus corações, lágrimas em seus olhos, e ungi-los em nome do Senhor para pararem o que estão fazendo, virem-se e vivam, se nunca tiveram tal compaixão em seus corações para fazerem o mesmo? Por acaso podem amar outros homens melhor do que amam a si mesmos? E terão pena deles quando não têm nenhuma por si mesmos? Senhores, acham por acaso que serão sinceros e diligentes em salvar homens do Inferno aqueles que não estão convencidos de que há um Inferno? Ou os levar aos Céus, quando não acreditam em tal coisa? Como Calvino diz em seus textos: "*Neque enim aliorum salutem sedulo unquam curabit, qui suam negligit*".[26] Aquele que não tem crença forte em Deus, e na vida por vir, e que não tira de seu coração as vaidades deste mundo e se coloca em diligência determinada pela salvação de si, deste

[26] "Nem ele jamais cuidará da segurança de outros que negligenciam a sua".

não posso esperar que seja fiel em buscar a salvação de outros. Aquele que ousa danar a si mesmo, ousa deixar que outros caiam em caminho da danação, e aquele que vende seu Mestre, como Judas, por peças de prata, não hesitará em fazer de seu rebanho mercadoria; e aquele que deixa suas esperanças pelo Céu em vez de deixar seus prazeres mundanos e carnais, este acho difícil que se coloque a salvar os outros. Podemos por razão concluir que ele não terá piedade pelos outros, pois é cruel para consigo mesmo intencionalmente; e a tal pessoa não deve ser confiada a alma alheia, pois é infiel para com a própria e a venderá para o demônio pelos prazeres do pecado. Confesso que tal homem jamais terá meu consentimento para cuidar e se responsabilizar de outros, e administrá-los em suas salvações, pois não se atém a si mesmo, exceto em casos de absoluta necessidade.

c) Vocês acham possível que lute contra Satã com todas as suas forças aquele que é um servo do próprio Satã? Que um morador do reino do Inferno fará qualquer dano permanente e real a este reino? E será ele verdadeiro para com Cristo, quando tem aliança com seu inimigo e não tem Cristo em seu coração? Pois esse é o caso de todo homem não santo, de onde quer que ele venha. Eles são servos do demônio e súditos de seu reino; ele é quem reina em seus corações; e como podem ser fiéis com Cristo aqueles que são súditos do Diabo? Que príncipe escolhe os amigos e servos voluntários de seu inimigo para compor seu exército em guerra? É isso que faz de tantos pastores e pregadores do Evangelho inimigos do próprio Evangelho que pregam. Não é de se surpreender que tantos estejam fazendo críticas em segredo à obediência sagrada dos crentes; e ainda tomam para si o cargo de falar sobre a vida divina, enquanto criticam aqueles que dela tomam uso! Quantos traidores já não fizeram parte da Igreja de Cristo através dos anos, que fizeram mais contra Ele mesmo sob Sua proteção do que jamais fariam

ao ar aberto; que falaram bem de Cristo, da Escritura e da divindade em geral, e ainda assim ardilosamente fazem o que podem para trazer a desgraça a tudo e fazer com que os homens acreditem que aqueles que se empenham em buscar Deus com todo o seu coração são apenas um bando de hipócritas, ou pessoas egoístas e fanáticas; e os que não podem por vergonha fazer no púlpito farão em segredo entre seus comparsas. Quantos lobos em pele de cordeiro fingiram ser cristãos tão bons quanto os outros? Se pudesse haver um traidor entre os 12 da família de Cristo, não há dúvidas de que existem mais agora. Não se pode esperar que um escravo de Satanás, "cujo Deus é sua barriga e só se importa com coisas mundanas", seja melhor que "um inimigo à Cruz de Cristo." Mas eles vivem de maneira civil e pregam de modo plausível, e tem a aparência de uma religiosidade fácil e barata; eles podem ser tão rápidos nas armadilhas do Diabo por conhecimento mundano, orgulho, ou um desgosto secreto para com a divindade diligente, ou por um coração insensato que não tem raízes na fé, nem é completamente devotado a Deus em Cristo, quanto qualquer outro que assim seja por bebedeira, ou impureza, ou qualquer outro pecado desgraçado. Publicanos e meretrizes ao menos chegarão aos Céus antes de Fariseus, pois estão cientes de seu pecado e sua miséria.

E mesmo que muitos desses homens possam parecer ótimos pregadores, e declamam contra o pecado tão ferozmente quanto quaisquer outros, isso é, mesmo assim, apenas um fervor artificial e comumente nada mais do que um berrar sem qualquer real intenção. Pois aquele que estima o Evangelho em seu coração nunca cairá nas tristezas dos outros. Sei bem que um homem perverso pode estar mais disposto a aceitar a renovação de outro do que a sua própria, e pode, portanto, ter a sinceridade em querer dissuadi-lo de um caminho ruim; pois é mais fácil pregar contra o pecado do que o abandonar, e a renovação de

outro homem pode muito bem residir em sua capacidade de desfrutar seus prazeres. Portanto, um pastor perverso, ou um parente similar, pode ser sincero com seu povo ou sua família em reparar tais erros, pois eles não perdem seus próprios pecados ou prazeres ao reformarem ao outro, nem são chamados ao autoquestionamento por isso como seriam pela negação dos próprios pecados. No entanto, ainda assim não há parte desse zelo, dessa resolução e diligência, que se iguale àquelas encontradas nos que são verdadeiramente fiéis a Cristo. Eles não se colocam contra o pecado como o Povo de Cristo, nem contra aquilo que ameaça as almas dos outros. Um comandante traiçoeiro, que não atira nada contra o inimigo exceto pó, pode fazer com que suas armas façam tanto barulho quanto as que atiram balas; mas eles não machucam o inimigo. Assim também esses homens podem falar alto, dizê-lo com fervor; mas raramente fazem algo real contra o pecado e o demônio. Homem algum pode lutar bem quando não odeia ou sente verdadeira raiva, muito menos contra aqueles que ama acima de tudo. Todo homem que não é renovado está tão longe de odiar o pecado como propósito, que este é, na verdade, seu tesouro mais amado; não como pecado, apesar de que seja isso, mas, sim, por agradar a seus desejos carnais. Assim, entendam que um homem que não é santo não é qualificado para liderar o exército de Cristo, pois ama seu inimigo; portanto, não é capaz de chamar os outros para renunciarem ao mundo e à carne, pois veem nela seu bem maior.

d) É improvável que as pessoas deem valor à doutrina pregada por tais homens quando virem que eles não vivem como pregam. Elas acreditarão que eles não *creem* realmente no que dizem, pois não *fazem* o que dizem. Eles dificilmente seguirão um homem que parece não seguir a si mesmo. Se um homem lhes disser para correrem para salvar suas próprias vidas, pois um urso ou um inimigo se aproxima, mas ele próprio não se dá ao traba-

lho de correr, vocês achariam que ele está fazendo um gracejo e que não há realmente um perigo tal como ele diz. Quando alguém prega a necessidade da divindade, e que sem ela homem algum verá o Senhor, mas permanece profano, as pessoas acharão que essa pessoa fala apenas para passar o tempo, ou para conseguir dinheiro, e que todas essas palavras são apenas parte do trabalho. Já muito vocês falam sobre o pecado, para que os homens acreditem que há realmente qualquer perigo ou dano feito tal como vocês dizem; se esses mesmos homens virem que aquele que reprova também deita sua cabeça no colo do pecado, porém, o único efeito será o de tentá-los, de os fazer achar que há algum bem especial em fazê-lo, e que você o critica tal como um guloso que diz mal do prato que gosta para poder ter mais dele para si. Enquanto os homens tiverem olhos e ouvidos, acreditarão que veem seu significado tão bem quanto o ouvem; e são, afinal, mais aptos a acreditar por ver do que por ouvir, pois é o sentido mais perfeito. Tudo aquilo que um pregador faz é por si uma maneira de pregar; portanto, quando vive de modo cobiçoso ou descuidado, prega esses pecados às pessoas por meio de sua prática. Quando vocês bebem, jogam ou tagarelam, usando seu tempo em vão, as pessoas entendem que vocês lhes disseram: "Irmãos, esta é a vida que devemos todos viver; podem se colocar neste caminho sem nada temer". Se vocês não são devotos e não ensinam às famílias que temam a Deus, nem contradizem os pecados da companhia que mantêm, nem pausam o jorrar de suas palavras incautas, nem tratam abertamente com eles sobre as questões de sua salvação, eles entenderão que vocês pregaram que tais coisas são desnecessárias e que eles podem agir de modo tal como vocês. Sim, e vocês ainda fazem pior do que isso; pois os ensinam a pensar mal daqueles que são melhores que isso. Quantos pastores fiéis e homens privados são odiados e reprovados por culpa de vocês? O que dizem as pessoas a eles? "Você é tão estrito e nos fala tanto do

pecado, dos perigos e dos deveres, e faz tal barulho sobre essas questões; mas o fulano, que é tão erudito e tão bom pastor quanto você, ele se alegra, brinca conosco, deixa-nos em paz e não nos estorva com dificuldades ou discursos. Tipos que nem vocês nunca sabem ficar quietos e falam mais do que precisam; adoram assustar os homens falando sobre a danação, quando outros devotos, sóbrios, instruídos e de paz, podem ficar quietos e vivem conosco como outros homens." Esses são os pensamentos e as conversas do povo que os seus atos negligentes causam! Eles lhes darão permissão para pregarem contra seus pecados tanto quanto quiserem e dirão o mesmo sobre a divindade no púlpito, para que vocês os deixem em paz depois e sejam amigos deles quando tiver acabado, e falem como eles falam, e vivam como eles, e sejam indiferentes ao que ouvem de suas consciências. Pois eles veem o púlpito como um palco; um local onde pregadores devem mostrar-se e fazer seus papéis, onde vocês têm a liberdade de dizer o que quiserem por uma hora; e o que ali dizem eles não levarão a sério, se não mostrarem para eles pessoalmente que era sincero, que realmente era a verdade. É, portanto, provável que um homem faça o bem, ou seja adequado para o trabalho de Cristo, se fala em nome d'Ele por uma hora, mas vive sua vida contra Ele por toda a semana, fazendo de suas palavras públicas uma mentira?

E, se alguém for sábio o bastante para não seguir o exemplo de tais homens, a mera repugnância de suas vidas fará da doutrina menos efetiva. Pois, mesmo que você saiba que uma carne possa ter gosto bom, um estômago fraco se revoltará contra ela se o cozinheiro for leproso ou tiver mãos sujas. Atenham-se, portanto, a si mesmos, se pretendem fazer o bem pelos outros.

e) Por último, considerem se o sucesso de seus trabalhos depende ou não da graça e da bênção do Senhor; e

onde Ele fez tal promessa de ajuda e benção aos homens não santos? Se Ele promete à sua igreja uma bênção tal, Ele não promete a eles a mesma benção. A seus servos fiéis, Ele prometeu que estará com eles, que colocará Seu Espírito neles e Sua palavra em suas bocas, e que Lúcifer cairá diante deles como raios divinos. Mas onde se encontra tal promessa aos ímpios, que não são filhos desta? Vocês não temem que, por seu abuso a Deus, irão provocá-Lo a renunciar e destruir seus empenhos? Pois não nego que, enquanto Deus ocasionalmente faz bem à Sua igreja por meio de homens ruins, Ele o faz primariamente por meio de Seus próprios.

E o que aqui eu digo dos perversos também se aplica aos devotos enquanto forem escandalosos e estiverem se descuidando, proporcionalmente à medida de seus pecados.

Termino aqui as razões.

CAPÍTULO II

IV

Tendo lhes mostrado o que significa se ater a si mesmo e as razões pelas quais isso deve ser feito, mostrar-lhes-ei agora o que significa "se ater a todo o rebanho" e em que a prática consiste, assim como o modo com o qual deve ser exercitada. Foi primeiro necessário considerar o *que devemos ser* e o *que devemos fazer por nossas almas*, antes de falarmos do que pode ser feito pelos outros: "*Ne qui aliorum vulnera medendo ad salutem revocat, ipse per negligentiam suae salutis intumescat, ne proximos juvando se deserat, ne alios erigens cadat*"[27], disse Gregório M. de cur. Past. 1.4.[28] Sim, para que seus trabalhos não sejam transformados em nada, pois sua vida e coração que o fazem são nada. "*Nonnulli enim sunt qui solerti cura spiritualia præcepta perscrutantur, sed quæ intelligendo penetrant, vivendo conculcant: repente docente quæ non opere, sed meditatione didcerunt: et quod verbis prædicant, moribus impugnant; unde fit ui cum pastor per abrupta graditur, ad præcipitum grex sequatur*",[29] Idem ib li 1. cap. 2.[30] Quando nós os levamos às águas da vida, se as en-

[27] "Para que aquele que, curando as feridas alheias, o chama de volta à segurança se deixe inchar pela negligência da sua própria segurança, para que não se abandone pela ajuda dos vizinhos, para que não caia, erguendo os outros".

[28] Sancti Gregorii I Magni, Romani Pontificis. *Regulae pastoralis liber. Quarta pars.*

[29] "Pois há alguns que examinam com cuidado os preceitos espirituais, mas as coisas que eles penetram pelo entendimento, pisam em nossas vidas: por um ensinamento repentino, que eles aprenderam não por atos, mas pela meditação; de onde vem a violência, quando o pastor caminha pelas rochas, o rebanho o segue descendo a encosta íngreme".

[30] Sancti Gregorii I Magni, Romani Pontificis. *Regulae pastoralis liber,* part. I, c. 2.

lamearmos por nossas vidas imundas, perderemos os frutos de nosso trabalho, mesmo que tenham sido melhores do que nunca. "*Aquam pedibus perturbare, est sancta meditationis studia male vivendo corrumpere, inquit*"[31] Idem. Ibid.[32]

Antes de falarmos do trabalho em si, devemos falar sobre algo que está implícito e pressuposto. Eis:

1. Fica aqui implícito *que todo rebanho deve ter seu próprio pastor (um ou mais), e todo pastor, seu próprio rebanho.* Assim como toda tropa ou companhia em um regimento de soldados deve ter seu próprio capitão e oficiais, e todo soldado deve ter seu comandante e suas cores, é também a vontade de Deus que toda igreja tenha seus pastores, e a todos os discípulos de Cristo "*que reconheçais os que trabalham entre vós e que presidem sobre vós no senhor, e vos admoestam*" (1Ts 5.12). A Igreja Universal de Cristo deve consistir de igrejas particulares guiadas por seus próprios administradores; e cada cristão deve ser membro de uma dessas igrejas, exceto por aqueles em embaixadas, viagens, ou que por outros casos de necessidade sejam privados dessa vantagem. "*E havendo-lhes, por comum consentimento, eleito anciãos em cada igreja*" (At 14.23). Tito 1.5, assim como muitas outras passagens, também deixam isso claro. O pastor é um oficial dessa Igreja Universal e é também de maneira especial o administrador daquela igreja particular da qual é encarregado. Assim como aquele que é um médico na comunidade é também "*Medicus vel Archiater cujusdam civitatis*",[33] portanto, obrigado a tomar conta daquela cidade, e não de qualquer outra, de modo que, mesmo que ocasionalmente faça o bem em algum outro lugar, possa permanecer fiel ao seu cargo especial (quando uma pessoa não licenciada não poderia); pois ele é encarregado daquela cidade e deve negar ajuda àqueles que possam levar o médico a negligenciar os

[31] "Perturbar a água com os pés é corromper as buscas sagradas da meditação, vivendo maltratado, diz ele".

[32] Liber Pastoralis S. Gregorii Papa. *In nomine domine incipiunt capitula* II.16-17.

[33] "Médico ou arquiteto de uma determinada cidade".

seus, exceto em casos extraordinários, nos quais o bem público requer tal coisa; tal como este caso, assim deve ser entre o pastor e seu rebanho. Quando somos ordenados pastores sem um cargo específico, temos a licença e o comando de fazermos o bem por todos, pois temos um chamado ao exercício particular; mas, quando tomamos um encargo específico, temos que restringir nossos dons e nossos conselhos especialmente para isso, de modo a podermos permitir aos outros não mais do que nos podem dar de seu tempo e ajuda, exceto onde o bem público requer tal coisa, que deve ser colocada acima de tudo. Por essa relação entre pastor e rebanho, apresentam-se todos os deveres que temos mutuamente. Assim como devemos ser verdadeiros com os que em nós confiam, também nosso povo deve ser fiel a nós e obedecer às direções corretas que lhes damos a partir da Palavra de Deus.

2. Quando somos comandados a nos atermos a todo o rebanho, fica claramente implícito que os *rebanhos devem conter não mais membros regulares do que somos capazes de administrar e cuidar.* Para isso, igrejas particulares não devem ser maiores, ou pastores menos numerosos, de modo que nos possamos ater a *todos*; pois Deus não nos dará impossibilidades. Ele não cobrará de mais paróquias ou do homem coisas as quais não podemos fazer, a irmos até a lua, a tocar as estrelas, a enumerar os grãos de areia no mar. Se o trabalho pastoral é o de administrar e se ater a todo o rebanho, então certamente haverá tal proporção de pastores assinalados a cada rebanho, ou um número de almas sob os cuidados de cada pastor, que não excederá o que cada um é capaz de cuidar conforme for necessário. Por acaso Deus irá demandar que um bispo tome cargo de todo um país, além do que ele é capaz de administrar, e tomar controle deles como único, enquanto livra os ensinadores particulares desse encargo? Por acaso Deus irá requerer que o sangue de várias paróquias seja colocado nas mãos de um único homem, se ele não é capaz de fazer mais do que 10, ou 20, ou 100, ou 300 homens, se não pode fazer mais do que eu para mover uma montanha? Ai dos pobres prelados! Isso lhes imporia uma necessidade inevitável à danação. É, portanto, o

caso de que homens eruditos e sóbrios devam suplicar por isso como um princípio desejável, ou atrair a si mesmos um fardo desnecessário; portanto, tremem em antecipação a tal encargo natural. Quão feliz é para a igreja e para os bispos que essa medida criada pelos próprios apóstolos ainda esteja em cumprimento agora; e a diocese não é maior do que os anciãos ou bispos podem administrar e governar, para poderem se ater a seus rebanhos! Ou que os pastores se tenham multiplicado, e suas igrejas também, e o número de administradores cresceu proporcionalmente ao número de almas, para que não tenham que deixar trabalho não feito, sem tomarem títulos vazios ou se empenhando em coisas impossíveis! Nem também orar a Deus que enviasse mais trabalhadores, para poderem se adequar a seu trabalho. Jamais se poderia recomendar, afinal, a prudência ou a humildade do trabalhador (em qualquer outro momento grandioso) que não somente tomasse como sua prerrogativa colher todo grão neste condado por si só, mas competisse por isso como se fosse uma grande honra.

Objeção: "Mas há outros que poderiam ensinar, mesmo que apenas um tenha que governar."

Resposta: Abençoado seja Deus por tal coisa; e certamente que não foi por falta de que outros tentassem. Mas governar não é de tão grande importância para as almas quanto pregar? Se não fosse, de que importariam governadores de igreja? Se for, então aqueles que o nulificam ao se ocuparem com impossibilidades arruínam a igreja e a si mesmos. Se apenas pregar fosse necessário, que tivéssemos então nada além de pastores; qual seria a necessidade de se preocupar em governar, afinal? Mas, se a disciplina é necessária também, não seria nada menos do que inimizade para com a salvação do homem se a excluíssemos, e esta seria inevitavelmente excluída se fizéssemos do homem incapaz de realizar seu trabalho. O homem que comanda um exército sozinho pode muito bem dizer: "Este será destruído por falta de comando"; e o diretor de escola que administra ou governa todas as escolas de um condado pode muito bem dizer: "Estão todas desgovernadas";

e o médico que tomará para si guiar todos os doentes que uma nação ou mesmo um condado, quando não puder visitar nem mesmo cem deles, poderá bem dizer: "Que pereçam!"

Objeção: "Mas, mesmo que não possam governar por si próprios, podem fazer isso por meio de outros."

Resposta: A natureza do trabalho pastoral é tal que deve ser feita pelo próprio pastor. Ele não pode delegar a um homem que não é pastor o batismo, ou a administração da Ceia do Senhor, ou para ensinar na igreja, não mais do que poderia cometer o governo desta para outro. Se o fizer, estará fazendo daquele homem o bispo, já que o faz o governador e guia imediato da igreja; e se o bispo pode fazer de cada presbítero um bispo em si, de modo que seu poder derive do dele, então que não seja mais ilegal que qualquer um governe ou seja bispo. E se um prelado pode fazê-lo, é provável que Cristo e seus apóstolos também tenham; pois é em nome de Cristo que devemos pregar, e não o de qualquer outro, então deve também ser possível que governemos em Seu nome. Mas falarei mais disso adiante.

Ainda também deve ser reconhecido que, em caso de necessidade, onde não existe a possibilidade de serem ordenados mais pastores, um homem pode tomar cargo de mais almas do que ele é capaz de administrar sozinho. Mas ele deve fazê-lo apenas para poder fazer o mínimo por essas almas, e não tudo que um pastor pode normalmente fazer. E esse é o caso de alguns de nós que temos paróquias maiores do que podemos cuidar, que precisam de atenção especial para com o seu estado. Devo proferir que, de minha parte, estou tão longe do tipo de coragem necessária para se aventurar a governar um condado, que nem por toda a Inglaterra eu seria um dos dois que devem fazer todo o trabalho pastoral que Deus recomendou à paróquia na qual vivo, se não tivesse como modo de apaziguar minha consciência o conhecimento de que, *através das necessidades da igreja, não poderiam haver mais, portanto, devo fazer tudo o que posso sob pena de deixar tudo sem fazer, pois não posso fazer tudo*. Mas casos de necessidade ine-

vitável não são a condição costumeira da igreja; ou, ao menos, não é desejável que sejam. Feliz seria a Igreja de Cristo, se os trabalhadores fossem hábeis e fiéis, e proporcionais em número ao número de almas, de modo que os pastores também fossem muitos, ou que rebanhos e igrejas particulares fossem tão pequenos que fosse possível nos atermos a todos os rebanhos.

Tendo lhes dito essas duas coisas que ficam aqui implícitas, passo, então, para o dever em si que é declarado aqui. E essa atenção a todo o rebanho em geral é *um grande cuidado com o todo e cada parte, com grande vigilância e diligência no uso de todas as ações divinas e cerimônias que Deus nos requer para que seja feita a salvação.*

Particularmente, este trabalho pode ser considerado: 1 — A respeito de seu assunto; 2 — Seu objetivo; 3 — O trabalho em si ou as ações que devemos realizar; 4 — O fim ao qual nos devemos direcionar.

Começarei falando deste último, por ser o primeiro em nossa intenção, mesmo que seja o último obtido.

1. O objetivo final de nossa supervisão pastoral é aquele sendo o objetivo final de todas as nossas vidas; mesmo o agradar e glorificar a Deus, atos aos quais está conectada a glória da natureza humana, também de Cristo, e a glorificação da igreja d'Ele, e de nós em particular, e também dos fins de nosso encargo, todos são para a santificação e santa obediência das pessoas pelas quais nos responsabilizamos; sua união, sua ordem, beleza, força, preservação e aumento; e sua devoção correta a Deus, especialmente nas assembleias solenes. Por meio desta se manifesta que, antes que um homem seja capaz de ser um verdadeiro pastor da igreja, conforme a mente de Cristo, ele deve ter essas coisas em alta estima, para elas serem o maior e único fim de sua vida.

a) Aquele homem, portanto, que não é tomado predominantemente pelo amor a Deus, nem é devotado primeiramente a Ele, em tudo que faz, tem e pode fazer;

aquele homem que não tem por hábito agradar a Deus e fazer d'Ele o centro de suas ações, e viver para Ele como seu Deus e felicidade; isto é, aquele homem que não é um cristão sincero não é adequado para ser pastor da igreja. E, se não estivéssemos em um caso de necessidade desesperada, a igreja não deveria aceitar tais, onde puderem ser descobertos, exceto para trabalhos comuns e inferiores, como o ensino das linguagens, a filosofia, a tradução, etc. Um homem que não é devotado completamente a Deus e apegado ao Seu serviço e honra nunca se aterá por completo ao trabalho pastoral; nem mesmo poderá possivelmente fazer parte de tal trabalho, nem de qualquer outro, nem falar uma única palavra em sinceridade cristã; pois homem algum pode ser sincero em seus meios se não é também sincero em suas intenções para com seu fim. Um homem deve amar Deus completamente e acima de tudo, antes que possa servi-Lo diante de todos.

b) Homem algum é adequado para ser um pastor de Cristo se ele não é dotado de um espírito público para com a igreja, e não se deleita em sua beleza nem deseja sua felicidade; assim como o bem da comunidade deve ser a finalidade do magistrado, também a felicidade da igreja deve ser a finalidade de seus pastores, para podermos nos regozijar de seu bem-estar e estarmos dispostos a gastar e sermos gastos em seu favor.

c) Nenhum homem é adequado a ser pastor de uma igreja se não empenha seu coração na vida por vir nem trata de assuntos da vida eterna acima de tudo que possa importar na vida atual; e que não sinta de alguma maneira o quanto as inestimáveis riquezas da glória são preferíveis às futilidades do mundo. Pois ele nunca colocará seu coração na busca pela salvação dos homens, que ele não acredita serem e valerem aquela salvação.

d) Aquele que não se deleita na divindade, que não odeia a iniquidade, não ama a união e pureza da igreja,

e recusa o prazer na comunhão dos santos e a devoção pública a Deus com Seu povo, nem abomina a discórdia e as divisões, esse homem não é adequado para ser pastor da igreja; pois nenhum desses pode ter a finalidade real de um pastor, portanto não pode realizar o trabalho. Quanto à necessidade desse final para os meios e as relações, isso é de fácil conhecimento.

2. O assunto do trabalho episcopal são, de maneira geral, *coisas espirituais*, ou questões que tratam do agrado a Deus, e a salvação de nosso povo; não é sobre coisas temporais ou transitórias. É uma usurpação vil do papa e seus prelados que eles assumam a administração da espada temporal e imerjam nos negócios do mundo; exercitar tal coerção violenta, quando deveriam usar apenas as armas espirituais de Cristo. Nosso trabalho não é dispor das comunidades, nem tocar as bolsas dos homens ou as pessoas por nossas punições; consiste apenas em duas coisas:

a) Em revelar aos homens que a felicidade, ou o bem maior, deve ser seu objetivo final;

b) Familiarizá-los com os modos corretos de alcançar esse objetivo, ajudá-los a usá-lo, assim como os afastar do que lhes é contrário.

- É o primeiro e maior trabalho dos pastores de Cristo apresentar aos homens para o Deus que lhes fez, e que é sua felicidade: abrir para eles os tesouros de Sua bondade e lhes contar da glória que há em Sua presença, da qual todos os Seus escolhidos desfrutam; desse modo, ao mostrar aos homens a certeza e excelência da felicidade prometida, e as bênçãos perfeitas da vida por vir, a comparação com as vaidades da vida presente possam alterar o curso de suas cogitações e afeições, e trazê-los ao desgosto necessário por este

mundo, enviando-lhes na busca pelo tesouro duradouro; e esse é o trabalho que devemos fazer de dia e de noite. Se pudéssemos de uma vez só colocá-los no caminho certo para seus fins, e colocar seus corações sem falsidade em Deus e no Céu, a maior parte de nosso trabalho aqui estaria feita; pois o resto certamente seguiria. Aqui, devemos diligentemente lhes mostrar a vaidade de sua felicidade sensual e lhes convencer da imoralidade dos prazeres que eles preferem aos deleites de Deus.

• Tendo lhes mostrado o objetivo correto, nosso trabalho seguinte é familiarizá-los com as maneiras certas de alcançá-lo. É aqui que o caminho errado deve ser desgraçado, que o mal de todo pecado deve ser manifestado, e o perigo que este nos trouxe, os danos que já nos causou, descobertos. Temos, então, o grande mistério da redenção para revelar; a pessoa, naturezas, encarnação, perfeição, vida, milagres, sofrimentos, morte, enterro, ressurreição, ascensão, glorificação, domínio, intercessão do abençoado filho de Deus. Também quanto ao teor de suas promessas, as condições impostas sobre nós, os deveres que ele nos comandou e os tormentos eternos com os quais ameaçou àqueles que forem negligentes e impenitentes para com sua graça. Que tesouro são suas bênçãos e graças, e os privilégios de seus santos que temos de demonstrar! Que vida abençoada de divindade e comunhão devemos recomendar aos filhos dos homens! E, ainda assim, quantas tentações, dificuldades, perigos, e nosso dever de ajudá-los contra tudo isso! Quantos deveres espirituais preciosos nós temos que lhes conferir, e lhes dar ânimo para enfrentar, e lhes direcionar nesse confronto! Quantas objeções da carne e do sangue, e sofismas de homens vãos, nós temos que refutar! Quantas de nossas

> próprias corrupções e desejos pecaminosos devemos descobrir e afastar! Temos a profundeza do amor de Deus e também de sua misericórdia, a profundeza dos mistérios de suas intenções e os trabalhos da criação, da redenção, da providência, da justificação, da adoção, da santificação, da glorificação; temos as tentações de Satã e os seus próprios corações a lhes revelar. Em uma palavra, devemos ensiná-los, tanto quanto pudermos, da palavra e dos trabalhos de Deus. Que gloriosos volumes são estes sobre os quais um pastor deve ministrar! Quão grandiosos, quão excelentes, quão incríveis, quão misteriosos! Todos os cristãos são discípulos ou eruditos de Cristo; a igreja é sua escola, nós somos seus cuidadores, a bíblia é sua gramática: isso é o que devemos ensinar-lhes todos os dias. Os papistas lhes ensinariam sem livros, para que não aprendam heresias do livro da verdade, para que não aprendam falsidade do livro de Deus; devem apenas aprender das palavras de seus pastores. Mas nosso trabalho não é lhes ensinar sem livros, e sim os ajudar a entender esse livro de Deus. Esse é o assunto de nosso trabalho.

3. O objeto de nosso cuidado pastoral *é todo o rebanho*, ou seja, a igreja e todos os seus membros. É considerada por nós: 1 — No corpo todo ou sociedade; 2 — Nas partes ou membros individuais.

a) Nosso primeiro cuidado deve ser com o todo; portanto, os primeiros deveres a serem feitos são os deveres públicos, feitos ao todo. Como nosso povo geralmente prefere os deveres públicos aos privados, assim também seremos. Mas isso é algo de conhecimento geral, portanto, não direi mais sobre o assunto.

b) Aquilo que é menos entendido ou considerado é que *todo* o rebanho, cada membro individual do qual somos encarregados, deve ser o alvo de nossa atenção e estar sob nossos cuidados na igreja. Para este fim, pressupõe-se ser necessário que (a não ser que a necessidade absolutamente o proíba, pela falta de pastores ou pela enormidade do rebanho) *conheçamos* cada pessoa que está sob nossa responsabilidade, pois de que outro modo nos poderemos ater a eles sem os conhecermos? Ou como podemos ter essa atenção que pertence ao cargo especial em que nos empenhamos, se não conhecemos as pessoas às quais fomos encarregados e aquelas às quais não fomos, se não conhecemos as pessoas? Nossas obrigações não são para com todas as igrejas vizinhas, ou aos que não fazem parte delas, por melhor que seja para aqueles a quem somos assinalados. Como poderemos dizer quem excluir até que saibamos quem são os incluídos? Ou como podemos repelir as acusações dos ofendidos, que nos contam sobre os ímpios ou os membros maculados de suas igrejas, quando não sabemos quem são os membros e quem não os são? Certamente, os limites de nossas paróquias não nos contarão enquanto os papistas, ou alguns piores, permanecerem ali. O mero ato de nos ouvir também não iluminará o assunto, pois aqueles que estão acostumados a ouvir são membros de outras igrejas, ou mesmo de nenhuma. Nem mesmo a participação da Ceia do Senhor pode lhe dar a certeza, pois estranhos podem ser recebidos; e membros verdadeiros, acidentalmente deixados de fora. Muita probabilidade ainda pode ser obtida por meio desta, ou de algumas destas, mas um conhecimento completo de nosso encargo é necessário onde puder ser tido, e essa deve ser a mais correta expressão de consentimento, pois o consentimento é necessário à relação.

Sendo todo o rebanho conhecido, deve-se, então, ater-se a ele. Era de se esperar que todo homem razoável ficaria satisfeito com isso, e não precisaria de provas maiores. Um pastor cuidadoso não se atém a cada ovelha individual por acaso? E um bom mestre de escola não se atém a cada aluno, tanto para instrução quanto para correção? E um bom médico não se atém a cada paciente? E um bom comandante não se atém a cada soldado individual? Por que, então, não devem os professores, os pastores, os médicos, os guias das igrejas de Cristo se aterem a cada indivíduo dos quais estão encarregados? O próprio Cristo, o Grande e bom Pastor, o Mestre da Igreja, que olha por todos, ainda assim se ocupa com cada indivíduo. Em Lucas 15.4, Ele nos diz: "*Que homem dentre vós, tendo cem ovelhas, e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove, e vai após a perdida até que venha a achá-la?*" Ou "*qual a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma dracma, não acende a candeia, e varre a casa, e busca com diligência até a achar?*" (Lc 15.8). E Cristo nos disse que: "*Assim haverá alegria no céu por um pecador que se arrepende.*" (Lc 15.7). Os profetas são normalmente enviados a homens que estão sós. Ezequiel é feito vigia de muitos indivíduos e deve dizer aos perversos: "*Certamente morrerás*" (Ez 3.18). E Paulo os ensinou "*publicamente, e pelas casas*" (At 20.20), que significava seu ensino a famílias em particular; pois mesmo o ensino público era, naquela época, feito nas casas; e *publicamente* e *pelas casas* não significam a mesma coisa. O mesmo Paulo também disse: "*A quem anunciamos, admoestando a todo o homem, e ensinando a todo o homem em toda a sabedoria; para que apresentemos todo o homem perfeito em Cristo Jesus*" (Cl 1.28). Cristo expôs suas parábolas para os 12 separadamente. "*Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens buscar a lei, porque ele é o mensageiro do Senhor dos exércitos*" (Ml 2.7), "*porque velam por vossas almas, como aqueles que hão de dar*

conta delas" (Hb 13.17). Muitas outras passagens nas Escrituras nos garantem ser nosso dever nos atermos a toda pessoa individual de nosso rebanho. E muitas passagens nos Concílios Antigos nos dizem abertamente que era essa a prática nos tempos antigos, até que as igrejas começaram a ficar muito cheias e a se inchar tanto que não podiam ser guiadas tal como deveriam, quando, na verdade, as igrejas deveriam ter se multiplicado, pela mesma medida que os convertidos. Mas passarei por cima desses todos e mencionarei apenas uma passagem de Inácio ou quem quer que seja; não importa muito quem é, já que só vou usá-lo para provar que na época este era o costume da igreja; e Policarpo: *πυκνότερον συναγωγαὶ γινέσθωσαν ἐξ ὀνόματος πάντας ζήτει δούλους καὶ δούλας μὴ ὑπερηφάνει*,[34] ou seja, "que as assembleias se juntem e busquem (ou perguntem por) todos por nome; não neguem nem criados ou criadas." Veja que foi tomado como dever que se cuidasse de cada membro do rebanho e que se os conhecesse por nome; mesmo os mais medíocres criados. As razões de tal necessidade são algo pelo que também passarei.

Objeção: "Mas a congregação da qual fui encarregado é tão grande que não poderia possivelmente conhecer a todos, muito menos me ater a cada indivíduo!"

Resposta: 1: Foi ou não foi a necessidade que o encarregou de tal? Se não foi, você então perdoa um pecado pelo outro. Como ousa se encarregar daquilo que sabia que não poderia fazer, quando não foi forçado a isso? Parece-me que você tinha outros motivos para aceitar tal cargo e nunca pretendeu fazer o bem e ser fiel àqueles que lhe foram confiados! Mas, se você acha que foi necessária tal coisa, então lhe pergunto: 1) Você não poderia ter procurado ajuda para tão grande encargo? Tem feito tudo que foi possível, com seus amigos e vizinhos, para angariar fundos e obter ajuda para si mesmo? 2) Você já não tem fundos o bastante para servir a você e ao ou-

[34] Carta de Inácio a Policarpo 4.2-3.

tro? De que serve manter esses fundos apenas para si mesmo? Isso não deveria ser uma razão maior ainda para que você apertasse um pouco sua própria vida em vez de negligenciar as almas de tantos homens para tomar um trabalho que você não tem como realizar? Sei que algumas das coisas que aqui digo podem parecer severas; mas, para mim, isso parece algo inquestionável: se você tem cem moedas por ano, é seu dever viver delas como necessário e usar o resto para conseguir um assistente competente, de modo que seu trabalho não seja negligenciado. Se vocês disserem que essa é uma medida severa demais, que não poderiam viver com tão pouco, eu lhes pergunto: 1 — As famílias na sua paróquia não vivem de menos? 2 — Os pastores nos dias dos prelados não puderam, com alegria, ter a liberdade de pregar o Evangelho com menos? Ainda existem alguns pastores vivos (conforme tenho ouvido) que ofereceram aos bispos seus serviços como pregadores em troca de nada, para poderem ter apenas a liberdade de pregar. 3 — Se vocês ainda assim disserem que não podem viver como tantas pessoas pobres o fazem, eu lhes pergunto, então, como seus paroquianos podem enfrentar a danação melhor do que vocês podem enfrentar a necessidade e a pobreza? Como vocês podem se chamar de pastores do Evangelho, se acreditam que as almas dos homens são tão medíocres que preferem que eles sejam condenados pela eternidade para vocês não terem de viver em condições menos abastadas? Vocês deveriam implorar pelo seu pão antes de acharem justo abandonar a salvação dos homens ou os colocar em perigo, antes mesmo de arriscar uma única alma! Oh, senhores, que coisa miserável é quando homens que estudam e falam do Céu e do Inferno, e lamentam quão poucos são salvos e da dificuldade da salvação, mas ainda assim não o fazem em completa humildade! Se o fizessem, jamais se preocupariam com questões como essa e deixariam seus povos irem para a danação apenas para poderem viver de maneira melhor no mundo. Lembrem-se, da próxima vez que estiverem pregando para eles, que *eles não podem ser salvos sem conhecimento*, e ouçam suas consciências e o que elas concluem; *é possível que eles venham ao conhecimento,*

se ao menos tiverem instrução diligente e exortação privada, de homem em homem; e, então, *se houvesse outro pastor para me ajudar, isso talvez pudesse ser feito;* e também *se eu vivesse próximo e negasse minha carne, poderia ter um assistente;* e então concluam: *ouso eu deixar que meu povo viva em ignorância, que eu mesmo lhes disse que leva à danação, em vez de sacrificar a mim e aos meus um pouco mais?*

E, além disso, devo dizer que a pobreza não é tão triste e perigosa quanto se finge que ela é? Se vocês têm somente comida e roupa, já não lhes basta para ficarem contentes? O que mais acham necessário para realizarem o trabalho de Deus? Certamente não é o linho púrpura e um banquete delicioso todo dia, por mais que isso lhes faça contentes. "*Porque a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui*" (Lc 12.15). Pois, se suas roupas são quentes e sua comida é o bastante, vocês terão tanto apoio para fazer o trabalho de Deus quanto se tivessem a maior satisfação da carne: um casaco remendado é quente, pão e água dão sustento. Aquele que não aceita isso tem poucas razões para botar em perigo as almas dos homens e deveria buscar uma dieta mais cheia neste mundo.

Objeção: "Se esta doutrina for aceita, desencorajará a todos os homens de se engajarem com as coisas maiores; e então todas as cidades, vilas e todas as outras grandes paróquias ficarão vazias."

Resposta: Desencorajará apenas aqueles que forem mais carnais e egoístas, não os que buscam o salvamento das almas, que são completamente devotados ao serviço divino e que tomaram para si mesmos a cruz e seguem Cristo em autonegação. Quanto aos outros, eles estão tão longe de serem bons pastores, que não são realmente Seus discípulos, nem mesmo Cristãos verdadeiros. Cristo não se reprimiria em contar ao mundo da necessidade absoluta da autonegação e de se renunciar a tudo e tomar a Cruz, mortificar a carne, por medo de se desencorajar o homem de seu serviço; mas, ao contrário, Ele diz que não aceitará servos que não o fazem, e que aqueles

que não aceitarem esses termos podem bem ir por seus caminhos e ver quem perde por isso; e, assim, se Ele precisa mais de seu serviço, do que eles querem Sua proteção e favor.

Objeção: "Mas eu não sou obrigado a tomar encargo de algo que não posso fazer, ou de ir a um lugar maior quando sou feito para algo menor."

Resposta: 1: Se você se empenha por desejo do ganho monetário, então não é a incapacidade, mas, sim, a pobreza que lhe desencoraja; e esse não é um desencorajamento suficiente. 2: Somos todos obrigados a dispor de nós mesmos para a vantagem da igreja e a tomar aquele curso que seja de maior serviço a Deus; e sabemos que Ele tem mais trabalho para nós nas maiores congregações do que nas menores, e que as negligenciar traria grandes danos e perigo à Igreja e seus interesses; portanto, não devemos recusar, mas, sim, escolher os maiores trabalhos, mesmo que sejam acompanhados das maiores dificuldades e sofrimentos. Deve ser feito, e por que não seria feito por você assim como os outros?

Objeção: "Mas homem algum deve fazer mais do que é capaz."

Resposta: Vou adicionar esta parte ao resto de meus inquéritos, que responderão esta objeção. 3: O dinheiro da manutenção serviria melhor para outros dois que tenham menos necessidade ou famílias menores do que você? Se sim, tente obter dois que o aceitem em seu lugar. 4: Se isso não puder ser feito, e nenhuma adição puder ser procurada, e realmente houver tão pouco que você não tenha assistência alguma, então duas coisas devem ser feitas. Primeiro, você deve tomar este cargo com limitação, proferindo sua insuficiência para o trabalho e se empenhando em fazer tanto quanto puder; e fará isto pela necessidade do lugar que não pode, por qualquer que seja a razão, ser suprido com algo melhor do que você. Segundo, você não deve deixar o trabalho da supervisão pessoal nem se recusar a lidar particularmente com alguém, simplesmente por não poder lidar com todos; faça seu trabalho

com tantos quantos for possível e, além disso, confie em seus vizinhos, e especialmente nos pais e mestres de família, para fazerem o que puderem. Portanto, fazendo o que podemos, seremos aceitos.

Nesse meio tempo, importunemos os governadores das comunidades, pois uma porção dessa manutenção deve ir às grandes congregações, de modo que elas possam ter muitos pastores para as administrar, então devemos, pessoalmente assim como publicamente, exortá-los. Agradará a Deus que isso seja colocado nos corações dos governadores, também irá agradá-Lo que eles ganhem um amor pela prosperidade de sua igreja e uma consciência de seu dever em promover a salvação dos homens.

Algumas outras objeções serão respondidas adiante, sob os usos. Termino aqui de falar sobre a distribuição dos trabalhos do ministério, a partir do objeto considerado materialmente.

Em seguida, nós o consideraremos em referência às várias qualidades do objeto. E porque aqui falarei das ações feitas com o objeto, haverá menos mais tarde a ser dito dos objetos em si.

> a) A primeira parte do trabalho ministerial consiste em trazer professores incertos da fé para a sinceridade, de modo que aqueles que antes eram cristãos apenas em nome e aparência possam tornar-se cristãos de verdade. Não é de nossa responsabilidade, como seus pastores, converter infiéis confessos para a fé, pois eles não podem ser membros da igreja enquanto o forem; podemos, porém, como seus pastores, converter esses cristãos aparentes à sinceridade, pois esses possíveis cristãos podem ser membros visíveis de nossas igrejas. E mesmo que não estejamos absolutamente certos de que este ou aquele homem seja incerto, e não santo, enquanto tivermos certeza suficiente de que haja esses elementos em nossa igreja, e há grande probabilidade de assim ser com vários indivíduos que podemos mencionar, teremos então base para lidar com eles, de modo a levá-los às suas conversões. Se

estivermos certos, por sua impiedade notória, de que não são mais cristãos, e devem ser rejeitados da comunhão com os cristãos; e se eles forem infiéis confessos, poderemos ainda um dia ajudá-los em suas conversões, não como seus pastores, mas como pastores do Evangelho. Assim, por esses termos, podemos concluir que o trabalho da conversão é algo grandioso ao qual devemos nos dirigir e trabalhar com todo o nosso esforço.

Afinal, a miséria dos não convertidos é tão grande, que clama mais fortemente por nossa compaixão! Se um pecador convertido cair, será certamente preso ao pecado, o qual será certamente perdoado, e ele não estará sob o perigo da danação tal como outros estariam. Não, como alguns injustamente acusariam, que Deus não odeie seus pecados assim como os dos outros, ou que Ele deixaria entrar no Céu aqueles que estão vivendo de modo tão perverso; mas o Espírito, que reside neles, não os deixará viver de modo perverso nem pecar tal como os ímpios; mas eles odeiam o pecado habitualmente, quando por tentação realmente o cometem; e como há um arrependimento geral por isso, há também um arrependimento particular por tudo que é conhecido; sabem de tudo que é vulgar e muito mais, portanto, não há iniquidade que tenha poder sobre eles. Com os não convertidos, o caso é bastante diferente: eles estão imersos na amargura e se aliam à iniquidade, e não querem parte na sociedade pelo perdão de seus pecados ou pela esperança da glória. Temos, portanto, para com eles um trabalho de maior necessidade ainda: *"Para lhes abrires os olhos, e das trevas os converteres para a luz, e do poder de Satanás a Deus; a fim de que recebam a remissão de pecados, e herança entre os que são santificados pela fé em mim"* (At 26.18). Para amolecer e reabrir seus corações, "*instruindo com mansidão os que resistem, a ver se porventura Deus lhes dará arrependimento para conhecerem a verdade, e tornarem a despertar, desprendendo-se dos*

laços do diabo, em que à vontade dele estão presos" (2Tm 2.25), de modo que "*possam ser convertidos, e seus pecados perdoados*" (Mc 4.12). Aquele que vê um homem com uma doença mortal, e outro com apenas uma dor de dente, terá por instinto mais compaixão para com o primeiro do que com o segundo e certamente terá mais pressa em ajudá-lo, mesmo que o primeiro seja um estranho e o segundo um filho. É um triste caso ver um homem em estado de danação, no qual, se morrerem, estarão irremediavelmente perdidos, ao ponto de que, acredito, não deveríamos ser capazes de deixá-los em paz, seja em público ou na vida privada, independente de qualquer outro trabalho que tenhamos que fazer. Confesso que sou frequentemente forçado a negligenciar aquilo ao que me deveria ater de modo a aumentar o conhecimento dos convertidos, que podem ser vistos como carne mais forte, para me ater às necessidades lamentáveis dos que não estão convertidos. Quem pode falar de controvérsias, ou pontos finos desnecessários, ou de verdades de um grau menor de necessidade, independentemente de sua excelência, enquanto vê a companhia de um pecador ignorante, carnal e miserável diante de si, que deve ser mudado ou estará condenado? Acho eu que posso até os ver entrando em suas agonias finais! Acho eu que posso ouvi-los chorando por ajuda, e que esta ajuda venha rápido. Sua miséria fala mais alto, pois eles não têm corações para buscar, ou até mesmo pedir por ajuda por conta própria. Muitas vezes já soube ter ouvintes de certos gostos, que procuravam por raridades e estavam no vício de odiar o sacerdócio, se este não lhes contasse algo fora do comum; mas, mesmo assim, não pude encontrar forças para me remover da observação das necessidades dos impenitentes, de entretê-los, nem me impedir de falar com aqueles que eram aparentemente miseráveis pelo bem de sua salvação; nem de fazer tal como deveria ser feito pelos fracos em sua confirmação e no aumento de sua graça. Eu acredito que o espírito de Paulo foi comovido

quando viu os atenienses tão profundamente viciados em sua idolatria, e assim também devemos nos encontrar em acessos similares, ao vermos tantos bons homens em alta probabilidade de serem eternamente destruídos; e, se por fé nós realmente os víssemos a um passo de entrarem no Inferno, isso deveria desamarrar nossas línguas, mais ainda do que ocorreu com Creso quando o perigo ameaçou seu filho. Aquele que deixar um pecador ir ao pecado por não falar com ele quando tem a oportunidade faz menos pelas almas do que o Redentor de almas fez, e menos por seu vizinho do que a caridade racional lhe permite fazer por seu maior inimigo. Portanto, irmãos, a quem quer que vocês negligenciem, não negligenciem os mais miseráveis! Quem quer que ignorem, não esqueçam das pobres almas que estão na condenação, amaldiçoam a lei e antecipam a cada hora a execução infernal, se algo não for feito às pressas para preveni-la. Pois, então, chamem pelos impenitentes e realizem esse grande trabalho da conversão, não importa o que mais deixem por fazer!

b) A próxima parte do trabalho episcopal é a construção para aqueles que já foram verdadeiramente convertidos. E, de acordo com os vários estados destes, o trabalho varia. Em geral, as pessoas tais como estão são jovens e fracas, ou em perigo de se tornarem piores, ou já estão decaindo, de modo que nosso trabalho pode ser reduzido a estes quatro aspectos em particular: *Confirmação, Progresso, Preservação* e *Restauração*.

- Muitos de nossos rebanhos são jovens e fracos; apesar de presentes há muito tempo, são pequenos em proficiência e força. E, de fato, esta é a condição mais comum dos que creem: a maioria permanece em níveis fracos de graça, e é muito difícil fazer com que alcancem níveis maiores. Trazer-lhes opiniões maiores e mais estritas é simples, é trazê-los do erro à verdade, em ambas

as mãos. Mas aumentar seu conhecimento e seus dons não é fácil, e aumentar sua graça é o mais difícil de tudo. É algo muito problemático, o ser fraco; isso nos expõe a muitos perigos, nos diminui a consolação e o deleite em Deus, e tira a doçura de seus modos, e nos faz trabalhar com atraso, resultando em pouca paz e pouco proveito. Faz de nós servos menos úteis a Deus e ao homem, traz menos honra a nosso mestre e profissão, e, no geral, simplesmente não faz menos bem. Encontramos apenas pequenos benefícios pelos meios que usamos; caímos facilmente nas tentações da serpente e somos pegos por seus ardis. Um sedutor nos fará tremer com facilidade, e o mal pode nos parecer bom, a verdade parecer falsa, o pecado como um dever e assim por diante. Somos menos capazes de resistir ao encontro; logo caímos e também nos levantamos com mais dificuldade; e acabaremos por ser um estorvo e vergonha à nossa profissão. Sabemos menos de nós mesmos, e somos mais aptos a cometer erros em nossos próprios campos, sem percebermos corrupções quando temos toda vantagem para isso; somos desonrosos ao Evangelho por nossa própria fraqueza e de pouco uso para qualquer outro; e, em uma palavra, mesmo que vivamos para menos proveito do que os outros, ainda assim estamos indispostos e despreparados para morrer. Visto que o caso da fraqueza é comparativamente tão triste, quão diligentes devemos ser em estimar e aumentar suas graças! A força dos cristãos é a honra da igreja. Quando os homens estão inflamados no amor por Deus, vivem uma fé trabalhadora e vivaz, empenham-se nos benefícios e honras no mundo, e amam uns aos outros com um coração puro e fervoroso, e podem aguentar e bondosamente perdoar um erro e sofrer alegres pela causa

de Cristo, e estudar o modo de se fazer o bem, e andar inofensivamente pelo mundo, prontos para servir a todos os homens em nome do bem, sendo tudo para todos para convencê-los, e também se abstendo das aparições do mal e temperando suas ações com uma mistura de prudência, humildade, zelo e espiritualidade divina; que honra isso é para sua profissão! Que ornamentos para a igreja; e quão excelentemente servem a Deus e ao homem! Os homens certamente acreditariam mais prontamente que o Evangelho é a palavra da verdade e do poder se vissem mais frequentemente os efeitos dele nos corações e nas vidas dos homens. O mundo é mais capaz de ler a natureza da religião na vida do homem do que na Bíblia. Aqueles que não obedecem à Palavra podem ser convencidos pela conversa sobre tal. É, portanto, parte necessária de nosso trabalho que nos empenhemos mais em polir e aperfeiçoar os santificados, para terem forças no Senhor e serem mais úteis para o uso de seu Mestre.

• Outro tipo de convertido que também precisa de ajuda especial é aquele que trabalha sob alguma inquietação, que se esconde sob suas graças e causa tentações e problemas aos outros, assim como é um fardo para si mesmo. E muitos destes existem! Alguns são especialmente viciados no orgulho, e outros na mundanidade, outros ainda a este ou aquele desejo sensual; e muitos à perversidade e às paixões perturbadoras. É nosso dever oferecer assistência a todos esses, em parte por dissuadi-los com claras demonstrações da ociosidade do pecado e em parte por direcioná-los propriamente ao remédio e à ajuda na conquista de suas corrupções. Somos os líderes do exército de Cristo contra os poderes da escuridão e devemos, pois, resistir aos trabalhos desta onde

os encontremos, mesmo que seja nos filhos da luz. Não devemos ser mais relaxados com os pecados dos santificados do que com os dos ímpios, nem os fazer amigos ou os favorecer. Quanto mais amamos as pessoas acima de tudo, mais devemos nos expressar em oposição a seus pecados. Porém, mesmo assim devemos nos encontrar com algumas pessoas imaturas aqui, especialmente quando a iniquidade já está abrindo seu caminho; e muitos se apaixonaram por ela: serão esses impacientes e mesquinhos como uma amostra dos que são piores, e acreditarão que suas falhas são do interesse da piedade, e que o pastor a pregar contra eles prega contra todos os santificados; é um crime hediondo fazer de Deus e da divindade cúmplices de seus pecados. Mas os pastores de Cristo realizarão seu trabalho independentemente da pirraça dos homens; e não devem por isso odiar seus irmãos, tolerar suas respostas ou sofrer o pecado que reside em suas almas. Afinal, esse trabalho deve ser feito com muita prudência, mas deve ser feito.

• Outro tipo em que devemos trabalhar são os cristãos em declínio, que caíram em algum pecado escandaloso, ou abalaram seu zelo e sua diligência, e nos mostram que perderam seu antigo amor! Esses casos de recaídas são muito tristes, e nossa diligência em nome de sua recuperação deve ser igualmente grande. É triste que percam tanto de suas vidas, paz e serviço ao Senhor, e se tornem servos do demônio e de sua causa. É triste para nós ver todos os seus trabalhos resultarem nisso; e, quando temos tantas dores com os homens e tantas esperanças por eles, que tudo isso seja frustrado. E é mais triste ainda, acima de tudo isso, pensar que Deus deva ser tão abusado por aqueles a quem ama e por quem tanto fez; e que

o inimigo possa ganhar tal vantagem sobre suas graças, e que Cristo seja ferido na casa de Seus amigos, o nome de Deus mal falado por todos os perversos entre nós, e que todos que temem a Deus sejam reprovados pelo bem destes. Além disso, essa recaída parcial tem a tendência de levar à apostasia total, e causá-la-ia, se a graça especial não impedisse tal coisa. Quão mais triste é o caso de tais cristãos, mais cai sobre nós a responsabilidade de sua recuperação efetiva: "*Encaminhai o tal com espírito de mansidão*" (Gl 6.1), e certifique-se de que esse ferimento foi cuidadosamente limpo e curado, e que tudo estará bem novamente, por mais que doa; e, especialmente, olhe para a honra do Evangelho e veja que eles se erguem por tais confissões livres e profundas, e tais significações de arrependimento verdadeiro, que farão alguma reparação à igreja e à sua profissão divina pelo ferimento de desonra que trouxeram com seu pecado. Muita habilidade é necessária para haver tal restauração da alma.

• Outra parte do trabalho episcopal é o auxílio àqueles que estão sob alguma grande tentação. Muito de nosso auxílio é necessário para pessoas em casos como estes; portanto, todo pastor deve ser um homem com muita compreensão sobre os ardis do tentador. Devemos saber sobre a variedade das tentações e sobre todas as artimanhas dos instrumentos de Satã que se colocam à espera para enganar, bem como os métodos e truques dele. Alguns dentre os nossos são tentados ao erro e à heresia, especialmente os mais jovens, que são mais incautos e arrogantes; e também aqueles que mais conversam e se familiarizam com sedutores. Jovens cristãos inquietos são comumente os que têm mais interesse em sua estima e maiores oportunidades para que a con-

versa familiar os atraia para outros caminhos. E como são jovens, os enganadores não querem ver as faíscas do zelo, para poderem agitá-los. Um zelo pelo erro e opiniões próprias são naturais e facilmente criadas e mantidas; mas o zelo espiritual por Deus sofre do oposto. Quanta prudência e indústria divina são necessárias para que o pastor preserve seu rebanho de ser maculado com heresias, e impedir que caiam em conceitos e práticas nocivas; e especialmente para mantê-los unidos e em concordância, e impedir a aparição ou aumento de divisões. Se não houver uma conjunção notável desses feitos, e uma melhora hábil das partes e dos interesses, isso dificilmente será feito; especialmente nos nossos tempos atuais, em que os sinais estão na cabeça e as doenças são epidêmicas. Se não mantivermos o crédito público de nosso ministério, e a isso seguirmos com vidas exemplares e inculpáveis, e nos encontrarmos com os sedutores e os humilharmos; se não formos capazes de manifestar sua loucura e não seguirmos de perto nossos povos vacilantes antes que caiam, quão rapidamente podemos dar ao inimigo a grande vantagem e deixar que ocorra uma inundação de pecado e calamidade que não serão facilmente corrigidos. Outros ainda se encontram sob a tentação das coisas mundanas; e outros sob a gula ou a bebida; e ainda outros sob a imundície; alguns para um pecado e alguns para outro. Um pastor fiel deve, então, ficar de olho em todos e se empenhar em conhecer todos os seus costumes naturais, e também suas ocasiões e questões com o mundo, e a companhia com a qual vivem e conversam, para poder saber onde suas tentações estão; então rápida, prudente e diligentemente os ajudar.

• Outra parte de nosso trabalho é trazer conforto ao desolado e dar paz às almas das pessoas, em chão firme e seguro. Para esse fim, a qualidade dos reclamantes e o curso de suas vidas devem ser conhecidos, pois todas as pessoas têm as consolações certas para suas reclamações específicas. Mas disso já falei em outro lugar, e há também muito dito sobre isso, especialmente pelo senhor Bolton e suas "instruções para o conforto apropriado". Portanto, não direi mais.

• O resto do trabalho episcopal é sobre aqueles que são fortes, pois esses também têm necessidade de auxílio, em parte para prevenir suas tentações, seus declínios e para preservar a graça que têm; em parte para ajudá-los a ter mais progresso e melhora; e também em parte para direcioná-los a aumentar suas forças no serviço a Cristo e no auxílio de seus irmãos. É preciso também os encorajar, especialmente os mais velhos, os tentados e os aflitos, a se esforçarem e a perseverarem para ganhar sua coroa. Esses são os objetos do trabalho episcopal e, nesse sentido, devemos nos ater a todo o rebanho.

4. Tendo terminado de falar do trabalho no que diz respeito aos objetos, falarei agora dos atos em si. Todavia, serei breve quanto a isso.

a) Uma parte de nosso trabalho, também a mais excelente, pois tende a funcionar com as massas, é a pregação pública da Palavra. É um trabalho que requer grande habilidade e ainda maior zelo e entusiasmo do que qualquer um de nós é capaz de conferir. Não é algo simples se colocar diante da congregação e declamar a mensagem da salvação ou danação do Deus vivo pelo Cristo Redentor. Não é fácil falar de modo simples para que os ignorantes nos possam entender, e tão seriamente

que até os corações mais amortecidos possam sentir nossas palavras, e tão convincentemente que até os sofistas contrários se calem. Sei que anda por aí uma disputa sobre se pregar é um trabalho apropriado para os pastores ou não; mas para mim a decisão não parece muito difícil. Pregar a uma congregação como seu professor ordinário é apropriado para um pastor em seu cargo. E pregar para o mundo incrédulo, para os judeus, os maometanos ou os pagãos, como alguém que se entregou a esse tipo de trabalho, que se dedicou especialmente a esse trabalho, isso também é apropriado para um pastor em seu cargo. Mas pregar para uma igreja e ocasionalmente aos infiéis, como um ato de caridade, extraordinariamente, ou sob chamado especial para tal ato, isso é comum a todos. O governador de uma igreja, quando não pode pregar pessoalmente, pode, em caso de necessidade, apontar um homem privado "*pro tempore*"[35] para fazer isso, contanto que este seja hábil, como o senhor Thorndike demonstrou. Mas homem privado algum pode intrometer-se sem o consentimento daquele que por seu cargo é o guia e pastor da igreja. E o mestre de uma família pode pregar aos seus, assim como um professor a seus alunos, e qualquer homem para aqueles que tem como cargo ensinar, de modo que não excedam suas próprias habilidades e o façam em subordinação aos ensinamentos da igreja, não em oposição ou divisão. Um homem que não tem da igreja seu ofício pode fazer atos ocasionais desse trabalho, seja para seus próprios fins, ou em nome de sua família ou seus amigos; mas ele não pode dedicar-se a isso ou fazer deste o seu ofício, nem viver disso, se não for ele um aprendiz e se não for livre. Pois, mesmo que um homem em cada 10 mil possa fazê-lo por conta própria, assim como aqueles que serviram como aprendizes, ainda não se presume que estes o façam ordinariamente, e, por via

[35] *Pro tempore* ("por um tempo", em latim) é uma expressão de origem latina que se pode traduzir por "temporariamente" ou "por enquanto". É utilizada na linguagem comum para indicar uma situação transitória.

de regra, não se deve curvar diante de raridades e excepcionalidades, já que não são confiáveis; pois aquilo que é extraordinário e raro em tais casos é visto por lei como "*non ens*".[36] Mas o melhor modo de se silenciar tais mestres usurpadores é que aqueles a quem eles ensinam o façam diligentemente, de modo que os outros não tenham que se envolver; e fazê-lo judiciosa e claramente, para que uma diferença visível seja marcada entre eles e os usurpadores, e que os trabalhos de outros homens sejam humilhados por causa dos deles; e também pela adição de vidas divinas e diligência incansável às suas altas habilidades, para que mantenham a reputação de seu encargo sagrado, que nem os sedutores nem aqueles que eles tentam possam macular ou negligenciar.

b) Outra parte de nosso trabalho pastoral é a administração dos mistérios sagrados, os selos da aliança com Deus, o batismo e a Ceia do Senhor. Isso também é tomado por usurpadores privados; mas não ficarei aqui a discutir o que eles tomam. Grande parte da culpa nesse aspecto cai sobre nós mesmos, que alguns de nós sejam tão descuidados na maneira e que tantos outros fazem isso com completa negligência; e ainda outros se preocupam tanto com as circunstâncias e fazem disso uma questão tão disputada, mesmo naquele momento em que a união e a comunhão são declaradas.

c) Ainda outra parte de nosso trabalho é o de guiar nosso povo e ser porta-voz de suas orações em público na igreja, e também de suas adorações públicas a Deus; e assim os abençoar em nome do Senhor. Essa parte sacerdotal do trabalho não é a menos importante dele, nem deve ser deixada de lado como tantos de nós fazemos. Era esperado de muitas igrejas até tempos recentes que grande parte da missa consistisse de adoração pública e atos eucarísticos da santa comunhão; e o domingo era um dia de

[36] "Não entidade", designativo de uma coisa que não tem existência.

graças, de hinos e do júbilo dos fiéis, em comemoração especial do trabalho da redenção e a feliz condição da igreja do Evangelho. Tenho as mesmas apreensões quanto à necessidade de se pregar que outros têm; mas acredito que a adoração solene de Deus deveria ter mais espaço no domingo do que atualmente tem. E, acredito também, aqueles que estão de acordo com a magnificação do privilégio de pregar e defendem uma vida de amor e felicidade divina devem concordar comigo, e seu louvor deve ser evangélico assim como sua doutrina diz ser.

d) Outra parte do trabalho episcopal é o de se ter cuidado e supervisão especiais quanto a cada membro do rebanho. As partes disso são as que seguem:

- Devemos nos ocupar na familiarização com o estado de todos os nossos tão completamente quanto pudermos; conhecermos tanto as pessoas quanto aquilo do que falam e ao qual se empenham, de modo que saibamos quais pecados mais os podem tentar e quais deveres negligenciam por meio ou modo, e quais tentações mais lhes ocorrem. Afinal, se não soubermos do temperamento ou das doenças, nada seremos mais do que médicos falhos;

- Devemos usar todos os meios possíveis para instruir os ignorantes nas questões de suas salvações, através de nossas palavras simples e familiares, através de dar, emprestar ou auxiliar o acesso a livros que sejam adequados a eles, através do aprendizado da catequese e, para aqueles que não podem ler, que ajudem seus vizinhos, e também a estes vizinhos que os ajudem quando tiverem oportunidades;

- Devemos estar prontos para aconselhar aqueles que vêm a nós com casos de consciên-

cia, especialmente o grande caso que os judeus trouxeram diante de Pedro, e o carcereiro diante Paulo e Silas: "O que devemos fazer para sermos salvos?" Um pastor não é apenas uma figura de pregação pública, mas um conselheiro de almas, um advogado para suas propriedades, um médico para seus corpos; de modo que cada homem com dúvidas e limitações deve trazer seu caso buscando resolução. Não que um pastor deva ser perturbado com toda sorte de pequenas questões, as quais os vizinhos são mais aptos a julgar e aconselhar, tal como um advogado ou médico não devem ser tolamente chamados para qualquer pequena questão onde outros podem muito bem oferecer auxílio; mas, quando sua propriedade ou suas vidas estão em perigo, irão a estes; assim, quando suas almas estiverem em perigo, devem ir aos pastores, tal como Nicodemos veio a Cristo, pois era costumeiro para as pessoas irem aos pastores, cujos lábios devem preservar o conhecimento e a quem devem perguntar a lei, pois eles são os mensageiros do Senhor das tropas. As pessoas se desacostumaram com o Episcopado e com a necessidade e dever ali envolvidos; dever esse que é nosso de os familiarizar e pressionar a virem a nós em busca de conselho em tais casos de grande preocupação com a alma. Devemos não somente aceitar esses problemas, mas tomar por nós mesmos o dever de convidá-los a fazer tal confissão. Que abundância de bem nós poderemos fazer se ao menos convencermos nosso povo a fazer tal coisa! E sem dúvida esse tanto poderia ser feito se fizéssemos nossos deveres. Quão poucos tenho ouvido que tenham incentivado seus povos a tal dever como esse! É triste que as almas das pessoas sofram tal dano e perigo pela negligência total de um dever tão importante, e

que os pastores raramente lhes contem sobre isso e os tragam para si; se eles tivessem ciência da necessidade e do peso de tal ato, ouviriam mais frequentes batidas às suas portas, e eles abririam suas vidas mais a vocês, fazendo tristes reclamações e pedindo seus conselhos. Imploro-lhes que os encorajem a fazer isso mais vezes no futuro e a se portarem mais cuidadosamente quando vierem em busca de seu auxílio. Para isso, é necessário que nos acostumemos com os casos práticos e especialmente que nos acostumemos com a natureza da graça verdadeira, e sejamos capazes de ajudá-los a superar seus problemas e resolver as questões principais no que concerne às suas vidas e mortes eternas. Um único conselho prudente e experiente dado por um pastor a uma pessoa em necessidade faz o bem que vários sermões não teriam como fazer;

• Devemos também dar atenção especial às famílias, para serem bem ordenadas, e que os deveres de cada relação sejam realizados. A vida da religião, e do bem-estar, da glória da igreja e do estado, dependem muito da família — seu governo e seus deveres. Se negligenciarmos isso, desfazemos tudo que foi construído. Quão pouco seríamos capazes de fazer pelo salvamento da congregação, se todo o trabalho caísse sobre nossos ombros e apenas nós, e os mestres das famílias se deixassem falhar nesse dever necessário de sua parte, no qual é sua obrigação nos ajudar! Se a igreja der início a qualquer bem no coração de uma família, então, se essa família fosse descuidada, mundana e não orasse, certamente desfaria esse bem, ou ao menos o impediria de agir propriamente. Por outro lado, se o líder da família fizer sua parte e continuar o trabalho de onde o pastor o deixou, ajudando; que abundância de

bem seria feito! Imploro, portanto, que façam tudo que puderem para promover tal coisa, se de alguma maneira desejarem a verdadeira reformulação de bem-estar de suas paróquias! Para esse fim, as seguintes coisas devem ser feitas:

➢ Obtenha informações certas sobre a organização de cada família e como Deus é louvado nelas, para poder saber como proceder cuidadosamente pelo bem deles.

➢ Vá em ocasião para o meio deles, quando estiverem em maior lazer, e pergunte ao líder da família se ele ora com eles, lê as Escrituras ou o que faz. E trabalhe em convencer aqueles que negam seus pecados. E, se tiver a oportunidade, ore com eles antes de partir e lhes dê exemplo do que devem fazer, e como, e obtenha deles a promessa de que estarão mais atentos a isso no futuro.

➢ Se encontrar alguém incapaz de orar em expressões toleráveis, seja por ignorância ou mal uso, convença-o a estudar suas próprias vontades e faça com que seu coração se encha destas, para que ele se encaminhe até seus vizinhos que oram e com eles aprenda, e, no meio tempo, seja convencido a orar em vez de não fazê-lo. Diga-lhe que foi seu pecado e sua vergonha que tenha vivido tão negligentemente, de modo que agora está desconexo de suas próprias necessidades e não sabe como falar com Deus em oração, quando até mesmo os pedintes podem achar as palavras necessárias para pedir suas esmolas, portanto, diga-lhes que essa forma é apenas uma necessidade, uma muleta para o aleijado; e que devem determinar-se a fazer melhor, a aprender assim que puderem, que

a oração deve vir do fundo do coração e variar de acordo com nossas necessidades e observações. É necessário que essas pessoas criadas em ambientes nos quais a oração não foi usada comecem primeiro com uma única forma, pois, do contrário, não poderão fazer coisa alguma e, ao sentir sua inabilidade, negligenciarão todos os seus deveres, mesmo que queiram fazê-los. Pois muitas pessoas podem murmurar esses pedidos honestos em segredo, mas não conseguem fazer sentido frente a outros. E eu não serei daqueles que prefere que o dever seja ignorado, ou profanado e desdenhado, em vez de encorajar que usem somente uma forma, seja recitada de memória ou lida.

➢ Certifique-se de que haja algum livro da fé (além da Bíblia) em cada família; se não houver, convença-os a comprar alguns de preço barato e bom uso, tal como "O novo nascimento", do senhor Whately, ou as ponderações de John Dod sobre os Mandamentos, ou alguns sermões menores. Se eles não puderem comprá-los, dê-lhes alguns se puder, ou faça com que outro cavalheiro ou pessoa rica disposta a fazer alguma caridade o faça; e lhes encoraje a ler toda a noite quando estiverem em lazer, especialmente no Dia do Senhor.

➢ Por todos os meios possíveis, encoraje-os para que as crianças aprendam a ler.

➢ Explique como devem passar o Dia do Senhor, o domingo; como se desfazerem das questões mundanas de modo a prevenir que fiquem sobrecarregados ou distraídos, e, quando estiverem na missa, sobre como devem passar seu tempo em família. A vida da religião se baseia muito nisso, pois gente pobre não

tem muito tempo livre, portanto, se perderem isso, perdem tudo, permanecendo brutos e ignorantes. Especialmente, convença-os a fazer estas duas coisas: se não conseguirem repetir o sermão, ou passar seu tempo de maneira apropriada em casa, devem levar suas famílias consigo até algum vizinho que saiba como melhor passar seu tempo devoto, para que, ao se unirem, tenham maior ajuda; e que o líder da família, na noite de cada domingo, faça sua família repetir o Catecismo e dizer o que aprenderam em público naquele dia.

➢ Se houver na família alguém que seja indisciplinado, dê ao líder um encargo especial quanto a este e deixe claro que é um pecado conspirar e tolerar tais indivíduos. Não negligencie, portanto, essa parte essencial de seu trabalho. Faça com que os líderes das famílias completem suas obrigações, e isso lhe salvará muito trabalho com os outros e aumentará o sucesso de seus próprios trabalhos. Se um capitão conseguir fazer com que seus tenentes e outros oficiais inferiores façam seus deveres, ele poderá liderar seus soldados com menos trabalho do que se o fizesse todo sozinho. Não se verá uma reformulação geral até que se procure a reformulação da família. Alguma pequena religião obscura pode, mas, enquanto esta foca em pessoas individuais, e não é promovida pelas sociedades, ela não prospera e não carrega muitas promessas de melhora futura.

e) A quinta parte de nossa supervisão privada consiste em nos opormos vigilantemente aos sedutores e buscarmos prevenir a infecção de nosso rebanho, e rapidamente reclamar àqueles que começam a buscar ensinadores estranhos, colocando-nos em caminhos escusos. Quando

ouvimos falar de alguém que esteja sob a influência de tal tentação, ou que já está sendo enganado por tal, devemos livrá-los o mais rápido possível e com toda nossa habilidade e diligência. O modo de se fazer isso eu demonstrarei nas direções no final.

f) Nossa supervisão também traz o dever de encorajar aqueles que são cristãos humildes, obedientes e corretos, e que se dão proveito por nossos ensinamentos e são uma honra para sua profissão. Devemos, diante de todo o rebanho, deixar claras as diferenças entre eles e o resto por meio de nossos elogios, familiaridade especial e também os testemunhos de nossa aprovação, e nos regozijarmos sobre isso; tanto para que os encorajemos, tanto para que os outros se sintam impelidos a imitá-los. As graças de Deus são amáveis e honrosas em todos, mesmo nos mais pobres do rebanho e até mesmo nos pastores; e seus menores graus devem ser estimados e encorajados, mas os maiores devem ser mais abertamente honrados e oferecidos para imitação. Aqueles que tenham vilificado os mais graciosos, ou falhado para com eles por serem pregadores leigos, enquanto clamavam para si mesmos a honra do clero, mesmo que tenham pouca ou nenhuma dessa graça, por terem se mostrados tão orgulhosos e carnais que se rebaixaram à autoexaltação, trazendo desonra a seu próprio cargo: pois, se não há honra na santidade real de um cristão, o que se dirá da santidade relativa do pastor? E aquele que vilifica a pessoa não pode pedir que se honre um manto e um título vazio, nem que seu povo lhe dê a honra de um pastor, se ele não lhes dará o amor e a honra merecida pelos cristãos e pelos membros de Cristo. Tal como o orador disse a Domitius: "*Cur ego te habeam ut principem, cum tu me non habeas ut senatorem*".[37] Era um ato pouco cristão, portanto, aquele que nossos falecidos prelados e seus agentes tomaram, quando difamaram aque-

[37] "Por que eu deveria tê-lo como líder se você não me tem como senador?" (Domitius, apud Hieron, *Esto subi. dist*. 95).

les que eram mais santos, aqueles que deviam ter mais encorajado e em quem deveriam ter tido maior felicidade; e os fizeram alvo não somente do desprezo comum, mas também objetos de sua raiva perseguidora, como se tivessem dado seu rebanho ao açougueiro e os criticado por sofrerem conforme amadureciam. Essa vilificação e perseguição dos mais diligentes dentre o rebanho não era um ato digno de pastores, nem um modo de se conseguir estima. Como Jerônimo disse: "*Quid autem de episcopis, qui verberibus timeri volunt, canones dicant, bene fraternitas vestra novit. Pastores etenim facti sumus, non percussores. Et egregius praedicator dixit: Argue, obsecra, increpa cum omni patientia, et doctrina.*[38] *Nova vero, atque inaudita est praedicatio, quae verberibus exigit fidem*".[39] Poderia muito bem ter dito *"quae verberibus castigat pietatem*".[40]

g) Também cabe ao nosso cargo de supervisão o importante dever de visitar os doentes e ajudá-los a se prepararem para uma vida produtiva, ou uma morte feliz. Por mais que esse seja o trabalho de toda a nossa vida, e também da deles, ainda assim requer um cuidado extraordinário, tanto deles quanto de nós mesmos. Quando a hora se aproxima, e devem se reconciliar com Deus agora ou não o farão nunca, como se preocupam em se redimir por suas horas e em tomar para si a vida eterna! E, quando vemos que se trata de uma questão de alguns dias, ou até mesmo horas, e que devemos falar com eles pelo bem de suas almas, que homem ímpio não estaria com eles, prezando por sua salvação naquele tão curto tempo?

[38] Jerônimo, *III Tim.* IV, 2.

[39] "Mas o que os cônegos dizem sobre os bispos que desejam ser temidos com listras, sua Fraternidade sabe bem. Tornamo-nos pastores, não bandidos. E o excelente pregador disse: 'Repreende, suplica, repreende com toda paciência e ensino' (3Tm 4.2). Uma pregação nova e inédita, que exige fé com chicotadas." (*Regist. lib. III, ep.* 53. Vita S. Gregorii Magni LIBER TERTIUS. Quo exponitur, quemadmodum sancti Gregorii vita doctrinae responderit 10).

[40] "Que castiga a piedade com chicotadas".

Por acaso não seremos trazidos à compaixão ao vermos um homem definhando diante de nós, e pensarmos que, em alguns dias, essa alma estará no Céu ou no Inferno? Certamente isso testará a fé e a seriedade dos pastores e de outros, estando próximos a um homem que faleceu! Eles terão muitas oportunidades de discernir se estarão em tristeza, quando se depararem com a vida por vir! Tão grande é a mudança causada pela morte, que ver um homem próximo a ela deveria despertar em nós grande sensibilidade, provocar-nos a mais profunda compaixão e nos levar ao cargo de anjos inferiores pela alma antes que esta parta da carne, para transmitir sua glória preparada quando esta for removida do pecado e da miséria. Quando um homem está no fim de sua jornada, e o próximo passo irá colocá-lo no Céu ou no Inferno, esta é a hora em que devemos ajudá-lo, enquanto ainda há esperança. Como São Bernardo disse, a morte dos bons é "*bona propter requiem, melhor propter novitatem, optima propter securitatem: sed mors peccatorum est mala in mundi amissione, pejo in carnis separatione, péssima in vermis ignisque duplici contritione*".[41] Se eles pudessem ter esperança de que seria este seu "*ultima linea rerum*",[42] e que não terão mais o que sofrer quando aquele dia lúgubre tiver passado, eles teriam abatimentos de seu terror e morreriam como brutos, que não temem a tristeza após a morte. Mas esse não é o caso; muito pelo contrário, a morte em si é apenas a menor parte daquilo com que precisam se preocupar: "*Sed moriendo quo ire cogantur, ut August*".[43] Não é a "*prima mors quæ animam pellit violenter a corpore*",[44] que é a mais

[41] "Bom para o descanso, melhor para a novidade, melhor para a segurança; mas a morte dos pecadores é o mal na perda do mundo, o mal na separação da carne, o pior nos vermes e o fogo na dupla destruição". (Bernardus Claraevallensis. Epistolae - *epistola cv. Ad romanum romanae curiae subdiaconum*. Vitae religiosae propositum urget, mortis memoriam inculcans).

[42] "A última linha das coisas".

[43] "Mas morrendo eles são forçados a ir, como Augusto!"

[44] "A primeira morte que atinge a alma violentamente do corpo".

terrível, "*sed secunda quæ animam nolentem tenente in corpore, inquit, Idem*".[45]

E, como a presente oportunidade nos leva a tomar essa oportunidade para o bem deles, devemos tomar vantagem dessa doença e da previdência que a morte traz. Poucos dos corações mais duros que nos desdenhavam antes vão deixar de nos ouvir na hora da morte. É nessa hora que vão deixar passar sua fúria e ficarão dóceis como ovelhas, mesmo que antes fossem como vespas ou loucos; pode-se falar com eles, quando antes não se podia. Normalmente, não é possível se encontrar uma em cada dez pessoas na paróquia que seja um desses homens miseráveis, teimosos e mesquinhos, mas, na hora da morte, eles são humildes, confessam seus erros e parecem penitentes; prometem, se sobreviverem, que não o farão mais. Se as meditações sobre a morte têm tanto efeito em tempos saudáveis, o que são, disse Agostinho "*quase Clavis carnis omnes motus superbiæ ligno crucis affigens*",[46] muito mais quando ela aparece, como se diz, na janela e encara os homens no rosto. Cipriano disse aos homens em boa saúde "Q*ui se quotidie recordatur moriturum esse, contemnit præsentia, et ad futura festinat*":[47] muito mais do que "*qui sentit se statim moriturum. Nil ita revocat a peccato*",[48] disse Agostinho "*quam frequens mortis meditatio*".[49] Quão resolutamente os piores declamam contra seus pecados, prometem a reforma e declaram seus erros e a vaidade deste mundo, quando veem que a morte se aproxima e que se devem fazer bons sem demora! Talvez você diga disso que essas mudanças são forçadas, não são cordiais, e que,

[45] "Mas o segundo, que mantém a alma no corpo contra sua vontade, diz: 'O mesmo'."

[46] "Que é a chave da carne, pregando todos os movimentos de suas costas na madeira da cruz" (Agostinho, Sobre a doutrina cristã 1.2).

[47] "Aquele que diariamente se lembra que iria morrer despreza o presente e se apressa para o futuro".

[48] "Ele sente que vai morrer imediatamente. Nada nos chama de volta do pecado".

[49] "Quão frequente é a meditação da morte".

portanto, não temos grandes esperanças de salvá-los de verdade. Confesso que não é incomum que o medo nos leve a propósitos pouco bons, mas não é tão comum que sejamos levados à conversão resoluta. E, como Agostinho disse, "*non potest male mori, qui bene vixerit; et vix bene moritur, qui male vixit*".[50] Porém "*vix*"[51] e "*nunquam*"[52] não são uma única coisa; devem fazer a eles e a nós mesmos mais diligentes em tempos de saúde, pois é "*vix*": mas também devemos nos agitar ao fim, em nossos últimos momentos, pois não é "*nunquam*".

E não será muito útil para nós lermos palestras sobre nossa própria mortalidade; é melhor irmos à casa onde ocorre o luto do que à casa onde ocorre o banquete, pois tende a fazer o coração melhor, quando nos lembramos do fim de tudo aquilo que vive, e o que o mundo fará por aqueles que vendem sua própria salvação para viver nele. Quando virmos que este será nosso próprio caso, e que não há escapatória, "*Scilicet omne sacrum mors importuna prophanat. Omnibus obscuras inicit ilia manus*",[53] isso fará com que falemos a nós mesmos na linguagem de Bernardo: "*Quare, O miser, non omni hora ad mortem te disponis? Cogita te jam mortuum, quem scis necessitate moriturum: distingue qualiter oculi vertentur in capite, venæ rumpentur in corpore, et cor scindetur dolore*".[54] Quando virmos, como ele disse, que a morte não poupa ninguém, "*inopiæ non miseretur, non reveretur divitias; non sapientiæ, non moribus, non aetati deni-*

[50] "Quem viveu bem não pode morrer doente; e mal morre bem quem viveu doente". A citação feita por Baxter de Agostinho (*De doctrina Christiana* 4.3) mescla uma parte apócrifa também presente em Clitcthove, *De doctrina moriendi*.

[51] "Por muito pouco".

[52] "Nunca".

[53] Citação de Ovídio, *sine titulo in libro iii*. Ou seja, "toda vez que uma morte sagrada profana, ela deixa cair todas as suas mãos escuras".

[54] Sermões de Bernardo. Em português: "Por que, ó homem miserável, você não se prepara para a morte a cada hora? Pense em você já morto, a quem você conhece pela necessidade de morrer".

que parcit; nisi quod senibus mors est in januis, juvenisbus vero in insidiis";[55] isso nos inclinará a considerar melhor o uso da fé e da divindade; que a questão não é evitar a morte, mas evitar o Inferno: não que não iremos morrer tão certamente quanto outros, mas que morreremos melhor e certamente seremos mais felizes após a morte.

Porque não pretendo que este seja um diretório para todo o trabalho episcopal, não ficarei aqui lhes contando sobre o que em particular deve ser feito pelos homens nesta extremidade; apenas escolham destas três ou quatro coisas para lembrar, e deixo o resto passar.

- Não espere até que a força e a compreensão se tenham esvaído, e o tempo seja tão curto que mal saiba o que fazer. Vá até eles assim que souber que estão doentes, quer peçam sua presença ou não.

- Quando falta tão pouco tempo que não há oportunidade de se encorajar uma mudança real e distinta, como se é de costume com os outros, nem de lhes conferir verdades e trabalhar por elas aos poucos, devemos então trabalhar com certeza pelas coisas mais essenciais e focar nestas verdades que farão o trabalho em si; mostrar-lhes a certeza e a glória da vida por vir e o caminho pelo qual nos foi dada, e o grande pecado e a insensatez de a terem ignorado em tempos sadios; mas também que ainda há a possibilidade de se obter tudo isso, se aceitarem ao Senhor Jesus, com felicidade, como o caminho, abominando seu mal anterior e resignando-se honestamente a Ele para

[55] "Não tem pena da escassez, não respeita as riquezas; ele não poupa sabedoria, nem moral, nem idade; exceto que, para os velhos, há morte nas portas; mas, para os jovens, em emboscadas". Bernardus Claraeuallensis, *Sermo de conuersione ad clericos* 16 (SBO 4, J. Leclercq, C.H. Talbot, H.M. Rochais eds., p.90, ll.5-9)

que sejam justificados, julgados e salvos. Três coisas devem ser insistidas: o fim, que é a certeza e a grandiosidade dos santos na presença de Deus, para que seus corações se afirmem nisso; a suficiência e necessidade da redenção por Jesus Cristo, assim como a completude do Espírito, da qual partilhamos e que é o caminho principal para o fim, e um fim mais próximo ainda; a necessidade e natureza da fé, da redenção e das resoluções de nova obediência pelas quais haverá oportunidade. Esse é o modo subserviente, as coisas que, por nossa parte, devem ser realizadas.

• Trabalhe por convicção e intenção de engajá-los na promessa solene de Cristo, e à nova obediência conforme a oportunidade, especialmente se vir qualquer possibilidade de sua recuperação.

• Se eles se recuperarem, faça com que cumpram suas promessas. Vá até suas casas intencionalmente e os leve à performance, e quando faltarem com o que disseram, vá até eles e os lembre do que disseram. E porque lhes é algo bom (e tem sido um modo de se converter várias almas), é muito necessário que você vá até aqueles cujas doenças não são mortais tanto quanto para aqueles cujas doenças são; assim teremos a vantagem em levá-los à redenção e fazê-los se empenhar na novidade da vida, para que depois possam apelar para tal contra seus pecados. Como é dito por Enea Silvio[56], o bispo de Colen respondeu ao Imperador Sigismundo, quando este lhe perguntou qual era a maneira de ser salvo, que "ele deveria ser aquilo que era

[56] O Papa Pio II (N.T.).

prometido ser quando tivera uma pedra no rim ou gota pela última vez."

h) O dever de supervisão também consiste em dar conforto às consciências daqueles que estão perturbados e acalmar nosso povo em uma paz duradoura. Mas disso já falei antes, e muitos outros falaram muito mais sobre.

i) Ainda outra parte dessa supervisão é a de reprovar e admoestar aqueles que vivem de maneira ofensiva ou impenitente, e receber a informação daqueles que os admoestaram em vão de maneira privada. Antes de trazermos tais questões diante da congregação, ou a uma igreja representativa, normalmente cabe ao pastor que tente por conta própria o que puder para fazer com que o pecador se curve à redenção, especialmente se seu pecado não for um crime público. Uma grande quantia de habilidade é necessária aqui e deve ser feita a diferença entre os vários tipos de ofensores; mas, com a maior parte, será necessário começar com a maior franqueza e poder, de modo a abalar seus corações incautos e lhes fazer ver as consequências de se divertirem com o pecado; informar-lhes do mal por trás disso e sobre seus tristes efeitos, e da rudeza, irracionalidade, improficuidade e outros agravantes causados; e do que fazem contra Deus e contra si mesmos. Para essa questão, as seguintes direções devem ser aplicadas.

j) A próxima parte de nossa supervisão consiste no uso da disciplina da igreja; e isso após as aprovações positivas anteriormente mencionadas:

- Em mais reprovações públicas;
- Em persuadir a pessoa a realizar expressões de arrependimento;
- Orando por elas;

- Restaurando os penitentes;
- Evitando e excluindo os impenitentes;

➢ E, para a reprovação, as seguintes coisas devem ser observadas: que as acusações de pessoa alguma, nem mesmo dos melhores na igreja, devem ser aceitas sem provas, nem consideradas imprudentemente, nem um pastor deve considerar o caso feito antes que tenha provas suficientes sobre este. É melhor que os perversos permaneçam impunes ou sem censura quando nos faltam provas o suficiente, do que censurar um inocente injustamente, algo que pode facilmente ocorrer se formos audaciosos nas coisas que assumimos, e então traremos aos pastores escândalos de tomar partido e fazer decisões injustas, o que fará das reprovações desprezíveis.

➢ Deve, então, haver um reunião menos pública de pessoas escolhidas (como oficiais e alguns como delegados da igreja em nome do acusado) para que ouçam a todos estes tipos de casos antes que seja feita questão pública: uma vez por mês, em local escolhido anteriormente, eles se reunirão para debater quais casos serão apresentados contra membros da igreja, para poderem considerar quais são justos, e então possam lidar com o ofensor; se a culpa for menos pública e menos hedionda, de modo que uma realização pública de arrependimento seja suficiente, então, se o culpado assentir com isso, já bastará.

➢ Mas, se esse não for o caso e o culpado permanecer impenitente, deverá ser reprovado diante de todos, então novamente convidado ao arrependimento. Esse dever não

é o mais simples, pois nossos irmãos têm tão pouca ciência de sua prática. Não somente é o comando de Cristo que "*se não as escutar, dize-o à igreja*" (Mt 18.19), mas também é o de Paulo que "*repreende-os na presença de todos*" (1Tm 5.20); e a igreja tal praticou até que o altruísmo e a formalidade lhes tornaram desleixados nestes e em outros deveres como um todo; e os reformadores apoiaram isso tanto quanto os outros; e nós somos tomados por votos, pactos, orações e outros meios de executá-lo,: dos quais, mais quanto à aplicação, Agostinho disse: "*Quæ peccantur coram omnibus, coram omnibus corripienda sunt, ut omnes timeant: Qui secreto peccant in te, secreto corripe; nam si solus nosti, et eum vis coram aliis argueire, non es corrector sed proditor*".[57] Gregório Magno, em Registro, disse: "*Manifesta peccata non sunt oculta correctione purganda: sed palam sunt arguenti qui palam nocente; ut dum aperta objurgatione sanantur, hi qui eos imitando delinquerant, corrigantur. Dum enim unus corripitur, plurimi emendantur, et melius est ut pro multorum salute unus condemnetur, quam ut per unius licentiam multi periclitentur.*"[58] Isidoro[59] disse: "*Qui admonitus secrete de peccato, corrigi negligit, publice arguendus est, ut vulnus, quod*

[57] "As coisas que são pecadas antes de todos devem ser repreendidas antes de todos, para que todos temam. Pois, se você sozinho o conhece e deseja reprová-lo perante os outros, você não é um reformador, mas um traidor" (Agostinho, *De verbis Domini*).

[58] "Os pecados declarados não devem ser purificados com uma correção oculta, mas eles estão abertamente repreendendo aqueles que são abertamente culpados; que, enquanto são curados pela reprovação aberta, aqueles que os ofenderam por imitá-los podem ser corrigidos. Enquanto um é reprovado, muitos são corrigidos, e é melhor que um seja condenado pela segurança de muitos do que muitos corram risco pela licença de um" (Pseudo-Gregorius, Epistola ad Felicem Messanensem episcopum [PL *77*, col.1327ª]).

[59] Isidoro de Sevilha (N.R.).

occulte sanari nescit, manifeste debeat emendari".[60] Se alguém disser que somos, então, culpados de publicar seus crimes, eu lhes respondo, nas palavras de Bernardo em seus sermões sobre o Cântico dos Cânticos: "*Cum carpuntur vitiæ, et inde scandalum oritur, ipse sibi scandali causa est, qui fecit quod argui debet; non ille qui arguit. Non ergo timeas contra charitatem esse, si unius scandalum multorum recompensaveris pace. Melius est enim ut pereat unus quam unitas*".[61] Não há qualquer dúvida, se esse é nosso dever, ou se somos infiéis ao fazê-lo. Duvido que muitos dos que omitem a pregação ou a oração metade tanto quanto omitem isso tenham parado para pensar sobre o que fazemos ao negligenciar esse dever intencionalmente, tal como no resto da disciplina que seguimos. Pensamos tão pouco sobre como trouxemos a culpa de se jurar em vão, e da embriaguez, e da fornicação, e outros crimes, sobre nossas próprias cabeças, ao usar os meios de Deus de os curar. Como Gregório Magno disse em *Registro:* "*Qui. Non corrigit resecanda, committit: et facientis culpam habet, qui quod potest corrigere, negligit emendare*";[62] e disse o comediógrafo Plauto: "*Si quid me scis fecisse inscite aut improbe, si id non accusas, tuipse objurgandus es*".[63]

[60] "Aquele que, sendo advertido secretamente do pecado, negligencia ser corrigido" (Isidorus, Sententiae, 3, XLV.12).

[61] "Quando os vícios são pilhados e daí surge o escândalo, é a causa do próprio escândalo que fez o que deveria ser discutido; não aquele que argumenta. Portanto, não tema ser contrário à caridade, se você retribuiu o tropeço de um homem pela paz. Pois é melhor morrer do que uma unidade" (Bernardus, *super Cantica sermone* CII).

[62] "Quem. Corrige, incapacita, compromete e quem tem a culpa de fazer o que pode corrigir negligencia em fazer as pazes" (Gregorius Magnus, *Registrum epistulorum* 9.197 [CCSL 140A, D. Norberg ed., p.754, l.52]).

[63] "Se você sabe que eu fiz algo por ignorância ou desonestidade, se você não me acusar, você será o culpado" (Plauto, Trinummus 94-95).

Se alguém disser que há pouca probabilidade de a repreensão pública e pessoal lhes fazer bem, pois ficarão apenas furiosos pela humilhação, eu respondo:

✤ *Fílon, um judeu, poderia dizer (De sacrificiis Abelis et Caini): "Devemos nos empenhar, tanto quanto pudermos, em salvar do pecado aqueles que irão certamente perecer; imitemos bons médicos, que, quando não podem salvar um homem doente, ainda assim tentam de toda maneira o curar, para que não pareçam querer sucesso através de sua negligência.*

✤ *Respondo ainda que pouco convém à tola criatura acusar os ritos de Deus de serem inúteis, ou de exprobar Seu serviço em vez de fazê-lo, e se colocar contra seu criador. Deus pode fazer uso de Seus próprios ritos, ou jamais os teria apontado.*

✤ *A utilidade dessa disciplina é aparente na humilhação do pecado e também do pecador, e na manifestação da divindade de Cristo e sua doutrina, e da igreja diante do mundo.*

✤ *O que vocês fariam com tais pecadores? Dar-lhes-iam por perdidos? Pois, então, são cruéis! Usariam outros modos? Ora, pois se presume aqui que todos os outros tenham sido usados, e sem sucesso, pois esse é o último recurso.*

✤ *A Igreja de Cristo encontrou razão o bastante para usar esse recurso, mesmo em tempos de perseguição, quando nossa razão carnal diria que eles deveriam abandoná-lo por medo de afastar a todos os convertidos.*

✤ *A utilidade principal dessa disciplina não é para o ofensor, mas, sim, para a igreja: isso tem grande sucesso em impedir que outros cometam crimes similares e, portanto, mantém as congregações puras, assim como seu louvor. Sêneca dissera: "Vitia transmittit ad posteros, qui præsentibus culpis*

ignoscit".[64] *E, em outro momento: "Bonis nocet, qui malis parcit".*[65] *Se vocês disserem que isso irá apenas os marcar como hipócritas, e não os converterá, eu digo: preservará a outros. E quem sabe como Deus abençoa seus ritos, mesmo a eles? O constrangimento do pecado é um benefício que não deve ser desprezado. "Audebo peccanti mala sua ostendere: vitia ejus si non excidero, inhibebo. Non desinente; sed intermitente: fortasse autem desinente, si intermittendi consuetudinem fecerint",*[66] *disse o moralista. O desprezo que tenho ouvido da parte de muitos contra os pastores escoceses por trazerem seus ofensores ao banco do arrependimento, como se fosse apenas uma mera formalidade e hipocrisia aceitar tal coisa como satisfatória quando o verdadeiro arrependimento está ausente, mostra mais os erros desses acusadores do que o dos escoceses. Pois não há dúvida que é ao arrependimento verdadeiro que eles encorajam os homens, e é este arrependimento que os ofensores professam; e, se são honestos ou não, quem poderá dizer exceto Deus? Não é levianamente que o pecado seja atribuído a tal desgraça, e a igreja, até agora, se absolve disso. Mas falarei disso adiante.*

> Após a realização do dever da reprovação pública, deve ser realizada uma exortação da pessoa para o arrependimento e a profissão disso para a satisfação da igreja. Pois, se a igreja tem como obrigação evitar de entrar em comunhão com pecadores escandalosos e impenitentes, é necessário que haja a prova de seu arrependimento quando tiverem visto prova do pecado; pois não podemos ter certeza de seu arrependimento sem provas. E de que provas a igreja é capaz, senão do arrependi-

[64] "Aquele que é indulgente em apresentar ofensas transmite o pecado para a posteridade".

[65] "Ofende os bons quem os poupa".

[66] "Ousarei mostrar ao pecador as suas maldades; se não o exterminar, restringirei os seus vícios. Isso não acaba; mas cessa; e talvez termine, se eles praticaram de forma intermitente" (Lucius Annaeus Seneca, *Ad Lucilium epistulae morales* 29.8).

mento proferido e da reforma real depois? Ambos devem ser esperados.

A estas, é adequado que também se adicione as orações públicas da igreja, tanto pelos reprovados antes que sejam rejeitados, e pelos rejeitados (ou pelo menos por alguns deles) para poderem se arrepender e serem restaurados. Mas agora estamos falando dos primeiros. Mesmo que não esteja claramente ligada à disciplina, temos conhecimento o bastante da vontade de Deus sobre tais questões. Somos comandados a *orar sempre*; e em *todas as coisas*, e por *todos os homens*, e *em todos os lugares*; e *todas as coisas* é dito que são *santificadas por isso*. Fica claro, portanto, que algo tão importante não deve ser feito sem tal ação! E quem poderia ter qualquer razão justa para se ofender conosco, se orarmos a Deus para mudarem suas escolhas e para serem perdoados os seus pecados? É, na minha opinião, muito louvável que essas igrejas escolham passar os três dias seguintes desejando que a congregação se junte em oração sincera a Deus para abrir os olhos dos pecadores, amolecer seus corações e salvá-los da impenitência e da morte eterna! E, mesmo que não tenhamos uma direção expressa nas Escrituras sobre quanto tempo devemos tentar, por mais que o pecador seja impenitente, antes que seja necessariamente excluído, devemos ainda seguir as orientações gerais, com tal diversidade quanto os casos e a qualidade das pessoas requererem; e isso deve ser deixado sob a discrição da igreja, que saberá dizer quando as pessoas se manifestarem obstinadas em seu pecado; e disso poderá resultar em uma exclusão temporária, a suspensão; mas, antes que ocorra uma exclusão, "*a statu*",[67] é comum que haja três dias de oração e paciência.

E, de fato, não vejo razão para que esse curso de ação não seja mais frequente do que atualmente é; e não

[67] "Por estado", "por condição".

somente sobre aqueles de quem somos encarregados e que consentem à disciplina, mas até mesmo sobre aqueles que negam nossa supervisão pastoral e disciplina, mas ainda assim nos ouvem como os outros. Pois, uma vez que o homem teve a comunhão cristã e a familiaridade conosco, ele também é capaz de ser excluído da comunhão. Os membros de nossas paróquias têm uma comunhão mais cheia e especial, portanto, também são capazes de uma exclusão mais cheia e especial; mas todos aqueles que dentre nós vivem e ouvem têm alguma comunhão. Pois, ao conversar conosco, eles ouvem o mundo, não como ímpios, mas como cristãos e membros da Igreja Universal em que foram batizados; e se juntam a nós em orações públicas e louvores na celebração do Dia do Senhor. Disso, portanto, podem também ser excluídos, ou de parte disso, ao menos moralmente, senão por local. Pois o ensinamento de *evitar, remover-se* e não comer com tais não se restringe aos membros da igreja a ser governada, mas, sim, a todos os cristãos capazes da comunhão.

Quando essas pessoas ímpias estão doentes, temos permissão para diariamente pedir orações da congregação para elas; e se devemos orar por elas contra doença e morte temporal, não vejo por que razão não deveríamos orar muito mais fortemente por elas contra o pecado e a morte eterna. Que não tenhamos seu consentimento, isso não nos deve impedir, pois essa é a sua doença, o próprio veneno e malignidade deles; e não devemos assumir boa vontade de argumentos como: "Não orarei por tal homem contra sua doença, pois ele está doente", ou "se ele não estivesse doente, eu oraria contra sua doença", não mais do que de quem diz: "Se ele não recusasse nossas orações por ser impenitente, eu oraria para ele ser salvo de sua impenitência". Confesso que não tomo como minha responsabilidade o encargo sobre esse tipo de homem, que rejeita qualquer supervisão, quanto tomo sobre aqueles que a aceitam, e é por essa razão que não

chamei a qualquer um para o arrependimento público: pois requer mais tempo para se examinar, ou lidar com a pessoa de maneira privada para que sua impenitência possa ser discernida, do que disponho no momento, devido a um encargo pessoal para com o qual tenho grande dívida, portanto, não posso gastar mais tempo em outras coisas (que são para mim estranhos, ou homens de outra paróquia, ou os desgovernados de nenhuma igreja específica) quanto teria após realizar meus deveres para com meu rebanho. Contudo, mesmo que eu não use a disciplina nesses tipos, nem tenho tal obrigação, alguns são tão notória e abertamente perversos que pretendo lidar com eles assim que possível, tendo já conseguido sucesso com esses tipos anteriormente. Mas especialmente para aqueles que temos como membros da igreja particular da qual somos pastores, não há questão que este é o nosso dever, portanto, a disciplina deve ser exercida como um todo sobre os membros da paróquia.

Confesso que a prudência deve ser exercida em tais questões, para que não causemos mais mal do que bem; mas deve ser uma prudência cristã conforme ordenada por nossos deveres, feita sob medida para esses fins, e não a prudência carnal, que os irritará ou excluirá. Pode ser melhor, para aqueles padres mais jovens, que consultem outros, para que prossigam de modo mais cauteloso nessas questões. E, na realização desse dever, devemos agir com humildade, mesmo quando agirmos de modo mais austero, de modo a parecer que não é feito por qualquer contenda ou disposição imperiosa, nem um ato vingativo por qualquer dano incorrido; mas, sim, um dever necessário que não podemos em boa vontade ignorar, portanto, será necessário nos desprovermos de quaisquer animosidades e mostrarmos às pessoas os comandos de Deus que nos obrigam ao que temos que fazer.

Irmãos e vizinhos, o pecado é um mal tão odioso nos olhos do mais divino Deus, por mais que os pecadores façam pouco caso dele, que Ele providenciou os tormentos eternos do Inferno de modo a puni-lo; e nenhum outro modo pode prevenir essa punição exceto o sangue do Filho de Deus, aplicado àquele que realmente se arrepende e o abandona, portanto, Deus chamou todos os homens ao arrependimento, comandando-nos que "*exortai-vos uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama Hoje, para que nenhum de vós se endureça pelo engano do pecado*" (Hb 3.13), e também que "*não odiarás a teu irmão no teu coração; não deixarás de repreender o teu próximo, e por causa dele não sofrerás pecado*" (Lv 19.17), e também que, se nosso irmão nos ofender, devemos dizer a ele todas as falhas entre nós; e "*se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que pela boca de duas ou três testemunhas toda a palavra seja confirmada. E, se não os escutar, dize-o à igreja; e, se também não escutar a igreja, considera-o como um gentio e publicano*" (Mt 18.16-17). "*Aos que pecarem, repreende-os na presença de todos, para que também os outros tenham temor*" (1Tm 5.20). "*Fala disto, e exorta e repreende com toda a autoridade. Ninguém te despreze*" (Tt 2.15). Mesmo se fosse um apóstolo de Cristo que pecasse abertamente, ele deveria ser reprovado, como Paulo fez a Pedro (Gl 2.11-14) e, se não se arrependessem, deveríamos evitá-los, até mesmo para comer o pão. (2Ts 3.6, 12, 14; 1Co 5.11, 13). De acordo com esses comandos do Senhor, tendo ouvido a prática escandalosa de N. N. desta igreja (ou paróquia) e tendo recebido provas suficientes de que ele cometeu o pecado odioso de —[68]; nós lidamos seriamente com ele de modo a trazê-lo ao arrependimento, mas, para nossa grande tristeza, não vimos sucesso satisfatório que tenha resultado de nossos esforços; ele parece ainda permane-

[68] Nesta passagem, Baxter está ditando o que o pastor deve dizer e, portanto, deixa um espaço em aberto para que o pastor diga o pecado apropriado segundo a situação em que ele está (N.R.).

cer impenitente, ou ainda vive no mesmo pecado, mesmo que tenha verbalmente declarado seu arrependimento. Nós, portanto, julgamos nosso dever necessário proceder ao uso desse remédio que Cristo nos comanda que tentemos; e assim desejamos que ele, em nome do Senhor, sem qualquer demora, a deixar sua obstinação contra o Senhor e se submeter à Sua repreensão e vontade, e revelar a grandeza de seu pecado, o mal cometido a Cristo e a si mesmo, o escândalo e tristeza que causou a outros; e quão incapaz ele é de enfrentar o Todo-Poderoso e prevalecer contra Deus, que, para os impenitentes, é como um fogo consumidor! Ou de se salvar de Sua indignação! E eu imploro, com sinceridade, pelo bem de sua alma, que ele considere propriamente o que poderá ganhar por seu pecado ou impenitência, e se isso compensará pela perda da vida eterna? E como ele pensa que se colocará contra Deus no julgamento, ou aparecerá diante do Senhor Jesus, quando a morte lhe tirar a alma do corpo, se ele se encontrar em tal estado impenitente, quando o Senhor Jesus pessoalmente, cujo sangue eles fingem confiar, lhe disse tal coisa de Sua própria boca, que, se não se arrependerem, então todos perecerão (Lc 13.3-5). E eu também imploro, pelo bem de sua alma, e requisito, como mensageiro de Jesus Cristo, como ele responderá pelo contrário no julgamento de Deus, que ele deixe a dureza e impenitência de seu coração, e com honestidade confesse e lamente seu pecado diante Deus e desta congregação! E esse desejo aqui publico, não por desejar mal à pessoa alguma, como o Senhor está ciente, mas por amor à sua alma e em obediência a Cristo que fez deste meu dever; desejando, se isso for possível, que ele possa ser salvo de seu pecado, do poder de Satã e da raiva fulminante e eterna de Deus, e poder reconciliar-se com o Senhor e a sua igreja, e, portanto, poder ser humilhado em remorso honesto, antes que o seja por condenação irremediável."

Assim, ou a este propósito, creio que nossa admoestação pública deva proceder; e em alguns casos nos quais o pecador acredite que seu pecado seja pequeno demais, a agravação deste será necessária, especialmente através da citação de alguns textos da Escritura que agravem ou ameacem este.

E, caso ele não se faça presente para que tal admoestação seja feita a si, ou não seja levado à descoberta do arrependimento, e desejar as orações da congregação por si, será necessário que, por tal prefácio aqui expresso, desejemos as orações das congregações em nome dele; para que as pessoas possam considerar a situação temerosa dos impenitentes e ter pena das pobres almas que estão tão cegas e endurecidas pelo pecado e por Satanás, que não conseguem ter pena de si mesmas; e pensem sobre o que significa a um homem aparecer diante do Deus vivo em tal caso, portanto, que eles devem juntar-se em oração sincera a Deus, para Ele abrir seus olhos, e amolecer e humilhar seu coração teimoso, antes que ele esteja no Inferno e além de qualquer ajuda; e, de acordo, que nós sejamos também honestos em nossas orações por tal, de modo que a congregação se sinta encorajada por afeto a se juntar a nós, e assim, talvez, Deus ouça nossas preces e faça com que o coração do pecador ceda. Porém, as pessoas compreenderão que levamos o pecado a sério e que não pregamos a elas meramente por costume ou formalidade. Se os pastores forem diligentes em realizar o trabalho de Deus inteiramente e em autonegação, eles poderão fazer algo de bom a partir disso e esperar uma bênção maior. No entanto, quando nos retiramos de tudo que é perigoso ou ingrato e abandonamos tudo que é custoso ou difícil, então não poderemos esperar que qualquer questão importante possa ser feita por meios tão carnais e parciais; e mesmo que alguns aqui e ali clamem por Deus, não poderemos dizer que o Evangelho prevale-

ceu, nem correr ou ser glorificados, onde a crença é levada de modo tão torto e defeituoso.

Quando um pecador é admoestado, e se ora por ele, se Deus abrir seus olhos e lhe der o remorso, antes que sigamos para qualquer censura maior, é nosso próximo dever que realizemos sua completa recuperação, ao que as seguintes coisas devem ser observadas:

- Que não o desencorajemos por usar muita severidade, nem sejamos muito levianos ou brandos e desvalorizemos a disciplina, nem o ajudemos a encontrar sua cura, mas simplesmente o apressemos no caminho. Se, portanto, ele tiver pecado escandalosamente, mesmo que uma única vez, se seu arrependimento for profundo e sério, poderemos em alguns casos restaurá-lo; isto é, se a ofensa que ele causou à igreja não for tão séria que necessite de maior satisfação, nem seja um pecado tão horrível que nos cause mais demoras. Mas, se for esse o caso, ou se ele viveu por muito tempo no pecado, é certo que ele permaneça em penitência até que possa ser realmente restaurado.

- E, quando vier essa hora, seja na primeira confissão ou depois, é vital exigir que ele seja sério em sua humilhação e deixar claro em sua consciência até ele parecer estar realmente ciente de seu pecado, pois essa não é uma formalidade fútil, mas é a recuperação e salvação de uma alma que esperamos realizar.

- Devemos fazer com que ele implore pela comunhão da igreja, por suas preces para Deus pelo seu perdão e sua salvação.

• E que ele prometa sua separação do pecado nos tempos vindouros, e que se cuide mais e caminhe com maior cuidado;

• Temos, então, mais estas coisas para fazer:

➢ *Assegurá-lo das riquezas do amor de Deus e da suficiência do sangue de Cristo para perdoá-lo, da qual, como Seus mensageiros, temos a autoridade para lhe assegurar.*

➢ *Encarregá-lo de perseverar e cumprir suas promessas, evitar as tentações e continuar a implorar por misericórdia e pela força da graça.*

➢ *Confiar à igreja que imitem Cristo em perdoar e preservar, ou, se ele foi expulso, que recebam a pessoa penitente em comunhão e que não o reprovem mais por aqueles pecados ou os joguem em sua face, mas, sim, que perdoem e esqueçam, tal como Cristo fez.*

➢ *E então agradecer a Deus por sua recuperação até agora, orar por sua confirmação e pela preservação futura.*

A próxima parte da disciplina é a de rejeitar e remover da comunhão da igreja aqueles que permanecerem impenitentes após sucederem tentativas o bastante; isto é preciso compreender:

• Que, se um homem pecou apenas uma vez de maneira escandalosa, é apenas uma expressão de arrependimento que devemos dele esperar; mas, se ele estiver acostumado ao pecado, ou quebra tais promessas com frequência, então é uma renovação verdadeira que devemos esperar. Portanto, se ele recusar quaisquer destas, a reforma ou a manifestação do arrependimento, deve-

mos entender que ele pretende permanecer no pecado; pois um pecado hediondo, mesmo que cometido apenas uma vez, continua sendo moralmente cometido até que haja o arrependimento, uma mera exposição do ato não é suficiente.

• Nós não temos, porém, a autoridade de recobrar questões que já se apagaram da memória pública e tornar público novamente aquilo que deixou de ser, pelo menos em casos normais.

• Exclusão da comunhão da igreja, conhecida normalmente como excomunhão, é de diversos graus, mais do que dois ou três, que não devem ser confundidos e dos quais não irei aqui me desviar para tratar sobre.

• A prática mais comum a nós é de que o pecador impenitente seja somente excluído da comunhão, até que agrade ao Senhor lhe dar o arrependimento.

• Nessa exclusão, ou remoção, o pastor ou governadores daquela igreja estão autorizados a encarregar as pessoas, em nome do Senhor, que evitem a comunhão com ele e que o declarem como alguém cuja comunhão a igreja evita. É dever das pessoas evitá-lo obedientemente, se a acusação do pastor não contradiz a palavra de Deus. Assim, ele tem o poder de guia e governador, e eles têm o poder do discernimento sobre se sua acusação é justa, e também um poder executivo, pois são eles que devem executar a sentença, e o pastor deve executá-la por negar os ritos e privilégios da igreja que não lhe cabem, por ser o administrador.

• É muito conveniente orar pelo arrependimento e restauração, mesmo dos excomungados.

- E, se Deus lhe der o arrependimento, ele será recebido na comunhão da igreja nova e alegremente.

Dessas coisas todas, não direi mais nada, pois muito já foi dito. E, quanto a outros deveres em particular, dos quais eu mesmo disse pouco, vocês disseram muito em tudo que escreveram, que se encontra no diretório da assembleia.

Quisera fossemos tão fiéis na prática dessa disciplina quanto somos satisfeitos quanto ao modo e maneira; e não ofendêssemos ou reprovássemos a isso por nossa negligência enquanto escrevemos e pleiteamos por isso com as maiores recomendações. É algo a ser considerado por nós: quem mais teria uma acusação mais séria diante do tribunal de Deus? Seriam os iludidos, que reprovam e atrasam a disciplina por suas palavras, pois não sabem sua natureza e necessidade; ou nós, que tanto a vilificamos por nossa omissão constante, enquanto, por nossas palavras, a magnificamos? Se hipocrisia não for pecado, ou se o conhecimento de nosso Mestre não for uma agravação do mal da desobediência, então estamos em uma situação melhor que a deles. Não aconselharei os mantenedores zelosos, os negligentes teimosos ou os rejeitadores da disciplina a desdizer tudo o que disseram, até que estejam prontos a fazer tal como dizem, nem a abjurar suas defesas da disciplina, até que comecem a praticá-la, nem queimar todos os livros que tenham escrito por isso, e todos os registros de seus custos e perigos por tal coisa, para não terem que se levantar em julgamento contra eles, o que apenas os tornaria confusos; nem também que recobrem suas condenações dos prelados nisso, até terem modos de superá-los. Mas eu gostaria de convencê-los, sem mais demora, a acertarem suas práticas a esses testemunhos que lhes dei, antes que, por meio de sua disciplina louvável, eles sejam condenados por negligenciar.

Sempre me surpreendeu que os mesmos homens que tanto se ofenderam com livros que defendem a admissão gratuita na Ceia do Senhor, ou a realização da comunhão mista nessa parte específica, não se ofendam mais com a permissão livre em um estado da igreja, e a admissão em outras partes, da comunhão; e que tenham feito tão pouco barulho sobre tão grande uma mistura nos outros. Acredito eu que seja uma profanidade incrível permitir que um pecador escandaloso e determinado seja um membro professo de uma determinada igreja, sem que antes tenha passado por uma admoestação privada e então uma pública, assim como as orações e as censuras, maior ainda do que se um único pastor o tiver como parte da Ceia do Senhor, se não tem poder de censurá-lo, como se supõe. É de minha opinião que a prática fiel da disciplina em todas as partes logo daria cabo dessa controvérsia sobre a Ceia e curaria os danos feitos por tais embates ao nosso povo, pois esses embates não são tão audaciosos ao ponto de argumentar a favor da admissão livre daqueles que foram censurados ou rejeitados, apenas aqueles que ainda são parte da igreja e que não tenham sido censurados. E se, quando eles abandonam seu direito à comunhão na igreja, nós lidássemos com eles pela maneira que Cristo nos ensinou, até que os tivéssemos levado ao arrependimento ou os censurado de modo que sejam evitados, então não haveria razão para tal controvérsia, pois os únicos a quem seria recusado o ato de comunhão da Ceia seriam aqueles que estão justamente excluídos do todo. Mas, enquanto deixarmos que permaneçam como membros, sem qualquer censura, e dissermos aos pastores que não têm poderes para censurá-los, nós os inclinamos a achar que não há poder que os possa negar a comunhão, que é privilégio comum de todos os membros não censurados.

E, assim, nós mesmos nos opomos à disciplina em parte, ou estimamos a corrupção da igreja em outra, um grupo pela admissão livre deles enquanto membros dos

sacramentos, e o outro os permitindo livremente na igreja-estado e em outras partes da comunhão, enquanto os excluem do sacramento. Alguns, então, aprenderam a juntar essas duas pontas e, segurando ambas, abrem as da igreja e da capela, arrancam as moitas e abrem o vinhedo para os animais. Assustou-me descobrir alguns que tomei como reverendos, como discípulos devotos, reprovarem como seitas os Sacramentários e os Disciplinários. E, quando tentei descobrir o que queriam dizer, eles me disseram que se referiam àqueles que não dão o sacramento a toda a paróquia e àqueles que fazem distinção por sua disciplina. Eu achava que o tentador teria ganho uma grande vitória se tivesse convencido um único parto da igreja a negligenciar a disciplina, tal como se os tivesse convencido a negligenciar a pregação, e ainda muito mais se o fizessem aprovar de tal negligência; mas me parece que ele convenceu alguns a desdenhar daqueles que realizam o dever que eles negligenciam. Assim como os impuros se colocaram a reprovar dos diligentes pelo nome de Puritanos, também eles reprovam os pastores fiéis pelo nome de Disciplinários. Eu desejo apenas que eles se lembrem que as reprovações antigas eram ambas essas coisas, tanto sintomaticamente quanto efetivamente, portanto, eram juízes imparciais de si mesmos, e o medo da participação no julgamento os assolou. Eu tenho certeza que, se fosse bem compreendido quanto da autoridade e do trabalho pastoral reside na orientação divina, seria bem compreendido que ser contra a disciplina é "*tantum non*"[69] ser contra o sacerdócio, e ser contra o sacerdócio é "*tantum non*" ser contra a igreja, e, por consequência, ser contra a igreja é ser contra Cristo. Não culpem a dureza da inferência até que possam evitá-la e livrarem-se da acusação diante do Senhor. Os prelados têm alguma disciplina, e outros também a têm; sim, até os papistas têm um pouco, e somente discutem uns contra os outros pela for-

[69] "Nem tanto".

ma que essa disciplina deve tomar. Entretanto, mesmo isso é melhor do que outros, que não teriam nenhuma. Não foi o próprio Cristo o líder desses Disciplinários, quem instituiu a disciplina e fez Seus pastores os governadores ou guias de Sua igreja, pondo as chaves do Reino em suas mãos e comandando os atos particulares da disciplina, requerendo que as pessoas se submetessem a isso e obedecessem a isso no Senhor? O que teriam dito esses homens, se tivessem visto a prática da igreja antiga por vários séculos depois de Cristo, que exerceu uma disciplina muito mais rigorosa do que qualquer um de nós, e isso no ápice das perseguições dos ímpios; pois, se eles lerem apenas os cânones antigos e as epístolas de Cipriano, eles logo verão, apesar de não procurarem muito além. E naquela época (nem depois, sob magistrados cristãos) isso não era algo inútil; nem pareceria agora, se fosse demonstrada em sua força e beleza por uma prática vigorosa, pois é algo que não se manifesta facilmente ao ouvido, mas sim ao olho; e nunca faremos um homem compreendê-la apenas por falar dela: até a verem, eles não a entenderão, tal como nas artes militares, ou na navegação, ou no governo das comunidades, que são tão pouco compreendidas até que se ganhe experiência. E isso nos dirá que, tal como Cipriano disse: "*Disciplina est custos spei, retinaculum fidei, dux itineris salutares, fomes ac nutrimentum bonæ indolis, magistra virtutis; facit in Christo anere semper, ac jugitur Deo vivere, ad promissa cœlestia, et divina præmia pervenire: Hanc et sectari salube est, et aversari ac negligere lathale*",[70] quando começou seu livro "*de Habitu virginium*". Quando os mártires e confessores, sob qualquer persuasão, teriam restaurado

[70] Cipriano considerava que a disciplina era a "guardiã da esperança (*disciplina custos spei*)", o "vínculo que retém a fé (*retinaculum fidei*)", a "guia do caminho da salvação" (*dux itineris salutaris*), o "alimento e combustível do bom caráter" (*fomes ac nutrimentum bonae indolis*), "a mestra da virtude" (*magistra uirtutis*). Essa disciplina pode ser conceituada, de acordo com as palavras de Cipriano, como "submissão ao temor", "meus ensinamentos", "correção" (*De hab. uirg.* 1), "observância da Lei" (*De hab. uirg.* 2). Seguir essa disciplina, segundo o bispo, "é vital; opor-se ou desprezá-la é mortal (*hanc et sectari salubre est et auersari ac negligere letale*) (*De hab. uirg.* 1).

alguns ofensores antes que estes fizessem suas confissões ou manifestado arrependimento aberto por seu pecado, e sido absolvidos por seus pastores; Cipriano resistiu a eles e lhes disse que aqueles que se colocam tão firmemente em fé deveriam se colocar firmemente na lei e disciplina de Cristo: "*Sollicitudo loci nostri et timor Dei conpellit, fortissimi ac beatissimi martyres, admonere uos litteris nostris ut a quibus tam deuote et fortiter seruatur fides Domini ab isdem lex quoque et disciplina Domini reseruetur*".[71] Sobre isso, Goulartius comentou: "*Locus de necessitate disciplinae in Domo Dei, quam qui tollunt, e t manifeste impios ac sceleratos ad mensam Christi, sine censura Ecclesiastica, et acta poenitentia pro delictorum ratione recipiunt, ii videant quam de gregibus sibi commissis Pastori summo rationem reddituri sint ; vel quid commune habeant in Ecclesiarum suarum regimine cum beato illo Cypriani et aliorum vere Episcoporum Christianorum seculo*".[72] E Cipriano, na Ep. 67, pg. 199, menciona as ameaças de Deus a pastores negligentes, adicionando: "*Cum ergo pastoribus talibus per quos Dominicæ oves negligantur et pereant, sic Dominus comminetur, quid nos aliud facere opportet, quam colligendis et revocandis Christi ovibus exhibere diligentiam plenam, et curandis lapsorum vulneribus paternæ pietatis adhibere medicinam?*" Nas Epist. 61, 28, 38, 41, 49, 53, 55, e em muitos outros lugares em Cipriano, pode-se ver que não havia aqueles que desrespeitassem a Disciplina: Vide *etiam, eundem*[73] em *de Orat. Dominic*. Pg 313, in Pet. 4.

[71] "A preocupação com o nosso lugar e o temor de Deus obriga-os, vocês, os mais bravos e abençoados mártires, a lembrá-los por meio de nossa carta por quem a fé do Senhor é mantida tão devota e fortemente" (Cipriano, *Ep.* 15, I, 1).

[72] Um lugar de necessidade para a disciplina na Casa de Deus, que aqueles que tiram os manifestamente ímpios e criminosos à mesa de Cristo, sem censura eclesiástica, e recebem atos de penitência por causa de seus pecados, ou o que eles têm em comum no governo de suas igrejas com aquele abençoado Cipriano e outros verdadeiros bispos do mundo cristão?"

[73] "Veja também, o mesmo".

Santo Agostinho disse: "*Ibi superbia, ubi negligitur Disciplina: Nam Disciplina est Magistra Religionis et veræ pietatis, quæ nec ideo increpat ut lædat, nec ideo castigat ut noceat etc.*"[74] Disse Bernardo, na Epist. 113: "*O quam compositum reddit omnem corporis statum, nec non et mentis habitum disciplina! Cervicem submittit, pone supercilia, componit vultum, ligat óculos, moderatur linguam, frænat gulam, sedat iram, format incessum*".[75]

Sei que, quando a igreja começou a ser maculada por invenções vaidosas, a palavra disciplina começou a ter outros significados, para suas várias regras de vida e imposições austeras, *não toque, não prove, não mexa*; mas é da disciplina cristã, verdadeira e antiga, que falo. Termino aqui de falar sobre os atos de supervisão pastoral.

Por tudo que eu disse, podemos ver que o cargo pastoral é algo diferente do que esses homens acham que é, esses homens que acham que consiste apenas em pregar e administrar os sacramentos; de fazer novas leis ou novos cânones para pesarem a igreja, como se Deus não nos tivesse feito leis o suficiente, e como se tivesse dado o verdadeiro poder legislativo sobre sua igreja para os pastores ou bispos, cujos cargos consistem apenas em expor, aplicar e executar em seus lugares as leis de Cristo.

Objeção: "Mas você nega aos bispos o poder de fazer novos cânones? O que são todos aqueles artigos sobre os quais vocês concordaram sobre catequizar e disciplinar, senão tais coisas?"

Resposta: 1) Eu conheço pastores que ensinam e expõem as Escrituras, e entregam isso por escrito ao povo, e aplicam as

[74] "Existe orgulho onde a disciplina é ignorada, pois a disciplina é a professora de religião e verdadeira piedade. Ela os repreende para não machucar, nem, portanto, o castiga para prejudicar".

[75] "Oh, como o composto restaura todos os estados do corpo, nem mesmo a disciplina da mente! Ele abaixa o pescoço, levanta as sobrancelhas, emoldura o rosto, fecha os olhos, modera a língua, acalma a garganta, acalma a raiva, molda o seu andar".

Escrituras de modo geral para si mesmos e particular para os casos das pessoas, se você quiser chamar isso de fazer cânones. 2) E eles podem, e vêm, concordar entre si mesmos para uma realização unânime de seus deveres, quando os tiverem descoberto; assim poderão auxiliar uns aos outros, e serão mais fortes e capazes em seus trabalhos. 3) E eles devem determinar as circunstâncias do louvor em especial, onde Deus as especificou apenas de modo geral: em que horas e lugares deverão ocorrer, quais capítulos ler, quais textos pregar, a forma da mesa, dos copos e tudo mais, onde ficará o púlpito, quando cada pessoa deve vir ser catequizada ou instruída e até onde, etc. Mas essas são ações que são mais adequadas a eles em primeiro lugar, e não a homens distantes que fazem cânones; e concordar em união em um dever necessário, como fizemos, não é fazer leis ou arrogar autoridade sobre nossos irmãos. Para isso, faço referência a *De Conciliis* de Lutero, no geral; e a *De imperio summarum potestatum circa sacra*, de Grotius, sobre os cânones não serem realmente leis.

CAPÍTULO III

Tendo falado do *assunto* de nosso trabalho, devemos agora falar sobre o *modo* de realizá-lo: não em cada parte distinta, pois isso seria muito tedioso, mas do todo, especialmente em referência à primeira parte.

1. O trabalho episcopal deve ser feito puramente por Deus e pela salvação do povo, e não para fins pessoais. Uma finalidade ruim faz de todo o trabalho ruim, mesmo que o trabalho em si seja bom, pois essa finalidade vem de nós. Tal trabalho não serve a Deus, mas a nós mesmos, se o fizermos não por Deus, mas por nós mesmos. Aqueles que se empenham nisso como se fosse um trabalho comum, que fazem disso uma profissão como se um trabalho mundano, descobrirão nisso uma profissão má através de um bom cargo. A autonegação é absolutamente necessária a todo cristão, mas uma necessidade dupla em um pastor, pois ele tem uma santificação ou dedicação dupla a Deus. Sem a autonegação, ele não pode realizar horas de serviço fiel dedicadas a Deus. O estudo árduo, todo o conhecimento, a melhor pregação, tudo isso é apenas um pecado mais glorioso e hipócrita se não for feito para a finalidade certa. O ditado de Bernardo (Sermões, Cântico 26) é conhecido: "*Sunt qui scire volunt eo fine tantum ut sciant, et turpis curiositas est; sunt qui scire volunt ut sciantur ipsi, et turpis vanitas est; et sunt item qui scire volunt ut scientiam suam vendant, et turpis quaestus est; sed sunt quoque qui scire volunt ut aedif icent, et caritas est; et item qui scire volunt ut aedificentur, et prudentia est*".[76]

[76] "Há quem queira saber com o fim que só sabem, e é vergonhoso ser curioso; existem aqueles que desejam saber que podem ser conhecidos por si mesmos, e isso é vergonhoso e uma vaidade. E também há aqueles que desejam saber que devem vender seu

2. Esse trabalho deve ser feito diligentemente, visto que suas consequências são indescritivelmente importantes para nós e para os outros. Nós buscamos fortalecer o mundo, salvá-lo da maldição de Deus, aperfeiçoar a criação, obter o fim da redenção de Cristo, para salvar a nós e aos outros da danação, superar o demônio e demolir seu reino, erguendo o Reino de Cristo em seu lugar e ajudando os outros a alcançar esse reino da glória. E por acaso esses trabalhos devem ser feitos com uma mente descuidada ou uma mão desmedida? Faça com que esse trabalho receba todas as suas capacidades! Estude arduamente, pois o poço é fundo, e nossas mentes são rasas; e, (conforme Cassiodoro: "*Decorum hic est terminum non habere: hic honesta probatur ambitio; omne si quidem scientificum quanto profundius quæritur, tanto gloriosius invenitur*".[77] Mas, especialmente, sejam diligentes na prática e no exercício de seu conhecimento. Deixem que as palavras de Paulo soem em seus ouvidos continuamente: "*Pois me é imposta a obrigação; e ai de mim, se não anunciar o evangelho!*" (1Co 9.16). Pensem consigo mesmos sobre a responsabilidade a qual possuem. Se eu não me agitar, o demônio pode prevalecer, e as pessoas irão morrer eternamente, e seu sangue estará em minhas mãos. Ao evitar o trabalho e o sofrimento, trarei a mim mil vezes mais do que evito; pois disse Bernardo: "*Qui in labore hominum on sunt, in labore profecto Dæmonum erunt*",[78] enquanto, por diligência presente, você se prepara para sua bênção futura. Pois, como Gregório em Mor. disse: "*Quot labores veritati nunc exhibes, tot etiam remunerationis pignora intra spei tuæ cubiculum clausum tenes*".[79] Homem algum já foi um perdedor por Deus.

---

conhecimento, e isso é um ganho vergonhoso. Mas também há quem queira saber que se trata de um edifício e de um rito de passagem. E também aqueles que querem saber que podem ser edificados e que há prudência" (Bernardo, *In Cantic. sermo* 36, n. 03).

[77] "É honroso aqui não ter limites: aqui está provada a ambição honrosa; se todo o conhecimento for buscado, quanto mais profundamente ele for buscado, mais glorioso será encontrado".

[78] "Aqueles que estão no trabalho dos homens estarão no trabalho dos demônios" (Bernardo, *Super cant.*).

[79] "Quantas dificuldades você apresenta para a verdade, tantas promessas de recompensa que você mantém trancadas dentro de sua sala de esperança".

3. Este trabalho deve ser feito com prudência, ordem e por graus. Leite deve vir antes de carne forte; e a fundação deve ser erguida antes que se construa sobre ela. Crianças não devem ser tratadas como homens adultos. Homens devem ser erguidos a um estado de graça antes que se possa esperar que eles façam os trabalhos da graça. O trabalho da conversão, do arrependimento de trabalhos torpes e a fé em Cristo, estes devem ser ensinados frequentemente e por completo. Os mordomos da Casa de Deus devem todos dar suas partes na época correta. Não devemos ir além das capacidades de nossos povos, nem a ensinar a perfeição se não tiverem aprendido os princípios básicos. Como Agostinho disse (*De civitate Dei*, livro 12): "*Si pro viribus suis alatur infans, fiet, ut crescendo plus capiat; si modum sue capacitatis excedat, deficit antequam crescat*".[80] E como Gregório de Níssa disse, em *Orat. de Pauper. Amand*., "Assim como não ensinamos às crianças as profundas questões da ciência, mas, sim, as primeiras letras, e então as sílabas e daí em diante, os guias da igreja também devem primeiro propor aos ouvintes certos documentos, que são elementares, então por graus os abrirem a questões maiores e mais perfeitas." Assim, portanto, a igreja trabalha com seus "Catechumeni" antes de os batizar e se recusa a colocar pedras não polidas nessa construção; como Crisóstomo disse em Homília 40 (imperfeito); *operis*[81] (ou quem quer que seja, pg. [*mihi*][82] 318): "*Ædificatores sunt sacerdotes, qui domum Dei componunt, sicut enim ædificatores, nodosos lapides et habentes torturas, ferro dolant, postea vero ponunt eos in ædificio, alioqui non dolati lapides lapidibus non cohærent: Sic et Ecclesiæ doctores vitia hominum quase nodos acutis increpationibus primum circumcidere debent, et sic in Ecclesiæ aedificatione collocare: alioquin vitiis manentibus Christiani Christianis concordade non possunt*".[83]

---

[80] Agostinho, *De Civit. Dei.* Lib. xii.

[81] "Obra".

[82] "Para mim".

[83] "Os construtores são os sacerdotes que compõem a Casa de Deus, pois, como os construtores, tendo pedras atadas e tendo torções, aparam-nas com ferro e depois as colocam no edifício; as quais eles devem primeiro circuncidar por argumentos ásperos, e

4. Ao longo de nosso trabalho episcopal, devemos insistir nas coisas que são mais necessárias, certas e maiores, e ser mais frugais quanto ao resto. Se pudermos ensinar sobre Cristo ao nosso povo, ensinaremos a todos. Levemos todos ao Céu, e eles terão conhecimento o bastante. As verdades grandiosas e de conhecimento comum são aquelas nas quais os homens devem viver, e que são os principais instrumentos para se levar o coração do homem a Deus e destruir seus pecados; devemos, pois, manter as necessidades de nosso povo em mente. Isso tirará quinquilharias, os ornamentos desnecessários e as controvérsias de pouco ganho, permitindo que nos lembremos apenas da *única* coisa necessária. Outras coisas podem ser interessantes de se saber, mas essas *devem* ser conhecidas, ou nosso povo será destruído. Confesso que acho que a necessidade deveria ser a maior fonte do estudo e trabalho do pastor. Se fôssemos suficientes em tudo, também poderíamos cair em tudo e levar conosco a *Encyclopædia*; mas a vida é curta, e nós somos lentos; coisas eternas são necessárias, e as almas dependem de nossos ensinamentos sobre o que é precioso. Confesso que a necessidade tem conduzido meus estudos e minha vida; ela escolhe o livro que lerei e me diz quando e por quanto tempo; escolhe meu texto e faz meu sermão tanto em assunto quanto em modo, contanto que eu consiga segurar minha própria corrupção. Por mais que eu saiba que o medo da morte causa boa parte disso, ainda não conheço razão pela qual o homem saudável não garante suas necessidades primeiro, considerando a incerteza e a brevidade da vida humana. Xenofonte pensou que "não havia melhor professor que a necessidade, que ensina tudo que é necessário diligentemente." Curtius disse: "*Efficatior est omni arte necessitas*".[84] Quem pode, no estudo, na pregação ou na vida, "*aliud agere*",[85] estar fazendo outras questões, se ele não sabe que *isto deve ser feito*? Quem pode

assim as colocar na construção da Igreja: caso contrário, os cristãos não podem reconciliar os vícios que permanecem com os cristãos".

84 "Cada habilidade é mais eficiente".

85 "Outro para atuar".

gracejar ou perder tempo quando sente a pontada da pressa e da necessidade? Pois, como o soldado disse: "*Non diu disputandum, sed celeriter et fortiter dimicandum ubi urget necessitas*".[86] Também assim devemos, pois nosso negócio é mais importante. E sem dúvida esse é o melhor modo de se redimir o tempo, e ver que não perdemos uma única hora quando nos focamos nas coisas necessárias; é também proveitoso aos outros, mesmo que nem sempre para ser o mais agradável ou aplaudido, pois, da fragilidade do homem, Sêneca reclama que: *"Nova potius miramur quam magna*".[87]

Por isso, um pregador deve frequentemente passar pelas mesmas coisas, pois as questões de real necessidade são poucas. Devemos evitar fingir necessidades, e não nos demorarmos muito nas coisas desnecessárias, nem em satisfazer aqueles que buscam novidades; mesmo que devamos vestir essas repetidas necessidades com uma roupa de variedade em nossos sermões. Os grandes volumes e controvérsias entediantes, que tanto nos trazem problemas e gastam nosso tempo, são normalmente feitas mais de opiniões do que de coisas realmente necessárias. Marsilio Ficino disse: "*Necessitas brevibus clauditur terminis; opinio nullis*".[88] E como Gregório de Nazianzo e também Sêneca diziam: "As necessidades são comuns e óbvias: é nas coisas supérfluas que gastamos nosso tempo e trabalho, e que reclamamos por não obter." Os pastores, portanto, devem observar os casos de seus rebanhos, para poderem saber o que é mais necessário para eles, tanto em assunto quanto em modo: e geralmente o assunto é o primeiro a ser considerado, como sendo de maior importância do que o modo. Se pudessem escolher os autores que devem ler por si próprios, não prefeririam aqueles que lhes contam coisas que vocês não sabem e que falam a verdade necessária de maneira mais evidente, mesmo que com uma língua mais bárbara e bruta, do que aqueles que

[86] "Não muito para discutir, mas para se envolver de forma rápida e corajosa quando necessário".

[87] "Admiramos coisas novas em vez de grandes coisas".

[88] "A necessidade é fechada em curto prazo; a opinião de ninguém".

irão, do modo mais inteligente e culto, lhe dizer algo falso ou vaidoso, e "*magna conatu nihil dicere*?"[89] Pessoalmente, proponho que se siga o conselho de Agostinho (*De catechizandis rudibus*): "*Præponendo verbis sentientiam, ut animas præponitur corpori: ex quo fit, ut ita mallem veriores quam discretiores invenire sermones, sicut mallem prudentiores quam formosiores habere amicos*".[90] E, certamente, assim como eu faço em meus próprios estudos, para a minha edificação, eu também faria ao ensinar outros homens. Normalmente, são homens ignorantes e vazios que querem o assunto e a substância do aprendizado verdadeiro, que ficam curiosos em demasia sobre palavras e ornamentos, enquanto os homens mais velhos, experientes e de maior sabedoria, se comunicam de maneira mais substancial e direta. Tal como Aristóteles declara que a razão das mulheres é mais viciada no orgulho em seus acessórios do que os homens, por estarem cientes de quanto lhes falta internamente, e usam o ornamento como uma forma de compensá-lo obtendo ou emprestando ornamentos, também pregadores incapazes, que procuram estima que não possuem, não têm outra maneira de encontrá-la.

5. Nossos ensinamentos devem ser tão simples e evidentes quanto pudermos fazê-los ser; aquele que pode ser compreendido deve falar conforme a capacidade de seus ouvintes e fazer seu trabalho ser compreendido. A verdade ama a luz, e é mais linda quando está mais nua. Esconder a verdade é um sinal de um inimigo cobiçoso, e é o sinal de um hipócrita que a esconde sob a pretensão de revelá-la. Portanto, sermões obscuros e pintados, tais como os mosaicos nas janelas que impedem a entrada da luz, são frequentemente a marca de hipócritas pintados. Se não ensinar aos homens, o que você faz no púlpito? Se quer ensinar, por que não fala de modo que seja compreensível? Sei que o tamanho da questão pode fazer com que um homem não seja compreendido quando ele estudou para que fizesse da questão

[89] "Grande esforço para não dizer nada?"

[90] "Ao preferir a opinião das palavras, como as almas são preferidas ao corpo: daí que se passe que preferia encontrar as palavras mais autênticas do que mais discretas, pois preferia amigos mais sábios do que mais justos".

o mais clara possível, mas que um homem propositalmente enevoe seus discursos com palavras estranhas e esconda sua mente das pessoas que diz instruir, isso somente faz com que os tolos admirem seu "conhecimento profundo", e os homens sábios, que admirem sua tolice, seu orgulho e sua hipocrisia. E, normalmente, a suspeita de algum projeto enganador ou doutrina falsa que se precise de tal capa e máscara para andar à luz do dia. Assim fizeram os seguidores de Basílides e Valentim, e outros entre os velhos hereges; e assim fazem os Behmenistas e os Paracelsianos agora, aqueles que, quando falam de modo que poucos possam entendê-los (para que não exponham seus erros aos outros), fingem que há necessidade disso, por causa do preconceito dos homens e pelo despreparo para o entendimento da verdade. Mas a verdade supera o preconceito pela simples luz da evidência, e não há modo melhor de se fazer com que uma boa causa prevaleça do que lhe mostrar em sua simplicidade, e, comumente, tão completamente quanto pudermos; e é essa luz que irá dispor uma mente despreparada. Essa luz é um sinal que aquele que não pode passar adiante obviamente não digeriu propriamente ele mesmo. Digo isso tão simplesmente quanto a questão me permite, quanto às capacidades preparadas para ela pelas verdades que são seus pré-requisitos. Pois sei bem que alguns homens atualmente não conseguem entender algumas verdades, mesmo que sejam ditas do modo mais simples possível; pois as regras mais simples da gramática não podem ser compreendidas por uma criança que está aprendendo o alfabeto.

6. Todo o nosso trabalho deve ser realizado com uma compreensão de nossa insuficiência e uma dependência fiel e crente em Cristo. Devemos ir a Ele para ter luz, vida e força, e Ele nos mandará ao trabalho; e quando sentirmos que nossa fé se enfraquece, e nossos corações adormecem em Deus e se tornam inadequados para o trabalho tão grandioso que temos de fazer, devemos recorrer ao Senhor que nos comanda e dizer: "Senhor, enviou-me este coração infiel para que persuadisse os outros a crerem? Devo eu diariamente e sinceramente argumentar com infiéis sobre a vida eterna e a morte, e ainda não ter mais fé ou sentimento dessas coisas por conta própria?

Não me mande ao trabalho nu e desprovido; mas, como me encarregou a isso, com um espírito apropriado para tal tarefa". Como Agostinho disse (O Ensinamento Cristão, 1.4): "O pregador deve trabalhar para que seja compreendido com intenção e obediência, "*et hoc se posse magis pietate orationum, quam oratoris facultate non dubitet: ut orando pro se ac pro aliis, quos est allocuturus, sit prius orator quam doctor; et in ipsa hora accedens, prisuquam, exeat, proferat linguam ad Deum, levet animam sitientem, etc.*"[91] A oração deve ser realizada em nosso trabalho assim como a pregação: aquele que não ora por seu povo certamente não prega com todo o coração a eles. Se não convencermos a Deus para lhes dar fé e arrependimento, dificilmente convenceremos a eles mesmos que creiam e se arrependam. Paulo frequentemente nos dá seu exemplo de pregar dia e noite por seus ouvintes. Quando nossos próprios corações estão fora do eixo, e os deles também, se não tivermos sucesso que Deus ajude e conserte, certamente não teremos sucesso em nosso trabalho.

7. Este trabalho também deve ser feito com grande humildade; devemos nos portar de modo manso e condescendente para com todos e ensinar-lhes isso, por exemplo, estando prontos para aprender de quaisquer pessoas que nos possam ensinar, assim aprendendo e ensinando ao mesmo tempo; não declarando orgulhosamente nossos conceitos e desdenhando todos aqueles que os contradizem de qualquer maneira, como se fôssemos senhores de todo conhecimento e fôssemos destinados a reinar sobre ele, com outros homens aos nossos pés. Não como aqueles que Gregório Magno menciona em *Magna Moralia*, 1.24, parte 5, capítulo 12: "*In quorum verbis proditur, quod cum docent, quasei in quodam sibi videntur summitatis culmine residere, eosque quos docente, ut longe infra se positos, velut in imo respiciunt, quibuts non consulendo loqui, sed vix dominando dignan-*

[91] "E ele duvidava que pudesse fazer isso mais pela devoção da palavra do que pela faculdade de um orador: que, orando por si mesmo e pelos outros a quem ele está prestes a se dirigir, ele deveria ser um orador antes de ser um professor; e, na mesma hora, ele chega, antes de sair, para falar sua língua a Deus, para aliviar a alma sedenta, etc" (Agostinho, *De doctrina christiana* 4).

tur".[92] O orgulho é um pecado que pouco cabe àqueles que devem liderar os homens pelo caminho humilde aos Céus. E que eles se atentem para que, ao trazerem outros ao portão, não descubram que este não comporta um ego de tal tamanho! Como Hugo disse: "*Superbia in cœlo nata est, sed velut immemor qua via inde cecidit, istuc postea redire non potuit*".[93] Deus, que lançou à terra um anjo orgulhoso, não aceitará um pregador orgulhoso enquanto este assim permanecer. Acredito que devemos lembrar ao menos o título de pastor, que, por mais que os padres papistas desdenhem dele, nós não o fazemos. É de fato esse orgulho que se encontra na raiz que alimenta todos os outros pecados; dele vem a inveja, a discussão, a intemperança dos pastores, e daí todas as complicações da reforma. Todos desejam liderar, mas poucos querem seguir ou concordar, e disso resultam os cismas e as apostasias, tal como as perseguições antigas, as usurpações arrogantes e as imposições; como Gregório Magno disse, em Mor.: "*Latet plerumque supervia, et castitas innotescit, atque ideo tentata diu castitas, circa finem vitæ perditur; quia cooperta supervia usque ad finem, in correct retinetur.*"[94] O mesmo pode ser dito de outros pecados, que frequentemente reavivam aquilo que parecia estar morto, pois o orgulho não é mortificado e contém praticamente todos. Disso também parte a incapacidade de tantos pastores, pois são orgulhosos demais para aprender; a não ser que sejam os adversários de Jerônimo, "*publice detrahentes, legentes in angulis*";[95] e raramente eles apelam para tais coisas. Mas direi dos pastores tal como Agos-

[92] "Em suas palavras, afirma-se que, quando eles ensinam, como se eles próprios parecessem estar sentados em um determinado cume, empoleirados no topo de um telhado; e aqueles a quem ele estava ensinando, uma vez que foram colocados muito abaixo dele, parecem estar nas profundezas de quem não falava no aconselhamento, mas dificilmente se dignam a governar" (Gregorius Magnus, *Moralia in Iob* 23, XII.2).

[93] "O orgulho nasceu no paraíso, mas, se ele não se importasse com o modo como caiu de lá, não poderia voltar para aquele lugar depois" (Hugo, *De anima*, livro 1).

[94] "O supérfluo é frequentemente escondido, e a castidade se torna conhecida e, portanto, a castidade, quando tentada, é perdida por muito tempo perto do fim da vida; porque está coberta até o fim" (Gregorius Magnus, *Moralia in Iob* 34.15).

[95] "Detratam em público, leem pelos cantos" (Hieronimus, *Apologia adversus libros Rufini*, 2.27, 451c).

tinho disse de Jerônimo, mesmo do mais velho deles: "*Etsi senes magis decet docere quam discere: magis tamen decet discere quam ingnorare*";[96] humildade lhes ensinaria uma lição; e Hugo: "*Ab omnibus libenter disce quod tu nescis: quid humilitas commune tibi facere potest, quod natura cuique proprium fecit, sapientior omnibus eris, si ab omnibus discere volueris: qui ab omnibus accipiunt, omnibus ditiores sunt*".[97]

8. Devemos ter uma mistura prudente de severidade e docilidade em nosso pregar e em nossa disciplina; cada um deve predominar de acordo com a qualidade da pessoa, ou do assunto no momento presente. Se não houver severidade, haverá desdém para nossas reprovações; e se houver severidade demais, seremos entendidos como usurpadores do domínio, e não convencedores das mentes dos homens à verdade, como Gregório Magno disse em *Magna Moralia*, livro 20: "*Miscenda est ergo lenitas cum severitate, faciendumque quoddam, ex utraque temperamentum, ut neque multa asperitate exulcerentur subditi, neque nimia benignitate solvantur.*"[98]

9. Devemos ser sinceramente afetivos, sérios e zelosos em todas as nossas exortações, sejam privadas ou públicas. O peso de nosso assunto condena a frieza e o endurecimento do coração. Devemos, então, ter certeza de estar acordados para a graça, e que nossos espíritos estejam em tal estado que possam acordar aos outros. Como disse Gregório e *Magna Moralia*, 1. 30. c. v.: "Devemos ser como o galo, que *'cum edere cantus parat, prius alas excutit, et semetipsum feriens vigilantiorem reddit*

[96] "Embora seja apropriado para os idosos ensinar em vez de aprender, ainda assim está se tornando mais importante aprender do que ignorar" (Augustinus Hipponensis, *Epistulae* 166.1).

[97] "Aprende de todos, de bom grado, o que não sabes; pois a humildade pode fazer comum a ti o que a natureza fez próprio de cada pessoa. Serás mais sábio que todos, se de todos quiseres aprender. Os que recebem de todos são do que todos mais ricos" (Hugonis de Sancto Victore, Didascalicon III 774b).

[98] "Portanto, gentileza deve ser combinada com severidade, e um certo equilíbrio deve ser feito entre ambas, para que os assuntos não sejam ulcerados por muita severidade, nem sejam resolvidos por gentileza excessiva" (Gregorius Magnus, *Moralia in Iob* 20.5).

Quod patenter cernimus, si sanctorum praedicatorum vitam intuemur vigilanter videamus. Ipsi quippe, cum verbum praedicationis monent, prius se in sanctis actionibus exercent, ne in semetipsis torpentes opere, alios excitent voce, sed ante se per sublimia facta excutiunt, et tunc ad bene agendum alios solicitos reddunt. Prius cogitationum alis semet ipsos feriunt, quia quicquid in se inutiliter torpet, solicita investigatione deprehendunt, distincta animadversione corrigunt. Prius sua putrire fletibus curant, et tunc quae aliorum sunt punienda denunciant.'"[99] Se nossas palavras não estiverem preparadas e não penetrarem como pregos, então não serão sentidas por corações endurecidos. Falar fria e maliciosamente sobre as coisas divinas é tão ruim quanto não falar delas ao todo.

10. Absolutamente todo o nosso trabalho deve ser feito com reverência profunda e solene, tal como é apropriado àqueles que acreditam na presença de Deus e não usam as coisas divinas como se fossem comuns. Quanto mais Deus se fizer presente em nossos deveres, maior autoridade eles terão para os homens, e a reverência é a afeição da alma, que procede da compreensão profunda de Deus e indica uma mente em contato com Ele. Manifestar irreverência quanto às coisas de Deus é manifestar hipocrisia, e o coração não concorda com a língua. Não posso falar por outros, mas os pregadores de maior reverência, aqueles que falam como se tivessem visto a face de Deus, afetam mais meu coração com palavras simples do que um homem irreverente com palavras delicadamente preparadas. Pois, se ele as diz sem visível honestidade, se a reverência não estiver no mesmo patamar que o fervor, de pouco serve. De toda a pregação no mundo (das que não pre-

[99] "Porque, quando está prestes a comer, ele primeiro bate as asas e, batendo assim em si mesmo, torna-se mais vigilante. Podemos discernir isso com bastante evidência se olharmos atentamente para a vida dos santos pregadores. Pois, por estarem ensinando a mensagem da pregação, primeiro se exercitam em ações sagradas, de modo que, por estarem ociosos consigo mesmos, não despertam os outros com sua voz, mas primeiro se abalam por meio de atos sublimes e então tornam os outros solícitos em fazer o bem. Eles primeiro batem em si mesmos com as asas da meditação, porque tudo o que é inutilmente entorpecido em si mesmos eles agarram com cuidadosa investigação e corrigem com uma punição precisa" (Gregorius Magnus, *Moralia in Iob* 30.3).

gam mentiras, ao menos), eu odeio aquela que tenta fazer seus ouvintes rirem, ou que tenta mover suas mentes com leviandades, tal como os atores de uma peça, em vez de enchê-los com o temor e a reverência ao nome de Deus. Disse Jerônimo em sua Epístola a Nepociano (p. mihi. 14): "*Docente te in Ecclesia, non clamor populi, sed gemitus suscitetur.*"[100] Devemos, então, supor que vimos o trono de Deus e os milhões de anjos gloriosos O atendendo, para podermos nos admirar em Sua Majestade quando nos aproximamos d'Ele em Suas coisas divinas, para que não as profanemos nem usemos Seu Nome em vão.

Isto é anexo: todo o nosso trabalho deve ser feito espiritualmente, tal como um homem possuído pelo Espírito Santo e sobre quem Sua influência age, e homens que desfrutam das coisas do Espírito. Há, na pregação de alguns homens, um tom devoto, que ouvintes devotos podem ouvir e ter deleite; e em outros homens, essa tintura divina é tão ausente que, mesmo quando falam de questões espirituais, o modo como o fazem é tal como se estivessem tratando de questões comuns. Nossa evidência e também nossos ornamentos devem ser espirituais, vindos da Santa Escritura, com o uso cuidadoso de pais da fé e outros escritores, e não de Aristóteles ou das autoridades dos homens. A sabedoria do mundo não deve ser magnificada contra a sabedoria de Deus; a filosofia deve ser ensinada a se curvar e servir; e a fé deve ter a autoridade principal; e os eruditos da escola de Aristóteles devem tomar cuidado para não glorificarem demais seu mestre, sob pena de acabarem detestando todos que estão abaixo dele, ou se provarão baixos na escola de Cristo e menores ainda no Reino de Deus, mesmo que sejam vistos como grandes aos olhos dos homens. Por mais sábios que sejam, não terão glória senão em Cristo crucificado. Aqueles que têm tanta confiança de que Aristóteles foi para o Inferno devem evitar de tomá-lo como seu guia para o Céu. Em um memorando excelente que deixou em sua *Magna Moralia* 1. 33., Gregório Magno diz: "*Deus primo collegit indoc-*

[100] "Como a Igreja lhe ensina, não é o grito do povo, mas os gemidos, as lágrimas de seus ouvintes são seus elogios" (Hieronymus, *Epistulae* 3.52.8).

tos; post modum philosophos; et non per oratores docuit piscatores, sed per piscatores subegit oratores."[101] Os homens de maior instrução deveriam pensar sobre isso.

Que todos os escritores tenham sua estima, mas não sejam comparados à Palavra de Deus. Não lhes recusaremos serviço, mas devemos abominar competidores. É o sinal de um coração desordenado quando este perde o deleite na excelência da Escritura. Há no coração que tem o espírito uma natureza para a palavra de Deus, pois esta é a semente na qual ele se regenera; a palavra é o selo que faz as impressões divinas nos corações dos verdadeiros crentes e imprime neles a imagem de Deus. E, portanto, eles devem ser tal como esta palavra e devem estimá-la enquanto viverem. Agostinho nos diz, no livro 10 de d*e Civitate Dei*, capítulo 29: "*Quod initium Sancti Evangelii, cui nomen est secundum Ioannem, quidam Platonicus (sicut a santo sene Simpliciano, qui postea Mediolanensi Ecclesiæ præsedit Episcopus, solebamus audire) aureis litteris conscribendum, et per omnes Ecclesias in locis eminentissimis proponendum esse dicebat.*"[102] Se ele podia assim valorizar o que parecia correto ao seu platonismo, como podemos valorizar o todo que é correto à natureza e aos interesses cristãos! Deus é o melhor professor de sua própria natureza e vontade.

11. O curso de nosso ministério deve ser realizado com um amor gentil para com nosso povo; não devemos deixar que vejam nada que nos felicite, exceto aquilo que lhes beneficia e que aquilo que lhes faz bem nos faz bem; e nada nos perturba mais do que o mal deles. Devemos lembrar, como Jerônimo disse a Nepociano, "que bispos não são lordes, mas pais da fé", portanto, devem ter por seu povo a mesma afeição que para

[101] "Deus primeiro reuniu os iletrados; à maneira dos filósofos; e Ele não ensinou pescadores por meio de oradores, mas subjugou oradores por pescadores" (Gregorius Magnus, *Moralia in Iob* 33.18).

[102] "Quanto ao início do Santo Evangelho, cujo nome é segundo João, um certo platônico (por exemplo, costumávamos ouvir do antigo são Simplicianus, que mais tarde presidiu como Bispo da Igreja de Milão) disse que deve ser escrito em letras de ouro, e ele disse que deveria ser exibido em todas as igrejas nos lugares mais eminentes" (Agostinho, *De Civitate Dei* 10.29).

com seus filhos; mesmo o amor de uma mãe não deve superar o deles; "temos até mesmo as dores do parto em Cristo por eles". Eles devem ver que não nos importamos com qualquer coisa externa, seja o dinheiro, a liberdade, o crédito, nem mesmo a vida, quando em comparação com a salvação deles, mas seríamos contentes, tal como Moisés, de termos nossos nomes retirados do livro da vida, ou seja, sermos removidos "*in numero viventium*",[103] para não perecerem. Assim também, como João disse, devemos estar prontos para dar nossas vidas por nossos irmãos, e com Paulo não considerar nossas vidas como queridas para nós, de modo que possamos terminar nossa missão com felicidade, fazendo o trabalho de Deus pela salvação dos outros. Quando as pessoas virem que vocês as amam sem fingimento, irão ouvir e fazer qualquer coisa, e os seguirão com maior facilidade. Como Agostinho disse: "*Dilige, et dic quicquid voles*."[104] Aceita-se de bom grado tudo que vem daqueles que nos amam inteiramente. É mais fácil aguentar uma palavra dura de alguém que a dá a nós por amor, do que uma palavra rude que nos é dirigida por raiva ou malícia. Muitos homens julgam o conselho conforme julgam aquele que o dá, por mais que se dê a ele uma chance justa. Portanto, sinta em seu peito um amor acalorado por seu povo e deixe que eles o sintam em seus discursos e o vejam em suas ações. Que vejam o quanto você gasta e é gasto pelo bem deles, e que tudo que faz é por eles, não para quaisquer fins seus. Para tal fim, os trabalhos da caridade são necessários, por onde quer que seu alcance atinja; pois simples palavras dificilmente convencerão os homens de que você os ama. "*Amiticia de dando et accipiendo, nascitur*",[105] disse Crisóstomo. E, quando vocês não forem capazes de dar, mostrem que estão dispostos a fazê-lo quando puderem, e a fazerem este tipo de bem quando puderem; "*Si potes dare, da; si non potes, affabilem te fac. Coronat Deus intus bonitatem ubi non inuenit facultatem. Nemo dicat, non habebam. Caritas non de saculo*

[103] "Do número de vivos".

[104] "Ame e diga o que quiser" (Agostinho, *In Gal*. 6. 1.).

[105] "A amizade nasce de dar e receber".

erogatur" (Agostinho, em Salmos 103).[106] Mas certifiquem-se de que seu amor não se demonstre carnal, vindo do orgulho, tal como alguém que se faz pretendente de si mesmo, mas, sim, por Cristo. Atentem-se, pois, para que não conspirem para seus pecados sob a pretensão de amor, pois isso passa dos fins e da natureza do amor: "*Amici vitia si feras, facis tua*" (Sêneca).[107] A amizade deve ser cementada pela piedade: "*Tu primum exhibe te bonum, et sic quaere alterum*" (Sêneca novamente).[108] Um homem perverso não pode ser um amigo verdadeiro, e se você o faz amigo em sua perversidade, demonstra que a possui também. Não finjam que os amam, favorecem seus pecados e não sua salvação. "*Soli sancti, et Dei sunt, et inter se amici*",[109] disse Basílio. Idem, "*Improborum et stultorum nemo amicus.*"[110] Ao favorecer seu pecado, você mostra inimizade para com Deus, e então como poderá amar a seu irmão? "*Amicus esse homini non potest, qui Deo fuerit inimicus.*[111]" Ambrósio. Se vocês são melhores amigos, ajudem-nos contra os piores inimigos. "*Amicos animæ custos*."[112] E não pense que toda a dureza é incompatível com o amor; pais corrigem seus filhos, e Deus também corrige todo filho a quem ama. "*Melius est cum severitate diligere, quam cum lenitate decipere*",[113] disse Agostinho.

Além disso, a natureza do amor é de que incite os homens a fazer o bem, e que o façam sem demora, diligentemente, e

[106] "Se tu podes dar, dá; se não puderes, torna-te um amigo. Deus coroa a bondade interior quando não encontra oportunidade. Ninguém diga: 'Eu não tive'. A caridade não é paga de uma bolsa" (Agostinho, Psalmum 103.19).

[107] "Se desculpas os defeitos do teu amigo, toma-los-á para ti". É uma citação de Publílio Siro, não de Sêneca (Publilius Syrus X).

[108] "Primeiro mostra que és bom, e assim procura outro semelhante a ti". Também é uma citação de Publílio Siro.

[109] "Os santos sozinhos e Deus são amigos uns dos outros".

[110] "Ninguém é amigo do desonesto e do estúpido".

[111] "Um amigo não pode ser um homem que é inimigo de Deus".

[112] "Amicos animæ custos dicitur". Em português: "Os amigos são chamados de guardiões da alma".

[113] "É melhor amar com severidade do que enganar com mansidão".

tanto quanto puderem. "*Alios curat* ædificare*, alios contremiscit offendere, ad alios se inclinat, cum aliis blanda, aliis severa, nulli inimica, omnibus mater.*" Agostinho, em *de catechizandis rudibus. "Ecce quem amas Domine infirmatur: Non dixerunt veni; Amanti enim tan tum nunciandum fuit: sufficiet ut noverit: Non enim amat, et deserit."*[114] Assim também estará conosco.

12. Outra necessidade concomitante de nosso trabalho é a paciência. Devemos aguentar muitos abusos e insultos daqueles por quem nos empenhamos. Estudamos por eles, oramos por eles, suplicamos e exortamos por eles com toda a condescendência que temos, nós gastamos por eles e lhes damos o que podemos, e lidamos com eles como se fossem nossos filhos, e destes muitos irão nos abordar com zombaria, ódio e desdém, e jogar nossa bondade em nossos rostos com desprezo, e nos imaginarão como inimigos, pois lhes dizemos a verdade; e quanto mais amamos, menos seremos amados. Tudo isso deve ser realizado com paciência, e devemos nos manter seguros de que estamos fazendo o bem, na mansidão, instruindo aqueles que se opõem, se Deus porventura lhes der o arrependimento. Se eles ingratamente zombarem e rejeitarem nossos ensinamentos, e nos disserem para nos atermos a nós mesmos e não neles, devemos nos manter firmes. Temos de lidar com homens distraídos, que irão gritar com seus médicos, mas não devemos por isso lhes negar a cura. É indigno de ser médico aquele que afasta seus pacientes por palavras frenéticas e rudes, *καθάπερ οἱ μαινόμενοι καὶ τὸν ἰατρον,*[115] ou "*Sicut insani etiam medicum impetere conantur, ita et illi*",[116] disse Crisóstomo sobre os sodomitas. "*Et alibi, Medici ferant ægrotum calcibus ferientem, incessentem contumelis, et convitiis, nec offenduntur; quia nihil aliud quam salutem ægroti quæferentes, licet facientis indecora,*

[114] "Eis que aquele a quem amas, Senhor, é fraco; não confessaram que eu vim. Pois era, então, para ser dito àquele que o ama apenas: bastará que ele o saiba; mas ele não o ama e não merece" (Agostinho, In Evangelium S. Ioannis 9).

[115] "Assim como os loucos, também o médico".

[116] "Assim como pessoas loucas tentam atacar um médico" (Joannes Chrysostomus, *In cap. XIX genes. Homil.* 48.9).

non ideo a cura desistant, sic concionator licet mala patiatur ab auditoribus, et cetera."[117] Se dissermos que homens naturais não se deleitam nas coisas do Espírito e estão além de si mesmos em questão de salvação, devemos cuidar de nossas esperanças de maneira similar, e não esperar que os tolos façam um agradecimento tão bom quanto os sábios. Essas são coisas que todos podemos dizer, mas, quando tivermos contato com pecadores que nos reprovam e caluniam nosso amor, e estão prontos para cuspirem em nossos rostos, e não nos agradecerão o conselho, qual tensão que haverá, e como os restos de velho Adão, orgulho e paixão, lutam contra a mansidão e paciência do novo homem! E, tristemente, quantos pastores falham nessa parte de suas tribulações.

Tendo lhes dado essas 12 concomitantes de nosso trabalho episcopal, que devem ser realizadas por todo pastor, permitam-me concluir com outra necessidade que nos é atribuída e com a qual trabalhamos juntos neste mundo, que é: devemos ser estudiosos na união e na comunhão entre nós mesmos, e na unidade e paz das igrejas das quais estamos encarregados. Devemos ter bom senso sobre a necessidade dessa prosperidade do todo, do fortalecimento de nossa causa, do bem de membros particulares de nosso rebanho e do aumento do Reino de Cristo. Portanto, os pastores devem sentir a dor de Cristo quando ele é ferido, e evitarem serem líderes em divisões, tomando ações para curar quaisquer que apareçam. Dia e noite devem se curvar em seus estudos para encontrar os motivos de tais cismas. Devem não somente ouvir os pedidos por unidade, mas tomá-los e realizá-los. Não somente entreter a noção da paz ofertada, mas segui-la mesmo quando outros a abandonam. Devem ficar próximos à simplicidade anciã da fé cristã e à fundação do centro da unidade católica. Devem abominar a arrogância dos que preparam modos de molestar e separar a Igreja de Deus, sob a pretensão de remover erros e manter a verdade. A suficiência da Escritura deve ser mantida,

[117] "E em outro lugar, os médicos suportam o doente golpeando com pontapés, atacando-o com insultos e ofensas; porque eles não buscam nada além da saúde dos enfermos".

e nada além dela imposta aos outros; e se papistas, ou outros, nos chamarem pelos padrões e regras de nossa religião, é a bíblia que devemos mostrar-lhes, não qualquer confissão das igrejas ou escrituras de homens. Devemos aprender a diferença entre certezas e incertezas, necessidades e coisas desnecessárias, verdades católicas "*quae ab omnibus, ubique et semper sunt retentae*",[118] como Vincent, Licen. disse; e colocar a ênfase da paz da igreja sobre a primeira, e não a segunda coisa. Devemos entender, então, a doutrina da antiguidade, para que saibamos de que maneira os homens foram ao Céu em épocas passadas, e saibamos aquilo que os devotos mais tardios escreveram, para podermos partilhar do benefício de seus métodos e explicações mais claros; mas nenhum desses deve ser feito à regra de nossa fé ou caridade. Devemos evitar a confusão comum daqueles que não diferenciam os erros reais dos verbais, e odeiam "*rabies quorundan theologorum*",[119] que atacam seus irmãos como se estes fossem hereges, sem os entender. E devemos aprender a ver o real estado das controvérsias e reduzi-las ao ponto onde as diferenças realmente se encontram, sem fazê-las maiores do que realmente necessitam ser. Em vez de brigar com nossos irmãos, devemos nos unir contra inimigos comuns; os pastores devem se associar, realizar a comunhão, se corresponderem e se reunirem constantemente para tais fins; e que pequenas diferenças de julgamento não os interrompam. Eles devem fazer tanto do trabalho de Deus em união e acordo quanto puderem, e para isso devem usar os Sínodos: não para reinar uns sobre os outros e fazer leis; mas para evitar mal-entendidos e se consultarem para edificação mútua, manter o amor e a comunhão, e realizar unanimemente o trabalho que Deus encarregou a todos. Se os pastores do Evangelho tivessem sido homens de paz e de espírito católico, em vez de facciosos, a Igreja de Cristo não estaria na situação em que está agora; as noções de luteranos e calvinistas em outros países, e as diferentes facções presentes aqui em nosso solo, não esta-

[118] "Que foram retidos por todos, em todos os lugares e sempre".

[119] "A loucura de certos teólogos".

riam planejando a subversão umas das outras, nem se manteriam distantes em amargura cruel, nem fortaleceriam o inimigo comum, atrapalhando a construção e prosperidade da igreja tal como têm feito.

CAPÍTULO IV

Caros e reverentes irmãos,

Nosso trabalho aqui hoje é o de humilhar nossas almas diante do Senhor por nossa negligência passada, especialmente no que concerne a catequizar e instruir pessoalmente aqueles que estão sob nosso encargo; e desejar o auxílio de Deus nesta responsabilidade na qual nos empenhamos por todo o tempo que há por vir. De fato, não podemos esperar conseguir o último se não fizermos o primeiro. Se Deus nos ajudará em nosso aperfeiçoamento e dever futuro, Ele primeiro nos humilhará por nossos pecados passados. Aquele que não tem compreensão de suas próprias falhas e as lamenta falsamente dificilmente será movido a superá-las. A tristeza do arrependimento pode ocorrer sem a mudança no coração e na vida, pois a paixão ocorre com mais facilidade do que a conversão real; mas a mudança não pode ocorrer sem estar presente a tristeza. Sim, podemos aqui justamente começar nossas confissões: é comum demais que esperemos de nosso povo aquilo que fazemos pouco, quando fazemos, por nós mesmos. Quanto nos empenhamos em humilhá-los, enquanto permanecemos não humildes! Quanto os pressionamos, por nossas reclamações, convicções e agravações, a espremerem algumas poucas lágrimas penitentes (e ainda são poucas) quando nossos próprios olhos estão secos, e nossos corações pouco afetados pelo remorso, e lhes damos exemplos de corações endurecidos enquanto os encorajamos a derreter por nossas palavras. Se nós ao menos estudássemos como afetar e remendar nossos próprios corações à metade do quanto estudamos para fazê-lo com nossos ouvintes, não estaríamos na situação em que

agora nos encontramos! Fazemos muito pouco pela humilhação deles, mas temo que façamos menos ainda pelas nossas próprias humilhações. Muitos fazem decentemente pelas almas dos outros apenas para não fazerem nada pelas suas próprias. Eles falam do assunto como se sua parte do trabalho consistisse apenas em clamar pelo arrependimento e ouvir os outros se arrependendo; a deles em falar, ter as lágrimas e a tristeza, e a dos outros homens, a de chorar e sentir a tristeza real; a deles o pregar, e a dos ouvintes em agir; a deles em declamar contra o pecado, e a dos outros de realmente abominá-lo.

Mas vemos que os guias da igreja nas Escrituras confessaram seus próprios pecados, assim como os das pessoas; e os fizeram em prantos, pelos pecados seus e dos outros. Esdras confessou os pecados dos pastores assim como os das pessoas, chorando e prostrando-se diante da casa de Deus (Esd 9.6-7, 10.1). Similarmente fizeram os Levitas (Ne 9.32-34). Daniel confessou seu próprio pecado, assim como os do povo (Dn 9.20), e Deus o instruiu a isso, assim como a outros (Jl 2.15-17). Quando o jejum é convocado, as pessoas unidas, a congregação santificada e os anciãos reunidos, os pastores do Senhor são chamados para começar, chorando e chamando pela misericórdia do Senhor. Acredito que, se considerarmos cuidadosamente os trabalhos já iniciados e, além disso, como os temos feito, da lei e de nossa irresponsabilidade para com esta, não precisaremos objetar a questão, nem ao menos fazê-la, se temos causa para a humilhação. Devo dizer, por mais que julgue a mim mesmo por dizer, que aquele que lê apenas esta exortação de Paulo em Atos 20, e compara sua vida com ela, é estúpido e insensível se não se desfizer sob a compreensão de sua negligência, e não se prostrar na poeira diante de Deus, e for forçado a lamentar suas grandes omissões, e a buscar refúgio no sangue de Cristo e Sua graça perdoadora. Sinto-me confiante, irmãos, de que nenhum de vocês aprova em seus julgamentos da doutrina libertina que declama contra a necessidade da confissão, do arrependimento e da verdadeira humilhação; e também o perdão do pecado! Não é uma pena, então, que nossos corações não sejam tão ortodoxos quanto

nossas cabeças? Mas vejo que nossa lição foi aprendida pela metade quando sabemos disso e podemos admitir. Quando houvermos compreendido o aprendizado, há mais dificuldade em ensinar nossas vontades e afeições, nossos olhos, nossas línguas e nossas mãos. É triste que tantos de nós preguemos para nossos ouvintes até que durmam; mas é mais triste ainda que tenhamos estudado e pregado até que nós mesmos tenhamos dormido, e falamos tanto contra a dureza do coração que os nossos próprios se endureceram sob o barulho de nossas próprias reprovações. Por mais que a cabeça tenha apenas olhos e ouvidos, o cheiro e o gosto, o coração deveria ter *vida*, *sentimento* e *movimento*, assim como a cabeça.

E para vocês verem que não é para uma tristeza sem motivo a que Deus nos chamou, tomarei para mim o dever de relembrar nossos diversos pecados, ou ao menos aqueles que são mais óbvios, e os colocarei neste dia diante de Deus e de nós mesmos, para que Deus possa deixá-los para trás; e, para sermos abertos e sinceros em uma confissão livre, para que Ele, que é justo e fiel, perdoe nossos pecados; e para que julguemos a nós mesmos, para que não sejamos julgados no Senhor; e nisso suponho que eu tenha seu completo e alegre consentimento, e que vocês estão tão longe de ficarem ofendidos com a desgraça de suas pessoas, e dos outros neste cargo, que vocês prontamente reconhecerão a validez disso e humildemente acusarão a si mesmos; e também me coloco tão distante de precisar me justificar das acusações de outros, que deixo meu nome, sem qualquer pretensão, no começo da lista; pois como pode um pecador miserável com transgressões tão horríveis presumir que se justificará diante de Deus? Ou como pode ele se declarar inocente, quando sua consciência diz tanto contra ele? Se eu trago vergonha ao sacerdócio, não o farei ao cargo, mas, sim, às nossas pessoas, ao abrir aquele pecado em que reside a nossa vergonha. A glória de nosso emprego tão devoto não comunica qualquer glória ao nosso pecado, nem nos dará qualquer cobertura para nossa nudez; pois "*o pecado é a vergonha das nações*" (Pv 14.34) e das pessoas. E sou eu, assim como os outros, que devo aguentar esta vergonha: se isto

não for feito, o que mais faremos aqui hoje? Nosso trabalho é o de tomar a vergonha para nós mesmos e dar a Deus a glória; e fielmente mostrar nossos pecados para que os Ele possa cobrir; e nos fazermos nus pela confissão, como já o fizemos pela transgressão, para Ele poder colocar sobre nós a vestimenta branca que veste apenas os penitentes; pois sejam eles pastores ou povo, somente aquele "*que encobre suas transgressões nunca prosperará, mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia*" (Pv 28.13).

E acredito que não poderá estar ausente que, no começo de nossa confissão, olhemos para os que vieram antes e imitemos Daniel e outros servos de Deus que confessaram os pecados de seus antepassados e seus antecessores. Pois decerto meu próprio julgamento está tão longe de negar o pecado original, mesmo a parte mais importante com seus antigos opositores, ou mesmo aqueles da nova edição, que não me é desculpa pela culpa das ofensas causadas por meus falecidos progenitores, tal como outros homens parecem acreditar que se escusam. Busquemos, pois, o cerne de nossa vergonha e vamos ao fundo disso, à procura do comportamento dos pastores do Evangelho, dos dias de Cristo até agora, e vamos ver quão longe eles estavam da inocência.

Quando Cristo escolheu para si 12 apóstolos, que manteve próximos de Si para que se familiarizassem com Sua doutrina, Sua vida e Seus milagres; eles mesmo assim, por muito tempo, permaneceram ignorantes, sem saber que Ele deveria morrer e ser um sacrifício pelos pecados do mundo, e seria enterrado e então voltaria para ascender à glória; nem qual era a natureza de Seu reino espiritual. É difícil para nós imaginar como homens tão ignorantes poderiam estar em estado de graça; mas sabemos que essas questões depois foram de absoluta necessidade para a salvação, mesmo que não o fossem então.[120] Quão frequente e publicamente Ele os ensinava! (Mc

[120] Neste momento, Baxter insere entre parênteses a seguinte observação: "Se qualquer pessoa da época de Moisés, ao oferecer sacrifício de acordo com a lei, não fosse instruída na doutrina da morte do Redentor, mas somente acreditasse que Deus, pelos meios

4.34) e os repreendia por sua descrença e pela dureza de seus corações; e, mesmo depois disso, tão estranhos eram os mistérios da redenção para eles, e estes que agora são os artigos da nossa fé, que o próprio Pedro tentou persuadir Cristo a não sofrer, e fez tanto para contradizer Seus pensamentos da graça por nossa redenção que foi chamado de Lúcifer e excomungado "*tantum non*":[121] e não é de se surpreender, pois, se seu conselho fosse ouvido, o mundo teria sido perdido eternamente. E, por haver um Judas entre eles, os 12 lutavam por superioridade diante de Cristo; tão cedo o orgulho começou a se formar naqueles que eram os melhores, que depois prevaleceriam diante de todos os outros, que trouxe a igreja a uma de suas piores posições. O que poderemos dizer de seu conjunto abandono a Cristo, de suas falhas mesmo após os derrames do Espírito, da discórdia e separação entre Paulo e Barnabé; do estranhamento que Pedro teve quanto aos gentios, e sua cooperação com os Judeus ao pôr as liberdades dos gentios sob perigo (Gl 2), da dissimulação de Barnabé e a deserção de Paulo em seu sofrimento. Quando encontrou Timóteo, disse: "*Porque a ninguém tenho de igual sentimento, que sinceramente cuide de vosso estado; porque todos buscam o que é seu, e não o que é de Cristo Jesus*" (Fp 2.20-21). Uma triste acusação de egoísmo na glória da igreja, por fé e pureza! E que acusações são levantadas contra os anjos das sete igrejas asiáticas (Ap 2; 3), e é provável que Arquipo não tenha sido o único homem a ser avisado para que se atentasse a seu ministério (Cl 4.17); nem Demas, o único homem que abandonou uma parceira perseguida, e se virou às coisas do mundo; nem Diótrefes, o único homem que amava sua preeminência, causava brigas e tratava os outros de maneira injusta e impiedosa na igreja por conta disso.

E mesmo enquanto as igrejas estavam em chamas, o orgulho e a discórdia entre os pastores de Deus fizeram mais danos que o fogo da perseguição jamais poderia fazer para tudo vi-

que Ele achasse mais agradáveis e convenientes, nos perdoaria por nossas transgressões, seria apressado excluirmos tal homem da salvação." (N.T.).

[121] "Não apenas".

rar cinzas. Quão triste é a história de Polícrates, excomungado com todas as igrejas orientais por Victor com seus romanos, pelo mero crime de escolher errado o dia da páscoa, do qual nós britânicos também fomos culpados muito tempo depois; quem pensaria que uma fraqueza tão grande, uma usurpação tão presunçosa, uma crueldade tão pouco caridosa e um zelo tão separador poderiam ter abatido os pastores da igreja com as maiores tentações de prosperidade, ainda mais no meio da perseguição ímpia! Que tolices ocupavam as cabeças dos antigos e reverentes pais da igreja, assim como a própria igreja, e que coisas inúteis compõem seus cânones! Mas esses foram os assuntos e trabalhos de muitos de seus conselhos. Quão rapidamente eles pareceram esquecer a perfeição da Santa Escritura, da não necessidade e do peso das imposições cerimoniosas; e, ao tomar por meio destas uma jurisdição desnecessária e injusta, eles fizeram da igreja muito mais trabalhosa do que Cristo jamais pretendeu e assim entupiram a religião com construtos humanos, sob os quais os cristãos do mundo têm penado desde então; e a reverência a suas pessoas lhes deu tal reputação por crimes, e os costumes lhes ensinaram tanto a alegar limitações, que só Deus sabe quando essas igrejas lânguidas e laceradas serão libertas dos efeitos de sua presunção. Isso faz um leitor imparcial se perguntar, ao folhear seus cânones e a história da igreja, como homens de piedade, caridade e sobriedade poderiam ser levados a enlear e partir em pedaços as igrejas por tais vaidades e determinações desnecessárias, para dizer pouco; e como os pregadores do evangelho da paz, que se colocam em humildade, unidade e amor, possam ser atraídos a tal orgulho, de modo que acham correto fazer tantas leis para toda a Igreja de Cristo e prendem seus irmãos ao mundo pela obediência ao que dizem e à prática de suas cerimônias melodramáticas e ardilosas; e isso sem falar das penalidades por sermos considerados nada mais do que hereges condenados ou separatistas! Por mais que Paulo tenha dito em tempo que os temia e que, tal como a serpente enganou Eva, eles também eram corrompidos e se apartavam da simplicidade em Cristo (2Co 12.3). Essa cautela foi rapidamente esquecida, e aquilo

que Paulo temia rapidamente caiu sobre eles; então, em vez da simplicidade da doutrina, eles gastaram a igreja com controvérsias curiosas; e, em vez da simplicidade da disciplina e do governo, eles corromperam a igreja com pomposidade e tirania, e as variedades de novas ordens e regras das religiões; e, em vez da simplicidade do louvor, eles montaram tal conjunto de invenções próprias, das quais a igreja não tinha necessidade alguma, que os bispos deveriam virar mestres de cerimônia, quando deviam ter sido os humildes e fiéis observadores das leis e comandos puros de Cristo. Por mais que seus conselhos tenham sido úteis para a comunhão das igrejas se tivessem sido conferidos propriamente, eles, então, os seguiram de maneira tão infeliz pela maior parte, que Gregório de Nazianzo propôs que não se seguisse mais estes, pois não vira nenhum que não causasse mais males do que bens. E tão preocupados estavam eles com tais adições e inovações, até mesmo fazendo novos credos, que Hilário reclama disso com tristeza, sem poupar o Concílio de Niceia, por mais que seu credo fosse permissível, pois eles ensinavam aos outros da maneira errada. E Lutero nos mostrou, em seu livro "*De Conciliis*", os pensamentos que tinha sobre tais assembleias. Em três pecados lamentáveis os prelados da igreja então viviam: o *orgulho*, as raízes; a *discórdia*, e as *imposições vãs e invenções*, os frutos. Não há caridade que não seja cega que possa esconder essa culpa. Nunca antes o mundo cristão foi tão flagelado por tais brigas por superioridade e tradições valiosas, depois de tantos avisos, lições e exemplos que Cristo deu a Seus próprios apóstolos. Quando em certa vez o favor de um príncipe cristão brilhou sobre as igrejas, que autoexortação e contenção dos prelados se seguiram? E, se eles não tivessem sido restritos e mantidos quietos pelo imperador, quão cedo teriam causado problemas ainda maiores do que já haviam? Talvez no próprio primeiro concílio. E, por mais que o concílio tivesse um bom motivo, o de suprimir a heresia ariana, se Constantino não tivesse lançado suas acusações às chamas e os humilhado de suas controvérsias, talvez não tivesse acabado de maneira tão nobre. E, mesmo tendo acabado tão bem, Lutero disse, na página 226 de *De Conciliis*:

"*Arianae haeresis jocus fuit ante Nicenum Concilium, praeilla confusione quam ipsi post Concilium excitaverunt.*"[122] A triste reclamação de Agostinho sobre o carregamento da igreja com cerimônias, comparando-a com o Judaísmo, é famosa: dessa vez vemos os comentários de Lutero no mesmo livro, páginas 55 e 56. E pareceu estranho a Lutero que os sábios prelados de tempos melhores repreendessem "*circa naenia et nugas*",[123] sobre a preeminência e as cerimônias, e as coisas pouco importantes, quando se ocupavam em admirá-las. Leiam esse tratado por inteiro.

Não é triste pensar no fervor de um Epifânio, ou um Teófilo Alexandre contra Crisóstomo, e de Crisóstomo contra eles? De Jerônimo contra Rufino, Crisóstomo e tantos outros; e, se Agostinho não tivesse sido mais pacífico, um deles teria sido um herege ou um separatista no mínimo! Quantos outros exemplos nós não temos!

E, para suas sentenças condenatórias, eles eram ainda mais presunçosos do que em suas leis: poucos homens poderiam se colocar em seu caminho ou cair ao lado, mas um deles deveria ser feito um herege antes que tudo chegasse ao fim! Pequenas diferenças eram heresias condenáveis, mesmo que tivessem bastante entre si que realmente o fossem, sendo este clero mesmo frequentemente a causa e os fomentadores; e se multiplicaram por suas atribuições, tanto que seus catálogos incharam além do crédito da caridade. E aquele que tinha a maior reputação era o que estava mais seguro dos outros e tinha o poder de fazer os outros hereges à vontade; e, se fosse um homem que certa vez conseguira votos e fama, era perigoso contradizê-lo; se Vigilâncio ou Joviniano tivessem o nome de Jerônimo, algumas de suas heresias talvez se tivessem tornado artigos da fé.

E, por serem tão perigosamente imprudentes, fazendo de qualquer pequeno erro uma heresia, e causando divisões na

[122] "Havia uma alternativa para a heresia Ariana antes do Concílio de Niceia, antes da confusão que eles próprios haviam causado após o Concílio".

[123] "O que dizia respeito às músicas e brincadeiras".

igreja com suas condenações injustas; tantos outros foram imprudentes o bastante para provocá-los, fosse por trivialidades ou por conceitos falsos, especialmente sobre a trindade, a pessoa e natureza de Cristo, de modo que espíritos inquietos não sabiam quando ou onde poderiam descansar. E muitos deles realmente eram vigaristas e enganadores dos menos sagazes, por fingirem milagres, revelações e visões, e traziam as pessoas para a superstição; por tais coisas foi que Bonifácio de Mogúncia escreveu ao papa Zacarias sobre o hipócrita Santo Adalberto; e naquela época em especial, quando poucos homens eruditos, tal como Erasmo reclamou, escapavam da suspeita de heresia, e aquele que era um matemático era considerado um mago, teria sido mais prudente ter silenciado algumas verdades do que irritar a ignorância impaciente. Virgílio talvez tivesse falado mais do mundo acima e deixado o mundo abaixo em paz, em vez de forçar o erudito papa Zacarias a dizer para seu irmão Bonifácio de Mainz: "*De perversa er iniqua doctrina, quam contra Deum et animam suam locutus est;*[124] (um crime sério) *si clariaficatum fuerit ita erum confiteri, quod alius mundus et alii homines sub terras sint, hunc accito Concilio, ab Ecclesia pelle, sacerdotii honore privatum*".[125] Mas a menção da décima segunda parte desta usurpação orgulhosa, das inovações, imposições e sentenças dos tempos que se seguiram, especialmente entre os romanistas, é algo para volumes maiores, não uma lamentação superficial dos pecados da igreja. Não me ocuparei com os erros e o derramamento de sangue cruel do clero papista atual contra os valdenses e os protestantes; nem com a triste condição do resto do clero por todo o mundo cristão, na Etiópia, na Moscóvia, na Grécia, etc.; pois vocês acharão que isso tem menos a ver conosco, que declamamos contra estes; mas olhemos, então, para nós mesmos e descobriremos ainda motivos para mais lamentações. Também propositalmente evitarei falar dos pecados de nossos reformadores estrangeiros, nem

[124] "Sobre a doutrina perversa e injusta que ele falou contra Deus e sua alma".

[125] "Se ficou claro, é um privilégio confessar que há um mundo e outro sob a terra, convocando o Concílio, dissipando a Igreja, privando o sacerdócio da honra".

mencionarei quaisquer uma de suas tristes divisões, que tornaram as igrejas reformadas em duas facções exasperadas, os *luteranos* e os *calvinistas*, como são comumente chamados, e impedem sua reconciliação, frustrando todos os modos que se tentaram até hoje, para a grande vergonha dos pastores destas igrejas, e causando a publicação de nossas trevas, nosso orgulho e egoísmo para todo o mundo. Meu assunto presente trata apenas dos pastores renovados de nossas igrejas, pois, mesmo que pela Graça de Deus estejamos longes da crueldade papal, que fez fogueiras com os irmãos que eram melhores do que eles por todo o reino, e longe de seus terríveis erros e falso louvor; estamos também longe de sermos inocentes, e a posteridade irá lembrar apenas as falhas de seus antecessores.

Não é um caso triste, aquele dos problemas em Frankfurt; saber que tantos homens devotos, que abandonaram tudo pela profissão renovada e se tornaram exilados em uma terra estrangeira, em uma cidade onde puderam apenas ocupar temporariamente a liberdade de uma igreja, devam ter sua união partida, e isso por um culto e por cerimônias, de modo a causar uma divisão; e, após muito conspirarem uns contra os outros e se debilitarem, alguns deles tiveram que deixar a cidade e procurar outra em busca de liberdade! O que não tinham estes exilados que deixaram seu país natal, terra e amigos, e tudo pelo Evangelho, que fugiram para tão longe pela liberdade de louvar a Deus, e tiveram vantagens tão grandes quanto qualquer homem no mundo para terem a noção sensível da excelência da reformação e da liberdade; não tinham estes, digo eu, mais amor cristão e bondade, nem mais estima pelo que passaram, para que não se virassem um contra o outro, e quase caíssem um sobre o outro, por tais coisas? O sofrimento não deveria moderar seus orgulhos e suas paixões, e controlar seus corações, ou ao menos fazê-los pacientes o bastante para tolerarem uns aos outros em suas diferenças, quando seus amigos mais próximos e seus compatriotas estavam queimando nas chamas em sua pátria, e as prisões se enchiam com eles, e tinham notícias diárias de que outro fora sacrificado pela fúria dos papistas, e ainda assim procediam em suas próprias divisões, e a tal nível ainda? O que é esse homem,

e os melhores entre os homens? Antes disso, nos tempos do Rei Eduardo, que rigor foi usado contra o Bispo Hooper por tais cerimônias! E a prisão abrandou a falta de caridade do Bispo Ridley, e ambos, então, aprenderam maior caridade quando foram levados às chamas.

De Frankfurt, a triste divisão ocorrida após a morte da Rainha Maria foi transportada para a Inglaterra: e ali as sementes que foram plantadas, ou que começaram a dar crescimento na congregação exilada, deram frutos na terra de sua prosperidade. Não tardou que, assim que o sol bateu sobre eles, os espíritos da discórdia abundaram, e as portas das prisões se abriram e foram quebradas, e eles começaram a planejar a supressão de seus irmãos, como se fossem galos de rinha, soltos para cima um do outro, a trabalharem por satã quando haviam sofrido por Cristo. O grupo que era a favor da prelazia e das cerimônias prevaleceu em formar um semblante de estado, e rapidamente usaram seus poderes para colocar seus irmãos sob seus pés; e complicaram tanto seu trabalho, que não havia cargo no ministério que tivesse paz se não fosse do jeito que eles bem quisessem. E aqueles que procuravam disciplina e ordens de outras igrejas reformadas podiam muito bem procurar a marca da ignomínia, pois todos que não concordavam com eles eram considerados divisores nas cerimônias. Aqueles que eram contrários também eram, alguns, impacientes, incautos e pouco pacíficos; e estes se viraram para a separação absoluta e lançaram-se aos prelados com insultos. Pelos seus bens, muitos homens sábios e bons foram usados das piores maneiras, e aqueles que ganhavam posições passavam a se fazer de zombadores e perseguidores, e se uniram para impor neles o nome de puritanos, mesmo sabendo o que esses nomes de reprovação e zombaria podem fazer em atrasar suas causas para com os que são vulgares; alguns desses puritanos, como agora eram chamados, foram presos, e alguns mortos; outros morreram em e por sua prisão; todos foram impossibilitados de serem pregadores do Evangelho na Inglaterra, até que mudassem de opinião e se submetessem à lei da abadia, e da liturgia, e às cerimônias, e as usassem apropriadamente

quando ministrassem. Oh, quantos bons homens se regozijaram que o Senhor havia visitado seu país natal com a libertação e a luz do glorioso Evangelho de Seu Filho! Quanto eles ansiavam em se prostrar pela salvação de seus compatriotas e pela melhora de suas liberdades presentes em nome da mais efetiva propagação da verdade! Então seus próprios amigos, alguns até mesmo seus compatriotas em sofrimento, que os haviam auxiliado pela necessidade de adaptação, desapontaram-nos, removeram-nos do vinhedo do Senhor e não permitiram que ninguém ali trabalhasse exceto eles e os deles. Ai! Que a perseguição fosse tão facilmente esquecida! E que eles não tivessem mais noção de tal crueldade do que os papistas, para que se movessem a ter mais bondade e consciência com seus irmãos. Que não tivessem mais compaixão para com a Igreja de Cristo do que a privar dos trabalhos de tantos homens de valor e em tempos de tão grande necessidade! Quando os padres papistas haviam sido removidos, e várias congregações não tinham pastor algum, à exceção de alguns leitores tolos, ainda assim esses homens não podiam pregar. Se os julgamentos desses prelados não fossem feitos em nome de seu direito divino de governo, não teriam como ser suficientes para as necessidades da cruz, da sobrepeliz e todas as outras partes de sua liturgia! Se eles tivessem apenas apoiado aos seus em maioria, silenciado aqueles que falavam contra seu governo e suas cerimônias, e permitido que pregassem o Evangelho apenas aqueles que seguissem suas leis em tais coisas, com paciência silenciosa para o uso das cerimônias, talvez tivessem obtido maior controle sobre seu poder, exercendo algum senso de amor fraternal e compaixão no estado de necessidade da igreja, e, provavelmente, ainda estariam seguros em seu poder. Parece-me curioso que homens bons e sábios, pois não duvido que muitos deles os fossem, acreditassem que, para muitas das congregações inglesas (sem falar daquelas, na Irlanda e na Escócia), seria preferível que não tivessem qualquer pregação, arriscando-se à condenação das almas humanas que antes estavam em tão profunda ignorância papista, do que serem pregadas por homens que não usavam a cruz ou a sobrepeliz.

Por acaso estas valiam mais do que tantas almas? Era lícito, no tempo dos apóstolos, batizar sem a cruz, orar e louvar a Deus sem a sobrepeliz. Por que os prelados da Inglaterra não poderiam tolerar isso na hora de necessidade das igrejas, ao menos como uma fraqueza em homens de boa índole, que as igrejas apostólicas não utilizavam? E, se esses objetos fossem mesmo lícitos e necessários, aqueles que assim pensassem poderiam tê-los. Eram eles agora mais necessários do que a pregação do Evangelho, quando, nos tempos dos apóstolos, não eram necessários ou usados ao todo? Se era obediência aos prelados a questão, talvez, se estes tivessem pedido obediência a coisas inegáveis e necessárias, teriam-na encontrado mais cedo. Se se tivessem contentado em ser autoridades em Cristo e em garantir a execução de suas leis, e a não se preocuparem com legislação desnecessária, penso que poucos teriam questionado a obediência a eles, se não fossem ímpios. Mas foi por eles decidido que colocassem tais imposições na consciência dos homens, de coisas desnecessárias ou indiferentes, que os homens de consciências mais claras eram mais prováveis de desobedecerem e que serviam apenas de armadilhas àqueles que desejavam servir a Deus, quando o trabalho da igreja deveria ser o de promover a obediência às leis de Cristo e encorajar aqueles que mais temiam desobedecê-los, fazendo tal como os legisladores que disseram: "*Nunca acharemos ocasião alguma contra este Daniel, se não a acharmos contra ele na lei do seu Deus.*" (Dn 6.5)

Mas veio a ser que o inimigo da igreja alcançou muitos de seus objetivos; homens excelentes como Hildersham, Brightman, Bayn, Parker, Ames, Bradshaw, Dod, Nicolls e muitos outros foram deixados de lados e silenciados; e ainda vários outros pediram liberdade em Lincolnshire, Devonshire e outros locais, e também foram suprimidos; e a nação nesse meio tempo abundava com ignorância, vindos da observação das aparências naquele tempo, de preferir seus simplórios leitores aos pregadores desagradáveis, e odiar e zombar da obediência zelosa às leis de Cristo, da diligência pela salvação, pois haviam notado que esses homens eram odiados e perseguidos

pelos governadores nas ocasiões antes mencionadas. E é nisso que a fundação de nossa miséria se encontra: os próprios governadores começaram a virar seu ódio contra a prática da divindade (que a natureza corrupta odeia em tudo) e as pessoas comuns notaram, então não confinaram mais a palavra puritano aos não conformistas, aplicando-a comumente por toda a nação, para aqueles que falavam com seriedade do Céu, contavam aos homens da morte e do julgamento, e passavam o Dia do Senhor se preparando para tal, e desejavam que os outros fizessem o mesmo; aqueles que oravam em suas famílias, ensinavam a seus filhos e criados no Dia do Senhor sobre a salvação, em vez de lhes dizer que passassem o dia brincando ou se divertindo; eles reprovavam os bêbedos e os profanos como se fossem puritanos ou rigoristas, ou qualquer outro odiado naquele momento, de modo que a palavra ficou associada, em todas as cidades e vilas da Inglaterra que eu conheço, com tais coisas. E assim os prelados confrontaram os vulgares em suas causas e, em parte por si mesmos e em parte por eles, haviam mudado suas próprias causas, de modo que todo cristão sério que temia o pecado e tinha diligência em sua salvação se encontrava presentemente entre seus adversários e envolvidos com os outros, mas não fizeram nada contra o governo, ou as cerimônias, e os mais ignorantes e ímpios se tornaram amigos e agentes de seu tempo, e por toda parte fez do cristão piedoso um alvo de zombaria, para a desonra de Deus, o fortalecimento do perverso e o desencorajamento do fraco; e assim criando nos homens o preconceito para com a vida divina e impedindo milhares de tomarem o caminho da salvação; e só então Deus pareceu mais diretamente interessado nessas questões e se pôs contra eles, humilhando-os por trazerem a zombaria e a vergonha a seus caminhos. E esta, sim, esta foi a coisa que os derrubou.

Além disso, quase não havia algo tal como o governo da igreja ou a disciplina sendo notados na terra, apenas a agressividade para com aqueles que discordavam. Em toda a minha vida, nunca vivi em uma paróquia onde uma pessoa fosse admoestada publicamente ou forçada à penitência pública, ou

mesmo excomungada, apesar de que também nunca tivemos muitos bêbados insistentes, prostitutas ou ofensores piores. Dos que vi, houve um ou outro que tiveram bastardos, e estes foram até a corte do bispo e pagaram suas multas; e também ouvi de uns dois ou três, no país inteiro, em toda a minha vida, que ficaram postos em um pano branco diante da igreja por uma hora; mas a disciplina antiga da igreja, esta é desconhecida. E, de fato, foi por eles tornada impossível, quando um homem que vivia longe deles e não conhecia nenhuma pessoa das centenas que compunham seu rebanho ainda assim era colocado como responsável por eles, executando sua jurisdição não em pessoa, mas por um representante não ordenado, excluindo os pastores de várias congregações que deveriam apenas se unir aos guardiões da igreja e aos oficiais de justiça, para apresentar os homens e trazê-los às cortes; e uma tarefa impossível deve permanecer não feita. Assim, a controvérsia era: quem deverão ser os governadores de todas as igrejas particulares? Deve haver algum governo de igreja ou não? Nisto, aqueles que pleiteavam por disciplina eram chamados pelo nome de Disciplinários, como se fosse algum tipo de heresia desejar que houvesse disciplina na igreja.

Enfim, a situação se tornou mais acalorada, e novas imposições trouxeram novos adversários. Quando puritanos mais adaptáveis começaram a sofrer essas reprovações, havendo agora poucos não conformistas restantes, eles agora também tinham de ser trazidos para a rede: era obrigatório se curvar diante dos altares, ou em direção a eles; todos deveriam publicar um livro sobre danças e esportes no Dia do Senhor, atrapalhando os pais de famílias (mesmo que estes tivessem pouco tempo nos dias de semana, por razão de pobreza ou trabalho, para impedir suas crianças ou famílias de dançarem naquele dia para instruí-las nas questões de Deus). Se um homem, ao ler um capítulo para sua família, os persuadisse a observar e praticá-lo, e com razão os encorajasse a isso, essa prática era chamada de *expor*, e nestes novos artigos era representada junto ao adultério e outros pecados similares; de modo que também não havia a pregação em casa, necessitando que se fosse ou-

vir um pregador em outro local. Eu vi multidões tendo dificuldades por tais questões, quando outros escapavam de crimes realmente escandalosos. Então as palestras foram deixadas de lado, e os sermões vespertinos, e a exposição do catecismo, e os sermões do fim de tarde. E a violência cresceu de tal modo que centenas de famílias deixaram a terra, assim como muitos pastores capazes e devotos, conformistas e outros, todos se exilaram, alguns em um país, outros em outro, e a maior parte em alguma parte remota americana. Para lá se foram Cotton, Hooker, Davenport, Shepherd, Allen, Cobbet, Noyes, Parker e muitos outros que mereciam seus lugares na Inglaterra.

Mas devo admitir que não teria mencionado nada disso, nem o visto como um crime tão hediondo, se tivesse sido cometida a crueldade apenas para com as pessoas, por mais que eles tenham sido muito mais duros com eles do que eles foram; e se não tivesse sido uma crueldade maior à igreja, e se eles ao menos tivessem colocado homens competentes nos lugares de onde haviam retirado tais homens. Mas não, as igrejas foram perturbadas com tais coisas ridículas, que nos envergonham e perturbam até hoje. Houve uma abundância de meros leitores, e bêbados, e profanos, e devassos, todos sendo apontados líderes de igrejas; e deles temos passado vários anos tentando nos livrar, algo que não foi completamente feito até hoje. Muitos que possuíam mais educação ainda fizeram de seu foco principal arrastar os puritanos à desgraça e impedir que as pessoas fossem tais; de modo que devo dizer que naqueles tempos conhecia menos lugares onde um homem poderia com segurança ouvir seus sermões, se não pudesse fazê-lo em casa, do que lugares onde poderia ficar bêbado toda semana. Pois o povo comum rapidamente compreendeu e aumentou sua reprovação, conforme os governadores aumentaram sua perseguição; de modo que um homem não poderia, em local algum da Inglaterra no qual eu tenha estado, dizer a um profano ou a um bêbado: "Não peque contra Deus, pois machucará sua própria alma", ou seria declarado um puritano. Ele não poderia dizer a um vizinho ignorante ou descuidado "lembre-se de seu estado eterno; prepare-se para a morte e o julgamen-

to"; ou falar sobre questões das Escrituras com eles, sem ser chamado de puritano ou de preciosista. E a própria Escritura se tornou uma reprovação para aquele que dela falava e em resposta ouviria: "Ora! Você virá nos falar da Escritura, agora? Vai pregar para nós! Temos de enviar estes pregadores para longe daqui!". Assim, virou comum que, através da Inglaterra, fosse mais reprovável ser um homem vivendo sob o medo de Deus do que viver em profanidade abertamente e zombar a divindade diariamente, algo tão longe de ser visto como um perigo que alguns tomaram como preferível; e os pregadores daqueles tempos estavam cientes de que o modo mais aceito era o de se criticar os bons puritanos, e não viver de modo tão bom quanto eles; e, assim, tanto o episcopado quanto as pessoas decaíram, de modo que não é surpreendente que Deus tenha dado as costas à nossa terra.

Era de tal maneira também nas igrejas ocidentais antes das invasões dos godos e dos vândalos, como Salviano, entre vários outros, nos descreveu; de fato, não conheço outro escritor que tenha melhor descrito o estado de nossos tempos atuais, portanto, emprestarei as palavras dele para expressar nosso caso, que parece ter sido naquela época o caso de toda a igreja:

"*Ipsa Ecclesia Dei, quae in omnibus esse debet placatrix Dei, quid est aliud quam exacerbatrix Dei? aut praeter paucissimos quosdam qui mala fugiunt, quid est aliud pene omnis coetus Christianorum quam sentina vitiorum? Quotum enim quemque invenies in Ecclesia non aut ebriosum, aut helluonem, aut adulterum, aut fornicatorem, aut raptorem, aut ganeonem, aut latronem, aut homicidam? et quod his omnibus pejus est, prope haec cuncta sine fine. Interrogo enim Christianorum omnium conscientiam: ex his vel flagitiis vel sceleribus quae nunc diximus, quotus quisque hominum non aliquid est horum, aut quotus quisque non totum? Facilius quippe invenias qui totum sit quam qui nihil. Et quod diximus nihil, nimis forsitan gravis videatur esse censurae. Plus multo dicam. Facilius invenias reos malorum omnium quam non omnium; facilius majorum criminum quam minorum: id est, facilius qui et majora crimina cum minoribus, quam qui minora tantum sine majoribus perpetrarint. In hanc enim morum probrositatem prope*

omnis ecclesiastica plebs redacta est, ut in cuncto populo Christiano genus quodammodo sanctitatis sit, minus esse vitiosum. Itaque ecclesias vel potius templa atque altaria Dei minoris reverentiae quidam habent quam cujuslibet minimi ac municipalis judicis domum. Siquidem intra januas non modo inlustrium potestatum, sed etiam praesidum ac praepositorum, non omnes passim intrare praesumunt, nisi quos aut judex vocaverit aut negotium traxerit aut ipsa honoris proprii dignitas introire permiserit; ita ut si quispiam fuerit insolenter ingressus, aut caedatur, aut propellatur, aut aliqua verecundia atque existimationis suae labe multetur. In templa autem vel potius in altaria atque in sacraria Dei passim omnes sordidi ac flagitiosi sine ulla penitus reverentia sacri honoris inrumpunt: non quia non omnes ad exorandum Deum currere debeant, sed quia qui ingreditur ad placandum, non debet egredi ad exacerbandum. Neque enim ejusdem officii est indulgentiam poscere et iracundiam provocare. Novum siquidem monstri genus est: eadem pene omnes jugiter faciunt quae fecisse se plangunt, et qui intrant ecclesiasticam domum ut mala antiqua defleant, exeunt; et quid dico, exeunt, in ipsis pene hoc orationibus suis ac supplicationibus moiuntur"[126] (Salviano, *de gubernatione Dei*, 1.3, pg. 86 e 87).

[126] "A própria Igreja, que em tudo deve apaziguar a Deus, o que faz além de irritá-Lo? E, se você e exceto alguns poucos fogem do mal, o que é toda a assembleia dos cristãos hoje, senão um receptáculo de vícios? Pois o que encontrar hoje na Igreja, senão homens dedicados ao vinho e à boa comida, adúlteros e fornicadores, sequestradores e libertinos, ladrões e homicidas? Pior ainda, quase todos esses vícios não deixam espaço para a piedade. Apelo à consciência dos cristãos; dos grandes crimes que acabo de apontar, quem é o homem que não tem quem culpar, ou melhor, que não é culpado de todos? É mais fácil encontrar pessoas nas quais todos esses vícios dominam do que encontrar homens inteiramente livres deles. Quando digo, totalmente isento, talvez passarei por um censor severo demais. Direi muito mais: é mais fácil encontrar cristãos abandonados a todas as desordens do que encontrar aqueles que não o são; é mais fácil ver alguns mergulhados nos grandes crimes do que encontrar alguns que estejam mergulhados nos menores; isto é, é mais comum notar os cristãos combinando os maiores crimes com pecados simples, do que ver alguns que cometem pecados simples sem acrescentar a eles os grandes crimes. Quase todos os devotos da Igreja chegaram a tal transbordamento de costumes que, entre o povo cristão, é uma espécie de santidade ser menos vicioso. Também as igrejas, ou melhor, os templos e os altares de Deus, são tratadas por poucos com menos respeito do que a casa do menor juiz municipal. Nem todos se permitem indiscriminadamente entrar nas casas não só dos grandes da terra, mas também dos homens investidos de alguma autoridade. A pessoa deve ser chamada por isso pelo juiz, ou atraída por seus próprios negócios, ou apresentada em favor de sua posição;

E, pg. 180 "*O miseriam lacrymabilem! o miseriam luctuosam! Quam dissimilis est nunc a se ipso populus Christianus, id est, ab eo qui fuit quondam! Tunc princeps apostolorum Petrus Ananiam et Sapphiram, quia mentiti essent, morte mulctavit. Beatissimus quoque Paulus etiam unum de Ecclesia malum expulit, ne contactu suo plurimos inquinaret. Nunc nos etiam pari utriusque partis numero contenti sumus. Et quid contenti dicam? Exsultare nos potius ac tripudiare gaudio conveniret, si parilitas ista nobis contingeret. Ecce in quid recidimus, ecce in quid post illam Christiani populi puritatem qua omnes quondam immaculati erant, ecce in quid redacti sumus, ut beatam fore Ecclesiam judicemus, si vel tantum in se boni habeat quantum mali. Nam quomodo non beatam arbitremur, si mediam plebis partem haberet innoxiam, quam pene totam nunc esse plangimus criminosam? Unde superflue, cum hoc ita sit, superflue dudum de uno malo locuti sumus, superflue unius scelera deflevimus. Aut omnes enim, aut pene omnes flendi atque lugendi sunt.*"[127]

caso contrário, essa entrada desrespeitosa a exporia a ser maltratada, ignominiosamente expulsa ou mancharia sua reputação com uma mancha vergonhosa. Não é assim com templos, ou melhor, com altares e santuários de Deus; homens todos sujos de crimes correm para lá sem nenhum respeito pela majestade divina. É necessário, é verdade, correr aos templos para se dobrar ao Senhor; mas quem entra para apaziguá-Lo não deve sair para irritá-Lo. A mesma ação não deve implorar por indulgência e provocar raiva. Porque é uma coisa monstruosa fazer de novo o que você reclama por ter feito. A pessoa entra na igreja para deplorar os velhos defeitos; e, quando eu saio de lá, o que eu digo? Mesmo em orações e súplicas, novas são feitas" (Salvianus Massiliensis, *De gubernatione dei* 3.9).

[127] "Ó infortúnio deplorável! Ó desastrosa calamidade! Como o povo cristão hoje é diferente de si mesmo, quero dizer, do que era antes! Então o príncipe dos apóstolos, Pedro, puniu Ananias e Safira com a morte, porque eles mentiram. O bem-aventurado Paulo expulsou da assembleia um único homem corrupto, para impedi-lo de contaminar a multidão com sua presença contagiante. Hoje estamos felizes em ver pecadores e santos em igual número. E o que eu disse, feliz? Deveríamos muito antes tremer de alegria e pular de alegria, se essa feliz igualdade fosse encontrada entre nós. É aqui que chegamos! A que excesso, depois dessa pureza ancestral do povo cristão quando todos eram imaculados, a que excesso chegamos! Descobriríamos que seria uma felicidade para a Igreja ter em seu seio tantos bons quanto maus. E como não seria para sua felicidade se ela possuísse metade de seu povo na inocência, por quem hoje lamentamos ver quase todo abandonado ao crime! Portanto, é totalmente desnecessário, visto que é assim; é desnecessariamente que há muito nos apegamos a um único culpado, desnecessariamente que deploramos os crimes de um só: todos, ou quase todos, pedem nossas lágrimas e nossas lamentações." (Salvianus Massiliensis, *De gubernatione dei* 6.1).

Et pg. 195 e 196 *"Omnia denique amamus, omnia colimus. Solus nobis in comparatione omnium Deus vilis est. Denique, praeter alia quae id probant, indicat hoc etiam haec res ipsa quam dico. Si quando enim evenerit, quod scilicet saepe evenit, ut eodem die et festivitas ecclesiastica et ludi publici agantur; quaero ab omnium conscientia, quis locus maiores Christianorum virorum copias habeat, cavea ludi publici, an atrium Dei? Et templum omnes magis sectentur, an theatrum? dicta evangeliorum magis diligant, an thymelicorum? verba vitae, an verba mortis? verba Christi, an verba mimi? Non est dubium quin illud magis amemus quod anteponimus."* [128]

Nossos tempos foram muito como estes aqui descritos, por culpa daqueles que alegaram ter supervisionado suas almas. Fora algo triste ver esses homens que se empenharam em guiar os outros pela vida sendo o motivo pelo qual se perdiam e eram desencorajados; e ouvi-los zombar da divindade, quando deviam ter se dedicado à doutrina e à vida depois desta. A acusação pode parecer dura para aqueles que vieram depois de tais tempos, ou que foram persuadidos do contrário, mas eu cito Salviano, 1.6, pg. 197: "*Sed gravis est forsitan hæc atque iniqua congestio. Gravis profecto, si falsa.*" [129]

Mas, pela bondade de Deus, nem todos os prelados da igreja eram tão falhos; ainda temos sobreviventes em Usher, Hall, Morton; homens eruditos e de paz, cujos nomes são tão queridos para nós quanto os de quaisquer homens vivos. Quisera que fosse a vontade de Deus que todos tivessem sido como eles! En-

[128] "Em suma, amamos todas as coisas, adoramos todas as coisas. Só Deus não tem valor para nós em comparação com todos. Finalmente, além das outras coisas que O provam, essa mesma coisa que eu digo também indica isso. Pois, em algum momento acontece — o que significa dizer que muitas vezes acontece — de tanto as festas eclesiásticas quanto os jogos públicos serem realizados no mesmo dia, pergunto à consciência de todos: qual lugar tem maior força sobre os homens cristãos: o teatro de jogos públicos, ou o tribunal de Deus? E todos estão mais interessados no templo ou no teatro? Eles deveriam amar as palavras dos evangelhos, ou do incenso? Palavras de vida ou palavras de morte? Palavras de Cristo ou palavras de um ator? Não há dúvida de que amamos aquilo que preferimos" (Salvianus Massiliensis, *De gubernatione dei* 6.7).

[129] "Mas talvez esta seja uma aproximação séria e injusta. Mas ela é realmente importante, mesmo que incorreta" (Salvianus Massiliensis, *De gubernatione dei* 6.8).

tão talvez não tivéssemos visto dias tão sangrentos quanto vimos, nem estas horrendas mutações na igreja e no estado. Mas esses bons homens estavam tão longe de poder fazer todo o bem do qual são capazes, considerados malignos por sua piedade e fé, e muitas vezes ouvi eles serem desprezados junto aos outros, zombados como puritanos por todos os prelados.

E ainda quão bom seria se toda a culpa recaísse apenas sobre esse grupo! Mas não é este o caso. Aqueles divinos devotos que foram oprimidos, e mais ainda aquela parte do povo que ficou impaciente demais sob o sofrimento e se viraram, alguns mais do que era necessário contra as pessoas daqueles por quem haviam sofrido; e muito se esforçaram para fazer dos prelados odiosos com o povo, como perseguidores da Igreja de Deus; e, por outro lado, estavam preocupantemente prontos para abandoná-los e pensarem o pior das coisas por terem sido ordenados a isso. Sem dúvida, se todos tivéssemos sofrido mais pacientemente e nos portado com mansidão e gentileza, diferentemente dos outros, e dado a eles o louvor que lhes era tardio e nos dedicado à construção de suas ações tanto quanto pudéssemos, e coberto suas enfermidades com interpretações mais caridosas, talvez isso tivesse apaziguado suas mentes. Ou ao menos teria preservado a nossa própria inocência. Mas não houve espaço do lado deles para que se mencionasse a paz, ou pedisse a liberdade, no momento de sua prosperidade; de modo que, quando apareciam a nós por vantagem a chance de reivindicarmos nossas liberdades, nós olhávamos para elas como irreconciliáveis, como se apressadas sem a devida consideração e faltosas para com os empreendimentos pacíficos que eram nosso dever. Não lhes oferecemos, em nossa assembleia, uma consulta livre, para que sua causa pudesse ter sido ouvida, antes que a condenássemos. Propostas que possuíam qualquer tendência para a acomodação e a cura de nossos ferimentos não foram consideradas como mereciam. Que propostas modestas foram feitas pelo bispo Usher, que ambas as facções negaram! Quantas missões pacificadoras e excelentes tratados vieram do devoto e pacífico bispo Hall, especialmen-

te seu "Pacificador", seu "Pax terris"[130] e sua "Oferta modesta". Mas quão pouco efeito estas tiveram! Certamente alguns dos homens ali eram tão veneráveis por sua erudição e piedade, que mereciam ser ouvidos e consultados como homens dos mais sábios. E a abadia não era uma planta tão jovem na igreja, nem havia tido tão poucos homens nas eras anteriores que lhe dessem crédito, mas bem mereciam uma audiência e debate justos.

E assim todos nós mostramos nossa fragilidade, e esta é a atenção que demos a nós mesmos e a todo o rebanho. O Senhor finalmente abriu nossos olhos para podermos ver mais claramente nossas falhas; pois certamente elas estão diante de nós, como montanhas, e todos à nossa volta podem vê-las, mas nós raramente as veremos por conta própria.

Haveria um homem a pensar que, se o coração do homem é curável, deveríamos, então, todos ter noção de nossas falhas e nos preparar para o fim de modos razoáveis. Quem não pensaria que, após toda a dor causada por nossas divisões, nós nos juntaríamos, oraríamos e debateríamos a paz? Mas, infelizmente, não é esse o caso, e poucos são aqueles que encontro que o querem fazer. Continuamos nossas disputas, tais como eram antes. Como Salviano disse em outro caso: "*Miseri iam sumus, et necdum nugaces esse cessamus!*" (1. 6. pg. 202. e g. 200).[131] "*Mala incessabiliter malis addimus, et peccata peccatis cumulamos: et cum máxima nostri pars jam perierit, id agimus ut pereamus omnes. — Nos non vicinos nostros tantum ardere vidimus, sed ipsi jam ex máxima nostrorum corporum parte arsimus. Et quid hoc, proh nefas, mali est? Arsimus, asimus, et, tamen flammas quibus jam arsimu non timemus. Nam quod non ubique agantur quæ prius acta sunt, miserie est beneficium, non disciplinæ. Facile hoc probo. Da enim prioris temporis statum, et statim ubique sunt quæ fuerunt.*"[132]

[130] "Paz na terra".

[131] "Já somos infelizes e, por enquanto, deixamos de ser falsificações" (Salvianus Massiliensis, *De gubernatione dei* 6.9).

[132] "Pois acrescentamos males incessantemente aos males, e acrescentamos pecados

As mentes de muitos estão ainda tão exasperadas e estranhas quanto antes. Há três tipos que vejo frequentemente, que são todos atrasados demais para serem acomodados:

I

Os homens violentos que concordam com os prelados, especialmente aqueles dos novos métodos, que estão tão distantes de se reconciliar conosco e curar nossas feridas, que se põem a persuadir o mundo de que todos os contrários a eles são separatistas, e que os pastores que não foram ordenados pelo episcopado não são pastores, nem as igrejas que não têm prelados são igrejas verdadeiras (à exceção de casos de necessidade inevitável). E eles dizem que concordar com tal coisa seria como aderir ao próprio Cisma.

II

Alguns, por outro lado, dizem: "Vocês não veem que, à exceção de um número ínfimo, a facção da abadia é composta de homens vazios, descuidados, escandalosos e ímpios? Onde se encontra alguém cuja comunhão seja desejável? Que se empenhe em ganhar e salvar almas, e que é sério nas questões da salvação, com quem se pode ter uma conversa sobre a divindade? Deus derrubou esses inimigos da divindade, perseguidores e despovoadores de igrejas, e vocês querem reatar amizade com eles? Não veem que eles permanecem tão amargos e im-

aos pecados; e, visto que a maior parte de nós já pereceu, estamos fazendo isso para perecer ainda mais. Quem, eu pergunto, vê outro ser morto por ele e não tem medo de si mesmo? Quem vê a casa do seu vizinho em chamas e não se esforça de todos os modos para que não seja queimado? Não apenas vimos nossos vizinhos queimarem, mas nós mesmos já estamos pegando fogo na maior parte de nossos corpos. E o que é isso, infelizmente, um crime hediondo? Queimemos, queimemos; e ainda não temeremos as chamas com as quais já estamos queimando. Pois o que foi feito antes, como eu disse, não é feito em todos os lugares, é um favor à miséria, não à disciplina. Finalmente, provo isso facilmente. Pois dê o estado do tempo anterior, e as coisas que existiram ainda estarão em toda parte." (Salvianus Massiliensis, *De gubernatione dei* 6.9).

placáveis quanto antes? Alguns deles não permanecem tendo a arrogância de justificar suas imposições anteriores e sua perseguição, trazendo ou continuando a culpa sobre si mesmos? E eles ainda fariam o mundo acreditar que foram removidos injustamente, quando tantas acusações feitas no Parlamento antes da divisão, tantos séculos de coisas horríveis e escandalosas publicadas pelo senhor White, e tantos outros séculos, que se encontram em deposições nos vários condados da nação onde o comitê os expulsou, todos são testemunhas perpétuas da qualidade desses homens".

III

E há outros que são neutros, que não justificam as falhas anteriores nem os males presentes de qualquer um; mas que acreditam que, apesar da verdade presente nessas acusações, a diferença e a qualidade de algumas dessas são tais que merecem nossos desejos e tentativas de reconciliação; mas acreditam também que tal coisa é impossível e, portanto, não deve ser tentada.

E assim se forma nosso cisma; mas como ou quando será curada, só Deus sabe. Porém, isso não é tudo, convém ainda nos aproximarmos do lar e nos perguntarmos sobre os modos dos pastores devotos atualmente aprovados, qualquer que seja a facção à qual pertencem; e sem dúvida, se estivermos dispostos a nos conhecer, logo encontraremos aquilo que nos prostrará diante de Deus, e eu farei meu melhor para notar meu próprio coração corrupto, o qual não justificarei nesta lamentação, pois tomo como dever necessário jogar a primeira pedra em mim mesmo.

Não me darei ao trabalho de enumerar os grandes pecados dos quais somos culpados; portanto, não entendam como negação ou justificação que eu passe despercebido por alguns. Mas tomarei como meu dever exemplificar alguns, daqueles que pedem mais fortemente por humilhação e reforma às pressas. Precisarei apenas primeiro informar a premissa dessa profissão: que,

por todas as falhas que no momento se apresentam entre nós, acredito que nunca na história da Inglaterra, desde que viramos uma nação, houve um episcopado tão capaz e fiel quanto este; e temo que poucas nações, se alguma outra, tem um similar. A mudança que ocorreu ao longo desses 12 anos é uma das maiores felicidades que já presenciei. Quantas congregações são agora abertas e frequentemente ensinadas, depois de tanto viverem escondidas! Quantos homens capazes e fiéis existem agora em cada condado, comparados aos números anteriores! Quão graciosamente Deus prospera nos estudos dos jovens homens, que eram apenas crianças no início dessas tribulações e agora superam seus mais velhos! Quantas milhas eu teria que caminhar 20 anos atrás, ou até menos, para ouvir um desses reverendos anciãos devotos, cujas congregações agora rareiam, e isso por motivo da melhora de seus calouros. Particularmente, quão misericordiosamente o Senhor lidou com esse pobre condado (Worcestershire) ao nos conceder vários desses que trazem tanto renome à sua sagrada profissão e livremente se sacrificam incansavelmente pelo bem das almas com zelo e autonegação. Agradeço ao Senhor por me ter colocado em tal local, onde posso tomar parte da irmandade de tantos homens capazes, humildes, pacíficos e fiéis. Espero poder ter a felicidade de ver essa mudança se tornar algo comum em outros locais, para que centenas de homens fiéis se empenhem duramente na salvação das almas, "*frementibus licet et frendentibus inimicis*";[133] e mais apareçam a cada dia. Sei que há alguns homens, cujas paróquias reverencio, que, por serem de mentes diferentes, se sentirão ofendidos pela minha mera menção a essa alegre mudança; mas devo declarar que, mesmo se eu fosse absolutamente episcopal, se conhecesse meu coração, eu não poderia ter outra reação exceto a de me regozijar. Por que eu não o faria diante da prosperidade da igreja, independentemente das diferentes opiniões sobre sua ordem? Por acaso eu deveria cerrar meus olhos diante da misericórdia do Senhor? As almas dos homens não são tão insignificantes assim para mim, para que eu lhes negue o pão apenas por este ser partilhado por uma mão que

[133] "Protestos ilegais e inimigos barulhentos".

não teve a aprovação dos prelados! Que todas as congregações fossem supridas de pão! Mas não podemos fazer tudo de uma vez só. Eles tiveram bastante tempo para ajeitar seu episcopado corrupto; e, quando os ignorantes e escandalosos são removidos, não podemos simplesmente criar habilidades em outras pessoas para suprirem a necessidade; devemos ser pacientes com o tempo necessário para preparação e crescimento deles, e então, se a Inglaterra não tiver afastado o Evangelho por seu abuso, ou por suas intenções não reformistas e ódio à luz, eles poderão ser a nação mais feliz sob os céus. Pois, por mais que haja seitas e heresias se estabelecendo e nos perturbando diariamente, não duvido que um evangelho trazido por um episcopado capaz e baseado na autonegação seja capaz de os dispersar e humilhá-los.

Mas, você pode dizer, isso não é confessar o pecado, mas, sim, aplaudir aqueles cujo pecado você finge confessar! E eu lhe respondo que isso é o reconhecimento das graças de Deus e Sua misericórdia admirável, para que eu não pareça ingrato na confissão, nem obscureça ou vilifique as graças de Deus, ao esclarecer as fragilidades que acompanham muitos.

Dentre essas várias coisas que atrapalham até mesmo os melhores, mencionarei algumas em particular:

I

O mais hediondo e palpável desses pecados é o do *orgulho*; é um pecado que atrai muito interesse nos melhores, mas que é ainda mais odioso e inaceitável em nós do que em qualquer outro homem. E, apesar disso, prevalece tanto dentre nós que dita nossos discursos, escolhe nossas companhias, forma nossos semblantes, põe acentos e ênfases em nossas palavras; quando raciocinamos, é o determinador e excitador de nossas cogitações; preenche as mentes dos homens com desejos e aspirações, empossa-os de pensamentos amargos e invejosos contra aqueles que estão na luz, ou de qualquer modo são compreendidos como eclipsando sua glória ou atrasando seu progresso ou a reputação que idolatram. Que companheiro,

que comandante tirano, que ardiloso e sutil inimigo este é, o pecado do orgulho! Segue os homens ao vestuário e ao alfaiate; veste-os em suas cores, suas roupas, sua moda. Veste-os de manhã ao saírem de casa. Poucos pastores seriam tentados à moda pelo cabelo e pelo hábito, se não fosse sob o comando desse pecado tirânico; e quisera eu que isso fosse o pior de seus atos, mas ele frequentemente nos segue em nossos estudos, senta-se conosco e faz nosso trabalho! Ele escolhe por nós o nosso assunto, e mais ainda, escolhe nossas palavras e ornamentos. Deus nos disse para sermos tão simples quanto pudermos, para informarmos os ignorantes, e tão convincentes e capazes quanto possível, para comover e mudar os corações; mas o orgulho contradiz tudo, adiciona brincadeiras e tolices, e polui em vez de polir, e, sob a pretensão de ornamentos louváveis, desencoraja nossos sermões com coisas infantis, como se um príncipe fosse vestido nas roupas de um palhaço; convence-nos a pintar a janela para que diminua a luz e a falar para nossas pessoas aquilo que elas não entendem, acostumá-las ao nosso falar incompreensível; remove a vida de tudo aquilo que ensinamos, sob a pretensão de diminuir a grosseria e a não equidade. Se temos uma passagem simples e cortante, ela é descartada como rústica e ingrata. Quando Deus nos encarrega de lidar com os homens sobre suas vidas, e supliquemos com toda a sinceridade que tivermos, esse pecado maldito controla tudo e condena os comandos mais sagrados de Deus, acusando nosso dever mais necessário de ser loucura, e nos diz: "Permitirá que os outros pensem que é louco? Deixará que digam que você ruge ou delira? Que não consegue falar de maneira calma e moderada?" E assim o orgulho faz com os sermões do homem, e o que o orgulho faz o Diabo faz, e quais sermões o diabo fará, e para que fins, podemos facilmente deduzir. Mesmo que o assunto seja de Deus, se a maneira e os preparos são de Satanás, não temos motivos para acreditar que terá sucesso.

E, quando o orgulho faz o sermão, este vai com ele ao púlpito; forma seu tom, inspira sua enunciação, retira-os daquilo que é desagradável apesar de ser necessário e os faz buscar o aplauso por vaidade; em suma, faz com que os homens bus-

quem a si mesmos e neguem a Deus, quando deveriam buscar a Glória de Deus e negar a si mesmos. Deveriam perguntar: "O que devo dizer, e como devo dizê-lo, de modo que agrade a Deus e faça o bem?", mas os faz perguntar: "O que deverei dizer, e como o direi, para me acharem um pregador capaz, erudito e me aplaudam pelo que disse?" Quando o sermão está feito, o orgulho os segue até suas casas e os faz buscar saber se foram aplaudidos, mais do que se salvaram almas! Poderiam até, se não fosse pela vergonha, perguntar às pessoas se gostaram deles e procurar seus elogios. Se acharem que são adorados, eles se regozijam, como se tivessem alcançado seu objetivo; mas, se acharem que ainda são homens fracos ou comuns, ficam tristes, como se tivessem perdido algum prêmio.

Mas isso não é tudo, nem o pior, se pior ainda possa ser. Que nunca se possa dizer dos pastores devotos que eles são tão focados em suas popularidades e em se preocupar com as considerações dos homens; ou que eles invejam as áreas e nomes de seus irmãos com mais preferência do que eles, como se todos os elogios que pudessem ir para eles fossem para outros; e como se Deus lhes tivesse dado seus dons para que fossem meros ornamentos e pedaços de suas pessoas para poderem andar como homens de boas reputações pelo mundo, e todos os seus dons em outros fossem pisoteados e vilificados se encontrassem no caminho de suas honras! Ora, ser um santo, um pregador de Cristo, e ainda assim invejar aquilo que tem a imagem de Cristo, e abominar seus dons pelos quais ele dá a glória, e tudo isso apenas porque isso impede a sua glória pessoal! Por acaso não é todo cristão um membro desse todo, de modo que todos partilhamos das bênçãos como um todo, mesmo as de cada membro em particular? E não é o caso que todo homem deve a Deus, pelos dons de seus irmãos, agradecer, pois também partilham dele, tal como um pé se beneficia da visão do olho; e também porque seus objetivos podem ser obtidos pelos dons de seus irmãos assim como os seus próprios? Pois, se a Glória de Deus e a felicidade da igreja não forem seus objetivos, ele não é um cristão. Que trabalhador abomina o outro por tê-lo ajudado a cumprir o trabalho de seu mestre?

E, ainda assim, quão comum é que esse crime hediondo ocorra nas partes mais eminentes da igreja! Esses homens podem macular a reputação daqueles que se opõem a eles, e o que não puderem fazer por vergonha em aberto, para que não sejam comprovados como mentirosos e caluniosos, farão por intimações gerais e maliciosas, levantando suspeitas onde não podem fazer acusações. E alguns estão tão entrincheirados nesse pecado satânico, que essa prática lhes parece normal, e grande parte de seu trabalho consiste em esconder informações das quais não gostam, difamando outros dos modos mais ardilosos possíveis. Alguns ainda chegam a desejar que ninguém mais capaz do que si mesmo venha a seus púlpitos, para que não recebam mais aplausos do que si mesmos. É algo temeroso que um homem que tenha ao menos um pouco do medo de Deus inveje tanto os Seus dons, e prefira que seus ouvintes permaneçam inconversos, e os sonolentos permaneçam adormecidos, a permitir que seu trabalho seja realizado por outros homens que sejam preferidos a si mesmo. Mas ainda assim esse pecado prevalece, de modo que, mesmo nas grandes congregações que precisam da ajuda de muitos tutores, nós mal conseguimos fazer com que dois ali ensinem em igualdade, vivendo juntos em amor e calma, trabalhando unanimemente em nome de Deus! Mas, a não ser que um esteja definitivamente sob o outro em hierarquia, e se encontre assim contente, ou seja um pároco para o outro, sendo liderado por ele, os dois sempre acabam por competir por precedência, invejando o interesse um do outro, cobiçando e estranhando-se, causando grande vergonha à profissão e grande dano à congregação. Envergonho-me de pensar nas vezes em que encorajei pessoas de interesse público que, para permitirem que bons trabalhos fossem realizados, necessitavam de mais de um pastor em suas maiores congregações, apenas para ouvir que esses jamais trabalhariam juntos! Espero que essa objeção seja infundada para a maioria; mas sei que não é para alguns. Não, alguns homens estão tão abandonados a seus orgulhos, que, quando tiverem alguém para ajudá-los com seu trabalho de Deus, eles preferirão tomar o fardo completo para si mesmos, apesar de ser maior do que

podem aguentar, para que também não tenham que dividir a honra deste e para que não percam o interesse do povo.

Portanto, também que os homens magnifiquem suas próprias opiniões e censurem qualquer um que se diferencie deles nas questões menores, como se discordar deles fosse discordar de Deus; e com isso esperam que todos se conformem com seus julgamentos, como se fossem os reais governadores da fé cristã! Por mais que declamemos contra a infalibilidade papal e a determinação das controvérsias, nós, também, muitos de nós, seríamos papas e nos diríamos infalíveis. É verdade que temos a modéstia de não declarar isso; fingimos que é apenas a evidente verdade que se faz aparente em nossas razões para esperarmos que os homens se curvem diante do que dizemos, e que nosso zelo é pela verdade, e não para nosso próprio benefício; mas, para que essas verdades sejam reconhecidas, as razões destas também devem ser vistas como válidas; e se forem examinadas e descobertas como tendenciosas, como raramente nós notamos por serem nossas, quão bravos ficaremos se isso for revelado aos outros? Nós tanto defendemos as causas de nossos erros, como se tudo que é dito contra eles fosse dito contra nossas próprias índoles, e fôssemos hediondamente insultados ao ter nossos argumentos refutados, mesmo que estes tenham insultado as verdades e as mentes dos homens! Chegamos, então, por meio do orgulho, ao ponto de que, se um argumento errôneo vier de um nome reverenciado (o que não é raro), devemos ou lhe dar a vitória e abrir mão da verdade, ou nos tornaremos prejudiciais àquele nome que a inverdade pronuncia. Pois, mesmo que você não mexa com as pessoas, elas ainda se colocam à mercê de suas interpretações dos argumentos e sentem-se como se você as criticasse, pois acham que, nos olhos dos homens, um argumento fraco é sinal de um homem fraco. Se, portanto, você fizer de seu dever humilhar os erros e falsidades destes, descobrindo a nudez deles, eles acreditarão que você está atacando suas pessoas, e assim seus nomes devem ser castelos dos quais defenderão seus erros e tudo o que dizem da luz.

E tão altivos estão nossos espíritos, que, quando qualquer homem toma como dever nos contradizer, comumente nos fazemos impacientes quanto a seu motivo e sua maneira. Amamos o homem que diz o que dizemos, concorda com nossa opinião e promove nossa reputação, mesmo que ele não mereça nosso amor em nenhum outro respeito; mas aquele que nos contradiz, este nos é ingrato, difere de nós e lida abertamente com nossos erros, conta-nos nossas falhas! Especialmente no que diz respeito à conduta que temos em nossas discussões diárias, quando o olho público está sobre nós, raramente lidamos bem com qualquer contradição ou reprovação aberta. Sei que a linguagem rude deve ser evitada e que devemos ser cuidadosos com as reputações uns dos outros, conforme nossa fidelidade para com a verdade permitir; mas nosso orgulho faz com que muitos de nós pensemos que todos aqueles que não nos admiram nos condenam. Somos tão frágeis nesse aspecto que, ao menor toque, nos desfazemos; e tão arrogantes e altivos, que homens normais mal podem falar conosco, tal como crianças perversas ou pessoas doentes que não conseguem falar; a culpa não reside no falar com tais, mas no falar ao todo. Assim, nossa indignação não é contra os homens por falarem ou escreverem insultantemente, ou injustamente contra nossas palavras, mas pelo mero ato de o fazerem. E um homem que não for excepcionalmente habilidoso em elogiar e agradar os outros além do básico vulgar não tem como se adequar a tais expectativas a cada momento, pois haverá alguma palavra, ou alguma negligência, que causará a reprovação pela mera presunção de que talvez os tenha insultado; de modo que um indivíduo qualquer, que fala o que pensa, deve evitar de falar com tais homens, ou será considerado culpado de desonrá-los.

Confesso que ocasionalmente penso se esse pecado tão hediondo deveria ser visto de modo tão leviano, e visto como condizente com uma fundação divina de coração e de vida, quando pecados menos terríveis são proclamados como piores por nós! Devo admitir que acho difícil diferenciar um pecador ímpio e um pastor devoto neste aspecto. Quando falamos aos bêbados, mundanos ou quaisquer homens ignorantes e incon-

versos, nós os desgraçamos ao máximo em suas condições, deixando-lhes tão claro quanto podemos os seus pecados, suas vergonhas e sua miséria; e esperamos não somente que ouçam a tudo isso pacientemente, mas também com gratidão, e temos boas razões para tal coisa; e grande parte daqueles com quem falo realmente assim o fazem, e muitos dos maiores pecadores irão elogiar seus pastores e lhes dizer que não se importam com um homem que não lhes falará abertamente sobre seus pecados. Mas, se falarmos a um pastor devoto contra seus erros ou pecados, se os honrarmos e reverenciarmos, e falarmos da maneira mais mansa que pudermos, se misturarmos elogios com nossas contradições e reprovações, se o aplauso a seus atos não for predominante de modo que se sobreponha a toda a força das refutações; e se não for mais uma ovação do que uma confutação, eles entendem isso como um insulto inacreditável. Consideram isso como um ataque a si mesmos, que não seria mais que um elogio vazio para uma pessoa comum, por mais justa que fosse a causa.

Irmãos, sei que essa é uma confissão triste e dura; mas que isso seja tão prevalente dentre nosso meio deveria ser mais triste do que ter que se falar disso. Se tal nudez pudesse ser escondida, eu não a teria descoberto, ao menos não de modo tão aberto diante de todos. Mas, infelizmente, há muito ela se encontra aberta para todo o mundo. Nós nos desonramos ao idolatrar nossa honra; estampamos nossa vergonha e a pregamos diante de todos. Alguns pensarão que estou sendo bondoso demais ao me referir a tais homens como devotos, quando eles possuem tão pesaroso pecado em si. Bem sei que, quando este é predominante, e não é odiado, declamado e mortificado no homem, realmente não há devoção nele, e deixarei a cada um que faça uma busca cuidadosa em seu próprio coração. Mas, se todos que forem culpados de qualquer descoberta de pecado, sejam estes muitos ou até a maioria deles, que o Senhor seja misericordioso para com os pastores desta terra e nos providencie rapidamente um outro espírito, pois a graça deve ser algo mais raro do que havíamos suposto que fosse.

Devo, porém, ainda declarar que isso não é tudo que pretendo. Que seja dada a graça onde existe, e certamente entre nós ela se faz presente ainda, e não duvido que por outras partes também, eminentemente na humildade, e na prostração, e na condescendência, e nos exemplos que nossos irmãos dão para seus rebanhos; esta é sua glória, e será sempre sua glória; e faz deles honráveis e alegres aos olhos de Deus, e aos seus próprios também; e quisera que fossemos todos assim! Mas, infelizmente, não é esse o caso.

Que o Senhor nos coloque a Seus pés, em lágrimas de tristeza sincera por nossos pecados! Irmãos, deem-me licença para que eu me queixe deste caso com todo o meu coração e com vocês, para podermos, pela vergonha de nossos pecados, ser reformados? O orgulho não é por acaso o pecado do demônio? O primogênito do Inferno? Não é nisso que a imagem de Satã consiste? E por acaso é algo tolerável em homens que se empenham tanto contra ele e seu reino quanto nós? O próprio projeto do Evangelho tende para a auto-humilhação; e é também na humilhação que o trabalho da graça se inicia e continua. A humildade não é um mero ornamento para um cristão: é contraditório ser um homem santificado, ou um cristão verdadeiro, e não ser humilde. Todos aqueles que são cristãos devem ser discípulos de Cristo e vir a Ele na intenção de aprender; e sua lição é de que sejamos mansos e modestos. Quantos preceitos e exemplos admiráveis nosso Lorde e Senhor nos deu para Seus fins! Podemos pensá-Lo lavando os pés de Seus servos e ainda assim sendo forte e altivo! Como podemos evitar falar com os mais desprezíveis, acreditando que apenas pessoas ricas e honrosas são aceitáveis em sociedade, quando Ele fala com elas tais como quaisquer outras? Quantos de nós somos mais frequentemente vistos nas casas de cavalheiros do que nos casebres daqueles que mais precisam de nossa ajuda? Há muitos entre nós que achariam muito simplório inclinarmos diariamente os mais necessitados para instruí-los nas questões da vida e daquilo que precisam, como se tivéssemos sido encarregados apenas dos ricos! Ora, o que temos para sentirmos tanto orgulho? Nossos corpos? Não são estes por acaso feitos

dos mesmos materiais que os dos brutos, e não são tão desagradáveis e abomináveis quanto o esterco? Esta é uma de nossas graças? Pois, quanto mais nos orgulhamos deles, menos temos de nos orgulhar. E, quando tanto da natureza da graça se encontra na humildade, é incrivelmente absurdo que tenhamos orgulho do corpo. É de nosso aprendizado, então, nosso conhecimento, nossas habilidades e dons? Ora, certamente, se temos qualquer forma de conhecimento, devemos, então, saber da necessidade de sermos humildes; e se sabemos mais que os outros, devemos ter mais razões que eles para sermos humildes. Os mais eruditos ainda sabem pouco se comparado com aquilo que ainda não sabem! E saber das coisas que estão além do seu alcance, e quão ignorante você ainda é, não é motivo algum para orgulho! Por acaso os demônios não sabem mais que você? Por acaso tem orgulho daquilo em que os demônios são excelentes? Para estes, digo tal como Salviano em *De gubernatione Dei* (livro 4, pg. 98): "*Quid tibi blandiris, o homo, quisquis es, credulitate, quae sine timore atque obsequio Dei nulla est? aliquid plus daemones habent. Tu enim unam rem habes tantummodo, illi duas. Tu credulitatem habes, non habes timorem; illi credulitatem habent pariter et timorem.*"[134] Nosso trabalho é o de ensinar a grande lição da autonegação e da humildade, e é, portanto, errado que sejamos orgulhosos! Devemos estudar a humildade e pregá-la, e ainda assim não a possuímos ou praticamos? Um pregador da humildade orgulhoso é no mínimo um homem que condena a si mesmo.

Que caso triste, que um pecado tão vil não seja facilmente discernido por nós! Mas muitos dos mais orgulhosos podem apontar a culpa no outro sem a perceberem em si mesmos. O mundo reconhece que alguns de nós têm mentes mais ambiciosas, que buscam cargos maiores e devem governar, e tomam o controle onde quer que vão, e diante das quais ninguém se pode colocar. Homem algum deve contradizer aqueles que

[134] "Por que te gabas, ó homem, de quem quer que seja, da tua credulidade sem temor e sem obediência a Deus? Eles têm mais alguns demônios. Mas tu só tens uma coisa dessas duas: tu tens credulidade sem temor; eles têm fé e temor" (Salvianus Massiliensis, *De gubernatione dei* 4.2).

não partilham de sua indignação. Ao serem consultados, eles não buscam a verdade, mas, sim, ditar aos outros que poderiam ensinar-lhes algo. Em suma, eles têm espíritos arrogantes e dominadores, e o mundo ecoa isso; mas eles não percebem isso em si mesmos.

Irmãos, desejo lidar tanto com o meu próprio coração quanto com os seus. Imploro que considerem, se nos salvamos ao falar de uma graça que não possuímos, ou falarmos contra aquele pecado no qual vivemos? Quando falamos ao bêbado que ele não poderá ser salvo se não se tornar mais comedido; ou ao fornicador que ele não será salvo a não ser que se torne casto (uma verdade inegável); isso não nos dá razões para dizer a nós mesmos, que estamos orgulhosos, que não poderemos ser salvos se não nos tornarmos humildes? Certamente o orgulho é um pecado maior que a devassidão ou a bebedeira; e a humildade tão necessária quanto a castidade ou a sobriedade. Verdadeiramente, irmãos, um homem pode certamente, e mais ardilosa e perigosamente, se dirigir ao Inferno pela profissão e pregação sincera do Evangelho, e pelo zelo à vida divina, tal como pela bebedeira ou pela impureza; pois o que é a verdadeira divindade senão a devoção a Deus? E qual estado é mais terrível e condenatório que a devoção a nós no sentido carnal, a viver por nós mesmos? E, também, qual homem vive mais para si mesmo e menos para Deus do que o orgulhoso? O orgulhoso estuda a pregação de si próprio, e ora, prega e vive por si próprio, mesmo quando parece superar os outros em seu trabalho; pois de que vale os superar, se apenas o faz pela glória? Não é meramente o trabalho, divorciado dos princípios que o justificam, que nos provarão estarmos corretos; o trabalho pode ser divino, mas nós não o fazemos por Deus, e sim por nós. Confesso que sinto um perigo tão contínuo quanto a isso, que, se eu não me cuidar, acabarei por estudar, pregar e escrever por mim, e não por Cristo, e falharei; e, afinal, não me justifico, pois devo condenar o pecado. Eu imploro, irmãos, que considerem que tentações temos no trabalho episcopal para que um homem se torne egoísta, ou seja, que se torne carnal e ímpio, mesmo nos maiores trabalhos

da piedade! A fama de um homem devoto é uma armadilha tão grande quanto a de um homem erudito; e ai daquele que prefere a fama da devoção em vez da devoção em si. Estes, eu lhes digo, terão sua justa recompensa! Quando os tempos eram mais sobre o aprendizado do que as formalidades vazias, então a tentação do orgulho estava realmente nessa direção; mas agora, através da incrível misericórdia de Deus, é a pregação mais prática e vivaz, e a devoção em si, que dão o crédito; e agora a tentação dos homens orgulhosos está aqui, pois fingem ser pregadores zelosos e homens devotos. Ora, que grande coisa parece ter uma multidão de pessoas a nos ouvir, que são afetadas pelo que dizemos, e comandar os seus julgamentos e afeições! Que coisa intoxicante é ser declarado como o mais capaz e devoto homem de seu país! Ser conhecido por toda parte por sua excelência espiritual! Infelizmente, irmãos, até a menor das graças poderá fazer com que vocês se juntem aos mais arrogantes destes homens que têm tantos elogios e encorajamentos; que busquem ser declarados a felicidade das pessoas, os pilares da Igreja de Deus; e seus pais, as carruagens e cavaleiros de Israel; e nenhum elogio menor que o de homens excelentes, e devotos capazes, e ter as pessoas dependendo de vocês, sendo governadas por vocês, mesmo que isso não seja mais que o seu trabalho; mas, ainda assim, devo lhes dizer que até mesmo um pouco de graça pode fazer com que pareçam homens zelosos por fazerem o mínimo. Não, o orgulho pode fazer isso sem qualquer graça especial. Sejam, portanto, invejosos de si mesmos, e em todos os seus estudos certifiquem-se de continuar humildes. "*Porquanto qualquer que a si mesmo exaltar será humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado*" (Lc 14.11). Por minhas observações, todos os homens, sejam bons ou maus, abominam os orgulhosos e adoram os humildes; portanto, o orgulho contradiz a si mesmo, exceto por onde se esconde, e, consciente de sua própria deformidade, empresta as roupas simplórias da humildade. E temos causas para sermos mais invejosos, pois este é o pecado mais radicado, e tão duro quanto qualquer outro que possa ser extirpado da alma. "*Nam saepe sibi de se mens ipsa mentitur, et*

fingit se de bono opere amare quod non amat, de mundi autem gloria non amare quod amat",[135] disse Gregório Magno, em *De cura pastor* (pg. 1 do capítulo 9). Quando era considerado uma desgraça ser um pastor devoto e zeloso, o orgulho não fora uma tentação tão incrível quanto é atualmente. Como o mesmo Gregório disse, no mesmo livro, pg. 21, capítulo 8: "*Eo tempore quo quisquis plebibus prærat primus ad Martyris tormenta ducebatur; Tunc laudabile fuit Episcopatum quærere, quando per hunc quemque dubium non erat ad suplicia majora pervenire.*"[136]

Mas esse já não é mais o caso, como ele disse em outro momento, no começo do capítulo 1: "*Sed quia authore Deo ad Religionis reverentiam omne jam præsentis seculi culmen inclinatur, sunt nonnulli qui intra sanctam Ecclesiam per speciem regiminis gloriam affectant honoris; Videri Doctores appetunt, transcendere cæteros concupiscunt, atque atestante veritate, primas salutationes in foro, primos recubitus in cœnis, primas cathedras in conventibus quærunt, qui susceptum curæ Pastoralis officium ministrare digne tanto magis nequeunt, quanto ad hugus humilitatis magisterium ex sola elatione pervenerunt; ipsa quippe in Magisterio língua confunditur, quanto aliud discitur, et aliud docetur.*"[137]

Mas já discorri mais sobre esse pecado do que deveria, visto o tamanho do trabalho adiante; serei mais discreto na confissão dos outros.

---

[135] "Pois a própria mente muitas vezes mente para si mesma e finge amar o que deve ser amado, não nas boas obras, mas na glória do mundo, para amar o que de fato ama" (Gregorius Magnus, *De Cura pastorali liber* 1.9).

[136] "Naquela época, quem comandava o povo era o primeiro a ser levado às torturas do martírio. Era, então, louvável aspirar ao episcopado, quando não havia dúvida de que, por cada um deles, havia chegado a castigos maiores" (Gregorius Magnus, *De Cura pastorali liber* 1.18).

[137] "Mas, porque, por obra de Deus, todo clímax da época presente já está inclinado à reverência pela religião, há alguns que, dentro da Santa Igreja, aspiram à glória da honra por meio de uma forma de governo. Eles desejam ser vistos como médicos, desejam elevar-se acima dos demais e, como a verdade atesta, não podem servir em primeiro lugar nas saudações no fórum, em primeiro lugar nas ceias, nem ocupar os primeiros lugares nas assembleias; pois a própria língua se confunde no Magistério, na medida em que uma coisa é aprendida e outra é ensinada" (Gregorius Magnus, *De Cura pastorali liber* 1.1).

II

Outro pecado dos pastores da Inglaterra, e também de muitas outras igrejas, infelizmente, é o de *subestimar a unidade e a paz da igreja como um todo*. Por mais que eu nunca tenha conhecido alguém que não apoiasse a noção de unidade e paz, ou ao menos não falava contra elas, também não conheci com qualquer regularidade aqueles que fervorosamente as promovem; mas certamente conheci homens que se encontram aversos a elas e as invejam, quando não eram eles mesmos instrumentos de divisão. Os papistas por muito tempo abusaram do nome da Igreja Católica e, por oposição a eles, muitos passaram a excluí-la de seus credos, ou somente citam seu nome sem compreender ou considerar a natureza da coisa por completo; ou pensam apenas o bastante para acreditar na existência de tal corpo, sem se comportarem como membros decentes deste. Se os papistas idolatram a igreja, devemos nós, então, negá-la, desconsiderá-la ou dividi-la? É um pecado comum e terrível este de se faccionar a religião e, em vez de permitir o amor caloroso da igreja universal, confiná-lo a grupos. Não apenas porque devemos preferir, por nossa estima e pela comunhão, as partes mais puras antes das mais impuras e nos recusarmos a participar de seus pecados; mas também pois a parte mais doente deve ser alvo de compaixão e receber todo o auxílio que tivermos o poder de lhe conferir; e a comunhão deve ser tida em todos os locais em que for permissível, evitada em lugar algum à exceção da urgente necessidade. Tal como devemos amar aqueles de nossa vizinhança que têm pragas ou lepra e lhes conferir toda forma possível de alívio, assim como nos comunicarmos e nos relacionarmos com eles; devemos ainda mais tratar outras doenças que não sejam tão infecciosas, conforme necessitarem. Das multidões de homens que dizem ser da Igreja Católica, muito poucos têm aquele tão raro espírito católico; há a ausência de uma consideração universal, assim como o respeito, a toda a igreja, com a tendência a se pensar como se sua facção fosse o todo. Se houver alguns dos

chamados luteranos, ou alguns Calvinistas, entre estes, que sejam de divisões subordinadas, ou seja, de outras facções entre nós, a maioria deles irá orar pela prosperidade de sua facção e agradecerá de acordo quando tudo for bem; mas, se uma outra facção sofrer, eles pouco se importam, com se isso fosse uma perda insignificante para a igreja. Se a menor parte possuir poucas nações, nem ao menos cidades na terra, eles se prontificam a carregá-la como se fosse a igreja inteira e também como se isso os colocasse bem com os âmbitos romanos, e isso certamente causa cismas abomináveis. Mas infelizmente muitos os imitam enquanto rechaçamos estes. E, conforme eles jogam a palavra *romano* em seus credos, e tornam a Igreja Católica na Igreja Católica Romana, como se não houvesse outros católicos e a igreja não compreendesse mais grupos, outros fazem o mesmo com suas facções. Alguns fariam a Igreja Católica Luterana, como se fôssemos todos reformados; outros fariam a Igreja Católica Anabatista e assim em diante. E, por mais que não tenham suas diferenças entre si, eles certamente diferem de todos os outros, ao menos no mundo cristão. Eles entendem a paz da igreja como a paz de suas facções; portanto, não buscam paz maior.

Quão raro é encontrar um homem que adoece e sangra junto aos ferimentos da igreja, e os toma como se fossem seus; ou ter cogitado alguma cura? Quase toda facção pensa que a felicidade da igreja reside em se converter ao seu modo de pensar; e àqueles que não pensam de sua maneira, eles dizem: "Abaixo com eles!" E se alegram quando estes caem, como se pensando que isso aumentará o poder da igreja, ou seja, o seu próprio. Quão poucos compreendem o verdadeiro estado destas controvérsias entre várias facções; ou quais são apenas verbais e quais tem algum teor verdadeiro. E, se aqueles que o compreendem, de modo a transmitir informações corretas, declaram isso aos outros, fazem-no como uma extenuação de seus erros e como submissão carnal a seus pecados. Poucos homens são fervorosos pela paz, até que envelheçam ou tenham mais experiência nas questões dos espíritos e princípios dos homens, e vejam o verdadeiro estado da igreja e mais di-

ferenças do que antes viam. E então escrevem seus *Irenicons*, e tais documentos perduram até hoje. Pareus e Junius, assim como muitos outros, fizeram suas partes; assim como os nossos Davenant, Morton e Hall, cujo tratado conhecido como "*O Pacificador*" e sua *Pax Terris*[138] merecem ser transcritos em nossos corações; Hattonus e Amyraldus também o fizeram. Mas "*recipiuntur ad modum recipientes*";[139] como um jovem no calor de suas paixões seria julgado incapaz de avaliar a filosofia moral, também é acreditado que esses jovens que podem ser zelosos por paz e unidade, quando crescem e se tornam experientes, são zelosos em suas facções contra essas coisas por conta da mesma energia da juventude. Portanto, tais homens como esses anteriormente mencionados, e também Duræus, que fez disso seu negócio em vida, raramente fazem algo mais útil do que acalmar suas consciências pelo descarrego de um dever tão grande, e ocasionalmente moderam alguns, salvando-os de maior culpa, deixando para trás, ao morrerem, um testemunho contra este mundo intencionalmente egoísta e sem paz.

Comumente, o homem que tenta realizar alguma espécie de trabalho pacificador traz sobre si suspeitas de algum tipo de heresia, ou de ter falhado em seu zelo; como se não houvesse zelo necessário para as verdades fundamentais da unidade e da paz da igreja, somente para as facções e as verdades particulares.

E o demônio obteve sobre nós grande vantagem por conta disso, empregando seus próprios agentes, os infelizes dos socinianos, que escreveram tantos tratados sobre a unidade e a paz católica e arquicatólica, para servirem a seus próprios fins, que os fizeram insuficientes; e, por meio destes, os inimigos da paz decidiram que qualquer um que fizer chamado por esta se coloca sob suspeita de ser um que dela requer para a indulgência de seus próprios erros. É um caso aterrorizante que a heresia seja acusada deste modo como se ninguém fosse tão

[138] "Paz na Terra".

[139] "São recebidos sob a forma de um recipiente".

desejoso de unidade e paz tal como eles, e que um dever tão grandioso e necessário, do qual o bem-estar da igreja depende, seja colocado sob tal suspeita e desgraça.

Irmãos, eu não falo disso tudo por nenhuma razão. Temos divisões tão tristes quanto essas entre nós na Inglaterra, considerando quão devotos os indivíduos são e quão pequenas são as razões de nossa discórdia, como as nações sob o céu bem sabem. O que mais nos mantêm acirrados são a forma e ordem do governo da igreja. Estamos assim tão distantes que os episcopais presbiterianos e os independentes não possam concordar entre si? Se estivessem dispostos a tentar pela paz, acredito que facilmente conseguiriam. Tenho falado com membros mais moderados de cada lado e compreendo, por suas confissões, que isso seria realmente simples. Se ao menos os corações dos homens encontrassem em si maior sensibilidade para com o caso da igreja, e tocassem uns aos outros com amor sincero e se empenhassem nisso, o estabelecimento de uma paz segura e alegre seria algo de fácil alcance. Se não pudéssemos concordar em absolutamente tudo, poderíamos facilmente descobrir o porquê, identificar nossas diferenças e ter a comunhão sob a concordância da parte principal: determinar o modo mais seguro de administrar nossas poucas e pequenas concordâncias, sem trazermos problemas à igreja. Mas isso é feito? Não. Que cada facção se agrade como quiser, pois isso será gravado para a vergonha do episcopado da Inglaterra, enquanto o Evangelho, este irá perdurar por todo o mundo cristão! E o que será lembrado será isto: que homens eruditos e devotos, pastores da Inglaterra, discordaram entre si mesmos primeiro e então lideraram seus povos para essas mesmas discordâncias! Que eles procederam nestas pelo espaço de 14 anos já, e só Deus sabe quantos mais continuarão; e nesse tempo já tiveram todas as oportunidades e vantagens para concordar que o mundo lhes poderia conceber! Tiveram a triste experiência da conflagração da comunidade e foram arrasados por uma guerra calamitosa! Viram a contínua exasperação das mentes, a cobiça e a amargura causadas pela distância, e como isso alimentou diariamente o pecado; e mesmo assim

pouco se comoveram em direção à paz. Tiveram magistrados que não os impediram o trabalho, dando completa liberdade para que se empenhassem em um acordo completo. Moraram quase juntos e poderiam facilmente ter se encontrado para discutir esse trabalho, fosse em uma, ou duas, ou quantas reuniões fosse necessário para se realizar o acordo. Mas, apesar disso, nada foi realizado, tentativa alguma fora feita. E que agravações hediondas acompanham esse pecado! Nunca, desde os dias dos apóstolos, houve pelos homens a maior profissão de devoção; a maioria está confinada a juramentos solenes e a alianças, em nome de unidade e reforma. Todos eles admitem o valor da paz; e a maioria a prega e fala dela ao mesmo tempo em que a negligencia, como se não valesse a pena seus cuidados. Eles leem e pregam os textos, que comandam aos homens que busquem a paz com todos e, tanto quanto formos capazes, que vivamos em paz com eles. Ainda assim, estamos tão distantes de seguir a isto, e fazer por tal objetivo todo o possível, que muitos o rechaçarão, e abominarão e censurarão todo esforço em tal direção, como se qualquer zelo pela paz levasse diretamente a um amortecimento do zelo pela devoção; e como se a devoção e a paz fossem tão distantes que não houvesse esperança de reconciliação, quando, na verdade, a concordância é amiga certeira da piedade, e a piedade sempre leva à concordância. Vimos como erros e heresias nascem da discordância, assim como a discordância é alimentada por essas coisas. Vimos nossa tristeza de que, onde os servos de Deus deveriam viver como um só, de um único coração, alma e boca, promovendo a fé e a divindade uns dos outros, e admoestando e ajudando uns aos outros contra o pecado, e a se regozijar em sua glória futura, temos, na verdade, apenas chafurdado em cobiça e afogado o amor divino em contendas amargas; e estudamos modos de desgraçar e subverter uns aos outros, e buscamos a vitória de nossas facções, por qualquer maneira possível. E nós, que deveríamos por glória amar nossos irmãos, como marca certeira de nossa sinceridade na fé, agora tornamos essa marca no amor apenas à facção, e aqueles que se colocam contra esta têm mais de nossa cobiça e

malícia do que de nosso amor. Sei que não é o caso de todos os pastores, e é menos prevalente ainda com aqueles que realmente acreditam; mas permanece sendo assustadoramente comum, de modo que nos faz questionar a sinceridade de muitos que são acreditados, por outros e por si mesmos, como sendo os mais sinceros. E não somos somente nós que nos queimamos por tal chama; nossos povos foram atraídos a ela, e nela se deleitaram, de modo que os devotos da nação têm se caído em várias facções, e transformaram suas antigas piedades em opiniões vaidosas, e disputas também vaidosas, e cobiça, e animosidade; sim, aquilo que deveria ser a marca de um desgraçado que empobrece a devoção agora os marca: quão poucos agora não caluniam e desdenham dos que não concordam com eles! Um membro devoto do prelado pode ridicularizar abertamente um presbiteriano. E, pior de tudo, as pessoas ignorantes comuns notam isso, e não somente nos ridicularizam, mas se reforçam contra a religião; e quando tentamos persuadi-los a ser religiosos, eles veem várias facções e, sem saber com qual se unir, acreditam que é tão bom ser de nenhuma do que se unir a uma delas, pois não têm certeza de qual é a correta; assim, milhares passam a desprezar toda a religião por nossas divisões, e os pobres desgraçados carnais passam a achar que estão melhores, pois eles ao menos se mantêm em suas antigas formalidades, enquanto nós não nos mantemos em nada. E é difícil negar, visto que estes competidores devotos acabam mais por pregar pela causa do demônio uns contra os outros do que qualquer pessoa ignorante. Eles podem provar-se enganadores, blasfemos e tudo o mais através de calúnias secretas feitas a quem quer que esteja disposto a ouvi-los; e também pela disputa pública, fazendo aqueles livros infames. Assim, quando os bêbados mais teimosos não têm nada a dizer por si próprios contra um homem que os afastaria de seus pecados, eles encontram armas nos livros difamadores e nas histórias de malícia zelosa e faccional; podem então dizer: "Não o admito, nem sua doutrina; este homem se provou um enganador e um blasfemo; que ele responda, se puder". E assim as mentiras e as calúnias de alguns e os discursos vergonhosos de

outros fazem mais efetivamente o trabalho do demônio, sob o nome de ortodoxia e zelo pela verdade, do que muitos dos que desdenham da devoção poderiam. O resultado disso é que há poucos homens realmente repreensíveis presentes nas facções, mas as reprovações destas são tão públicas, que a massa ignorante e desgraçada, que deveria por eles ser convertida, aprendeu a ser ortodoxa, a vilificá-los e zombar deles. Não me levem a mal: não tenho nada contra a ortodoxia, nem me recuo diante do nome; mas me desagradam as pretensões de zelo diabólico nos homens devotos, ou aparentemente devotos. Se minha linguagem ofende alguém, por poder dizer-lhes que a aprendi de Deus, ousarei ir mais adiante e dizer que vocês têm mais causa para se sentirem ofendidos por suas próprias práticas satânicas. A própria coisa em si certamente é detestável, se o nome é tão detestável que lhes revira os estômagos. Se o nome lhe causa tal reação, quão culpado e aterrorizado você deveria sentir-se pela presença dele! Sei que muitos desses caluniadores reverenciados acham que mostram esta lógica e amor à verdade na fé, quando outros falham nelas. Mas esta questão resolverei pelas palavras do Espírito Santo: "*Quem dentre vós é sábio e entendido? Mostre pelo seu bom trato as suas obras em mansidão de sabedoria. Mas, se tendes amarga inveja, e sentimento contencioso em vosso coração, não vos glorieis, nem mintais contra a verdade. Essa não é a sabedoria que vem do alto, mas é terrna, animal e diabólica. Porque onde já inveja e espírito contenciosos aí há perturbação e toda a obra perversa. Mas a sabedoria que do alto vem é, primeiramente pura, depois pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade, e sem hipocrisia. Ora, o fruto da justiça semeia-se na paz, para os que exercitam a paz*" (Tg 3.13-18). Oro para lerem estas palavras várias vezes e as estudarem.

Que coisa dolorosa de se pensar, que a pouco tempo não temíamos nada mais do que a possibilidade de os papistas e os devassos terem consumido o Evangelho e a nossa liberdade, e nos destruído juntos; e agora, quando o trabalho é colocado nas mãos desses homens que partilhavam seus medos e tra-

balham juntos pela piedade, e concordam sobre todos os artigos da fé, eles não conseguem, ou não podem unanimemente concordar em como realizar seus trabalhos; caem-se uns sobre os outros, vivendo em desvantagens e colocando outras cem desvantagens sobre si por discordâncias e amarguras entre si. Que nação a Inglaterra não poderia ser agora, se não fosse pelas contenções orgulhosas e teimosas dos ministros devotos! Quão abundante é o bem que poderíamos ter feito! O que não teríamos alcançado a esta hora, se nossa perversidade não tivesse impedido nosso trabalho! Se concordássemos ao menos uns com os outros, nossas palavras teriam alguma autoridade sobre o povo; mas, quando eles nos veem discordando entre si, incertos, rosnando e brigando uns com os outros, passam a acreditar que podem muito bem fazê-lo também. Por que não podemos chamá-los de sectários ou enganadores, se eles mesmos chamam uns aos outros assim? Se, mesmo não sendo unânimes nas questões menores, tivéssemos a comunhão, a correspondência e concordássemos nas coisas comuns, de modo a fazer tanto do trabalho de Deus quanto pudéssemos em união, o povo nos aceitaria de muito melhor grado, e teríamos maior capacidade de lhes fazer o bem. Contudo, quando estamos sós, eles nos desrespeitam; e quando discordamos e dividimos, eles nos odeiam; e corretos estão, pois odiamos uns aos outros! Pois eles dizem, quando um pastor faz seu dever sozinho: "Por que devemos ser governados por um único homem? Você é por acaso mais sábio do que todos os pastores do país? Fulano e sicrano não são mais eruditos do que você?" Porém, quando chegamos de mãos dadas, eles se calam. Eles acham que podem vir a ser mais inteligentes do que um ou dois pastores, ou, ao menos, que outros pastores podem ser melhores que estes; mas a modéstia comum não lhes permitirá que achem que são mais sábios do que todos os pastores de um país ou do mundo. Bem sei eu que as questões da fé não devem ser vistas apenas pelo crédito que nos trazem; mas nosso crédito ainda faz muito trabalho em remover o preconceito e desbloquear a entrada para as mentes dos homens, colocando a verdade em melhor instância, portanto, é necessário para o bem do povo.

Mais ainda do que qualquer outra coisa, eu sei — ouço e vejo — que existem por aí pastores que se felicitam que as pessoas odeiem seus irmãos que deles diferem em algumas coisas; eles querem que isso ocorra e fomentam tal sentimento ao máximo que podem — que vergonha! E secretamente ficam felizes quando têm sucesso nisso. Nada consigo pensar de pior que não seja o silêncio dos prelados que foi imposto sobre eles e quase os extirpou da igreja. E, confesso, não posso deixar de suspeitar que tais homens também tentariam silenciar aqueles a quem se opõem se pudessem; pois aquele que se empenha em trazer um pastor à desgraça se empenha em torná-lo inútil, o que é o mais próximo de silenciá-lo, e tende para o mesmo fim. Pode ser dito, "mas não desejamos que ele seja impedido de fazer o bem, apenas de fazer o mal". Eu lhes respondo que a questão é esta: seu erro, e a propagação deste, irá por acaso fazer mais mal que sua pregação e os trabalhos de toda a sua facção, que vocês jogariam na desgraça, farão o bem? Se sim, então acho que não há nada mais justo do que o silenciar e jogá-lo na desgraça *de modo justo*, mas, se não, então devemos manter sua reputação com os outros, pois esta é o fruto de seus trabalhos.

Não poderei aqui, sem ao menos ferir minha consciência, deixar de mencionar algumas práticas antigas de nossos irmãos do novo modo prelado, pois os modos do prelado antigo eram mais moderados. Sei que isso será desagradável para eles, e não tenho a intenção de que seja; mas, para evitar o silêncio traiçoeiro e infiel que os representaria de maneira errônea, devo falar as palavras da amizade fiel que os desagradarão; e para eles não direi nada além do que, se fosse eu um prelado, teria dito. É do julgamento destes homens que falarei agora, de que um prelado é essencial à igreja, e não há igreja sem eles; e que sua ordenação é necessária à essência de um presbítero, e que aqueles que são ordenados em eles (alguns sendo exceções por caso de necessidade) não são pastores de Cristo. Por meio disso, eles concluem que nossas congregações na Inglaterra não são igrejas verdadeiras, exceto quando um presbítero depende de um prelado, e os pastores ordenados por presbíteros não são pastores verdadeiros; portanto, não permitem que os homens os

ouçam ou se comuniquem com eles, apenas que se removam das congregações como se fossem separatistas ou recusantes. E, do mesmo modo, pintam as igrejas reformadas de outros países, que não têm prelados, assim como fazem conosco; e isso parece gratificar muito a igreja de Roma, que, então, em vez de nos perguntar onde nossa igreja estava antes de Lutero, demanda que digamos: onde estamos agora? E, de fato, se ela não fosse mais visível hoje do que fora na época anterior a Lutero, eles teriam motivos mais justos agora para pedir prova da visibilidade da igreja prelada reformada. Suponhamos que os presbíteros que rejeitaram o prelado fossem culpados de toda aquela cisma e outros pecados, tal como são geralmente acusados (pois tratarei agora de tais suposições). Devem, então, as pessoas dar as costas às assembleias e aos rituais de Deus? É melhor para elas que não tenham a pregação, ou os sacramentos, nem a comunhão pública no louvor a Deus, do que ter uma assembleia que não tenha um prelado, ou um pastor ordenado sem o consentimento deste? Confesso que por nada neste mundo eu me faria culpado diante de Deus por esse prejuízo que essa doutrina fez às almas dos homens, muito menos por tudo que ela evidentemente pretende fazer. Esses homens se prostram fielmente pela cura da ignorância e da profanidade comum que se formou sob os cuidados de seus antecessores descuidados. Desejam nada mais do que salvar as almas; pregam doutrina sã, vivem em paz, e é a maior de suas tristezas que muitos de seus ouvintes permaneçam ignorantes e teimosos ainda. E que ajuda esses pobres pecadores impenitentes têm para sua cura! Eles são ensinados a dar as costas a seus ensinadores, e onde antes ouviam a contragosto, agora são ensinados a não ouvir de todo; e se falamos com eles de maneira privada, eles nos contam que esse é o julgamento de tal e tal homem erudito, de que não devemos ser ouvidos, nem nossas igrejas devem receber comunicação, e não devemos ser considerados pastores da igreja. E, assim, bêbados, profanos, mundanos e toda a sorte de sensualistas se colocam além de nossos ensinamentos e reprovações; e aqueles que não o fazem, por vergonha do mundo, não obedecem à sua doutrina e não se distanciam da assembleia, estes ainda nos

ouvem com preconceito e desdém, e se abstêm da comunhão da igreja e da Ceia do Senhor. Se fosse o caso apenas para algumas dessas pessoas, que conscientemente fazem tal coisa e seguem o conselho desse tipo de homem, tanto para o governo quanto para os sacramentos, eu não os teria mencionado, pois não são aqueles de quem quero falar. De que me importa à qual pastor eles obedecem ou ouvem, contanto que seja um que os leve pelos caminhos da verdade e da devoção? Que sigam Cristo e abandonem seus pecados, e vão ao Céu, e eu jamais os criticarei por abandonarem a minha conduta. Mas é dos homens comuns, dos profanos e sensuais, que por todo lugar se endurecem contra o episcopado e não tem nada exceto a reputação dos devotos prelados para se apoiarem. Se seus tutores forem diferentes desses homens de qualquer maneira, mesmo que por apenas um gesto, eles os vilificam e rejeitam sua orientação, tendo nada exceto a autoridade de tais homens em que se apoiar. Nós teríamos prazer em acordá-los de sua segurança, pois nos enche de pena vê-los se jogando tão próximos à perdição. Mas não podemos ajudá-los, pois nosso episcopado é menosprezado devido ao julgamento contrário desses homens. Não que os pobres se importem mais com um prelado do que se importariam com um pastor normal; pois os prelados lhes trariam tantas reprovações, pregações e disciplina quanto os pastores, e eles teriam-nos odiado tanto quanto; porque descobriram por experiência que, sob o governo destes, podem pecar em paz e zombar da devoção sem perigo ou problema, e que até hoje homens desse tipo se opõem muito mais a pastores corretos que não lhes deixarão ir em paz para o Inferno, portanto, preferem os prelados e fazem deles um abrigo para sua desobediência e suas vidas sem reforma. Assim, confesso achar que o dano feito pelos separatistas e os anabatistas à Inglaterra é pouco comparado ao dano feito por estes homens, pois considero como maior dano aquele que coloca o maior número em perigo. Um anabatista pode ser uma pessoa penitente e devota, e será salvo; mas os mundanos impenitentes e sensuais jamais podem ser salvos dessa condição. Vi por experiência que, se a separação infecta dois, três ou vinte de uma paróquia; ou se o

anabatismo infectar tantos quantos, nenhum deles mortalmente; este desdém obstinado à exortação pastoral, encorajada pelo apoio daqueles que são contrários, infectam suas mentes às centenas. Se a ele viermos em um caso em que não tenham o apoio do episcopado, quão calados, quão maleáveis eles se fazem! Mas caso só nos possam dizer que os devotos prelados pensam de outra maneira, quão inflexíveis eles se tornam, mesmo que não tenham quase nada a dizer! Vejam, quando estivermos realizando nosso trabalho da catequese e da instrução privada, vejam se este não é um de nossos maiores impedimentos; especialmente em questões de legalidade inquestionável e necessidade, pois são ensinados que não somos seus pastores, e não temos autoridade alguma sobre eles. Sei bem que alguns desses homens são eruditos e dignos de reverência, e não têm como intenção coisas tão maliciosas quanto esse endurecimento dos homens em sua ignorância, mesmo que seja este o efeito que causam. Más ações por boas intenções não são raridade. Quem pode, em reverência a qualquer homem na terra, se manter quieto e calado ao ver os outros indo em direção à sua própria condenação, e as almas dos homens serem desfeitas pelas discordâncias de homens devotos por suas próprias facções e interesses? O Senhor, que conhece meu coração, sabe, tal como eu sei, que não pertenço a nenhuma dessas facções, e então não falo estas palavras por parcialidade, seja por uma facção ou por outra; também não reclamo de qualquer pessoa; e teria me calado sobre tudo isso por medo de ofender a homens que acho muito honrosos. Mas quem sou eu, senão um servo de Cristo? E de que minha vida vale, senão para O servir? E o favor de que indivíduo possa compensar a ruína de toda a igreja? E quem pode permanecer em silêncio enquanto as almas são arruinadas? Não eu, de minha parte, pois Deus é meu Senhor; Sua Palavra, minha ordem; Seu trabalho, meu empenho; e Seu sucesso, a salvação dos homens, meu objetivo. Quem pode reconciliar-se com aquele que tão lamentavelmente vai contra o interesse de seu Senhor e contra Seu objetivo principal? Também não teria dito nada disso se importasse apenas àqueles sob minha responsabilidade. Graças a Deus, o ferimento ainda

é pequeno, comparado a como é em outros lugares. Todavia, ao observar algumas congregações vizinhas, e outras mais remotas, acredito eu que isso faria até os devotos mais contrários hesitarem, se vissem o que vejo.

Por acaso seria agradável para eles ouvir uma multidão de homens escandalosos recusarem os pastores que lhes trariam arrependimento e lhes dizer que não têm autoridade sobre eles, tudo isso sob a pretensão e abrigo de seus julgamentos? Eles por acaso preferem que os homens vão para o Inferno a que eles aprendam o caminho dos Céus por mãos que não são suas? Esse detalhe é por acaso mais importante do que a substância de seu trabalho, ou mesmo seu objetivo? Devo, ainda, por fé dizer mais: que não traz nada de bom à causa desses homens reverentes, nem nunca trouxe, que homens devassos, e aqueles que odeiam e condenam qualquer devoção, sejam amigos e mantenedores dela; e a amizade com tal grupo fez mais por seu amor do que por suas almas; e que esta foi apenas uma das causas de sua queda. Isso é verdade, como quer que se pense no assunto.

Em que estado estaria a Inglaterra, se nós nos curvássemos perante todas as vontades desses homens reverentes! Supondo que o julgamento do homem não é feito por vontade própria, portanto, muitos não compreendem as razões da prelazia, devemos todos, então, abandonar nossos cargos por não sermos pastores verdadeiros e desertar as congregações como falsas igrejas? Ora, quem, então, as administrará em nossa ausência? Primeiro, sabemos que eles não teriam como (mesmo que tivessem os homens capazes necessários) conferir a liberdade que seu modo requer, pela desaprovação à autoridade; e sabemos bem que eles não têm homens capazes de lidar com uma congregação de vários. Eles prefeririam que as portas fossem fechadas, que Deus não tivesse lugar de louvor e que as pessoas não tivessem ensino e sacramentos, contanto que ninguém exceto eles pudesse realizar tais atos? Ou, se os pastores continuarem onde estão, devem fazer com que a congregação fique em casa, vivendo como ímpios? Eles estão por

acaso ofendidos conosco por dispormos aqueles pastores que eram insuficientes, profundamente ignorantes e escandalosos, que foram a fonte principal da perdição do povo de cujas almas haviam sido encarregados? Não me refiro à deposição de homens capazes e devotos por diferenças e questões estatais; não aprovo tal coisa, e se tal foi feita, que aqueles que o fizeram tentem defender-se, caso possam; eu não posso e não vou. Mas é algo deplorável que homens de bom julgamento e de piedade não somente se façam indiferentes em tais momentos, mas que achem que é perseguição que centenas de homens inadequados e desgraçados sejam removidos, quando este trabalho é essencial para a manutenção da igreja.

De fato, por meio disso eles demonstram a que condição levariam esta nação novamente, se obtivessem o poder. Certamente aqueles que fariam o povo rejeitar seus próprios pastores e darem as costas à palavra e ao sacramento os silenciariam permanentemente se pudessem; não tenho dúvidas sobre isso, assim como não duvido que aqueles que se ofendem tão profundamente que os insuficientes e escandalosos sejam removidos os restaurariam se pudessem. E, se é essa a mudança que desejam, então, que não culpem os homens que creem nas escrituras e dão valor à salvação do homem, pois não têm intenções de mudar. Se fosse apenas uma questão de opinião, então deveríamos ser mais indiferentes com eles; ou, se a questão fosse apenas se os homens deveriam ser conduzidos à devoção por um prelado, ou por meros presbíteros, deveríamos dar a isso menos importância do que às outras questões que enfrentamos; pois, quando se trata disso, o príncipe da escuridão deve estar muito feliz que tantos da Igreja de Cristo lhe tenham dado poder e levado as pessoas à perdição, tudo pelo bem de enfraquecer ou reforçar facções, interesses ou conceitos. Não nos podemos conduzir de maneira leviana nessas questões: não são meras especulações, mas questões tão óbvias para o bom senso e a experiência cristã, e por isto eles não compreendem que cristãos sérios e experientes se opõem a eles.

Que não me entendam mal: longe de mim falar tais coisas de qualquer homem da prelazia, ou me colocar no meio de controvérsias sobre o melhor modo de governo; também não me refiro ao novo modo prelado, apenas daqueles que são culpados destes erros aos quais me referi; e destes prefiro que eu seja alvo de sua indignação do que a igreja tenha que aguentar as consequências de sua presunção destrutiva.

A causa mais comum de nossas divisões e incapacidade de termos paz é a alta estima que os homens dão a suas próprias opiniões, seja por atiçar os homens a novidades e ornamentos, ou por uma condenação e censura daquilo que é diferente da coisa à qual eles se filiaram. Ambas as coisas são frutos dessa alta estima.

Alguns se ocupam com questões sobre as novas doutrinas, como se as Escrituras não fossem perfeitas, e Cristo não nos tivesse dito tudo que é necessário; ou como se o caminho ao Céu não tivesse sido em todas as eras o mesmo e único, de Cristo ao fim do mundo; ou como se a igreja ainda não fosse a mesma. E eles procuram não somente por novas descobertas em coisas menores, mas também em criar artigos da fé, como se retratando novos caminhos para o Céu. O corpo do papado passou por esta porta; seus novos fundamentalistas foram recebidos nestes termos; e assim sua nova Igreja Católica, que não era conhecida de seus antecessores, foi criada. Antes, esta consistia de todos os cristãos do mundo; mas atualmente constitui apenas do papa e seus subordinados. Algo similar ocorreu aos anabatistas, que agora no fim do mundo devem ter uma nova Igreja de Cristo, apesar da ordem natural das coisas! Nunca desde a criação pôde ser provado que Deus teve uma igreja na terra onde crianças foram excluídas de serem membros, se houvesse alguma. Elas eram membros diante da Lei, sob a Promessa, sob a lei e sob o Evangelho, por todo o mundo cristão até hoje; mas ainda assim alguns sentem a necessidade de formar uma igreja sem elas, como se Cristo se tivesse esquecido disso na formação de Sua igreja! Ou como se Ele se tivesse cansado das crianças em Sua igreja, ou a providência de Deus

só agora fosse começar a assumir sua forma correta, no fim do mundo, e então deveria ejetar as crianças como incapazes, apesar de terem sempre sido o núcleo da família.

Esse pecado perturbador atribui uma necessidade maior a algumas verdades do que a Igreja de Cristo jamais pretendeu, e então transformar essa coisa em algo de certeza absoluta, quando antes não fora aceita, ou então foi aceita como algo obscuro e duvidoso; e dessa certeza fazê-la vital para a salvação, quando as eras antigas não consideravam isso como algo de melhor natureza, e alguns eram a favor dela e outros contra, sem realmente maior discordância ou censura. Confesso que tenho para mim certos pontos da doutrina que acho que são verdadeiros, e que a igreja, ou qualquer pessoa nela, não segue desde a época dos apóstolos, mas eu não me apoio tanto nelas a ponto de acreditar que sejam uma necessidade para o bem da igreja e do salvamento das almas, como doutrina da perseverança dos justificados e ainda de outros. Posso acreditar que Agostinho, Próspero e todos da igreja nos tempos passados tenham errado nisto (como acho que o fizeram); mas, se acreditasse que eles erraram de maneira fundamental, seria o mesmo que acreditar que Cristo não tem igreja. Não tomarei o julgamento ou a prática da igreja de qualquer época desde a dos apóstolos como minha regra de fé e vida; mas suporei que, por viverem na era mais maculada, tinham todas as coisas necessárias para a salvação. Sei que podemos ter a mesma justificação que eles, e sob os mesmos termos; a fé permanece sendo a mesma que era então, e o mesmo cargo nos é trazido sob sua justificação. Muitas novas noções são trazidas por aqueles que disputam que não devem ser feitas questões necessárias para a sanidade ou integridade da fé da igreja. Podemos falar de paz por todo o tempo em que vivermos, mas nunca a obteremos exceto se retornarmos à simplicidade apostólica. A fé dos papistas é grandiosa demais para que todos os homens concordem sobre ela; ou serve apenas para eles, por ser apoiada com argumentos retirados do fogo e da tortura. E muitos antipapistas imitam demais a tediosa quantidade de imposições e confissões deles, quando a qualidade das coisas

impostas não poderia estar mais longe. Para falar destas, uso as palavras de Vicente de Lérins, capítulo 26: "*Mirari satis nequeo tantam quorumdam hominum vesaniam, tantam excaecatae mentis impietatem, tantam postremo errandi libidinem ut contenti non sint tradita semel et accepta antiquitus credendi regula, sed nova ac nova in diem quaerant, semperque aliquid gestiant Religioni addere, mutare, detrahere; quasi non coeleste dogma sit quod semel revelatum esse sufficiat, sed terrena institutio, quae aliter perfici nisi assidua emendatione, imo potius reprehensione non possit.*"[140] Quando voltarmos à antiga simplicidade da fé, então, e só então, voltaremos ao amor e à paz antigos.

Mas o orgulho no coração dos homens os faz valorizar suas próprias concepções, portanto, esperam que todos os homens concordem consigo e se curvem diante de razões nas quais os outros não creem, enquanto eles se sentem confiantes além de qualquer dúvida. Toda facção é confiante à sua maneira e dá tanto valor às suas razões quanto a si mesma. Disso nascem tais fendas nas afeições e na comunhão, quando os homens reclamam da divisão alheia, mas mantêm as suas próprias. Alguns se recusam a ter qualquer comunhão com nossas igrejas, pois temos membros que eles entendem como ímpios, e não removem a cizânia em casos duvidosos e sem evidências, onde nós não o removemos para não trazer junto o trigo. Outros têm tanta confiança de que as crianças não devem ser batizadas, e mantidas fora da igreja, que não participarão de qualquer igreja que tenha crianças entre os seus, até que essas crianças tão escandalosas sejam (não digo excomungadas, pois isso presume outra questão) removidas da irmandade e não tenham mais parte nesta sociedade; Cristo nos diz que, se não formos como crianças, não entraremos em Seu reino, e

[140] "Não posso ficar muito surpreso com a loucura de alguns homens, com tanta impiedade de uma mente cega e, finalmente, com tão grande desejo de erro, pois eles não se contentam com a regra de crença tradicional e aceita de antigamente, mas procuram uma nova em cada novo dia; como se não fosse suficiente um dogma celestial que uma vez foi revelado, mas fosse uma instituição terrena, que não poderia ser realizada de outra forma, exceto por melhoria contínua, ou melhor, pela reprovação" (Vincentius Lerinensis, *Adversus profanas omnium novitates haereticorum commonitorium cum notis* 1.21).

eles dizem que, se as crianças não forem retiradas da igreja, eles não entrarão nela. Não é a mais extrema arrogância do espírito evitar a comunhão em um caso no qual a igreja, em todas as eras, sempre está contra eles? Eles não teriam de se separar de toda a igreja por esse motivo, se vivessem nestas eras? Outros, como dito anteriormente, têm tanta confiança de que não somos pastores ou igrejas devido à ausência de ordenação prelada e governo, que também se separam e se negam à comunhão conosco. E assim toda facção, no auge de seu conceito, se põe a dividir e condenar todos aqueles que não concordam com eles.

E normalmente essa confiança apenas demonstra a ignorância dos homens, e que muitos compensam o que lhes falta em razão da paixão e vontade. Quantos ouvi condenar fanaticamente aquilo que pouco entendem? É muito mais fácil dizer que outro homem erra, ou é um herege, ou o declamar como um enganador ou blasfemo, do que lhe dar uma explicação calma de nossa crença. Há 20 anos, observei o truque daquela companhia de pregadores ignorantes e formais, que, para conseguir reputação de terem aprendido tudo o que queriam, declamavam os puritanos, demonstrando seu pouco aprendizado; assim repetem o ato aqueles que não podem dar razões concisas para qualquer parte controversa de sua crença.

A verdade é que a maior parte dos pastores do mundo molda suas opiniões de acordo com suas facções, atendo-se mais a quem acredita em algo do que no que estas pessoas acreditam; ou seguem apenas aquilo que é dito por homens com quem devem concordar, e assim muitos transformam sua religião em questão de facção, mesmo a própria Verdade. Portanto, declamam contra aqueles que a facção não aprecia. Como Próspero disse dos detratores de Agostinho, *Præf. ad capit. Gall.* "*Injustis opprobriis Catholici prædicatoris memoria carpitur; in quod peccatum cadunt, qui aliena instigation commoti; scriptorem celeberimi nominis promptius haben culpare, quam nosse.*"[141] E como

[141] "A memória de um pregador católico é tomada por reprovações injustas; em qual pecado eles caem, os quais são movidos pela instigação de outro? É mais fácil culpar

Salviano disse em seu *Preface ad Salonium: ad Cathol. Eccles.* "T*am imbecilia sunt judicia hujus temporis, ac pene tam nulla, ut qui legunt, non tam considerant quid legant, quam cujus legant: nec tam dictionis vim atque virtutem quam dictatoris cogitant dignitatem*".[142] Quantas disputas acaloradas já vi sobre questões que os disputantes foram forçados a admitir que não entendiam! E ainda assim eles apontam a todos as conclusões condenatórias, quando as facções não compreendiam o que a outra dizia e não interpretavam a questão da disputa do mesmo modo, ou ao mesmo não com as mesmas predicações. Uma disputa pelo livre-arbítrio, outra contra; chame-os e peça que expliquem o que querem dizer por livre-arbítrio, e compreenderá o que dizem. E assim é em vários outros casos.

Portanto, procedemos zelosos em nossas contendas a dividir a igreja e censurar nossos irmãos, e fazer nossas diferenças parecerem maiores do que são, enquanto não sabemos quais elas são nós mesmos, que estamos tão sedentos de as controlar.

III

O próximo pecado que mencionarei, e do qual nós somos lamentavelmente culpados, é tal: nós não nos empenhamos tão séria, diligente e incondicionalmente no trabalho do Senhor quanto cabe a homens de nossa profissão. Agradeço ao Senhor por haver tantos homens que fazem esse trabalho com todas as suas forças! Mas, na maioria, mesmo aqueles que conhecemos como pastores devotos, quão negligentemente nós realizamos nosso trabalho! Quão poucos de nós se comportam em nossos cargos como homens que estão completamente devotos a este e que empregam tudo o que possuem na busca

um escritor famoso do que saber" (Prosperus Aquitanus, *Pro Augustino Responsiones Ad Capitula Calumniatium Gallorum*. Praefatio).

[142] "Os julgamentos dessa época são tão débeis, e quase nulos, que aqueles que leem não consideram tanto o que leem, mas, sobretudo, o que deveriam ler; nem pensam tanto no poder e valor do discurso como pensam na dignidade dos oradores" (Salvianus, *Contra Avarit.*, 1).

por esse objetivo! E, para verem meus motivos em tal confissão, mencionarei algumas descobertas quanto a este que certamente abundam.

1. É comum que sejamos negligentes em nossos estudos. Poucos homens aguentam as dores são necessárias para informar propriamente suas faculdades e prepará-los para maiores trabalhos. Alguns homens não possuem prazer em seus estudos, simplesmente tomando aqui e ali uma hora, como uma tarefa desagradável que devem realizar, e ficam felizes quando se libertam de tal coisa. O desejo natural pelo conhecimento, o desejo espiritual de conhecer Deus e as coisas da divindade, a consciência de nossa grande ignorância e fraqueza, ou a sensação do peso de nosso trabalho pastoral; nenhuma dessas coisas nos trará mais próximos de nossos estudos e nos levará a mais esforços para encontrar a verdade? Essa diligência é mais necessária ainda para pastores, pois as necessidades da igreja tiram muitos das universidades quando ainda são jovens, e eles têm que ensinar e aprender ao mesmo tempo; de minha parte, eu não desencorajarei esses jovens, contanto que estejam competentemente qualificados, possuam o desejo sincero pela salvação do homem e sejam escolhidos mais cedo do que normalmente seriam por necessidade, já que a igreja em outra ocasião poderia esperar por sua preparação. Afinal, sei que a teologia é uma ciência prática, e o conhecimento desta prospera no meio prático. Deixar claro os modos de nos unirmos e termos a vontade de nos comunicarmos e fazermos o bem não é uma ajuda ínfima para nossas proficiências. Muitos homens não se envergonham de confessar quão jovens e despreparados estavam em suas chegadas, agora que já cresceram e se tornaram eminentes. Virgílio, o mártir, foi feito bispo de Trent aos 20 anos. Ambrose de Offic. Li. C. 1. disse: "*Homines autem discunt prius quod doceant, et ab illo accipiunt quod aliis tradant: Quod ne ipsum quidem mihi accidit. Ego enim raptus de tribunalibus atque administrationis infulis ad sacerdotium, docere vos coepi, quod ipse non didici. Itaque factum est ut prius docere inciperem, quam discere. Discendum igitur mihi simul et docendum est; quoniam non vacavit*

ante discere. Et quantum libet quisque prefecerit, nemo est qui docerti non egeat dum vivit."[143]

Que abundância de coisas existe que um pastor deve entender; que grande defeito é sermos ignorantes delas; e quanto sentiremos a falta desse conhecimento em nosso trabalho! Muitos pastores estudam apenas para compor seus sermões e pouco mais, quando há tantos livros a serem lidos e tantas questões com as quais não nos precisamos familiarizar. No estudo de nossos sermões, somos muito negligentes, juntando apenas algumas expressões sem considerar como devemos passá-las aos corações dos homens. Devemos estudar como convencer os homens e entrar em seus corações, e como levar a verdade a eles rapidamente, sem deixar nada para nossa presteza e improvisação, exceto em casos de necessidade. Certamente, irmãos, a experiência lhes ensinará que os homens não se fazem eruditos ou sábios sem estudo sério, trabalho e experiência.

2. Se os pastores se dedicassem ao trabalho do Senhor, este seria feito mais vigorosamente do que a maioria de nós o faz agora. Quão poucos pastores pregam com todas as suas forças, ou falam da alegria eterna, ou tormento de modo que faça os homens acreditarem em suas palavras. Faria doer o coração do homem ver uma multidão de homens sonolentos e pecadores sob um pastor, estando ausente uma única palavra que os acorde. Pensamos com nós mesmos: "Se estes pecadores fossem convencidos e acordados, poderiam ainda se converter e viver!" E, ainda assim, falamos de maneira sonolenta e gentil, e os pecadores sonolentos não nos ouvem; o golpe cai tão leve, que os mais endurecidos não o sentem. A maioria dos pastores não projeta sua voz, nem se declara honestamente. E dos que fazem, quão pouco recebem honestidade como resposta, des-

[143] "Mas os homens aprendem primeiro o que ensinam e recebem d'Ele o que ensinam aos outros: o mesmo não aconteceu comigo. Pois eu, sendo transferido dos tribunais e das funções administrativas para o sacerdócio, comecei a ensinar-lhes o que eu mesmo não aprendi. E assim aconteceu que comecei a ensinar antes de começar a aprender. Portanto, é necessário aprender e ensinar ao mesmo tempo; porque não houve tempo para aprender antes. E, por mais que agrade a qualquer homem, não há ninguém que não precise ser ensinado enquanto viver" (Ambrosius, *De Officiis Ministrorum* 1.1).

perdiçando sua voz de modo que as pessoas o vejam apenas como um gritão, cujo assunto não é tão sério. É triste ouvir as excelentes doutrinas planejadas pelos pastores que morrem em suas mãos por falta de uma pregação vivaz. Quão úteis são para convencer os pecadores, e quão pouco fazem uso disto; e que bem poderiam fazer se declarassem com fervor; mas não podem, ou não o fazem. Senhores! Quão simples, real e sinceramente deveriam declarar uma mensagem tal como essa nossa, quando a vida eterna dos homens reside nela! Acredito eu que não faltamos em seriedade. Não há nada menos adequado para tal questão do que sermos entediantes. Ora, falar friamente de Deus e da salvação! Como podemos esperar que as pessoas se convertam quando falamos de maneira tão passiva! Em nome de Deus, irmãos, empenhem-se em acordar seus corações, antes de irem aos seus trabalhos, para poderem acordar os corações dos pecadores. Lembrem-se que eles devem acordar, ou serão condenados, e um pregador sem energia certamente não a trará aos outros. Se der às coisas divinas de Deus os maiores louvores em palavras frias, será entendido como desdizendo tudo que disse. É uma espécie de desdém às coisas, um especialmente sério, falar delas sem grande fervor: o modo tanto quanto as palavras devem ensinar aos outros. Se somos ordenados a realizar tudo que fazemos com todas as nossas forças, então certamente um trabalho tal como a pregação para a salvação do homem deve ser feito dessa mesma maneira! Há um ou outro, aqui e ali, dentre os pastores, que tem um modo honesto e persuasivo de pregar, e as pessoas sentem isso quando eles pregam para elas.

3. Se nós todos estamos devotados ao trabalho de Deus, por que não temos compaixão para com as congregações desprovidas ao nosso redor e as ajudamos a encontrar pastores capazes; e ocasionalmente não lhes damos assistência quando nos encontramos calmos com nossas próprias responsabilidades? Uma lição nos lugares mais ignorantes, propositada para a conversão, dada pelos pregadores mais diligentes, é de grande ajuda onde tais coisas estão em falta.

4. A execução negligente dos deveres reconhecidos demonstra que não somos tão devotos ao nosso trabalho quanto deveríamos ser. Se há qualquer trabalho de reforma a ser realizado a pé, quantos não avançarão mais do que o planejado? Até mesmo este tanto, se fosse feito, já seria bastante.

Se qualquer questão da igreja tiver de ser realizada a pé, quantos a negligenciarão em favor de seus próprios interesses? Quando temos de nos reunir para consulta da realização de nosso trabalho, um tem compromissos próprios, outro tem outras questões, e tudo parece mais importante do que as questões de Deus.

E, quando o trabalho nos parece difícil e custoso, quão aversos somos a ele, e fazemos desculpas para evitá-lo! Por exemplo: o que tem sido mais falado, orado e discutido pela Inglaterra por vários anos senão o problema da disciplina? Poucos homens (os Erastianos) parecem empenhados na disputa por qualquer um dos lados; alguns preferem o prelado; outros, o presbiteriano, e terceiros ainda preferem o congregacional. No entanto, quando se trata da prática desta, pelo que eu vejo, estamos todos longe dela. Surpreende-me, ao olhar para a Inglaterra, quão poucas congregações têm qualquer execução de disciplina e, ao mesmo tempo, pensar o quanto foi escrito sobre isso, e que quase todo o episcopado nesta nação se engaja nesta — quão fervorosamente lutaram por ela e fizeram grandes declamações contra aqueles que se opõem a ela; e ainda assim tão poucos a exercitam! Assombra-me que tantos defendam uma prática à qual seus corações se mostram contrários; mas vejo um zelo que é mais natural do que o zelo obediente, devoto e praticante. Quantos pastores há na Inglaterra que não conhecem aqueles por quem são encarregados, que clamam pela verdade de suas igrejas sem saber quais elas são, ou quem são seus membros; e quantos nunca removeram um pecador teimoso, nem ao menos o levando à confissão pública, ou à expressão de arrependimento, ou à promessa de uma reforma, ou ao menos o admoestaram publicamente para ser chamado a este arrependimento. Mas eles acham que fa-

zem seu trabalho se não lhes derem o sacramento da Ceia do Senhor, quando esta tende a ser voluntariamente evitada pelos pecadores, e milhares já a evitam sem termos que os proibir; e, enquanto isso ocorre, eles permanecem sendo membros de nossas igrejas e recebem a comunhão com a igreja, sem serem chamados a se arrepender de seus pecados. Leiam as Observações, capítulos 1, 2 e 3, de L'Aubespine, um papista são, e vejam se a comunhão em tempos passados consistia apenas na participação na Ceia do Senhor. Ou essas centenas de pessoas a quem recusamos a ceia são membros de nossa igreja, ou não são; se não, então somos separatistas por mais que os neguemos, pois não os removemos nem os trouxemos a qualquer profissão de seus pecados, independentemente de terem negado ser membros. Segue-se, pois, que realizamos a assembleia fora da igreja mesmo antes de ela ser "desigrejada", ou antes que nós seguíssemos as ordens de Deus e os removêssemos. Porém, se eles forem vistos como membros, como podemos satisfazer nossas consciências se ignoramos a disciplina? Não é por acaso o mandato de Deus que eles sejam pessoalmente reprovados, admoestados e chamados ao arrependimento público, e removidos se permanecerem impenitentes? Se estes não são nossos deveres, por que temos falado tanto deles ao mundo? E, se são de fato deveres, por que não os praticamos? Se essas pessoas não são escandalosas, por que não as recebemos na Ceia do Senhor? Se elas mesmas se afastam, não é esse um pecado no qual um irmão não deveria ser permitido a permanecer? Não é um escândalo para eles evitar os rituais de Deus e a comunhão da igreja por tantos anos? Muitos deles até evitam ouvir a própria Palavra de Deus. A disciplina antiga era mais estrita, quando o Concílio Quinissexto, ocorrido em Trullo, em Constantinopla, prescreveu o cânone 80, que: "Qualquer um que estiver há três dias fora da igreja, sem qualquer necessidade urgente, deve ser excomungado."

Irmãos, de minha parte, eu não desejo ofender qualquer facção nem trazer desonra a eles; mas devo deixar claro que esses pecados não devem ser escondidos por desculpas, extenuações ou negações. Há muito que lutamos por disciplina,

e cada facção quer que seja à sua maneira. Vocês querem que as pessoas em poder de governo valorizem seus modos, é claro; pois, se o querem, lutem por excelência, demonstrem excelência. O que é? E no que consiste? Se vocês querem que eles acreditem em vocês, mostrem-nos não somente a teoria, mas a prática; não apenas palavras, mas ações. Como podem as pessoas saberem o valor das noções e nomes da disciplina sem que tenham a coisa diante de si? É apenas por um nome e uma sombra que vocês têm feito toda essa balbúrdia? Como eles podem achar que aquilo que não faz bem é bom? Sinceramente, eu acredito que não só não estejamos tomando o curso certo para defender nossa causa, mas que estejamos traindo-a através de nossas disputas. Sejam honestos: não são essas duas coisas que causam a reputação da tão contestada disciplina entre os homens; ou, em outras palavras, com os devotos, a reputação dos pastores que a defendem, e para os não devotos, *a não execução desta*, que trazem a interpretação de que ela é inofensiva e que não vale a pena? É certo, irmãos, que, se formos pela sabedoria carnal dos antigos prelados e seguirmos seus modos, tornando nosso governo mais simpático às multidões ímpias pela negligência à prática e ignorância aos seus pecados, poderemos muito bem esperar a mesma bênção e fim que os prelados tiveram. Se nosso governo vier a depender dos votos daqueles que deveriam ser corrigidos ou rejeitados por seus modos, e os piores se tornarem amigos destes, pois o agradam em sua impiedade, estaremos, então, nos opondo ao Senhor, e Ele parecerá, pois, oposto a nós. Ponham-se a praticar essa disciplina que foi tão contestada por todo o país, e eu duvido que seus efeitos visíveis não farão com que os homens devotos não apreciem seus efeitos. Como podem vocês questionar se as pessoas, que pedem por ações em vez de palavras, por reforma ao invés da promessa desta, abandonem suas congregações por outras, quando vocês lhes mostram apenas o nome da disciplina nas suas? Todo cristão dá valor às cerimônias de Deus, e não acreditam serem fúteis; portanto, não aceitam viver sem elas. A disciplina não é algo desnecessário à igreja: se vocês não diferenciam entre aquilo

que é precioso e aquilo que é vil pela disciplina, as pessoas o farão individualmente. Se vocês permitirem que dezenas ou até centenas dos que frequentam suas igrejas sejam notórios e escandalosos, condenadores da comunhão, e nunca publicamente, talvez nem de maneira privada, reprovarem estas ações nem os chamarem a se arrependerem, nem os removerem, não podem, então, ficar surpresos quando as almas receosas abandonarem suas igrejas como se fossem ruínas, pois teme que cairão sobre suas cabeças. Oro para que considerem se devem fazer no sacramento com eles tal como fazem com a disciplina, e apenas lhes mostrar o pão e o vinho, e nunca permitir que os provem; acham que eles ficariam satisfeitos com o sacramento, ou que gostariam de sua comunhão? Por que, então, acreditam que eles ficariam satisfeitos com o som vazio das palavras "governo/igreja"? Considerem qual a tamanha desvantagem na qual vocês colocam a causa por suas disputas com outros homens. Se seus princípios são mais certos que os deles, e a prática deles mais certa que as suas, as pessoas irão decidir qual dentre a sombra e a substância é mais desejável, e verão o seu como uma formalidade ilusória, pois veem apenas que você é formal em seu uso, quão pouco realmente a usa. Não me declaro oposto ao seu governo, mas a favor dele, sempre fui; e lhes digo que são vocês, que pareceram sinceramente desejá-lo, que se opõem a ele, pois o desgraçam mais por não agirem sobre ele do que lhe dão crédito com seus argumentos, e descobrirão que a execução fiel é o argumento mais forte de todos. Até lá, porém, as pessoas entenderão como se vocês tivessem proclamado: "Não teremos nenhuma admoestação pública, nenhuma confissão ou excomunhão; nosso modo é o de não fazer o bem, mas, sim, o de montar um bom governo em nome apenas." Certamente foi um erro além de qualquer disputa quando os prelados destruíram a disciplina e nada no lugar dela fizeram, e se tivessem feito o bem que a disciplina pretende, a prelazia talvez se tivesse mantido até hoje, disso eu bem sei; certamente não teria encontrado a oposição das centenas de devotos que de fato se opuseram a ela. Acredito

que, se continuarem nesse erro, vocês podem muito bem prever esse mesmo fim.

E quais são os impedimentos que se apresentam aos pastores da Inglaterra para que não executem a disciplina pela qual tanto disputaram? Eu não ouço todos falarem, mas certamente ouço alguns e vejo ainda mais. A grande razão, até onde entendo, é a dificuldade do trabalho, os problemas e sofrimentos que terão por causa disto: não poderemos repreender um único pecador sem que ele se enfureça por isso e nos dirija uma malícia intensa. Com poucos poderemos prevalecer de modo a conseguir uma profissão verdadeira de arrependimento. E se os excomungarmos, eles ficarão realmente furiosos conosco; jurarão vingança e nos causarão o mal. Se Deus quer de nós que lidemos com os pecadores da paróquia, não sobraria um dentre eles: conspirariam contra nossas vidas. E se fôssemos odiados por todos, isso faria de nossas vidas desconfortáveis, portanto, nosso trabalho seria pouco vantajoso, pois os homens não nos ouviriam mais ao serem tomados por ódio, e o dever deixaria de ser dever, pois a dor que se seguiria seria maior que o bem, e a afirmação não nos defende "*ad semper*".[144]

São essas as grandes razões para a não execução da disciplina, com o grande trabalho que a admoestação privada de cada pecador necessitaria. E a essas eu respondo:

> a) Essas razões não são por acaso tão válidas contra o próprio Cristianismo, em certos tempos e lugares, quanto são agora contra a disciplina? Cristo não veio para nos dar paz; teremos paz, mas não a deste mundo, pois Ele bem disse que seríamos odiados. Por acaso Bradford, ou Hooper, queimados nos tempos da Rainha Maria, não teriam dito o mesmo de seus deveres? Eles podem ter dito que reconhecer a Reforma os faria odiados e exporia suas vidas às chamas. Como pode ser entendido por Cristo como alguém que não é cristão aquele que não

[144] "Para sempre".

dedica tudo aquilo que tem, e sua própria vida, por Ele, e toma uma ameaça à sua vida como razão para não realizar seu dever? O que é, senão hipocrisia, fugir do sofrimento e aceitar apenas trabalhos fáceis e simples, e nos enganarmos de que os outros não são deveres? De fato, é assim que comumente se escapa do sofrimento: negligenciando aquilo ao que o dever nos deixaria expostos. Se fizéssemos nosso dever de maneira apropriada, os pastores encontrariam entre os seus cristãos professos, onde anteriormente havia apenas infiéis. Mas, se você não pode sofrer por Cristo, por que pôs a mão em seu arado, sem antes se sentar e considerar as consequências? Por isso o trabalho episcopal é feito sem fé, pois é realizado de maneira carnal; entram nele como se uma vida fácil, de honra e respeito, procurando resolver suas questões e aquilo que entendem por certo ou errado; não esperavam ódio ou sofrimento, e os evitarão, mesmo que com isso evitem seus trabalhos.

b) E, quanto a se tornarem incapazes de lhes fazer o bem, eu respondo: essa razão é tão válida para isso quanto é para a pregação básica, a reprovação, ou qualquer outro dever pelo qual possamos atrair a fúria alheia. Deus abençoa aqueles ordenados para fazerem o bem, ou jamais os teria encarregado disso. Se você admoestar e censurar publicamente os escandalosos, e chamar os homens para se arrependerem e removerem os obstinados, farão bem àqueles a quem reprovam e possivelmente até aos excomungados; é certo que são os meios de Deus, e seu último recurso quando a reprovação já não basta: é, portanto, perverso que se negligencie esse recurso, ou frustraremos todo o processo, pois esse último recurso não deve ser usado exceto no caso em que todos os outros já tenham sido esgotados. Porém, todos se beneficiam disso se o ofensor não for mais aceito; e Deus terá a honra, quando sua igreja se manifestar diferente do resto do mundo, e os herdeiros do Céu e os do Inferno

não forem mais confundidos, nem o mundo acreditar mais que Cristo e Satanás lutam por superioridade, e que tem a mesma inclinação para a divindade e para o pecado.

c) E eu gostaria de saber: pelas questões levantadas nesta objeção, a disciplina não deve ser completamente removida da igreja; o problema, então, não reside contra a coisa em si, em vez de contra sua atual manifestação? Pois essa razão não é baseada em qualquer coisa relevante à nossa modernidade, mas a algo que ocorre em todos os tempos e lugares. Homens perversos sempre lutarão contra a noção de que suas vergonhas sejam feitas públicas; o uso da censura da igreja é especificamente o de os humilhar, para que o pecado seja humilhado e rejeitado pela igreja. Em que era, desde a época dos apóstolos, você pode dizer que teria cumprido essa disciplina que agora recusa, se for essa a questão, e supondo que não o teria feito por compulsão do magistério? Se é a disciplina que traz inconveniências tão intoleráveis, por que tem orado por ela, buscado e disputado por ela tal como o fez? Ora, todos os opositores tiveram que enfrentar sua desaprovação e censura por um dever que vocês julgam intolerável e não tocariam com suas próprias mãos? Quando exatamente vocês acham que essas dificuldades que tanto se preocupam em evitar acabarão? Será durante as suas vidas? Ou esperarão até que tenham morrido, e o deixarão como parte de seu epitáfio, para a posteridade, que vocês lutaram e brigaram por algo que abominaram até a morte, que jamais teriam praticado? Essa sua objeção não dá maior causa aos separatistas e lhes deixa claro que suas discussões não foram em favor da disciplina, mas, sim, que não deve haver disciplina nenhuma, pois causará mais mal do que bem? Certamente, se isso for verdade, teria sido melhor que o dissessem logo de cara, antes de todas as nossas guerras, lágrimas, orações e contenções, do que agora, na conclusão, dizer ao mundo que tudo que fizemos foi feito por um nome e uma

palavra, e que a coisa está tão longe de valer nosso esforço que não é tolerável e muito menos desejável.

d) Mas ainda me permitam dizer que não há um leão tão aterrorizante no caminho da disciplina quanto vocês acreditam que há; ela não é algo tão inútil. Eu agradeço a Deus pelas pequenas e tardias tribulações que me ocorreram por causa dela, pois posso falar em experiência que não é feita em vão, nem são os perigos que tanto são usados para justificar a negligência.

Mas sei bem a razão por trás disso tudo. É dito que: "Quando lutamos pela disciplina, quisemos dizer uma disciplina que seja estabelecida e imposta pelo poder secular; sem eles, que bem poderemos fazer? Quando todo homem pode odiar nossas censuras e nos ignorar, do que adianta nos metermos nisso sem autoridade?" A isto, respondo:

> • Em certo momento, achei uma afronta que certos homens que se negavam a ser pastores de Cristo tentassem colocar-se no episcopado, e teria lhes chamado de pastores do estado e lidado com eles da maneira apropriada. Mas parece que eles não cruzaram o caminho com o julgamento dos próprios pastores, que, por suas vezes, parecem prontos para cair esta mesma afronta sobre o seu chamado. Nós somos enviados como embaixadores de Cristo, para falar em Seu nome, e não no do príncipe; e por Sua autoridade realizarmos nosso trabalho, pois temos d'Ele a comissão; e por acaso os seus mensageiros questionam a autoridade de seus comandos? O mesmo poder sem o qual vocês têm que pregar, ou contra os comandos do magistrado, é aquele com o qual vocês devem exercer o conselho pastoral e a disciplina. E devem todos os pastores

se recusarem a pregar se o magistrado não lhes disser que o façam, ou se os proibirem?

• O que querem dizer vocês, quando dizem que não podem fazê-lo sem autoridade? Falam do *amor*, ou da *aparência* de aprovação, ou do *comando* sobre si mesmos, ou da *punição* a ser imposta sobre as pessoas que não o obedeçam? A permissão dos magistrados nós já possuímos; quem os impede ou proíbe de impor a disciplina e a exercitar fielmente? Por acaso o poder secular os proíbe de fazê-lo, ou os ameaça se fizerem? Não, ele não faz isso. Pois que a vergonha dos pastores ingleses seja dita, já que nós a expomos de modo que não pode mais ser escondida: tivemos a completa liberdade de realizar nosso trabalho em Cristo conforme desejamos e imploramos, mas não o fazemos. O que os pastores de Deus não poderiam ter feito pelo Senhor, se ao menos estivessem dispostos a isso! Não tivemos proibição, nem homem algum trabalhando contra nós, e nenhum dos inimigos se pôs contra os trabalhos; e ainda assim nada fizemos. É como se não tivéssemos a aprovação das autoridades! Seguimos os comandos dos poderes anteriores quando ainda não repelidos. Temos a proteção das leis e dos governadores atuais; se alguém buscasse causar-lhes dano por causa da disciplina, vocês teriam não somente as leis, mas muitos magistrados com os quais restringi-lo e puni-lo, tantos quantos a Inglaterra jamais antes teve. De que mais precisam? Gostariam de ter uma lei que os pune se não cumprirem seus deveres? Ora, ousam dizer a Deus que não farão seu trabalho a não ser que o magistrado os ameace com punições? Confesso que, se fosse feita a minha vontade, isto seria feito verdade: e este homem seria ejetado como um pastor

negligente, que não cuida da disciplina de seu povo, e permitiria apenas que fosse um pregador para os que foram removidos de suas igrejas, tal como ele é removido como um pregador que não prega. Pois o governo da igreja é tão essencial ao cargo do pastor quanto o pregar, disso estou certo. Portanto, vendo que esses homens ficariam felizes de ver os magistrados intervirem; se ele os removesse por serem pastores infiéis (à exceção de casos nos quais a igreja não tenha alguém melhor a quem apontar), não vejo como poderiam culpá-los por isso. É uma triste descoberta de nossos corações carnais, quando os homens podem fazer mais de nós do que Deus, de modo que obedeceríamos ao comando do homem e não aos de Cristo. Como pode ser adequado para carregar a Palavra de Cristo aquele que não entende Seu comando como obrigatório?

Mas sei também que a coisa esperada é que todas as pessoas sejam forçadas, sob ameaça de punição, a se submeter à nossa disciplina. Confesso acreditar que o magistrado deva ser acerca da igreja, e deva defender o episcopado, melhorando ao máximo seu poder de obter a obediência universal às leis de Cristo, e impedir os homens de quebrá-las, especialmente de serem professores falsos e sedutores dos outros. O quanto me oponho aos dois extremos desta licença universal e à aparente tirania eu já deixei consideravelmente claro em outras ocasiões. Direi, então, agora, apenas o seguinte:

➢ Isso não evidencia a construção carnal de nossos corações, já que não realizamos nossos deveres a não ser que o magistrado faça o seu por completo, para que o sigamos nisso? Ora, a negligência dele desculpa a sua?

Por acaso Cristo lhes ordenou a usar as chaves do reino e evitar um pecador escandaloso sob a condição de o magistrado puni-lo mais tarde à espada? Através disso, vocês não dizem que acham seu trabalho demasiadamente difícil e esperam que o magistrado o facilite para vocês? Pois se ele não for seguro, fácil, ou barato, vocês estão decididos a não fazê-lo; e Cristo já tem o bastante de tais servos. Não acham que isso faz parecer que preferem que o magistrado faça seu trabalho por vocês? Assim como as pessoas devotas há muito oram por disciplina e pedem aos pastores que a executem, mas nós não conseguimos fazê-los reprovar os ofensores e lidar séria e amorosamente com eles pelo próprio bem, e não informam a igreja daqueles que são impenitentes; tal fazemos com os magistrados: a palavra de Deus é nossa obrigação, que deveríamos todos executar, mas pouco realmente fazemos. Achamos mais fácil censurar e falar contra os outros por não o fazer, do que o fazer por conta própria. Que culpa e hipocrisia residem em nós!

➢ Além disso, o que você acha que o magistrado poderá fazer? Rogo para que considerem como irão explicar, diante de Deus, que intencionalmente ignoraram seus deveres e fizeram da contenda sua religião. Não é uma enganação temerosa que um homem se declare como ministro devoto por apontar falhas naqueles que têm mais do que ele? Eu digo menos falhas, pois, sejamos sinceros, o magistrado faz mais de sua parte no governo dele, ou você no seu? Eu não pretendo bajular o magistrado mais do que qualquer outro; nem me lembro de jamais ter feito isso; mas devemos ser justos com todos os homens. Vocês fa-

riam com que o magistrado punisse os homens "*eo nomine*",[145] por serem excomungados, sem qualquer reconhecimento em particular do fato e do caso? Primeiro, isso seria injusto; faria com que os homens estivessem errados sempre que nós estivéssemos errados. Se o carrasco for um homem honesto, ele gostará de saber se aquele que vai à forca é um homem que não foi condenado injustamente. Porém, o magistrado não é meramente um carrasco para os pastores, mas também seu juiz; portanto, deve dispor do uso de sua razão para que saiba a causa e siga seu julgamento, e não puna os homens contra ele. Segundo, porque a excomunhão é um julgamento pesado por conta própria, e espero que não a achemos pouco apenas porque o magistrado não adiciona mais. Se fosse esse o caso, então a punição temporal já serve, e a sua é desnecessária? Suponho que não seja isso que vocês queiram dizer, mas são tão justos que querem que o magistrado puna o homem como um ofensor, não como excomungado. Nesse caso, não acho que possa dizer que o que o magistrado faz é nada. Por acaso todas as punições contra os profanos, os bêbados, os que quebram a paz, os que ignoram o sábado e tantos outros, essas punições também não são nada? Certamente as leis da nação já punem tais pecados contra Deus. E o que vocês, como governadores de suas igrejas, fazem contra o pecado? O magistrado multa e prende; é o dever dele. O seu é o de os levar ao arrependimento público, ou os remover por completo. Têm vocês feito sua parte tão frequentemente quanto eles? O magistrado da Inglaterra pune

[145] "Por aquele nome".

dez, vinte, talvez até cem profanos, bêbados e aqueles que ignoram o sábado pela espada para cada um que a igreja pune por censura, ou traz ao arrependimento público para a satisfação da igreja. Irmãos, essas coisas me parecem estranhas, que as coisas estejam desse jeito, e ainda assim nossos corações continuem tão ilusórios, e que nós nos consideremos inocentes e devotos, homens a quem os magistrados e o povo devem reverenciar, e criticarmos o magistrado tanto quanto fazemos. Acredito que sejamos todos preguiçosos e errôneos; mas nesse aspecto nós somos mais do que os outros. E se eles nos pagassem em nossa própria moeda? O que diriam dos pastores, após tantos anos se falando de disciplina sem que nada resultasse? Eu não digo nada na maior parte do tempo; reunirmo-nos para consulta não é exercício de disciplina alguma, nem ajuda a reforma da igreja, o que essas reuniões deveriam fazer.

➢ Respondo-lhes ainda: o que fez a Igreja de Cristo até os dias de Constantino Magno, se não tinham pastores melhores do que os do seu tipo, que não governam sem ser impelidos a isso pelo magistrado? Disciplina, não uma qualquer, mas uma severa, foi executada por 300 anos ao todo, nos quais o príncipe não somente não os protegeu, mas os perseguiu até a morte. Naquela época, a igreja estava em seu melhor, e a disciplina era mais pura e poderosa. Não diga mais nada, portanto, sob pena da vergonha, sobre a falta de propósito sem a força do magistrado, quanto tanto já foi realizado contra a vontade deste! Que agravação de nosso pecado que não nos possamos contentar em ser negligentes e tenhamos também que ofender ao nosso Senhor e Mestre, e lançar-

-Lhe a culpa! Pois é isso que se faz, quando se culpa a censura da igreja como ineficaz, quando a culpa reside nos seus corações preguiçosos e egoístas, que dessa censura se desencarregam! Há Cristo colocando uma espada de chumbo em suas mãos quando o comanda que castigue o pecador impenitente? Ou é você o covarde incauto, e culpa sua espada em vez de usá-la, como se pensasse que essa é a tarefa mais fácil? Por acaso são as chaves do Reino de Cristo tão inúteis, que nada abrirão sem o uso da espada, ou é você incapaz e preguiçoso demais para usá-las? Se elas contraíram ferrugem, tornando-as menos efetivas em seus usos em comparação com os prelados, temos apenas nós mesmos a agradecer, por deixarmos que ficassem tanto tempo sem uso correto!

➢ E devo lhes dizer que a intervenção frequente da espada em nossa disciplina causará mais mal do que bem; corrompê-la-ia pela mistura, tornando-a algo humano. Seu governo depende do trabalho sobre a consciência, e a espada não pode tocar nesta. Não é desejável que o arrependimento seja ocultado por confissões forçadas, que impedem que se saiba quando o homem realmente é honesto no que diz; e é isso que a espada faz, forçando os homens a dissimular, impedindo que se compreenda o poder da palavra e as ordens de Cristo. Confesso, de minha parte, que, desde que comecei a exercer a disciplina, tenho visto por experiência que, se a espada intervém e força a profissão pública do pecado e do arrependimento, que, por outras ocasiões, obtive do homem pela Palavra de Deus, a espada me deixa deveras insatisfeito quanto à validade de tais confissões e promessas, se elas são real-

mente satisfatórias à igreja; e acredito que as pessoas devotas não se ocupam muito nisso contanto que acreditem que a confissão foi de coração e livre; e que, se tiver sido forçada pelos magistrados, elas não consideram esse pecador penitente, e não se satisfazem, dizendo: "Ele o faz porque não ousa fazer diferente." E devo ainda adicionar o seguinte: vocês culpam o magistrado por lhes ter dado tanta liberdade; não foram vocês que quiseram que ele o fizesse? Vocês raramente acreditam que tais inimigos da liberdade de consciência sejam a causa dela; já que acho que vocês são, e que os mais aguçados inimigos são as maiores causas. Pois vocês facilmente iriam ao outro extremo, e se fazem tão confiantes em todas as controvérsias de que estão corretos, e põem tanta importância em suas opiniões, como se a vida e a morte residissem nelas (quando a diferença em boa parte do tempo é mais verbal do que real), que ocasionam que os magistrados corram na direção contrária; e se eles virem e não confiarem a espada em tais mãos, vocês poderão agradecer a si mesmos. Realmente, irmãos, vejo pela experiência que há, nos mais imprudentes de nós, um zelo confuso e cego contra tudo aquilo que suas facções chamarem de erro, que, sem tentar diferenciar, eles desordenadamente atacam a todos igualmente, fazendo grande balbúrdia contra erros, quando, na verdade, nós não sabemos o que são, ou como os refutar, nem quais são toleráveis na igreja e quais não são; nem também se devemos ter ou quebrar a comunhão com aqueles que os possuem, e talvez sejamos, portanto, as próprias pessoas errôneas. As observações disso fizeram dos magistrados invejosos a nós, e acreditam ago-

ra que, se engendrarem com cada facção uma disputa, nós jamais estaremos sem sangue ou miséria. E confesso que vejo em alguns pastores tão pouco do fogo do amor divino e da caridade cristã, e compaixão, e nada da preocupação divina ou a humildade necessária para se reconhecer a própria enfermidade, e muito do zelo que Tiago descreve (Tg 3.14-15), que provém de outro fogo, um que os deixa cheios de suspeitas e invejas, e os coloca contra seus irmãos, censurando-os, difamando e os traindo, forçando um sentido negativo de suas palavras e ações bem-intencionadas, vivendo para com eles em pura cobiça e malícia, em vez de amor cristão e paz; tanto disso vejo em tantos que afetam a reputação dos ortodoxos, que são realmente faccionais, que me encontro menos triste que o magistrado interfira tão pouco; pois, se a espada estivesse em mãos tão cheias de raiva e cobiça, haveria pouca paz para a igreja, pois quaisquer dois homens no mundo discordam em algo, se sobre algo souberem ou acreditarem. E esses homens lidarão com o mundo de acordo com seus julgamentos, que nem sempre são os mais sábios: aqueles que se atiram contra os outros como se estes fossem blasfemos, quando não sabem do que falam, certamente os abateriam como se blasfemos, se tivessem o poder. Isso poderia levar o magistrado a pensar, visto que somos tão conflituosos e impacientes, que seria melhor nos colocar a decidir as coisas aos punhos, e a não entregar espadas em nossas mãos até que estejamos mais sóbrios para seu uso; pois cada homem passional, quando não tivesse o decreto para que executasse suas causas, poderia emprestar a espada do magistrado para se impor; então a

> verdade estaria sob incrível desvantagem neste mundo! Os magistrados são os homens mais tentados e abusados, portanto, não sei por que razão devemos pedir que se tornem os árbitros de nossas discussões, a não ser que esperemos que dois erros nos concedam uma vitória onde a verdade não obteve nenhuma. Poderia esperar que o magistrado fizesse mais; porém, se ele nos oferece proteção e liberdade, e impede os enganadores de pregarem contra as verdades inquestionáveis do evangelho, e dá ao público a aparência e o encorajamento a estas verdades, eu não temo que, pela Graça de Deus, um episcopado prudente, sério e unânime poderá humilhar essas várias vaidades que achamos tão ameaçadoras.

Mas estou me demorando demais nesta questão. Concluo apenas com um pedido encarecido a meus irmãos no episcopado que ponham a parte mais inquestionável da disciplina, pela qual tanto lutaram, em execução, rápida e piedosamente. Quando ficamos ofendidos com o Parlamento por seus inúmeros escândalos como sendo defeituoso, e uma protestação foi publicada de que agíamos apenas na suposição de que era realmente defeituoso, certamente não pensamos então que nós, que tanto antecipávamos mais poder, não usaríamos poder algum; e nós que tanto precisávamos de autoridade, rejeitando mais do que o Parlamento poderia enumerar, censuraríamos tão poucos quanto censuramos desde que ganhamos a liberdade de fazê-lo.

Mas uma objeção é comum, a qual esqueci. Eles dizem: "Mas nós somos simples pastores, e não podemos excomungar os homens por conta própria, a não ser que façamos de todo pastor um Papa em sua paróquia, ou um Bispo, pelo menos."

E respondo: de minha parte, eu não tenho a intenção de impor minha opinião em tal coisa (quanto ao poder de uma única pessoa realizar a excomunhão). Mas:

- Eu poderia desejar muita moderação a estes homens, para que sejam nisto muito mais sábios do que aqueles que os contrariam, pois sua confiança é de muita importância se se chamarão de papas; senão, não farão nenhum anticristo, já que os fazer parece ser a moda dos tempos; estes homens devem, então, ao contrário de suas intenções, dar crédito ao Papa por fazer tantos papas; e também aos prelados, por fazerem tantos prelados.

- Um papa é pretendido como a cabeça da Igreja Católica, como um bispo universal para governá-la. Por acaso os pastores são tal? Um bispo diocesano é o governador de todos os pastores e igrejas em uma diocese; é um pastor um desses?

- Por que, em suas disputas contra os prelados, vocês defendem que cada pastor é o bispo de sua própria igreja, e agora abominam a ideia?

- E, se vocês não puderem excomungar, não poderão fazer o resto? Não poderão reprová-los pessoal e publicamente, orar por eles e tudo o mais?

- Por acaso as pessoas não devem evitar um bêbado se você disser que o façam? Se não, por que Deus lhes ordenou que o fizessem? Se sim, por que não podem exigir que os homens façam aquilo que é seu dever?

- Não há ninguém em suas paróquias, nem um ou dois, de quem possam fazer de presbíteros, para que, em conjunto, possam realizar mais do que tem poder agora? Ao menos, de acordo com

seus princípios; pois certamente isso não seria de acordo com os meus.

• E o que os impede que se reúnam para exercer suas vontades? Se for necessário que os pastores se unam para que ponham em prática o ato da disciplina, por que não o fazem? Há algo que os proíbe ou ameaça se o fizerem? Se disserem: "Estou sozinho, pois nenhum pastor vizinho se unirá a mim", você fala mal de todos os pastores próximos de si. Por acaso são todos eles tão negligentes? Não nos culpe, então, se os reprovarmos. É incrível que sejam tão ruins em seu julgamento que nem um ou dois possam ser úteis para auxiliá-lo. E eu creio que você encontrará dois ou três que poderão fazê-lo com autoridade, mesmo que ninguém mais no condado possa. Quisera eu que os prelados não tivessem um argumento entregue a eles tão facilmente. Presbítero algum tem o poder das chaves, portanto, dois ou três ainda não o terão, senão poderiam causar maiores consequências do que se espera. Mas, se deve ser assim, eu ainda desejaria que nenhum pastor solitário, no interesse de se desculpar, colocasse uma acusação tão reprovadora sobre todos os pastores do país, apenas para dizer que a disciplina seja deixada de lado, pois não podem obter alguém que os auxilie em sua execução. Ao menos até que tenham tentado de toda maneira que isso seja feito.

e) Outra triste descoberta de que não nos devotamos a nós mesmos e a tudo que temos no serviço a Deus, como pensávamos, *é a prevalência dos interesses mundanos e carnais contra tudo que é do interesse e do trabalho de Cristo*. E isso eu manifestarei em três instâncias: nossa contemporização; a importância indevida que damos às

coisas mundanas, que nos afastam dos deveres e impedem nossa comodidade; a ausência de nossos trabalhos de caridade e a melhoria de tudo que temos para o uso de nosso Senhor.

> • Não é de minha intenção que qualquer um tenha contendas com aqueles que os governam, nem sejam desobedientes para com o que comandam suas leis. Mas não é a menor das reprovações ao episcopado que tantos, por vantagens mundanas, ainda se aliem às facções que lhes trarão as maiores vantagens para seus fins. Se eles procuram por vantagens seculares, estão, pois, apropriados para os poderes seculares; se for por aprovação eclesiástica, então eles se apropriam para a facção dos eclesiásticos que lhes der maior crédito. Esse não é um mal privado, mas epidêmico; nos dias de Constantino, quão prevalentes eram os ortodoxos! Nos dias de Constâncio, todos se tornaram arianos, de modo que poucos eram os bispos que não se tornaram apóstatas ou traíram a igreja, mesmo aqueles que estiveram no concílio da Niceia. E, quando caíram, não somente Libério, mas também o grande Ósio, que fora o presidente, ou chefe, de tantos concílios ortodoxos, o que poderíamos esperar de homens menores? Não fosse pela vantagem secular, ou pela facção e aplausos eclesiásticos, como poderia ser que os pastores de todos os países do mundo fossem todos, ou quase todos, da religião e modo que é de maior crédito e que consiste com seus interesses mundanos? Dentre os gregos, todos eles pertencem à maneira e profissão grega; e entre os abissínios, os nestorianos, os maronitas e os Jacobitas, os pastores geralmente vão na mesma direção. Dentre os papistas, são quase todos os papistas. Na Saxônia, na Suécia, na Dinamarca

e em outros, são todos luteranos; na Holanda, na França e na Escócia, quase todos os calvinistas. É estranho que todos estejam certos em um país, e todos errados no outro, se as vantagens carnais e a reputação não alteram muito; onde homens caem sobre uma busca diligente, a variedade de capacidades intelectuais inevitavelmente causa uma grande variedade de conceitos sobre várias coisas diferentes; mas, se o príncipe e os homens de crédito forem em uma direção, é de se esperar que a maioria dos pastores frequentemente mude sua religião com o príncipe desta terra. Não todos, como nossos martirológios podem testemunhar, mas a maioria. Eu aqui ignoro a menção de qualquer mudança subsequente. Se os governadores de uma universidade forem corruptos, por disporem das nomeações, quantos não podem afetar a maioria dos estudantes, cujos meros argumentos não bastariam! E a mesma doença tratável ocorre também no episcopado, que leva nossos inimigos a dizer que a reputação e a nomeação são nossa religião e nossa recompensa.

• Quão comum é que os pastores se afoguem nas questões mundanas! Muitos deles são tal como os sectários esperam que sejam, dizendo-nos que devemos tomar o arado e a carroça, e trabalhar por nossas vidas, e pregarmos sem tanto estudo; e essa é uma lição facilmente aprendida. Os homens não se preocupam em rejeitar e prevenir o cuidado de suas almas, que as igrejas possam ter em seus cuidados. Quão comumente são ignorados os deveres que são mais prováveis de diminuir nossas posses se realizados! Por exemplo: muitos não ousam realizar o exercício da disciplina em suas igrejas; não somente nas maneiras mencionadas previamente, mas especialmente porque podem impedir que as pessoas paguem o que devem?

Eles não ofenderão os pecadores com a disciplina, a não ser que os ofendam em suas posses; sim, pois a lei garante sua manutenção. Eu creio que o dinheiro é um argumento forte demais para alguns homens replicarem, pois o amor a ele é a raiz de todo o mal; poderia fazer grandes orações sobre os perigos da cobiça deste. Mas nada mais direi além disto: se foi um pecado tão sério para Simão Mago comprar os dons de Deus com dinheiro, quão pior não é vender os seus dons, sua causa e as almas dos homens por dinheiro; e que razão têm para temer aqueles que o fazem, pois seu dinheiro perecerá com eles!

• Mas o que mais tenho a dizer é a respeito da terceira descoberta. Se interesses mundanos ou carnais não prevalecessem tanto contra os interesses de Cristo e os da igreja, certamente a maioria dos pastores teria mais sucessos em seus trabalhos e usaria mais daquilo que possuem para o uso de seu Senhor. A experiência já prova por completo que os trabalhos da caridade são os mais capazes para remover o preconceito e abrir os ouvidos às palavras da piedade. Se os homens veem que você tem o costume de fazer o bem, eles mais facilmente acreditarão que você é bom e mais facilmente acreditarão que aquilo ao que você os persuade é bom. Quando veem que você os ama e busca o bem deles, eles confiarão em você com maior facilidade; então, quando virem que você não busca as coisas que são deste mundo, terão menos suspeitas quanto às suas intenções e serão trazidos mais facilmente à mesma busca que você realiza. Quanto bem os pastores trazem se se dedicam por completo a fazer o bem com todas as suas habilidades e faculdades! Não diga que é pouca coisa fazer bem aos corpos dos homens, e que isso apenas os ganhará para nós, e não para

Deus, nem converter a alma; pois é o preconceito que mais impede a conversão da alma, e isso o remove. Poderemos aos homens fazer mais bem se eles estiverem dispostos a aprender sobre nós, e isso fará com que estejam dispostos, e então maior diligência lhes fará bem.

Irmãos, espero que compreendam que não é uma caridade ordinária que espero que tenham, não mais do que sua piedade é ordinária. Vocês devem, de maneira proporcional a seus talentos, ir muito além dos outros. Não é somente dar duas moedas a um homem pobre; os outros fazem isso tão frequentemente quanto vocês. Mas que coisa mais importante vocês fazem com as suas posses pelo bem do Senhor? Sei que não podem dar aquilo que não têm; mas, acredito eu, tudo que vocês têm deve ser usado em nome de Deus. Bem sei que a grande objeção é: "Tenho mulher e filhos por quem providenciar; pouco não lhes servirá no momento, e não vou transformá-los em pedintes." Ao que respondo:

➢ Há poucos textos da escritura mais abusados do que aquele do apóstolo: "*Mas se alguém não tem cuidado dos seus, e principalmente dos da sua família, negou a fé, e é pior do que o infiel*" (1Tm 5.8). Isso é usado como pretexto para se juntar às porções e providenciar todo um patrimônio para a posteridade, quando o apóstolo falava apenas contra aqueles que abandonam os seus familiares para serem mantidos, como se as pessoas, quaisquer que sejam, fossem perfeitamente capazes de fazê-lo por conta própria. Suas palavras seguintes demonstram que é da provisão presente, e não quaisquer porções futuras, de que o apóstolo fala.

➢ Vocês podem educar suas crianças tal como as outras pessoas fazem, para elas poderem fazer suas próprias vidas, em algum emprego ou profissão honesta, sem grandes provisões. Sua caridade e cuidado devem se iniciar em casa, mas não devem acabar ali. Você deve fazer o melhor que puder para educar seus filhos, de modo que eles sejam capazes de ser úteis a Deus, mas que não se tornem ricos ou criem patrimônio; nem que ignorem os trabalhos de caridade, mas apenas separem uma provisão maior para estes. Deve haver uma proporção entre a provisão para nossas famílias, e a provisão feita à igreja e aos pobres. Um coração caridoso e cheio de autonegação, que tenha devotado tudo que possui a Deus, seria o melhor para julgar tais proporções e veria qual tipo de despesa é de melhor serviço ao Senhor.

➢ Confesso não desejar que os homens se coloquem por tempo demais sob as fortes tentações da incontinência para que não firam a si mesmos ao caírem; mas acredito também que é triste o quão pouco os homens fazem para mortificar a concupiscência da carne, para viverem livres e solitários, sem as tentações de mulheres e filhos para impedi-los de levar adiante seus trabalhos episcopais por caridade. Se aquele que não se casa faz melhor do que o casado, certamente os pastores deveriam trabalhar sob a condição que lhes faz agir melhor; e se aquele que precisa receber esse dito o receberá, devemos ter certeza de que isso ocorra. Este é um dos pontos principais das regras românicas, que eles fingem ser um dever de necessidade comum, de que todos os bispos, padres e outras figuras religiosas não devem se casar, de modo que não tenham posteridade para ocu-

par os cofres da igreja nem serem colocados sob seus cuidados; fazem da causa pública seu interesse e se empenham nisso enquanto vivem, deixando tudo que possuem para a igreja ao falecerem, e assim a riqueza da igreja cresce com cada bispo, abade, jesuíta ou qualquer outro, que tendem a obter mais posses do que muitas pessoas ao longo de suas vidas. É uma pena que, por uma causa melhor, não possamos imitá-los em sabedoria e autonegação, onde isso fosse possível.

➢ Mas aqueles que devem se casar devem tomar apenas aquilo que irá manter a eles próprios e seus filhos, e devotar tanto da igreja quanto puderem.

Não colocarei homem algum sob extremos; mas nesse caso o sangue e a carne fazem dos homens seres parciais e os levam a tornar seus deveres, mesmo os de grande valor, em extremos. Se as vaidades do mundo não nos cegassem, poderíamos ver quando o bem maior, público ou não, nos pede que neguemos a nós ou às nossas famílias. Por que não podemos viver de maneira mais frugal e pobre neste mundo, em vez de deixar esses trabalhos sem serem feitos, trabalhos que podem ser muito mais úteis do que qualquer provisão? Mas, em questões de dever, nos consultamos com o sangue e a carne, e o conselho que esta nos dá nós mesmos já sabemos. Ela nos dirá que sejamos competentes; e a competência de muitos homens piedosos está pouco abaixo das competências dos homens ricos. Se eles não estiverem vestidos com as melhores roupas, e não comerem deliciosamente todo dia, não têm competência. Um homem que prega uma coroa de glória imortal não deve buscar tanto a vaidade transitória; e aquele que prega o desgosto às riquezas deve, para si próprio, negá-las e demonstrar isso por sua vida, de

que demonstra a autonegação e a mortificação, diante dos olhos daqueles a quem prega, se quer que sua doutrina prospere. Todos os cristãos são santificados, portanto, eles e tudo que possuem são consagrados e dedicados ao uso de seu Senhor; mas os pastores são duplamente consagrados, pois são devotos de Deus, tanto como cristãos como pastores, portanto, possuem também obrigação dupla de honrá-Lo com o que possuem.

Ó irmãos, que abundância de bons feitos estão diante de nós, e quão poucos deles nós nos empenhamos em fazer! Sei que o mundo espera de nós mais do que temos; mas, se não pudermos responder às expectativas dos pouco razoáveis, façamos o possível para responder às expectativas de Deus, da consciência e de todos os homens justos. É a vontade de Deus que, com o bem-fazer, silenciemos a ignorância de todos os homens tolos; e aqueles pastores com mais do que os outros devem fazer ainda mais bem.

Darei apenas um exemplo desta vez, que mencionei anteriormente. Há alguns pastores com 150%, 200% ou 300% dos ganhos anuais da igreja, com paróquias pelas quais eles não podem fazer mais do que um quarto do trabalho pastoral, nem lidam com seus povos pessoalmente para instruí-los ao menos uma vez por ano, e se contentam apenas com a pregação pública, como se isso fosse todo o necessário, deixando quase todo o resto desfeito, colocando multidões em perigo ou até mesmo as condenando, em vez de obterem um ou dois homens diligentes pagos para ajudá-los. Ou, se tiverem assistentes, esses serão jovens para ajudá-los com o batismo, ou enterros, ou trabalhos similares, não os que irão fiel e diligentemente administrar o rebanho e lhes dar a instrução pessoal da qual tanto necessitam. Se isso não for um ato de servir-nos de Deus, em vez de servirmos a Deus, e uma venda da alma dos ho-

> mens em nome de nossa manutenção neste mundo, o que é? Acredito eu que tais homens deveriam temer, antes que, mesmo que sejam reconhecidos como pregadores excelentes e pastores devotos pelos homens, sejam vistos como cruéis assassinos de almas por Cristo, almas estas cujos gritos, traídos à condenação, assombrarão seus ouvidos para sempre. Por acaso pregar um bom sermão bastará, quando vocês lhes negam o auxílio que é tão necessário, e não alienam as suas próprias manutenções para aliviar a tantas almas? Como podem falar contra os opressores quando vocês mesmos os são, não de seus corpos, mas de suas almas? Como podem pregar contra a falta de misericórdia quando lhes falta tanto desta? E como ousam declamar contra pastores infiéis, quando vocês mesmo são tão infiéis? Esse pecado não se torna pequeno por não ser observado, nem ser odioso aos olhos dos homens, nem pela caridade que impede de acontecer, o povo não o culpa por isso. A permissão não faz do pecado menor: o demônio, o maior inimigo do povo, tem o consentimento deles no ato de realizar suas perdições; portanto, o consentimento deles não extenua seu pecado; pois isso ainda lhes causa mais mal do que bem.

Não falarei mais dessas confissões e descobertas, mas devo implorar que pensem sobre o que é dito aqui e pensem se esse pecado, o de *não estarem completamente devotados a Deus*, não é o maior dos pecados dos pastores do evangelho, e de não entregarem a si mesmos e a tudo que possuem ao trabalho abençoado ao qual foram chamados? E se o deleitar da carne e a busca por seus próprios interesses, distintos dos de Cristo, não nos fazem negligenciar nosso dever e passar impiedosamente por esta confiança, servindo a Deus da maneira mais barata na parte mais adorada de seu trabalho, retirando-nos daquilo que nos traria custo e sofrimento; e se isso não demonstra, que muitos que deveriam ser divinos são mundanos e se ocupam com coisas baixas enquanto pregam sobre as su-

periores, idolatrando o mundo enquanto dizem ao homem que o condene. Como disse Salviano: "*Nullus autem salutem veram plus negligit quam qui Deo aliquid anteponit.*"[146] Aqueles que desprezam a Deus desprezam a sua própria salvação.

E agora, irmãos, o que falta além de que todos nos declaremos culpados de muitos destes pecados mencionados, e que humilhemos nossas almas na lamentação de nossos erros diante do Senhor! É isso o ato de *ater-nos a nós mesmos e a todo o rebanho*? É essa a ordem que nos foi dada pelo texto? Se agora nos provarmos homens de coração endurecido e arrogante, e ignorarmos essas confissões, que sintoma terrível este seria para nós e para a igreja! O episcopado esteve frequentemente sob ameaça aqui, e ainda é observado por toda sorte de adversários; e mesmo que isso demonstre sua impiedade e malícia, também nos intima à indignação justa de Deus. Acreditem, irmãos, no episcopado da Inglaterra não está o menor nem o último dos pecadores desta terra. Ele encorajou a profanidade comum; liderou seu povo a divisões e agora proclama querer arrastá-los de volta; e o pecado foi encontrado nele, de modo que o julgamento também foi tido sobre ele. É a hora, portanto, de fazermos nossa parte da humilhação à qual temos convidado nosso povo a tanto tempo. Se formos espertos, perceberemos que Deus se ofende conosco e que a voz que chama esta nação ao seu arrependimento também o fez em outras. Então, que aquele que tem ouvidos escute a voz dos vários inimigos, as vozes que gritam pela nossa queda ao chão, que nos chama a tentar seus modos e nos reformarmos. Que aquele que tem olhos veja as normas do arrependimento escritas em tantas declamações e preservações, por tantas linhas de sangue. Por fogo e pela espada, Deus nos tem chamado à humilhação; e o julgamento teve início na Casa de Deus, portanto, se a humilhação também não ocorrer lá, que triste prognóstico esse será para nós e para a terra. Ora, por acaso negaremos, desculpa-

[146] "Ninguém nega a salvação mais do que aquele que prefere qualquer coisa a Deus" (Salvianus Marsillensis, *Adversus avaritiam* IV).

remos ou extenuaremos nossos pecados, enquanto falamos a nosso povo que façam tais confissões? Não é melhor trazermos glória a Deus através de uma confissão completa e humilde do que por nossa própria glória buscarmos folhas com as quais cobrir nossa nudez; e construir a Deus a glória à qual nós O negamos sobre as ruínas da nossa própria, que preferimos antes d'Ele; e aprendermos, a partir desse julgamento mais duro, que nós negamos voluntariamente antes de nos rendermos a Ele? Ora! Se você tentar tomar de Deus a honra que é d'Ele, Ele a obterá para sua grande tristeza e desonra. Se qualquer um de nossos ouvintes, em um dia de humilhação, quando o pecado é confessado e lamentado, se ofender com a confissão, colocar-se contra ela e disser: "Você me ofende; eu não sou tão mau! Deveria ter me dito isso de modo privado, e não diante de toda a congregação", o que poderemos pensar de tal homem senão que ele é um desgraçado impenitente e endurecido, e que, como não terá parte na confissão, também não terá parte na remissão. E por acaso nós faremos aquilo que mesmo os pecadores mais duros raramente fazem, e dizer que isso não deveria ter sido dito diante dos ouvidos do povo, mas, sim, que deveríamos ter sido honrados diante deles? Certamente os pecados cometidos abertamente são ainda mais desonrosos quando tentamos escondê-los do que quando tentamos confessá-los! É o pecado, e não a confissão, que é a desonra! E nós os cometemos diante do sol, de modo que não podem ser escondidos. Qualquer tentativa de escondê-los apenas aumenta a culpa e a vergonha; pois não há modo de reparar as quebras em nossa honra que foram feitas pelo pecado senão pela confissão aberta e pela humilhação. Eu não posso apenas realizar a minha própria; e se qualquer um ficar ofendido que eu tenha confessado por eles, que eles saibam que fiz apenas aquilo que eu fiz contra mim mesmo! E, se eles ousam desonrar a confissão de seus pecados, que o façam sob seus próprios riscos. Mas, para todos os pastores do Evangelho que sejam realmente humildes, eu não duvido que não se importem de

ser provocados solenemente diante das congregações, para lamentarem seus pecados e prometerem a reforma.

CAPÍTULO V

O uso da exortação

Tendo exposto e lamentado nossos erros e negligências, nosso dever para o futuro fica claro diante de nós. Que não prossigamos no pecado confessado tão descuidadamente quanto antes, pois a exclamação de Salviano cairia sobre nós (*de Gubernatione Dei*, 1. 3. pg 87): "*Novum siquidem monstri genus est; eadem pene omnes jugiter faciunt, quæ fecisse plangunt. Et qui intrant Ecclesiasticam domum, ut mala antiqua defleant, exeunt; et quid dico exeunt? In ipsis pene hoc Orationibus suis ac supplicationibus moliuntur: aliud quippe ora hominum, aliud corda agunt: Et dum verbis præterita mala plangunt, sensu futura meditantur: ac si oratio eorum rixa est magis ciminum quam exoratrix; ut vere illa in eis Scripturæ maledicto compleatur, ut de oratione ipsa exeunt condemnati, et oratio eorum fiat in peccatum.*"[147]

Acordem, portanto, eu imploro, meus irmãos, pela voz alta e múltipla de Deus, para realizarem mais seriamente o trabalho de Deus, e o façam pelo futuro com todas as suas forças, e *atenham-se a si mesmos e ao rebanho*. As razões pelas quais vocês devem ater-se a si mesmos eu lhes dei no começo. As razões pelas quais devem ater-se ao rebanho eu lhes darei ago-

[147] "É um novo tipo de monstro; quase todos fazem as mesmas coisas que lamentam jamais terem feito. E quem entra na casa da Igreja sai para chorar os males ancestrais; e o que eu digo quando eles saem? Eles praticam isso quase em si mesmos com suas orações e súplicas, pois a boca dos homens age uma coisa, e os corações, outra; que pode de fato ser cumprido neles pela maldição da Escritura, que o condenado pode sair daquela oração, e que sua oração pode tornar-se um pecado" (Salvianus Massiliensis, *De gubernatione dei* 3.9).

ra, como motivos para impor esta exortação: e que o Senhor faça com que ocorram conforme a sua verdade e seu peso.

I

A primeira e mais acelerante consideração à qual o texto nos traz parte de nossa relação com todo o rebanho. Nós somos seus *supervisores*. Aqui demonstrarei essas particularidades subordinadas, que manifestarão a força desta consideração.

1. A natureza de nosso cargo requer que nos atenhamos. Para que mais servem os supervisores? "*Episcopus est nomen quod plus oneris quam honoris significat*",[148] disse Polid. Virgil[149], e um pai antes dele. Ser um bispo ou um pastor não é viver como se fôssemos ídolos para os quais as pessoas devem se curvar, ou como preguiçosos barrigudos vivendo o deleite e a facilidade carnal. Mencionamos os específicos de nossos deveres anteriormente e faremos mais em pouco tempo. É triste que o homem possua um chamado cuja natureza ele desconhece e realize algo sobre o qual não entende. Esses homens sabem e consideram sobre aquilo de que são encarregados, quando vivem em facilidade e prazer, e ocupam seu tempo com recreações supérfluas, passando mais de hora a tardar, fazendo discursos vaidosos quando possuem tanto trabalho a ser feito? Ora, irmãos, vocês consideram onde estão e a que se encarregaram? Vocês devem conduzir, sob Cristo, um batalhão de seus soldados contra as principalidades, os poderes e a maldade espiritual, nos lugares mais elevados. Vocês devem liderá-los aos conflitos mais terríveis, devem familiarizá-los aos estratagemas e ataques dos inimigos; devem cuidar de si mesmos e ficar

[148] "Bispo é um nome que significa mais um fardo do que uma honra".

[149] Polydorus Vergilius nasceu por volta de 1470, em Urbino; morreu lá por volta de 1555. Historiador e humanista. Em 1498, publicou uma coleção de provérbios e ditados latinos e, em 1499, seu tratado "Sobre os inventores das coisas", que foi uma tentativa de classificar as ciências. Entre 1502 a 1551, ele ocupou várias posições eclesiásticas. Começou a trabalhar na compilação de sua História Inglesa em que utilizou um grande número de fontes e abrange a história da Inglaterra até 1538.

de olho. Se falharem, vocês e eles, ambos perecerão. Vocês têm um inimigo sutil, portanto, devem ser sábios; um inimigo vigilante, portanto, devem ser o mesmo; um inimigo malicioso, violento, incansável, portanto, devem ser também incansáveis, assim como resolutos e corajosos! Vocês estão em uma multidão de inimigos, cercados deles por todos os lados, e se prestarem atenção em apenas um, e não em todos, rapidamente cairão. Que mundo de trabalho vocês têm à frente! Se tivessem apenas um homem ou mulher velhos e ignorantes para ensinar, por mais que estivessem dispostos a aprender, que tarefa tediosa! Mas, se eles fossem tão indispostos quanto ignorantes, quão mais difícil! Mas ter uma multidão dessas, como a maioria de nós tem, que dificuldade nos encontrará! Aquele que o tentou, bem sabe por experiência! Que vida patética é aquela que tenta ser razoável com homens que perderam toda a razão, e debater com pessoas teimosas, que sabem o que querem, mas não o porquê de seu querer; e debater com aqueles que não entendem a si mesmos ou de você, mas ainda assim acreditam não haver homem qualquer cujo conhecimento os contradiga, confiantes de que estão certos, quando nada podem demonstrar exceto essa confiança para provar que realmente estão! Sua vontade é a razão de seu julgamento e de suas vidas; os satisfaz e deve, então, satisfazê-lo. Irmãos, que mundo pecaminoso é este com o qual temos que lidar, mesmo em uma única alma, e quantos destes mundos existem! Quão enraizados são os seus pecados! Que desvantagem a verdade enfrenta para chegar em seus ouvidos! Qual estranhamento eles têm para com a mensagem divina que lhes levamos; e não sabem do que vocês falam, na única língua que eles compreendem! E, quando vocês acreditarem que fizeram algo, vocês apenas deixam suas sementes dentre as galinhas; homens perversos se acotovelam para contradizer aquilo que vocês disseram. Eles irão argumentar, criticar e caluniá-los, para desgraçar sua mensagem, para afastá-los de Cristo e rapidamente extinguir os bons começos que vocês esperavam ver. Utilizam-se de razão inferior à sua, mas chegam com maiores vantagens, estando mais

próximos, familiares e importunos, e como tais são focados no que veem e sentem, e se tornam amigos de sua própria carne. Vocês falam apenas uma vez com cada pecador, mas os mensageiros de Satanás falam 10 ou 20 vezes; mais ainda, quão facilmente as preocupações e questões do mundo devoram e afogam a semente que vocês plantaram! E, se não possuírem qualquer inimigo além daquele que neles viver, quão facilmente um coração carnal e congelado extingue essas faíscas que vocês têm a tanto tempo tentado acender; e, por necessidade de incentivo e ajuda, eles irão além do necessário. Que abundância de enfermidades e paixões são essas no meio das quais vocês jogam suas palavras; e que entretenimento tais companheiros lhes farão, vocês podem facilmente imaginar. E, quando acharem que seu trabalho terá um alegre sucesso e virem os homens sob dificuldades e reclamações, confessando seus pecados e prometendo reforma, e vivendo como se novas criaturas e conversos zelosos; mesmo depois disso, eles podem se provar pouco sãos e falsos de coração, tendo se alterado apenas de maneira superficial e tomado novas opiniões, novas companhias, sem ter um novo coração. Quantos buscam uma mudança notável, enganados pelas coisas que provêm de um novo mundo, de suas honras, e então caem quando acham que se erguem? Quantos se emaranham em sua própria sensualidade, e quantos apenas mudam de uma vida desgraçada de se agraciar a carne apenas para trocá-las por outra um pouco menos desonrosa, sem que isso afete suas consciências! Quantos se tornam orgulhosos, antes de alcançar um conhecimento certo, e cobiçosamente aceitam todo erro que lhes é apresentado sob o nome de verdade; e, em confiança à força de seus intelectos desprovidos, odeiam aqueles que querem aprender e se tornam o maior temor de seus professores, que antes se regozijavam em seus inícios promissórios! Como filhotes de galinha que se separam da mãe, eles são levados embora por aquelas aves de rapina infernais, orgulhosamente desdenhando de seu conselho e sua guia apesar da segurança que vocês lhes conferiram. Irmãos, que trabalho se põe diante de nós! Mesmo

nos santos, quão rapidamente suas graças vacilam se os negligenciar; e quão rápida e facilmente eles são levados a coisas escandalosas, para a desonra do Evangelho e sua própria perda e pesar! Se esse é o trabalho de um pastor, vocês podem ver que tipo de vida ele possui. Levantem-se, então, que o façamos com todas as nossas forças, pois, se o negligenciarmos, ai de nós e deles! Se passássemos por cima dessas coisas tão necessárias, e por meio de um sermão apenas plausível nos provarmos pastores fiéis, e bastarmos para com Deus e com o homem com tal superficialidade, nossa recompensa se provará igualmente superficial.

2. Considerem também que esse encargo e colocação foram voluntários; homem algum os forçou a serem administradores para a igreja. Não é a honestidade que os une, pela verdade e pela confiança?

3. Considerem também que vocês têm a honra de encorajar aos outros e a si mesmos aos trabalhos. E que grande honra essa é, de sermos embaixadores de Deus e os instrumentos da conversão e da salvação do homem; "*salvará da morte uma alma, e cobrirá uma multidão de pecados*" (Tg 5.20); de fato é uma honra para aquele que realiza tal trabalho. Fazer, portanto, tal como os prelados da igreja em todas as eras fizeram, de lutar por precedência e encher o mundo com contenções sobre a dignidade e a superioridade de seus postos, mostra o quanto eles esquecem da natureza e do trabalho do cargo pelo qual tanto lutaram. Eu raramente vejo homens que lutam tão furiosamente, que irão à casa de um homem pobre ensinar a ele e sua família o caminho dos Céus; ou que encorajarão a conversão de um pecador; ou se tornam servos de todos. É estranho que, apesar de todas as explicações claras de Cristo, os homens ainda não compreendam a natureza de seu cargo! Se o fizessem, lutariam para poderem ser os pastores de todo um condado, ou mais, quando há por aí dez mil pecadores que pedem por ajuda, sem se colocar à disposição para aliviar esses homens? Não, para que o fariam, quando podem viver

pacientemente nas casas com as pessoas profanas e desordeiras, sem as levar a sério e pedir incessantemente por suas mudanças? Eles desejam o nome e a honra de todo um condado, sem se dispor ao trabalho de uma única paróquia, quando a honra é apenas o resultado do trabalho! É o nome e a honra, ou o trabalho e o fim que estes indivíduos desejam? Se eles ao menos se prostrassem por Cristo e Sua igreja, com fidelidade, humildade e autonegação, sem nunca pensar em títulos ou reputação, teriam, então, honra independente de tudo; mas, ao buscá-la, perdem-na. Pois é o caso da sombra da virtude: "*Quod sequitur fugio, quod fugit ipse sequor.*"[150]

4. Considerem também que vocês têm outros vários privilégios excelentes do episcopado para os encorajar ao seu trabalho; se, portanto, não o realizarem, não terão razão de ter os privilégios. Vocês já são mantidos pelo trabalho de outros homens, vivendo sob pensão da comunidade. Essa deve ser destinada ao trabalho, para que vocês não a percam, mas, tal como Paulo decretou, devem também se dedicar por completo a essas coisas e não se encontrar forçados a negligenciar as almas dos homens por providenciarem seus próprios corpos. Ou vocês trabalham por eles, ou não podem receber tal manutenção.

Mas vocês têm privilégios muito maiores do que estes. Não é nada, ser nascido ao aprendizado, quando os outros o fazem para o arado e a carroça, e ser providenciado com tanto conhecimento aprazível, quando o mundo existe em ignorância? Não é nada, conversar com homens eruditos, falar

[150] "Eu fujo daqueles que me perseguem, eu persigo aqueles que fogem". A referência aqui feita é a um *topos* da poesia amorosa, que remonta a Teócrito, sexto idílio; ou no décimo primeiro idílio. Um epigrama de Calímaco (*Anth. Pal.* 12, 102) livremente traduzido para o latim por Horácio diz: "Como o caçador persegue a lebre na neve e não toma quando está à mão, assim como o amante que diz: 'Meu amor huic similis: nam/ transvolat in medio posita et fugientia captat'" (*Sermo*, 1, 2, 107s.). E é precisamente esse epigrama de Calímaco que fornece a Ovídio o lema que pode representar emblematicamente a forma atormentada de amor elegético: *quod sequitur, fugio; quod fugit, ipse sequor* (2, 20, 36).

de coisas grandiosas e gloriosas, quando outros devem falar apenas com os ignorantes?

Mas, especialmente, que vida excelente é a de viver no estudo e na pregação de Cristo! Estar ainda a desvendar seus mistérios, alimentando-nos deles; nas considerações diárias da natureza abençoada, dos trabalhos e dos modos de Deus! Outros agradecem por seu lazer no Dia do Senhor e, ocasionalmente, por uma hora, quando podem obtê-la; mas nós vivemos em um eterno sábado. Nada mais podemos fazer exceto estudar e falar de Deus e da glória, e chamar por Ele, e beber de Suas verdades sagradas e salvadoras. Nosso emprego é espiritual! Quer estejamos a sós, ou com outros, nosso negócio é por outro mundo. Se ao menos nossos corações fossem mais apropriados para esse trabalho, que vidas abençoadas e alegres viveríamos! Quão doce seria o púlpito, e que deleite nossa conferência sobre tais coisas! Viver dentre tantos companheiros silenciosos e sábios, onde quer que estivéssemos, e de tal variedade; estes, e muitos mais, são os privilégios do episcopado.

5. Vocês são irmãos de Cristo assim como do rebanho; e Ele também é irmão seu, vocês não só avançam, mas também se encontram seguros por essa relação, se forem fiéis ao trabalho que Ele requer de vocês. Vocês são os agentes de Seus mistérios, os governadores de Sua casa; e Ele lhes confiou que realizassem o que pede. Mas, "*além disso, requer-se dos mordomos que cada um se ache fiel*" (1Co 4.2). Sejam diretos com Ele e nunca duvidem que Ele será honesto de volta para vocês. Alimentem seu rebanho e verão que Ele os alimentará tal como fez Elias, e não os abandonará. Se vocês estiverem na prisão, Ele abrirá as portas; mas vocês devem aliviar as almas aprisionadas. Ele lhes dará a língua, e sabedoria tal que inimigo algum poderá resistir; mas vocês devem utilizá-la por Ele. Se erguerem suas mãos para aliviar os angustiados, e por vontade própria tomarem seus arados, Ele impedirá a mão que se lhes opõe de causar-lhes dano. Os pastores da Inglaterra, tenho certeza, sabem disso por longa experiência. Muitas vezes Deus os salvou

das garras de seus inimigos. Que maravilhosas preservações e libertações tiveram, de papistas, de perseguidores tirânicos, de sectários maliciosos e de homens loucos passionais. Irmãos, no terror de Deus, considerem, por que Deus faz tudo isso? É pelo bem de Suas pessoas, ou da igreja d'Ele? O que são vocês para Ele, que é maior que outros homens, senão o trabalho que fazem por Ele e pelos outros? Vocês são homens ou anjos? Sua carne é melhor que a de seus vizinhos? Vocês não são da mesma geração pecadora e precisam de Sua graça tanto quanto eles? Levantem-se, então, trabalhem como aqueles redimidos no Senhor; como aqueles que são intencionalmente salvos da ruína em nome de Seu serviço. Não preparem uma derrota irremediável da Igreja da Inglaterra por pura ingratidão depois destas bondades. Se acreditam que Deus os salvou para Si próprio, vivam, então, por Ele, aquele que os salvou.

II

Do primeiro motivo mencionado no texto, nós já falamos: é a consideração do nosso cargo em si. O segundo é a *causa eficiente*. É Deus, através de Seu Espírito, que nos faz supervisores de Sua igreja, portanto, cabe a nós que nos atenhamos a nós mesmos e a ela. Eu antes lhes mostrei como o Espírito Santo faz bispos e pastores da igreja nos três aspectos respectivos: qualificando-os para o cargo; direcionando os ordenadores a discernir suas qualificações e reconhecer os homens mais apropriados; e direcionando as pessoas e a si mesmos a uma mudança em particular. Todas essas coisas eram feitas de maneira espetacular pela inspiração. Atualmente, são feitas pela assistência ordinária do Espírito. Mas o Espírito ainda é o mesmo; e os homens são feitos supervisores da igreja (quando chamados justamente) pelo Espírito Santo tanto agora quanto antes. É estranho, portanto, um conceito tal como o dos papistas, de pensar que a ordenação pela mão do homem é mais necessária para o cargo episcopal do que o chamado pelo Es-

pírito Santo. Deus determinou, em Sua palavra, que haveria tal cargo, e qual seu trabalho e poder seria, e que tipo de homem, e quais suas qualificações, os receberiam. Nada disso pode ser desfeito pelo homem, ou tornado desnecessário. Deus deu aos homens também todas as qualificações que achou justas. Assim, tudo que a igreja deve fazer, sejam os pastores ou o povo, os ordenadores ou eleitores, é discernir e determinar quais os homens que Deus deseja qualificados e aceitar aqueles sendo providenciados, e por consentimento os instalar em seus devidos cargos. Mas eu cortei propositalmente a parte controversa.

Que obrigação nos é conferida pelo chamado! Se nossa comissão é enviada dos Céus, não deve ser desobedecida. Quando Paulo foi chamado pela voz de Cristo, ele não foi desobediente para com a visão divina; quando os apóstolos foram chamados por Cristo de seus empregos seculares, eles deixaram amigos, lar e profissão, tudo, para segui-Lo. Mesmo que nosso chamado não seja tão imediato ou extraordinário, ele vem do mesmo espírito. Não é seguro imitar Jonas e darmos nossas costas para os comandos de Deus. Se negligenciarmos nosso trabalho, Ele nos corrigirá; e se deste fugirmos, Ele tem mensageiros que nos podem alcançar e trazer de volta, para o fazermos; e é melhor que façamos de primeira, e não por último. Esse é o segundo motivo.

III

O terceiro motivo no texto é *a dignidade do objeto*. É a Igreja de Deus que devemos supervisionar e alimentar, e é essa igreja, pela qual o mundo é mantido, que é santificada pelo Espírito Santo, que é unido a Cristo e ao seu corpo místico; essa igreja, na qual os anjos se fazem presentes, como espíritos pastorais, cujos pequenos têm anjos observando a face de Deus no Céu. Que cargo este no qual nos empenhamos! E seremos infiéis? Seremos os mordomos da família de Deus apenas para negligenciar tal serviço? Temos a conduta daqueles santos que devem

viver para sempre com Deus em glória, e os negaremos? Que Deus proíba tal coisa! Eu imploro, irmãos, que esse pensamento acorde os negligentes! Vocês, que evitam os deveres dolorosos, desagradáveis e sofríveis, e causam estranhamento às almas dos homens com formalidades ineficazes, acham que esse é um uso decente de sua posição? As almas dos homens, que são consideradas por Deus para verem Sua face e viverem com Ele em glória eterna, não valem o seu custo e trabalho? Vocês pensam tão pouco da Igreja de Deus, como se não merecesse seu cuidado e sua ajuda? Se cuidassem de ovelhas ou porcos, poderiam bem se desfazer deles, dizendo que não valem sua atenção; mas não o fariam se estivessem cuidando dos seus. Mas ousam dizer tal sobre as almas dos homens, mesmo na Igreja de Cristo? Cristo andou entre eles. Lembrem-se de Sua presença e mantenham tudo tão limpo quanto puderem. Eles são um povo santificado e peculiar, um sacerdócio, uma nação sagrada, uma geração escolhida para dar o louvor àquele que os chamou; e, ainda assim, vocês ousam negligenciar? Que grande honra é ser um deles, sim, um porteiro na Casa de Deus; mas ser o pastor destes pastores, e Aquele que reina sobre estes reis; esta é uma honra e multiplica nossas obrigações à diligência e à fidelidade em um trabalho tão nobre.

IV

O último motivo mencionado em meu texto *é o preço pago pela igreja que supervisionamos*. Deus, o Filho, por esta pagou com Seu próprio sangue. Que bom argumento para se avivar os negligentes, e que argumento para condenar aqueles que não serão avivados para seus deveres por este. "Oh, disse um dos doutores anciãos, se Cristo se tivesse comprometido com minha ideia de manter uma colher de Seu sangue em um frasco frágil para que eu o preservasse, quão cuidadoso eu seria com este frasco!" Se, portanto, ele se comprometeu e obteve para nós Sua igreja com Seu sangue, não deveríamos nós tomarmos

todos os cuidados com Seu encargo? Ora, senhores, por acaso odiaremos o sangue de Cristo e pensaremos que foi derramado por pessoas que não merecem nosso completo cuidado? Vejam bem que não é de pouca coisa que o pastor negligente é culpado; tanto quanto neles residir, o sangue de Cristo será derramado em vão e eles perderão as almas que Ele comprou por tão caro preço.

Permitam, pois, que ouçamos estes argumentos de Cristo quando nos sentirmos fracos e descuidados: "Eu morri por eles, por que não cuida deles? Eles valeram Meu sangue, mas não o seu trabalho? Por acaso Eu desci dos Céus à terra para buscar e salvar aquilo que estava perdido, e você não irá à porta, ou à rua, ou à vila ao lado para buscá-los? Quão pequeno é o seu trabalho comparado ao Meu? Eu me degradei por isso, mas é uma honra ter o seu cargo. Fiz e sofri tanto pela salvação deles, e estava disposto a torná-lo um colega Meu, mas você recusa aquilo que lhe coloquei em mãos?" Toda vez que virmos as congregações, que lembremos da compra no sangue de Cristo, portanto, que sejam mais bem considerados por nós.

E pensem que confusão haverá no último dia de um pastor negligente, quando tiver esse sangue do Filho de Deus testemunhando contra ele, e Cristo disser: "Foi da compra de Meu sangue que você fez tão pouco, e acredita que por ela será salvo?". Irmãos, visto que Cristo trará seu sangue para testemunhar por nós, deixemos que testemunhe nosso dever, ou nos testemunhará a condenação.

Com isso termino os motivos que encontro neste texto; há muitos outros que poderão ser obtidos do resto dessa exortação do apóstolo, mas não nos devemos comprometer a ler todos agora. Se o Senhor fizer cair sobre seus corações apenas essas, ouso dizer que já verei razão para acertarmos nossos caminhos; e a mudança será tal sobre nossos corações, e em nosso episcopado, que nós e nossas congregações terão causa para agradecer a Deus por isso. Sei que não sou merecedor deste cargo de monitor, mas um monitor vocês devem ter, e é

melhor para nós ouvirmos sobre nosso pecado e nossos deveres de alguém do que de ninguém. Recebam a admoestação e verão que não há nada neste monitor que seja tão desmerecedor que não possa ser redimido; mas, se a rejeitarem, o mensageiro menos merecedor será testemunha daquilo que os derrota. Porém, antes que eu deixe esta exortação, tal como a apliquei em nosso trabalho geral, levarei adiante também algumas das partes mais especiais e os modos de nosso trabalho que foram anteriormente expressos.

I

Primeiro e antes de tudo, *façam com que o trabalho da graça salvadora esteja inscrito em suas almas*. Já é terrível ser um professor não santificado, mas é muito pior ser um pregador não santificado. Não os faz tremer, quando abrem a bíblia, a possibilidade de ler ali uma sentença de suas próprias condenações? Quando vocês escrevem seus sermões, não pensam que estão escrevendo acusações contra suas próprias almas? Quando estão declamando contra o pecado, vocês agravam os seus. Quando proclamam a seus ouvintes sobre a graça e as riquezas de Cristo, vocês publicam suas próprias iniquidades ao rejeitá-las, e sua infelicidade em estar sem elas. Como poderão persuadir os homens a Cristo, retirá-los do mundo, urgi-los a uma vida de fé e devoção; suas consciências, se estas estivessem acordadas, poderiam lhes dizer que vocês falam tudo isso para suas próprias confusões! Se mencionarem o Inferno, vocês mencionam aquilo que irão herdar; se descrevem as alegrias dos Céus, descrevem sua miséria em saber que não poderão tê-lo. O que podem dizer que não será dito contra as suas próprias almas? Que vida miserável, que um homem estude e pregue contra si mesmo, e passe seus dias em autocondenação! Um pregador inexperiente e sem a graça é uma das criaturas mais infelizes no planeta; e também comumente a mais insensível de sua infelicidade! Pois ele possui tantas falsificações que se parecem com o ouro da salvação, e

tantas rochas esplêndidas que se parecem com as joias cristãs, que raramente se ocupa com pensamentos sobre sua pobreza; mas ele acha que é rico, e que nada quer, quando está pobre, miserável, cego e nu. Ele tem familiaridade com a Escritura, exerce seus deveres divinos, não vive no pecado aberto e desgraçado; serve no altar de Deus, reprova as falhas de outros homens e prega a devoção de corpo e alma; e que escolha teria esse homem senão ser devoto? Que miséria é esta, de perecer em meio à abundância, de se estar faminto com o pão da vida em mãos, enquanto o oferecemos aos outros e os impelimos a aceitar! Que estas cerimônias de Deus sejam as ocasiões de nosso delírio, que são instituídas para serem os meios de convicção e salvação; e quando levantamos o espelho do Evangelho para os outros, de modo a mostrá-los a face de suas almas, nós não olhamos para o espelho, ou então o viramos, para que não nos represente como somos. Se tão desgraçado homem fosse ouvir meu conselho, acho que ele deveria colocar seu coração e sua vida a prestarem contas, e deveria pregar a si mesmo antes de pregar a mais alguém. Deve considerar se colocar a comida na boca nutre tanto quanto a levar ao estômago; se ter Cristo na boca, ou no corpo, ou no coração é o que salvará os homens; se aquele que o nomeia não deveria abandonar sua iniquidade; se Deus ouvirá suas orações, quando tal iniquidade abunda neles; se os ajudará, no Dia do Julgamento, dizer: "Senhor, professamos em Seu nome", e que conforto será para Judas, quando for a seu devido lugar, lembrar que ele pregou com os outros apóstolos, que se sentou com Cristo e foi por Ele chamado de amigo; e se um pregador perverso não será julgado, ou se os pecadores serão permitidos na assembleia dos justos. Quando tais pensamentos tiverem entrado em sua alma e forem permitidos a trabalhar sobre sua consciência, eu o aconselharia a ir à congregação e lá pregar sobre o sermão de Orígenes, em Salmos 1.16-17: "*Mas ao ímpio diz Deus: Que fazes tu em recitar meus estatutos, e em tomar minha aliança na tua boca? Visto que odeias a correção, e lanças minhas palavras para detrás de ti.*" E, quando tiver lido este texto, que se sente, exponha-o e aplique-o por meio de suas

lágrimas; e então faça uma confissão livre de seus pecados e lamente seu caso diante da assembleia, desejando suas orações honestas a Deus, pelo perdão e pela graça renovadora. E então que terminasse com Deus no coração aquele que antes não o permitira além de seu cérebro, para poder pregar sobre um Cristo que conhece, e sinta aquilo que fala, usando as riquezas do Evangelho por experiência.

De fato, é o perigo e a calamidade da igreja o fato de ela ter tantos pastores não regenerados e inexperientes; e que tantos homens tenham virado pregadores antes de se tornarem cristãos; sendo santificados por dedicação a Cristo, como Seus discípulos; e assim adoram a um Deus desconhecido e pregam um Cristo desconhecido, um espírito desconhecido, e o estado da devoção e da comunhão com Deus, e a glória, todos são desconhecidos, talvez eternamente. Este se torna um pregador sem coração, que não tem Cristo. Que todos os nossos estudantes na universidade considerassem tal coisa! Que pobreza é a deles, de passarem seu tempo conhecendo poucas partes dos trabalhos de Deus e alguns dos nomes que as várias línguas divididas das nações lhes impuseram, sem conhecer o Senhor em si, nem O exaltar em seus corações, nem serem familiarizados com o trabalho renovador que O alegra. Eles realizam uma exibição vaidosa e passam suas vidas como sonhadores, tão preocupados com suas espertezas e línguas sobre a abundância de nomes e noções, que se tornam estranhos para com Deus e a vida santa. Se por acaso Deus lhes trouxer a graça salvadora, eles terão questões muito mais sérias a pensar e agir sobre do que aquelas de seus estudos e disputas não santificados, e confessarão que apenas sonhavam antes. Eles não se fazem por nada, enquanto se tornam estranhos ao Ser primitivo, independente e necessário, que é tudo em todos. Nada pode ser certamente conhecido, se Deus não o for primeiro; nem é o estudo bem feito, nem possui bom propósito, se não é Deus que é estudado. Pouco sabemos da criatura até que saibamos como se coloca na ordem de Deus; letras soltas, sílabas disfor-

mes, loucura. Aquele que ignora o Alfa e o Ômega, que não vê o início e o fim, e Ele em tudo, que é tudo, não vê nada. As criaturas são tais como sílabas quebradas: nada significam separadas de Deus. Não que estejam completamente separadas; se o estivessem, deixariam de existir, seriam aniquiladas. E, quando as separamos em nossos caprichos, não fazemos nada com elas por conta própria. É uma coisa conhecer as criaturas como Aristóteles; é outra conhecê-las como cristão. Somente um cristão pode aprender e compreender a física corretamente. Ela é uma área de estudo excelente e de bom uso para aqueles que a compreendem; mas somente a menor parte dela é capaz de ser compreendida por Aristóteles. Quando o homem foi feito, perfeito, em um mundo perfeito, onde todas as coisas estavam em ordem perfeita, e tudo era bom, toda a criação era, então, o livro do homem, pelo qual ele leria a natureza e a vontade de seu grande Criador; toda criatura tinha o nome de Deus visivelmente gravado nela, para que o homem pudesse vê-la e lê-lo. Ele não podia abrir os olhos sem ver a imagem de Deus, e mais aberta e vivamente em si mesmo; portanto, era seu trabalho o estudo do volume da natureza, primeira e principalmente em si mesmo. E, se o homem se tivesse mantido nesse estudo prescrito, teria continuado e aumentado seu conhecimento de Deus e de si mesmo; mas, quando sentiu a necessidade de conhecer e amar a criatura e a si mesmo, de maneira separada de Deus, ele perdeu o conhecimento de tudo, da criatura, de si mesmo e de Deus, da beleza e da sabedoria dessas coisas, permanecendo apenas o conhecimento infeliz que ele mesmo afetara, as noções vazias e o conhecimento fantástico da criatura e de si mesmo, como coisas separadas. Portanto, aquele que vivia para o criador e por ele, agora vive para e por a criatura e a si mesmo, pois "n*a verdade, todo homem, por mais firme que esteja, é totalmente vaidade. Na verdade, todo homem anda numa vã aparência; na verdade, em vão se inquietam*" (Sl 39.5-6). Deve ser mencionado que, como Deus não abandonou a relação de Criador ao se tornar nosso redentor, e também não deixou o direito à Sua propriedade e governo

de nós nesta relação, mas sim que o trabalho da redenção se colocou como subordinado ao dessa criação, e a lei do redentor é a lei do Criador; segue, portanto, que os deveres que temos para com o Criador não estão acabados; os deveres para com o redentor são subordinados a esses. É a palavra de Cristo que nos trará de volta a Deus, de quem nos afastamos, e nos restaurará à perfeição da divindade e da obediência: e como Cristo é o caminho ao Pai, a fé n'Ele é o caminho para nosso emprego e deleite sob Deus. Espero que entendam por que falo disso tudo, ou seja, que ver Deus nas criaturas, amá-Lo e conversar com Ele era o emprego do homem em seu estado correto; e nosso atual está tão longe de cancelar aquele trabalho, o trabalho de Cristo, que é, pela fé, nos levar de volta a tal; portanto, os homens mais devotos são aqueles mais excelentes estudantes do trabalho de Deus; e nenhum exceto os divinos pode verdadeiramente estudar, ou os conhecer. Os trabalhos d'Ele são grandiosos, todos imbuídos de prazer; não para si mesmos, mas para aquele que os fez. Seu estudo de física e de outras ciências não vale o esforço se não for a Deus que você busca através deles. Ver, admirar, reverenciar, adorar, amar e deleitar a aparição de Deus em seus trabalhos, e intencionalmente procurar neles o conhecimento de Deus, essa é a única e verdadeira filosofia, e o contrário é tolice, como Deus nos deixou claro várias vezes. Essa é a santificação de seus estudos, quando eles são devotados a Deus e quando Ele é a vida destes, e todos têm n'Ele seu fim e objeto principal.

Portanto, eu lhes direi que é um grande erro, e também possui consequências perigosas, o ato das academias cristãs (perdoem que esta censura venha de alguém tão impróprio para tal, mas a necessidade do caso é tanta) de estudarem a criatura antes do redentor e se colocarem a ver a física, a metafísica e a matemática antes de verem a teologia; quando, na verdade, homem algum que não compreender a essência da teologia pode ser mais que um tolo em filosofia, e somente o que estes atos alcançam é o de se ponderar sobre questões e

se opor à ciência, assim falsamente chamada. E tal como por buscar uma separação de criatura e conhecimento, Adão se afastou de Deus, estes que se ocupam com *βεβήλους κενοφωνίας καὶ ἀντιθέσεις τῆς ψευδωνύμου γνώσεως*[151] perdem o objetivo de todos os estudos, *περὶ τὴν πίστιν ἠστόχησαν*[152], enquanto possam preferir estes, eles perdem esta fé que dizem almejar. Sua pretensão é de que a teologia, sendo o objetivo e o mais perfeito destes, deve ser a última, e todas as ciências subservientes devem ser vistas primeiro. Mas:

1. Enquanto há realmente um tanto de conhecimento natural e de arte que são pré-requisitos para que o homem possa receber a teologia, isso já lhes é ensinado por suas mães antes de eles irem à escola.

2. E é também verdade que todo conhecimento natural correto aumenta o conhecimento teológico, mas aquilo que é um meio à perfeição deve ser efeito ou consequência de seu início.

3. O fim deve primeiro ser sabido, pois deve haver a intenção antes da escolha ou do uso dos meios.

4. A Escritura nos revela as coisas de Deus do modo mais simples, portanto, deve ser aprendido ali primeiro.

5. O livro das criaturas não nos mostra mais de Deus do que as Escrituras, mas, ao representá-Lo em nós em aparições mais sensíveis, de modo a fazer nosso conhecimento d'Ele mais intenso e operativo, e mais continuamente presente a nós, Deus também estaria continuamente presente aos nossos olhos, se pudéssemos discerni-los neles.

É claro, portanto, que a teologia deve preparar o caminho e nos liderar em nossos estudos, quando somos familiarizados com tantas palavras e coisas como se necessárias à nossa compreensão dos princípios. Se Deus deve ser buscado na

[151] 1Tm 6.20: "Tendo horror aos clamores vãos e profanos e às oposições da falsamente chamada ciência".

[152] 1Tm 6.21: "Desviaram-se da fé".

nossa busca pela criatura, e sem fazermos conhecimento dos dois como separados, então os tutores devem ler Deus para seus pupilos, e a divindade deve ser o começo, o meio, o fim, a vida, o todo de seus estudos; a física e a metafísica devem ser reduzidas à teologia, e a natureza deve ser lida como se um dos livros de Deus, que são propositalmente escritos para a revelação de si mesmos. A Escritura Sagrada é o livro mais fácil. Quando vocês tiverem aprendido Deus primeiro, e a Sua vontade nas coisas necessárias, direcionem-se alegremente ao estudo de seus trabalhos, para poderem ver a criatura como seu alfabeto, e sua ordem como a conexão das sílabas, palavras e sentenças, e Deus como o assunto disso tudo, e o respeito a Ele como o sentido ou a significação; e então levem ambos juntos e não mais banquem meros escrivas; não mais apenas coloquem palavras e letras, mas leiam cada criatura como um cristão, ou como um devoto. Se não veem a si mesmos e a todas as coisas como viventes e móveis, e tendo seus seres em Deus, vocês não veem nada, independente do que virem. Se vocês não percebem, em suas observações das criaturas, que Deus é tudo, está em tudo, e não veem "*ὅτι ἐξ αὐτοῦ καὶ δι᾽ αὐτοῦ καὶ εἰς αὐτὸν τὰ πάντα*",[153] vocês podem achar que sabem algo, não o sabem como convém saber (1Co 8.2). Mas aquele que busca e ama Deus na criatura, este é sabido e amado (Verso 3).[154] Não pense de modo tão simplório dos trabalhos de Deus e Sua física, como se fossem apenas estudos preparatórios para os garotos. É uma das maiores e mais nobres partes da divindade buscar, contemplar, admirar e amar o grande Criador em todos os Seus trabalhos. Quanto os santos não se empregaram nisso! O começo do livro de Gênesis, os livros de Jó, e os Salmos podem nos familiarizar com a ideia de que a física não é tão diferente da teologia, como alguns assumem. Portanto, no zelar pelo bem da igreja e pelo seu sucesso nos trabalhos mais necessários, proponho à consideração de todos

[153] Rm 11.36: "Pois dele, por ele e para ele são todas as coisas".

[154] 1Co 8.3: "Mas, se alguém ama a Deus, esse é conhecido dele".

os tutores piedosos que leiam diligentemente para seus pupilos ou os façam ler as partes principais da devoção prática (e não há outra), tal como leem as ciências; e não deveriam começar logo de início? Já é bom que ouçam sermões; mas não é o bastante. Se eles tiverem necessidade de ajuda pessoal na filosofia além das palestras, guiem-nos à teologia. Se os tutores fizessem de seu negócio familiarizar seus pupilos com a doutrina da vida e trabalhassem para gravá-la sobre seus corações assim como suas cabeças, e assim executarem suas instruções, para os fazer subservientes a isso, e que seus pupilos possam compreender a que se dirigem, e então ensinem sua filosofia "*in habitu Theologico*",[155] este seria um bom método de se criar boas almas e fazer uma igreja e comunidade felizes. Digo o mesmo para os diretores dessas escolas. Contudo, quando as linguagens e a filosofia ocupam todo o tempo e a diligência, e, em vez de ler a filosofia como devotos, eles leem a devoção como filósofos, como se fosse algo tão pouco importante quanto uma lição de música ou aritmética, e não a doutrina da vida eterna, isso é o que abate tantos em seus inícios e perturba a igreja com professores não santificados! Eis, então, o porquê de termos tantos mundanos pregando a felicidade invisível e tantos homens carnais declarando os mistérios do espírito; e, temo dizer, tantos infiéis pregando Cristo, ou tantos ateus pregando a palavra do Deus vivo; e quando eles são a filosofia antes, ou até mesmo sem a religião, quão pouco surpreendente é que sua filosofia seja toda, ou em maior parte, sua religião; eles crescem na admiração de seus caprichos desagradáveis e deificam seus próprios cérebros iludidos, pois não conhecem outro Deus; e reduzem toda a sua teologia à filosofia, como Campanella, White e outros autoadmiradores; ou tomam o Cristianismo como mera ilusão e caem aos Leviatãs de Hobbes, ou a Lorde Herbert e seus tratados "*de veritatei*"[156] como mostrando o mundo, sem se dar ao trabalho de o verificar; ou, na

[155] "Na moda teológica".

[156] "Sobre a verdade".

melhor das hipóteses, se tornam em behmenistas paracelsianos e criam religiões novas a partir de suas invenções! Dirijo-me, pois, a todos aqueles que fazem parte da educação de jovens, especialmente os que os preparam para o episcopado. Vocês, diretores, tutores, comecem e terminem com as coisas de Deus. Falem diariamente aos corações de seus estudantes as coisas que devem ser colocadas em seus corações, para que não sejam desfeitas. Deixem que palavras perfurantes sobre Deus saiam de suas bocas, e também sobre o estado de suas almas e da vida por vir. Não digam que eles são jovens demais para entender; não sabem quais impressões eles poderão ter, as quais vocês não serão capazes de discernir. Não somente na alma de um garoto, mas na congregação, nas várias almas que lá se encontram você terá a chance de agradecer a Deus por Seu zelo e diligência. Vocês, acima de muitos, têm a chance de fazer o bem. Vocês os têm antes que eles cresçam para serem piores, e eles os ouvirão quando não ouvem os outros. Se estiverem destinados ao episcopado, vocês os estarão preparando para o serviço especial a Deus; e se eles assim o fizerem, não devem ter o conhecimento daqueles a quem servem primeiro? Pensem consigo mesmos, que triste coisa será para as almas deles, e que falha para com a igreja, se eles saírem de sua tutela com um coração comum e carnal, para então se dirigirem a trabalhos espirituais tão importantes! Das centenas de alunos em seus colégios, quantos ali poderão, se os homens sérios, experientes, devotos; acredito eu que esse é um número muito pequeno. Se vocês enviarem metade deles a um trabalho para o qual não são aptos, que cruel trabalho eles farão nas igrejas ou em seus países! Mas, se vocês forem o meio de sua absoluta santificação, quantas outras almas não os agradecerão, e que bem vocês não farão pela igreja! Quando destes jovens os corações tiverem sido salvos pela doutrina a qual estudam e pregam, eles a estudarão de coração e a pregarão da mesma maneira. Suas próprias experiências os levarão aos assuntos mais apropriados, e eles serão preenchidos de propósito. Eu observo que os nossos melhores ouvintes podem sentir

e se deleitar nesses pregadores experimentais, e estimam mais aos outros, quaisquer que sejam seus feitos. Preocupem-se, portanto, em não fazer pelos sequestradores o trabalho deles, nem causem a lamentação da igreja.

II

Minha segunda exortação em particular é: não se contentem apenas em ter o trabalho principal da graça, mas t*ambém cuidem para que suas graças se mantenham em suas vidas e ações, e preguem para si mesmos os sermões que estudam, antes de pregá-los aos outros*. Se o fizerem por seus próprios bens, não será trabalho feito em vão; mas lhes falo aqui do relato público, e que vocês o fariam pelo bem da igreja. Quando suas mentes estão em um estado espiritual, seu povo tem mais possibilidade de tirar proveito disso. Suas orações, seus louvores e sua doutrina, todos serão divinos e doces para eles! Eles sentirão quando você tiver estado com Deus. Aquilo que mais reside em seus corações é aquilo que mais estará presente nas orelhas deles. Posso falar, e lamentavelmente devo confessar isso por experiência, que publico os tumultos de minha alma; quando meu coração está frio, minha pregação também o fica e, similarmente, quando meu coração está confuso, assim também prego; pude, portanto, observar em meus ouvintes que, quando minha pregação estava mais fria, eles reagiram da mesma maneira; e suas orações têm, em geral, sido muito similares ao meu modo de pregar. Nós cuidamos dos pequenos de Cristo: se nos alimentamos mal, eles ficam famintos e logo poderemos ver o efeito disso no modo esparso como realizam seus deveres. Se deixarmos nosso amor se abater, não poderemos elevar o deles. Se descuidarmos de nosso cuidado e medo divinos, isso se refletirá em nossa doutrina; mesmo que o assunto não demonstre isso, o modo irá. Se nos alimentarmos de comida ruim, sejam erros, controvérsias infrutíferas, nossos corações ficarão piores por isso. Por outro lado, se abundarmos

em fé, amor e zelo, estes transbordarão, refrescando nossas congregações e aumentando essas graças nos outros!

Irmãos, observem, portanto, seus próprios corações! Mantenham-se longe de paixões pecadoras e inclinações mundanas, mantenham uma vida de fé e amor, e estejam com Deus. Se não estudarem seus corações diariamente e com seriedade, subjugando suas corrupções e vivendo por Deus; se vocês não fizerem deste o seu trabalho, ao qual estão constantemente atentos, tudo se perderá e vocês esfomearão seus ouvintes; ou, se tiverem um fervor fingido, não podem esperar que seja uma benção presenciá-lo; e, acima de tudo, estejam sempre em oração e meditação secretas. É nisso que vocês devem buscar o fogo sagrado com o qual efervescerão seus sacrifícios. Lembrem-se que vocês não podem recusar ou negligenciar seus deveres pelo seu próprio bem; muitos serão danificados por isso, assim como você. Pelo bem de seu povo, portanto, olhem para dentro de seus corações. Se um pouco de orgulho espiritual tomá-los e crescerem em vocês sentimentos perigosos ou separatistas, e vocês jogarem tais invenções supervalorizadas para atrair discípulos a si mesmos, isso trará um terrível ferimento às igrejas que vocês supervisionam, então vocês se tornarão pragas, e não bênçãos, e todos desejarão nunca os ter visto. Portanto, atenham-se aos seus julgamentos e afeições! Os erros e a vaidade insinuam por ardis e raramente aparecem sem pretensões maliciosas. Grandes tumultos e apostasias começam de coisas pequenas. O príncipe da escuridão frequentemente se esconde como um anjo da luz, para atrair as crianças ao reino da escuridão. Quão facilmente esses tumultos se adentram em nossas afeições e em nosso primeiríssimo amor, afetando o medo e o cuidado! Cuidem-se, portanto, pelo seu bem e pelo bem dos outros.

Mais ainda: um pastor deve se atentar em especial com seu coração antes que vá diante da congregação; se este estiver frio, não é provável que possa aquecer os corações dos ouvintes! Vão, portanto, especialmente para Deus em busca de

vida; e leiam livros estimulantes, que os acordem, ou meditem sobre o peso do assunto sobre o qual vocês falarão e da grande necessidade das almas de seu povo, para poderem ser zelosos com o Senhor em sua casa.

III

A próxima exortação particular que faço é: *animem-se no grande trabalho de Deus, quando o estiverem fazendo, e se certifiquem de que estão o realizando com todas as suas forças*. Não me entendam mal, não lhes digo que sejam constantemente barulhentos (isso fará de seu fervor intolerável), mas, sim, que tenham uma seriedade constante; e, quando o assunto requerer, tal como faz, a aplicação de toda a doutrina, então, sim, aumentem suas vozes, não poupem seus espíritos e falem para eles como homens que devem ouvi-los tanto aqui quanto no Inferno. Olhem para suas congregações com fé e compaixão, e pensem no estado de felicidade ou tormento no qual eles poderão estar eternamente; e então, acredito, isto lhes fará sinceros, e derreterá seus corações ao pensarem sobre as condições deles. Não falem, senhores, uma única palavra sobre algo tão importante quanto o Céu e o Inferno com frieza! O que quer que façam, deixem que as pessoas percebam sua honestidade, irmãos, pois grandiosos são os trabalhos a serem feitos, e não podemos pensar que esforços simplórios bastarão! Vocês não quebrarão o caminho para os corações dos homens ao brincarem com eles, ou lhes contando histórias agradáveis, ou emendando uma oração tola. Os homens não abrirão mão de seus maiores prazeres por um pedido sonolento de alguém que não parece crer naquilo que diz, ou que se importa mais que aquilo que diz seja obedecido e não tanto com quão importante a coisa é em si. Se vocês disserem que "o trabalho é de Deus, e Ele pode fazê-lo pelos meios mais fracos", eu lhes respondo: isso é verdade, Ele pode; mas é Seu modo que o trabalho seja feito pelos meios, portanto, não somente aquilo que é dito, mas

o modo como é dito também é instrumental para seu trabalho, senão pouco importaria quem o fizesse contanto que dissesse a verdade. Se a graça fizesse tão pouco uso das persuasões dos pastores quanto alguns acreditam, não seria necessária a reforma, nem que os insuficientes fossem removidos.

De grande importância também, para a maioria de nossos ouvintes, é a pronúncia e o tom do discurso. As mais importantes questões mal irão comovê-los se não forem ditas com a comoção necessária. Especialmente, assegurem-se de que não soem falsos, mas, sim, que falem com familiaridade ao povo, tal como faríamos se estivéssemos falando com eles pessoalmente. A falta de um tom e expressões familiares é um grande defeito em nossos discursos, um que devemos consertar cuidadosamente. Quando um homem faz a leitura com um tom de obrigação, como uma criança recitando sua lição, poucos serão comovidos pelo que ele diz. Portanto, animemo-nos para o trabalho do Senhor e falemos para nosso povo por suas vidas e para salvá-los da violência, retirando-os do fogo. Satã não será persuadido a abandonar sua profissão. Nós devemos sitiar as almas dos pecadores em suas torres, descobrir onde suas forças principais residem e derrubar seus portões com as armas de Deus, até que uma abertura seja feita, e então os ajudem a reconstruí-la, encontrando suas objeções e lhes dando uma resposta completa e satisfatória. Temos criaturas armadas de razão a enfrentar e, assim como eles abusam de suas razões contra a verdade, também aceitarão a razão como motivo para obedecer. Devemos, portanto, nos certificar de que nossos sermões sejam convincentes, e que usemos a luz da Escritura e da razão, para que brilhem nos rostos dos ímpios e os forcem a ver, contanto que não decidam fechar seus olhos de propósito. Um sermão feito com meras palavras, independente de quão bem seja composto, por falta da luz da evidência e da vida de zelo, é apenas uma imagem, uma carcaça bem-vestida. Na pregação, há a intenção de uma comunhão das almas e da comunicação de algo nosso para eles. Nós e eles temos nossas

próprias compreensões, vontades e afeições; portanto, nossos esforços devem ser para comunicarmos a completude da luz da evidência de nossas compreensões para as deles, e assim aqueçamos seus corações com as afeições divinas, comunicando-as a partir das nossas. As grandes coisas que temos de comunicar a nossos ouvintes possuem a razão como aliada e são claras diante deles na palavra de Deus; devemos, então, nos amar de todo tipo de evidência para cairmos sobre eles, como uma cachoeira de compreensão, e deixarmos claros tudo para trazê-los à confusão por meio de nossos dilemas e postulações, e enchê-los de vergonha por suas objeções vaidosas, para serem forçados a se dobrar diante do poder da verdade e para verem que esta é grande e prevalecerá.

IV

Além disso, se pretendem ter sucesso em seus trabalhos, certifiquem-se de *manter desejos e expectativas de sucesso honestas*. Se seus corações não estiverem focados no objetivo de seus trabalhos, e vocês não estiverem ansiosos pela conversão e edificação de seus ouvintes, e não estudarem e pregarem a esperança, não é provável que vocês colham muitos frutos deste trabalho. Tenho observado que Deus abençoa o trabalho daquele homem que melhor direciona seu coração ao sucesso. Que aqueles tais como Judas se ocupem mais com o saco do que com o sucesso, e não se importem muito com aquilo com o que fingem se preocupar. Que pensem de seus dízimos, e do amor e elogios de seus povos, e que isso os satisfaça. Mas que aqueles que pregam Cristo e a salvação do homem sintam-se insatisfeitos até terem aquilo que pregavam. Aquele que é indiferente à obtenção de seus objetivos nunca teve os motivos certos para pregar e não se regozija ao ver aquele que desejava. Quando um homem apenas estuda o que dizer e como passar a hora do modo mais apropriado, sem se dar maior trabalho sobre a questão, a não ser que seja para se preocupar sobre

o que as pessoas pensam de suas habilidades, acho que esse homem prega por si mesmo, e não por Cristo, mesmo quando prega sobre Cristo, por mais excelentemente que o faça. Médico algum, por mais caridoso ou sábio que seja, se contenta em dispensar conselhos se não vê melhora em seus pacientes, mas, sim, os vê morrendo em suas mãos; assim como nenhum diretor honesto e sábio se contentará em ensinar se seus alunos não aprendem: ambos se cansariam de suas profissões. Sei eu que um pastor fiel pode obter conforto quando quer sucesso; suas recompensas estão com o Senhor, e nossa aceitação não é de acordo com o fruto, mas com o trabalho feito por este. Como disse Gregório Magno: "*Et Æthiops etsi balneum niger intrat, et niger egreditur, tamen balneator nummos accipit*".[157] Se Deus nos ordena que lavemos estatuetas e curemos aqueles que não serão curados, não devemos desperdiçar nosso trabalho, mesmo que não possamos realizar a cura. Aquele que não quer o sucesso de seus trabalhos não poderá ter seu conforto, pois não trabalhou honestamente; é para esses que falo, que se preocupam apenas com o objetivo e se perturbam pela ideia de perdê-lo. Não é esse o conforto que devemos desejar, mas apenas uma parte que nos aquieta, mesmo que percamos o restante. Deus não aceitaria um médico cujo paciente morresse! Ele deve trabalhar em compaixão, desejar pelo melhor e se entristecer se perdê-lo; pois não é somente pela nossa recompensa que trabalhamos, mas pela salvação de todos. Confesso que, de minha parte, fico maravilhado com alguns homens, anciãos respeitáveis, que viveram 20, 40, 50 anos com pessoas horríveis, que pouco viram o fruto de seus trabalhos, que o tiveram tão pouco discernível, mas ainda possuem a paciência para continuar em frente! Se fosse meu caso, por mais que eu não deixaria de atender ao meu chamado, teria minhas suspeitas de que era o desejo de Deus que eu fosse para outro lugar e seguisse meus deveres onde pudesse ser de maior utilidade; e não me

[157] "Um negro etíope entra e sai do banho negro, mas o banhista ainda assim recebe o seu dinheiro" (Gregorius Magnus, *Epistola* 101).

satisfaria tão facilmente quanto a onde passar meus dias, nem de tal maneira.

V

Façam o bem e também *digam o bem*. Sejam zelosos em seus trabalhos. Não poupem qualquer custo, se este promover o trabalho de seu Senhor.

1. Mantenham suas inocências e andem sem ofensa. Que suas vidas condenem o pecado e tragam os homens a seus deveres. Vocês pediriam aos homens que fossem mais cuidadosos com suas almas do que vocês são com as suas? Se vocês querem que eles redimam o tempo que possuem, não desperdicem os seus. Se não querem que eles sejam vaidosos em suas conversas, certifiquem-se de que vocês falam coisas que constroem e cuidam da graça de seus ouvintes. Tragam ordem às suas famílias, se querem que eles o façam para as deles. Não sejam orgulhosos ou arrogantes, se não quiserem fazer dos outros inferiores. Não há virtude onde o exemplo não fará melhor para derrubar o preconceito do homem do que a humildade, a mansidão e a autonegação. Perdoem ofensas e não sejam tomados pelo mal, superando-o com o bem. Se os pecadores forem teimosos, curtos e desdenhosos, o sangue e a carne lhes dirão que tomem suas armas e os desfaçam por meios carnais; mas esse não é o caminho, a não ser para a autopreservação, ou que o bem público o requeira; superem-no com bondade, paciência e gentileza. A primeira coisa mostrará que vocês têm mais poder mundano do que eles; mas é apenas na segunda que vocês demonstrarão sua excelência espiritual e as verdadeiras qualificações de um santo. Se acreditam que Cristo é mais digno de imitação do que César ou Alexandre, e é mais glorioso ser cristão do que conquistador, então, sejam mais homens do que bestas, mesmo que estas nos superem em força; pratiquem a caridade, e não a violência, e coloquem-se contra

a força com mansidão, amor e paciência, pois esta não será vencida por si própria. Lembrem-se que vocês são servos de todos. Desçam ao nível dos homens abaixo de vocês, não sejam estranhos para com os pobres em seus rebanhos, ou eles entenderão isso como desdém. A familiaridade, melhorada pelos fins divinos, é incrivelmente necessária e faz bens abundantes. Portanto, não falem de modo rude nem sejam desrespeitosos; sejam apenas educados até mesmo com os piores, tratem-nos como seus iguais perante Cristo.

2. Lembrem-se do que eu disse anteriormente sobre os trabalhos de caridade. Vão aos pobres, vejam do que eles precisam e mostrem-lhes sua compaixão à alma e ao corpo. Comprem-lhes um catecismo e alguns livros pequenos que lhes poderão fazer bem e distribuam-nos aos vizinhos, fazendo-os prometer que lerão e, especialmente, que o farão no domingo, quando não tiverem outros deveres maiores. Gastem tanto quanto puderem, para fazer tanto bem quanto puderem. Não se preocupem em ser ricos; não busquem coisas grandiosas para si mesmos ou para a posteridade. Se ficarem pobres em nome do bem maior, isso será uma perda ou um ganho? Se acreditam que Deus é sua maior fonte de renda, e que gastar em serviço d'Ele é a melhor troca, então o demonstrem! Sei bem que a carne e o sangue irão debater contra, e que jamais perderão a chance de falar contra algo que não é de seus interesses. Mas marquem o que digo, e que o Senhor o grave em seus corações: *aquele homem que tem algo neste mundo que valorize tanto que não possa dar para Cristo se for chamado a isso, este não é um cristão.* E, porque um coração carnal não acreditará que Cristo o chama a isso quando não acredita que o pode dar, esse, portanto, se engana; e dele digo: *aquele que não se deixa ser persuadido que seu dever é seu dever, pois não pode poupar para Cristo, este também não é um cristão.* Pois um coração falso corrompe o entendimento, e isso aumenta a ilusão do coração. Não entendam, portanto, como algo

terrível que se façam amigos da riqueza da injustiça, portanto, preparem um tesouro no Céu, mesmo que deixem para si mesmos pouco na terra. "*Nemo tam pauper potest esse quam natus est; Aves sine patrimônio vivunt, et in diem pecua pascuntur; et hoc nobis tamen nata sunt; quæ omnia si non concuspiscimus possidemus, inquit Minutius Felix*. p. (*mihi*) 397."[158] Vocês não perdem grandes vantagens no Céu por se tornarem pobres; "*Quia viam terit, eo fælicior quo levior incedit.*"[159]

Sei que, onde o coração é carnal e cobiçoso, meras palavras não irão separar o dinheiro de suas mãos. A eles pode ser dito tudo isso e ainda mais; porém dizer é uma coisa e ouvir é outra. No entanto, com aqueles que realmente acreditam, acho que essas considerações irão prevalecer. Que abundante bem os pastores poderiam fazer se vivessem em negação ao mundo, suas riquezas e glórias, e gastassem tudo que tivessem pelo bem de seu Senhor, sacrificando de sua carne onde pudessem fazer o bem. Isso abriria mais corações à recepção da doutrina do que toda a oratória o fará; e sem isso a singularidade da religião parecerá hipocrisia, e provavelmente assim seria. "*Qui innocentiam colit, Domino supplicat — qui hominem periculo surripit, opinam victimam cædit; hæc mostra sacrificia; hæc Dei sacra sunt; sic apud nos relegiosior est ille qui justior, inqui idem Minutius Felix.*" ib.[160] Mesmo que não precisemos fazer tal como os papistas, que tomariam para si os monastérios e abririam mão da propriedade, devemos ainda nos lembrar que tudo que temos é para Deus.

[158] "Nenhum homem pode ser tão pobre como ao nascer. Os pássaros não têm renda fixa, o gado se alimenta dia a dia; essas coisas são fornecidas para nós, e tudo isso nós possuímos, se não cobiçarmos mais" (Minutius Felix, *Oct*. 36.4).

[159] "Quanto mais feliz o caminhante progride, mais suavemente ele anda" (Minutius Felix, *Oct*. 36.6).

[160] "Quem cultiva a inocência, ora ao Senhor — quem rouba um homem no perigo atinge uma vítima; estes são os maiores sacrifícios; essas são as coisas sagradas de Deus; assim entre nós é aquele mais justo" (Minutius Felix, *Oct*. 32.2).

VI

A próxima parte da exortação é que *mantenham a unidade e a comunhão cristãs e fraternais, e façam tanto do trabalho de Deus quanto puderem em unanimidade e concordância divina*. Abençoado seja o Senhor, que tudo neste lugar esteja tão de acordo conosco quanto está! Nós perdemos nossa autoridade com o povo quando nos dividimos. Eles se curvam diante de nós quando estamos juntos, mas nos resistem quando tentamos ir até eles a sós. Duas coisas, para fim disso, eu lhes peço que observem:

1. Mantenham suas assembleias para a comunhão; incorporem e presidam a correspondência cristã; não se tornem estranhos uns aos outros e não digam ter outros assuntos a tratar quando deveriam realizar uma assembleia ou outro trabalho de Deus. Não é somente a edificação mútua que podemos receber de nossos ensinadores, das conferências ou das disputas (apesar de que estas não devem ser ignoradas), mas em especial as consultas pelo bem comum e a manutenção de nossa comunhão; é para isso que nos devemos reunir. Mesmo que vocês pessoalmente não se beneficiem de tais coisas, a igreja e o trabalho comum as requerem. Não se demonstrem condenadores ou negligentes de um trabalho tão necessário. A distância cria estranheza e fomenta as chamas da divisão e da inveja, que a comunhão previne ou até cura. É sempre o plano principal do inimigo nos dividir para estarmos fracos. Não conspirem com eles, portanto, não sigam o curso que eles desejam para você. De fato, os pastores necessitam uns dos outros e devem melhorar os dons de Deus uns nos outros; e nisso os autossuficientes são também os mais deficientes, e comumente os homens mais orgulhosos e vazios. Há homens que não vão para entre os seus para fazer ou receber o bem, nem lhes dão auxílio em consultas pelo bem maior, e se desculpam dizendo que "preferem viver de maneira privada". A esses digo: por que não usam essas desculpas para deixar de visitar a igreja,

já que preferem viver de maneira privada? A comunhão episcopal não é um dever, assim como a comunhão cristã, e isso não é algo em que a igreja sempre acreditou e praticou? Se querem dizer que amam suas próprias conveniências mais do que seu serviço a Deus, que digam logo que esse é o caso; mas suponho que poucos dentre esses tolos que acreditem que essa desculpa é realmente válida, mesmo que não nos deem uma melhor. Algo reside por trás disso. Alguns desses homens realmente são tolos vazios, temerosos de que suas fraquezas sejam conhecidas se não puderem escondê-las por sua solidão; muito poderiam fazer para curá-las com a comunhão. Outros deles são descuidados e escandalosos, e, para com esses, não temos o menor desejo de que participem da comunhão, nem os permitiremos nela, sem que antes ocorra o arrependimento e a reforma. Alguns outros estão tão apaixonados por suas facções e opiniões que se recusam a ter a comunhão conosco, pois não somos de suas facções e opiniões; estes, pela comunicação, poderiam dar ou receber informações melhores, ou ao menos realizar tanto do trabalho de Deus quanto conseguíssemos concordar que fizessem. Mas a maldade do cisma é a de fazer dos homens censuradores e orgulhosos, e fazer com que evitem a comunhão e considerem a si mesmos a única igreja, ou a única igreja pura em Cristo.

Os papistas não aceitam qualquer Igreja Católica senão a romana e desigrejariam a todos que não fossem eles próprios. Os separatistas, e muitos anabatistas também, dizem o mesmo de suas facções. O novo partido prelado não aceita qualquer Igreja Católica que não seja prelada e desigrejaria a todos os outros, portanto, evitam a comunhão; e assim se tornam separatistas e dissidentes, imitam os papistas e fingem a oposição à cisão. Conforme dizem, todos devem ser considerados dissidentes que não forem de sua opinião e facção (opinião esta que não encontramos no credo), e devem ser evitados por serem considerados dissidentes. Mas, pela Graça de Deus, nós aderimos a princípios e práticas mais católicas, e

teremos a comunhão com todo e qualquer cristão devoto que quiser, contanto que não nos force ao pecado. E, quanto aos nossos irmãos separatistas, em suas distâncias, eles tendem a espalhar informações falsas sobre nós, então, se, por sua estranheza e distância intencionais, qualquer um de nós acreditar nas informações insultantes sobre eles, e por isso os tratar mal ou pior do que merecem, eles podem muito bem agradecer a si mesmos.

Estou certo de que, por questões tais como essa, muitos de nós estão tão endurecidos pelo pecado, que os homens não se importam mais com o que dizem uns contra os outros, mas o fazem fora de vista, onde podem descarregar contra os outros sem que estes os ouçam. Quanta zombaria e desprezo eles têm entre si contra aqueles que não são dos seus! E quão facilmente as dizem, mesmo que o assunto não seja seguro. Um relato ruim de alguém é facilmente presumido como verdadeiro; e aquilo que é verdade é feito pior; quando Sêneca disse "*Multus absolvemos, si cœperimus ante judicare quam irasci: nunc autem primum impetum sequimur.*"[161] É a paixão que conta a história e também a recebe.

2. A segunda coisa, portanto, à qual rogo é que cuidem da unidade e da paz da Igreja Católica; não somente de suas facções, mas do todo. E para isso serão necessárias as seguintes coisas: não se apressem a introduzir novidades à igreja, seja em fé ou em prática; não que por isso eu me refira a coisas que parecem novidades àqueles que não conseguem olhar para nada além do ontem, pois a restauração das coisas antigas lhes parecerá novidade; e a expulsão de novidades que prevaleceram parecerá em si uma novidade àqueles que não sabem o que estas são. Assim, os papistas nos censuram por descartarmos suas inovações, e o povo comum nos diz que inovamos se não nos ajoelhamos ao receber a Ceia do Senhor; quando,

[161] "Nós absolvemos muitos, se começarmos a julgar antes de ficarmos com raiva. Em vez disso, seguimos o primeiro impulso" (Seneca, *De Ira* XXIX.2).

no sexto concílio, este foi o nono cânone:[162] "*Ne Dominicis diebus genua flectamus, à divinis Patribus nostris Canonicè accepimus: Quare post vespertinum ingressum Sacerdotum in Sabbato ad altare, ut more observatum est, nemo genu flectit usque ad sequentem vesperem post dominicam.*"[163] É daquilo que é realmente uma novidade de que lhe falo, e não a demolição destas. Alguns já introduziram novas frases sobre as características da fé, da justificação e assim em diante, de modo que possa haver motivo para reduzi-las a seus padrões primitivos.

Muita balbúrdia se faz sobre o teste do cristão e da igreja verdadeiros, aqueles com quem temos comunhão, e sobre o verdadeiro centro da unidade da igreja, no qual e por qual nossas fendas calamitosas devem ser curadas. E, de fato, a verdadeira causa de nossas contínuas divisões e misérias é a nossa incapacidade de discernirmos o centro de nossa unidade e os termos pelos quais esta deve ser feita; o que é uma grande pena, quando isso fora algo tão simples antigamente, antes que se passasse a acreditar que o teste antigo era insuficiente! Se qualquer dos credos antigos ainda servisse, nós logo concordaríamos. Se o teste de Vincentius Lirineus puder nos servir, talvez ainda possamos fazer boas mudanças, ou melhor dizendo, poderíamos acreditar explicitamente que "*quod ubique, quod semper, quod ab omnibus creditum est*."[164] E ele adiciona, "*hoc est etenim vere proprieque Catholicum*".[165] Mas devemos ver que não podemos excluir a primeira era, pois esta deu as regras ao resto; e isso não se estende apenas às cerimônias, que nunca fo-

[162] *Summa Conciliorum et Pontificum a Petro vsq; ad Paulū tertium, succincte.* Bartholomé CARRANZA (Arcebispo de Toledo.) Apud Ioannem & Davidem Berthelin, 1655 — 1230 páginas.

[163] "Não nos ajoelhamos aos domingos, como recebemos canonicamente de nossos divinos padres: portanto, depois da entrada noturna dos sacerdotes no altar no sábado, como foi observado, ninguém dobra os joelhos até a noite seguinte, após o domingo".

[164] "Que em todos os lugares, e sempre, que foi acreditado por todos" (Vincent Lirinensis. *Adversus profanas omnium novitates haereticorum commonitorium cum notis* 2).

[165] "Porque isso é realmente católico" (Vincent Lirinensis. *Adversus profanas omnium novitates haereticorum commonitorium cum notis* 2.3).

ram vistas como alteráveis, mas às questões da fé; e que os atos e cânones dos concílios, que nunca foram sobre questões de fé, mas meramente as questões variáveis de ordem, e que constituíam coisas das quais a era apostólica não poderia saber, não sendo, portanto, "*credita*"[166] e muito menos "*semper, et ab omnibus*",[167] não poderiam ter tido parte neste trabalho. Eu diria que, se os credos antigos do oriente ou do ocidente, ou esta fé católica de Vincentius, forem vistos como testes de fé explícita, ou então todos os textos da Escritura que expressam o "*credenda*"[168] com um tom de necessidade, e também se toda a Escritura for confessada como sendo a palavra de Deus, portanto, se acredita nela em todos os outros pontos, ao menos em um nível implícito; isso, sim, produziria uma comunhão e uma concordância mais gerais, e mais se encontrariam neste centro do que no momento parecem poder se encontrar. De fato, até que os homens se contentem em fazer da Escritura regra suficiente, nas coisas necessárias de serem acreditadas explicitamente e em todas as outras por modo implícito, nós nunca veremos uma paz, seja cristã ou católica, realmente duradoura. Façamos do Concílio de Trento ou do julgamento papal o nosso teste; ou façamos uma barganha cega com os papistas, de nos aproximarmos deles tanto quanto ousarmos, e assim compormos um novo ínterim, para fazer deste um teste (quando Deus nunca fez tal coisa, e cristão algum concordará com isso, mas alguns ousam se colocar mais próximos a Roma do que outros em tais questões); ou coloquemos todos os cânones dos concílios anteriores nas questões de ordem, disciplina e das cerimônias em nosso teste, ou juntemos todas as opiniões dos pais da igreja das três ou quatro primeiras eras, para disso fazer um teste! Nenhum desses servirá para o que queremos, e a união católica jamais será obtida nesses. É uma questão simples fazer essa previsão de maneira infalível. Nem também podem as escrituras de um

166 "Creditado".

167 "Sempre e de todos".

168 "Que é para ser acreditado".

único homem, qualquer um, seja Agostinho, ou Aqueu, Lutero, Calvino, Beza, ou até mesmo as confissões de qualquer uma das igrejas, ser capazes de fazer isto.

Sei que é dito que um homem pode submeter-se à Escritura e aos credos antigos, e ainda assim se manter um socinianо ou qualquer outra heresia. A isso respondo que ele poderá também ganhar de qualquer teste que vocês possam criar; e, enquanto vocês se ocupam em criar armadilhas para capturar hereges, em vez de um teste para a comunhão da igreja, vocês ignoram seus próprios objetivos, e o herege, pela perfídia de sua consciência, escapará, podendo capturar para si o bom cristão. E por esse seu credo a igreja terá apenas novas divisões, se não seguirem de perto as palavras da Escritura. Em tais casos, quando hereges contradizem a escritura à qual se submeteram, isso chama não pela necessidade de um novo teste que seja suficiente, mas, sim, que a igreja se atenha e o chame para se explicar, e, se esse for impenitente, que o excluam da comunhão! Ora, devemos criar leis toda vez que as velhas forem quebradas, como se essas fossem insuficientes por causa da desobediência alheia? Ou melhor dizendo, a punição pela lei violada não deve ser executada? É um triste caso que tais razões devam prevalecer entre homens eruditos, para que neguem a suficiência da Escritura como teste da comunhão e criem testes que se desviam da Escritura, como se isso fosse o necessário para se prevenir a heresia! Eis as duas coisas que realmente são necessárias, a lei e a boa execução; Deus fez a primeira, seu governo e lei são, tanto em sentido quanto em tradução, suficientes; e todas as invenções adicionais para o uso anteriormente mencionado são como teias de aranhas. Façamos, então, nossa parte na execução da Lei de Cristo, questionando os ofensores nos sínodos por quebrarem essas leis, e evitemos a comunhão com os impenitentes; o que mais a igreja poderia fazer? Qualquer coisa além disso é de responsabilidade do magistrado, não nossa.

Então, é isto que recomendo a todos os irmãos, como a mais necessária para a paz da igreja: que u*nam as verdades necessárias, tolerem as falhas toleráveis, aguentem uns com os outros as coisas que possam vir disso e não façam credos maiores e mais necessários do que aqueles que Deus fez*. Para esse fim, que os escritos de homem algum, nem o julgamento de qualquer grupo, por mais que correto, sejam vistos como um teste ou feitos de regra. E:

a) Não deem tanta ênfase às opiniões controversas, quando estas têm homens devotos e especialmente quando tiverem igrejas inteiras em ambos os lados.

b) Não deem atenção às controvérsias que se resolvem em incertezas filosóficas (pois algumas dessas são sobre o livre arbítrio, e o modo como o Espírito opera a graça, e os decretos divinos, e a predeterminação).

c) Não se atenham a essas controvérsias que são meramente verbais, e que, se analisadas, se desfariam instantaneamente. Dessas existem muito mais, e posso falar com completa confiança que fazem também mais balbúrdia neste mundo e destroem a igreja mais do que qualquer um de seus defensores parece compreender, ou é capaz de acreditar.

d) Não se ocupem com qualquer parte da fé que foi deserdada ou desconhecida pela Igreja de Cristo em qualquer era desde a entrega das Escrituras.

e) E também não se ocupem com aquelas que as eras mais puras ou judiciosas ignoravam.

f) E, mais do que tudo, não se coloquem sobre as partes que era alguma, desde os apóstolos, recebeu para si, e que acreditava o contrário destas; pois isso seria cometer um erro de tal magnitude que desigrejaria toda a Igreja de

> Cristo, fazendo de todos excomungáveis, o que seria absurdo e nos demonstra que, se tivéssemos vivido naquelas eras, vocês teriam parecido se separar de toda a igreja.

Para sermos melhor informados das diferenças entre os erros: que qualquer pessoa eleita caia com totalidade e finalidade é um erro palpável e condenável, de consequências terríveis. Mas, que haja outros que não foram eleitos, e por boas razões, e estes caiam e pereçam, esse é um erro de uma natureza menor, que não quebrará a comunhão cristã, senão teríamos que renegar a comunhão com a Igreja Católica nos dias de Agostinho, e talvez até antes, como já dito. Devo, então, tomar isso como uma verdade que a igreja de então seguia? Alguns me acharão pouco modesto por dizer que não, como se eu fosse mais sábio que toda a igreja, e, em uma era tão erudita, mais do que alguns deles próprios; mas devo ser pouco modesto, se a Escritura parecer me pedir isso. Por que razão não poderiam Agostinho, Próspero e os outros cometerem um erro em tal coisa? Mas eu também não serei tão pouco modesto, nem tão pouco cristão, a desigrejar toda a igreja por essa questão, nem também me separaria de Agostinho e de toda a igreja se tivesse naquele tempo vivido, assim como não o farei agora com qualquer homem. Ambos os lados se desagradam com essa resolução; um, que eu suponha que toda a igreja possa errar, enquanto nós estamos certos; e o outro, que eu lhes possa apontar erro similar. Como remediar isso, então? Façam de tal e leiam *Resp. ad Capit. Gall*. de Próspero, e rapidamente saberão o que ele e Agostinho pensavam desse assunto.

Aquele que viver até o feliz dia em que Deus restaurará todas as igrejas partidas verá isso que eu agora lhes peço sendo posto em prática, e essa moderação tomando o lugar do zelo divisor atual, e a suficiência da Escritura sendo restaurada, e todas as confissões e comentários dos homens sendo vistas apenas como ajuda subserviente, não como teste da comunhão, não mais. E até que esta era de cura venha a nós, não

podemos esperar que as verdades que trarão essa cura sejam ouvidas, pois não há espíritos que queiram a cura entre a liderança da igreja. Mas, quando o trabalho estiver feito, seus trabalhadores serão feitos apropriados para isso; e abençoados sejam os agentes de um trabalho tão glorioso!

Mas o amor à unidade e à verdade, à paz e à pureza, deve ser manifestado em conjunção; devemos evitar os extremos tanto na doutrina quanto na comunhão. Os extremos na doutrina residem, de um lado, nas adições inovadoras, e no outro, pela cobiça e até atraso do progresso da luz. O primeiro é o mais perigoso, do qual os homens são culpados: por criarem novas partes para a fé e o dever; por fazerem destas partes tão fundamentais, ou necessárias à salvação, quando não são; e por fingirem, por meio de passagens obscuras e proféticas, com grande provas objetivas disso, e também muita certeza de seu significado, do que realmente têm.

Eu já me encontrei com aqueles que se fazem tão confiantes de suas revelações (as quais Calvino não explicou e admitiu que não compreendia), que fizeram delas suas confissões, ou artigos de fé inteiros a partir delas, confiando as ações mais importantes de suas vidas à sua exposição, e puderam me dizer confiantemente, sobre nossas mudanças e diferenças, quem estava no lado certo e quem estava no errado, tudo isso a partir dessas Revelações, e citavam tais argumentos como se justificassem tudo, se ao menos suas exposições fossem interpretadas como certas; mas, ao pedirem que as provassem, perdiam tudo.

Essas corrupções da doutrina vêm em dois tipos: alguns são os inventores, e outros, os propagadores e mantenedores; e quando essas adições se tornam velhas, eles as mantêm por meio de verdades antigas, opondo-se a elas pela noção de novidade, como já foi dito.

O outro extremo da doutrina é o de se impedir o progresso do conhecimento; e esse é feito regularmente sob o disfarce de se

evitar o extremo da inovação. Devemos considerar, então, quão longe devemos ir, e não nos tornarmos inovadores culposos.

a) Nosso conhecimento deve aumentar extensivamente, "*ad plura*",[169] devemos saber maiores verdades do que sabíamos antes, mas sem fingirmos mais. Há muito da Escritura que permanecerá desconhecido para nós, mesmo que façamos nosso melhor. Não acharemos mais artigos da fé que devam ser acreditados explicitamente por todos aqueles que serão salvos, mas ainda poderemos achar o sentido de outros textos e várias verdades doutrinárias, não em contrariedade, mas que cooperem e se conectem às outras. E também poderemos melhor compreender a ordem das verdades e como elas se colocam em relação umas às outras, para vermos mais do verdadeiro método da teologia do que antes víamos, o que nos trará grande luz sobre o assunto em si e suas conclusões.

b) Nosso conhecimento também deve crescer de maneira subjetiva, intensa, tanto sobre a maneira quanto sobre o assunto da doutrina. Este é o crescimento principal que se deve buscar: o de sabermos as mesmas verdades grandiosas e necessárias com um conhecimento mais claro e são do que antes tínhamos; e isto é feito:

- Pela obtenção de fortes provas e razões, ao invés das fracas às quais demos confiança anteriormente (pois a muitos jovens são contadas verdades de bases fracas).
- Multiplicando nossas provas e razões para essas verdades.
- Por meio de uma apreensão clara e profunda dessas mesmas provas, razões que antes foram apenas superficiais; pois aquele que é

[169] "Para mais".

> forte em seu conhecimento vê a mesma verdade em uma luz mais clara do que os fracos.
>
> A isso também deve ser adicionada a melhoria da verdade recebida para seus objetivos.

Dar-lhes-ei a suma do que digo nas palavras daquele grande inimigo da inovação, *Vincentius Lirinenses*, c. 28:[170] "*Sed forsitan dicit aliquis: Nullusne ergo in Ecclesia Christi profectus habebitur? Religionis Habeatur pplane, et maximus: Nam quis ille est tam invidus hominibus, tam exosus Deo, qui istud prohibere conetur? Sed ita tamen ut vere profectus sit ille fidei; non permutatio. Siquidem ad perfectum pertinent, ut in semet ipsa unaquæque res amplify cetur; ad permutationem vero uta liquid ex alio in aluid transvertatur. Crescat igitur oportet et multum, vehementerque proficiat, tam singulorum quam omnium; tam unius hominis quam totius Ecclesiæ ætatum ac seculorum gradibus intelligentia, scientia, sapientia; sed in quo duntaxat genere, in eodem scilicet dogmate, eodem sensu, eademque sententia.*"[171]

E, de modo mais simples e ainda mais breve, no cap. 30: "F*as est etenim ut prisca illa coelestis philosophiae dogmata processu temporis excurentur, limentur, poliantur; sed nefas est ut commutentur, nefas ut detruncentur, ut mutilentur. Accipiant, licet, evidentiam, lucem, distinctionem; sed retineant necesse est plenitudinem, integritatem, proprietatem.*"[172] Que isso seja então observado por todos, se pretendemos criar verdade e paz.

---

[170] Vincent Lirinensis. *Adversus profanas omnium novitates haereticorum commonitorium cum notis* 23.

[171] "Mas talvez alguém diga: 'Então não haverá progresso na Igreja de Cristo?' Que haja um ponto óbvio e importante da religião: quem é tão invejoso dos homens, tão odiado por Deus a ponto de tentar evitar isso? Mas ainda assim ele realmente avançou na fé; não fez uma troca. Pois eles pertencem ao perfeito, para que se possam dizer que cada coisa se amplifica em si mesma; mas para a troca de um líquido, ele transforma um em outro. Ele deve, portanto, aumentar tanto, e crescer muito bem, tanto em cada um como em todos: na inteligência, conhecimento, sabedoria, bem como na idade e nos graus de cada homem e em toda a Igreja; mas apenas naquilo que é do mesmo dogma, no mesmo sentido e na mesma frase".

[172] "Pois é certo que aqueles antigos dogmas da filosofia celestial podem ser curados,

Quanto à comunhão da igreja, seus extremos são: de um lado, a negligência ou o relaxamento da disciplina, resultando no corrompimento da igreja, o encorajamento da maldade e a confusão entre os reinos de Cristo e de Satã; e, do outro lado, a separação desnecessária de homens orgulhosos, seja pelas igrejas não terem suas próprias opiniões, ou não serem tão reformadas e estritas em sua disciplina quanto deveriam ser. De minhas observações, vejo que os homens mais humildes são os que mais evitam fazer separações, e os mais orgulhosos as buscam. Muitas corrupções podem ocorrer em uma igreja, e ainda assim é um grande pecado se separar dela, para que não sejamos obrigados a nos encarregar de suas corrupções nem de qualquer pecado real. Há um grande costume, entre os homens orgulhosos, de fazer da Igreja de Cristo muito mais estreita do que ela realmente é e reduzi-la a quase nada, sendo eles mesmos membros de alguma sociedade específica, como se não gostassem da ideia de ter muita companhia no Céu e, por alguma alucinação estranha, ou algum capricho do orgulho, eles ficam mais felizes em suas sociedades separadas do que quando eram parte da união da igreja. Tais poderes de cerimônias, presença de espírito, pureza e paz são prometidos aos fracos por líderes que os seduzem, como se o Espírito Santo estivesse mais eminente neles do que em qualquer outro lugar do mundo. Tal é a arrogância dos hereges, como dito por Vincentius, cap. 37:[173] "*Jam vero illis quæ sequuntur promissionibus miro modo incautos homines hæretici decipere consueverunt. Audent et enim polliceri et docere, quod in Ecclesia sua, id est, in Communionis suæ Conventiculo, magna et specialis ac plane personalis quædam sit Dei gratia, adeo ut sinne ullo labore, sine ullo studio, sine ulla indústria, etiamsi nec quærunt, nec petant, nec pulsant, quicuncque illi ad numerum suum pertinente, tamn ita*

arquivados e polidos com o passar do tempo; mas é um crime trocá-los, um crime serem abatidos, ou mutilados. Que eles recebam, porém, evidência, luz, distinção; mas devem necessariamente reter sua plenitude, integridade e originalidade" (Vincent Lirinensis. *Adversus profanas omnium novitates haereticorum commonitorium cum notis* 23).

[173] Vincent Lirinensis. *Adversus profanas omnium novitates haereticorum commonitorium cum notis* 25.

divinitus dispensentur."[174] Mas as consolações e os deleites deles, por serem consequências do egoísmo e dos caprichos, são tão mutáveis e de tão curta continuação, que o calor da oposição, ou a mutação para outras seitas, devem manter sua vida, ou se tornarão mofados e logo decairão.

Tendo dito isso sobre os meios, volto, então, ao fim desta exortação e imploro a todos os pastores de Cristo que tenham compaixão para com a pobre igreja dividida, e que deem chance a tais princípios católicos e disposições caridosas, tanto para com seus povos quanto para com a paz comum. Algo neste mundo tem feito mais para perdermos autoridade e nos desabilitarmos no serviço de Deus do que nossas diferenças e divisões? Se os pastores pudessem todos partilhar da mesma mente, ou ao menos concordar na substância de seus trabalhos, para que as pessoas, ao ouvirem um, ouvirem a todos, e não houvesse um de nós que criasse facções para que os descontentes os seguissem, ou criassem objeções contra os outros, nós poderíamos fazer grandes coisas pela Igreja de Cristo. Mas, se nossas línguas e corações estiverem divididos, que pouco surpreendente é que nosso trabalho seja estragado e acabe mais como Babel do que como um templo do Senhor! Então, unam-se, e rápido, e se consultem em favor da paz, e não deem apreço às distâncias e ao estranhamento. Se a divisão enfraquece, a reunião lhes recuperará a autoridade e a força. Se não gostam de seus irmãos, ou de seus modos, manifestem isso em um debate, em frente a eles, mas não se retirem desnecessariamente. Se permanecerem ao menos unidos, poderão ter melhor entendimento uns dos outros, ou ao menos poderão reprovar a si mesmos. Especialmente, amigos, não briguem por questões de precedência, ou reputação, ou por seus interesses pessoais. Homem algum terá paz em sua men-

[174] "Mas agora aqueles que seguem essas promessas costumam enganar os hereges incautos de uma maneira maravilhosa. Eles se atrevem a prometer e ensinar que em, sua Igreja, isto é, no Conventículo de sua Comunhão, há uma certa Graça de Deus que é grande, especial e inteiramente pessoal; eles pedem, e não batem, quem pertence ao número deles é dispensado por Deus".

te quando orgulhosamente cobiça a precedência de outros, ou guarda rancor secreto daqueles que acredita que ocultam seu nome. Essas coisas são cansativas aos homens. Há muito da imagem do demônio em tal pecado para que um humilde servo de Cristo contenda. Além disso, não sejam tão sensíveis às ofensas, não façam de cada palavra ou ato ofensivo uma cena. Ou, pelo menos, não deixem que isso interrompa sua comunhão e acordo com os trabalhos de Deus; pois isso seria uma ofensa a Cristo e à igreja, apenas pela ofensa de outro. E, se você for desse tipo impaciente, nunca será quieto; pois todos somos falhos, e não podemos viver juntos sem a ofensa ocasional. "*Ubique causæ supersunt nisi deprecator animus accessit*",[175] disse Sêneca. E esses mesmos homens orgulhosos e sensíveis demais são frequentemente feridos por seus próprios conceitos, como um homem com uma ferida que ele acredita que dói mais quando convence alguém a acertá-la. Eles acreditam que os homens zombam deles, ou os condenam, ou os querem mal, mas que isso nunca passou pela cabeça deles! Até que esse ego seja desmontado, todos os homens terão interesses pessoais que nos levarão a vários lados diferentes e estragarão a paz e o bem da igreja. Enquanto cada homem for por si próprio, e pela própria reputação, e todos cuidarem apenas de si mesmos, não é de se surpreender que não tenham espaço para pensar nas coisas de Deus.

E, quanto a essas opiniões que tanto impedem nossa união (os grandes divisores de nossa época!), eu acredito que, se não puder mudar aquilo em que os outros acreditam, ainda espero, acredito racionalmente, que cada facção dentre nós que ainda gostaria de se dizer cristã deveria valorizar o todo antes da parte; e, portanto, não procurar tão perversamente promover a si mesma em algo que impediria o bem comum da igreja, ou propagaria suas verdades quando essas interferem no trabalho das verdades divinas. E, acredito, um pouco de

[175] "Há causas em todos os lugares e em abundância, se as causas não se impuserem à alma em desconjuro" (Sêneca, *De ira* 3.28).

humildade deixaria os homens envergonhados desse conceito comum de espíritos inquietos, ou, melhor dizendo, que o bem da igreja, que tanto depende de suas opiniões, e eles ainda assim sentiriam a necessidade de propagar o que quer que lhes ocorra. Se são realmente parte do corpo todo, a ferida feita ao todo será também feita a eles, que não deixam de desejá-la pelo bem de suas facções e opiniões. Se os homens não considerassem as coisas imparcialmente nos casos de diferença e promovessem seus julgamentos apenas para ajudar, e não ferir o todo, poderiam, então, escapar de muitos perigos aos quais agora se dirigem. Se mais nada, olhem aos rostos dos inimigos da igreja, o quanto eles se regozijam e nos zombam. E, como Sêneca disse para acalmar os bravos, "*Vide ne inimicis iracundia tua voluptati sit*".[176] Quando todos o tivermos feito, não sei que facção dentre nós se provará vencedora; pois tão verdadeiros são os provérbios, "*Dissensio ducum hostium succum*"[177] e "*Gaudent prædones, dum discordant regiones*."[178] E não é, então, surpreendente que os pastores devotos, que sabem disso tudo, de como o adversário comum nos difama e sobre os escândalos que nossas divisões causam pelo mundo, e também do quanto a igreja perde por conta disso, ainda assim seguem em frente, ignoram os pedidos mais altos e os convites à paz, e apenas poucos abrem mão do que fazem e trazem seus irmãos em retirada? Pode um coração honesto ser insensível às tristes distrações e ainda mais tristes apostasias que nossas divisões ocasionaram? "*Sæpe rixam conclamatum, in vicino incendium solvit*",[179] disse Sêneca. Que discussões são tão furiosas que não podem ser abandonadas quando a casa pega fogo sobre suas cabeças? Ora! Se o Senhor tiver dado ao espírito maligno cujo nome é Legião tal poder sobre os corações dos homens, que,

[176] "Tome cuidado para que sua ira não satisfaça seus inimigos" (Sêneca, *De ira* 3.40.1).

[177] "Liderança dividida é remédio para o inimigo".

[178] "Os ladrões alegram-se enquanto as regiões discordam".

[179] "Muitas vezes, uma briga é dissolvida quando um incêndio começa na vizinhança" (Sêneca, *De ira* 3.43).

mesmo quando se sentam quietos, disputam sobre as ações pacificadoras de outros que buscam a cura da igreja, e preferem reprovar e atrasar tais ações em vez de ajudá-las, eu lhes digo apenas o seguinte: quão diligentemente tais homens possam pregar, e quão devotos possam parecer ser, se dessa maneira continuarem, e não se prepararem para a tristeza, eu mesmo serei um estranho ao caminho da paz.

VII

A próxima parte de minha exortação é a de que *não negligenciem mais a execução da disciplina em suas congregações, como são a necessidade e direito confessos.* Eu não desejo encorajar ninguém a uma realização inadequada de nosso maior dever. Mas nunca será um momento adequado? Vocês abandonariam sermões e sacramentos por tantos anos sob a acusação de inadequação? Terão por acaso um momento mais adequado quando estiverem mortos? Quantos já morreram antes que pudessem fazer qualquer coisa neste mundo, apesar de há muito se prepararem? Já faz quase três anos desde que muitos de nós aqui presentes nos colocamos em nossos lugares; temos sido fiéis na realização desses deveres? Sei que alguns aqui têm desencorajamentos e obstáculos maiores do que os outros; mas que desencorajamentos podem nos desculpar de tal dever? Além das razões já consideradas, adicionemos mais algumas aos nossos corações.

1. Que triste coisa fazemos parecer a nossa pregação ao povo, quando vivemos na omissão intencional e contínua de nosso dever! E assim o fazemos ano após ano e todos os dias? Se nossas desculpas podem remover o perigo dessa aparência, que homens não as farão tal como vocês? Leiam *Medulla Theologiae*, de Ames, cap. 37 (*de Disciplin. Eccles*)[180] e A Vara

[180] *Medulla theologica* [Medula teológica], de William Ames, publicada em 1642, cujo título em inglês é: The Marrow of Sacred Divinity: Drawne Out of the Holy Scriptures and the Interpreters Thereof, and Brought Into Method [A Medula da Sagrada Divindade:

de Aarão, de Gelespi, com Rutherford,[181] e muitas outras coisas escritas que provam a necessidade da disciplina. Disse Ames: "*Immo pecat in Christum Authorem ac institutorem quisquis non facit quod in se est, ad hanc disciplinam, in ecclesiis Dei constituendam et promovendam.*"[182] E vocês acham que é seguro viver e morrer em um pecado tão conhecido?

2. Vocês gratificam os atuais desígnios dos divisores, cujo trabalho é o de desigrejar e descristianizar a todos nós; de provar que as paróquias não são igrejas verdadeiras, e que nós não somos cristãos batizados. Pois, se vocês acreditam que eles são incapazes de disciplina, eles devem também ser incapazes do sacramento da Ceia do Senhor e outras formas de comunhão; então eles mesmos não são a igreja. Assim, vocês parecerão pregar tal como eles e a unir igrejas onde não havia nenhuma antes. E, de fato, se esse for o caso, que seu povo não seja cristão e vocês não tenham igrejas particulares, e, portanto, não são pastores, digam-nos isso, manifestem-se, e nós não os culparemos.

3. Nós manifestamos a simples preguiça, senão a infidelidade, para com o trabalho de Cristo. Eu falo por experiência: foi a preguiça que me impediu por tanto tempo e tanto implorou contra minha decisão de falar-lhes aqui. É realmente um trabalho difícil e doloroso, portanto, necessita de autonegação, pois nos trará o desgosto dos perversos. Mas nós ousamos dar preferência às nossas facilidades carnais, e à quietude, e ao amor ou paz dos homens perversos, antes de nosso serviço a Cristo nosso Senhor? Podem servos preguiçosos buscarem boas recompensas? Lembrem-se, irmãos, que nós deste condado prometemos diante de Deus no segundo artigo de nosso acordo:

Extraída das Sagradas Escrituras e seus Intérpretes, e Introduzida no Método].

[181] "Aaron's rod blossoming, or, The divine ordinance of church government vindicated", obra publicada por George Gillespie em 1646.

[182] "Com efeito, quem não peca contra Cristo, autor e instituidor, não faz o que está em si mesmo, e estabelece e promove disciplina nas igrejas de Deus" (William Ames, Gviliel Amesii Medvlla theologica 1.37.5).

"Nós concordamos e decidimos, com o auxílio de Deus, que, enquanto Ele nos deixar claro o dever, nós faremos o possível para realizá-lo, e não desistiremos, apesar de medos ou perdas que possamos sofrer, ou os desagrados dos homens, ou quaisquer incentivos carnais." Oro-lhes que estudem essa promessa e comparem suas performances com ela. E não pensem que foram presos por seguirem-na; pois a lei de Deus lhes deu uma obrigação a esse dever, antes mesmo que seguissem a isso. Por meio dessa, os outros são encarregados a vocês.

4. O episcopado que for a favor de um governo presbiteriano já fez, por meio de sua negligência da execução, com que aqueles que creem na separação acreditem que o fazem por mero consentimento carnal com a parte mais desordenada do povo, que se não os exasperarem com a disciplina, os terão ao seu lado. E nós não devemos fazer nada desnecessário, que tenha tal aparência do mal e seja tão escândalo para com os outros. Foi o pecado e a ruína de muitos clérigos dos últimos tempos que agradaram e consentiram com aqueles que deveriam ter reprovado e corrigido, por infidelidade na pregação e negligência da disciplina.

5. A negligência da disciplina tem forte tendência à ilusão às almas, pois lhes faz achar que são cristãos quando não o são; pois são permitidos a viver na reputação de tal; e não são separados do resto do Povo de Deus. E pode vir a fazer com que os escandalosos pensem que seus pecados são toleráveis, pois quem os tolera são os pastores da igreja.

6. Nós corrompemos o Cristianismo diante dos olhos do mundo; e fazemos nossa parte para que acreditem que ser um cristão é apenas ser de uma mesma opinião e ter aquela fé que, como disse Tiago, os demônios têm, e ser *solidifians*,[183] e que Cristo não possui maior divindade do que Lúcifer, ou que a religião cristã não possui mais divindade do que as falsas religiões deste mundo; pois, se o divino e o profano podem ser

[183] "Fortalecido".

parte do mesmo rebanho, sem o uso dos modos de Cristo para os diferenciar, nós, então, fazemos nossa parte para difamar Cristo por meio disso, como se Ele fosse culpado e isso tudo fosse o que Ele nos prescreveu.

7. Nós mantemos a separação ao permitir que os piores não sejam censurados em nossas igrejas, de modo que muitos cristãos honestos veem necessidade de se retirar. Devo professar que falei com alguns membros de igrejas em separado (ou unidos) que eram homens moderados e discuti com muitos que se opunham a estes, e eles me garantiram: aqueles que eram de julgamento presbítero, ou nada tinham a dizer contra eles, mas que se uniram a outras igrejas por necessidade, pensando que a disciplina, sendo uma ordenação de Cristo, deveria ser usada por todos aqueles que pudessem, e, portanto, não vivem mais sem esta quando podem tê-la, e não puderam encontrar igreja presbítera alguma que executasse a disciplina; e me contaram, então, que eram separados apenas "*pro tempore*",[184] até que os presbiterianos usassem a disciplina, e imediatamente retornarão quando for este o caso. Confesso ter me sentido triste que tais pessoas tivessem motivos para se retirar e que suas razões não fossem infundadas. Não é o ato de impedi-los de realizar o sacramento que nos desculpará pelo não uso da disciplina, quando eles são membros de nossas igrejas.

8. Nós trazemos a raiva de Deus sobre nós e nossas congregações, assim destruímos o fruto de nossos trabalhos. Se o anjo da igreja de Tiatira foi reprovado por permitir os sedutores na igreja, nós poderemos ser reprovados por permitirmos aqueles que abertamente são escandalosos e impenitentes (Ap 2.20).

9. Nós parecemos justificar os prelados, que tomaram decisões similares em negligenciar a disciplina, por mais que sejamos diferentes em outros aspectos.

10. Temos uma abundância de agravações e testemunhas que se põem contra nós, algo que, por mais que eu não aden-

[184] "Por um tempo".

tre aqui, para que não me detenha demais no assunto, eu lhes peço que apliquem aqui, quando se encontrarem com isso logo mais na próxima exortação.

Sei bem que a disciplina não é essencial à igreja; mas de que isso importa? Isso não faz dela menos dever do que outros; nem menos necessária ao bem-estar; de fato, é mais! O poder da disciplina é essencial para uma igreja política, e o que é o poder senão o trabalho e o uso? Como não há comunidade sem "*partem imperantem*"[185] e "*partem subditam*",[186] também não há igreja que não tenha "parem regentem",[187] em um pastor ou mais.

VIII

A última parte de minha exortação é que *vocês agora fielmente realizarão todos os deveres aos quais se prometeram, e que é o objetivo de nosso encontro aqui hoje, em catequese e instrução pessoais às quais vocês submeterão todos em suas paróquias.* A que nos prometemos vocês já bem sabem, já o consideraram, e é agora publicado ao mundo inteiro. Mas a qual a realização disso será, eu não sei; mas tenho razões para esperar o melhor da maioria, mesmo que muitos estejam muito mais prontos a dizer do que fazer. E, por ser esse o assunto principal do dia, devo insistir nisso mais uma vez. E:

1. Dar-lhes-ei mais alguns motivos para serem convencidos à fidelidade no trabalho prometido, pressupondo que os motivos gerais anteriores nos levarão a isso, assim como a qualquer outra parte de nossos deveres.

2. Darei também aos nossos irmãos mais jovens alguns conselhos sobre a questão de performance.

---

185 "Parte que impera".

186 "Parte que é súdita".

187 "Par regente".

CAPÍTULO VI

As *primeiras* razões pelas quais os persuadirei a este dever são inspiradas pelos benefícios deste. As *segundas*, pelas dificuldades. E as *terceiras*, pelas necessidades e pelas várias obrigações que nos são colocadas para sua realização. E a essas três cabeças reduzirei tudo.

I

Quanto ao primeiro destes, quando olho diante de mim e considero tudo que, pela bênção de Deus, este trabalho terá a possibilidade de produzir, meu coração salta de felicidade. Sinceramente, irmãos, vocês deram início a um trabalho dos mais abençoados; um no qual suas consciências poderão regozijar-se, no qual suas paróquias poderão regozijar-se, sua nação e até mesmo as crianças ainda não nascidas; sim, milhares, milhões terão motivos para agradecer a Deus quando tivermos terminado o que começamos. E, mesmo que nosso objetivo aqui seja o de nos humilharmos por negligenciá-Lo por tanto tempo, tal como temos grande motivo aqui para fazer; ainda assim, as esperanças de um sucesso abençoado são tão grandes em mim que poderia muito bem transformar este em um dia de regozijo! Agradeço ao Senhor que eu tenha vivido o bastante para presenciar um dia tal como este e estar presente em uma reunião dos servos de Cristo para a realização de tal trabalho. Agradeço ao Senhor que honrou aos senhores neste condado com o início e o despertar desta nação aqui. Não é este um dever controverso, no qual as mentes exasperadas de

homens divididos possam causar brigas conosco, ou ao qual a malícia possa inventar uma reprovação racional; nem também é uma nova invenção, na qual a inveja lhes chamará de inovadores, ou de orgulhosos ostentadores de novas descobertas; ou zombarão de vocês por terem que seguir o caminho que já trilharam. Não, esse é um dever conhecido, é a direção diligente e efetiva do trabalho episcopal, e o ensinamento de nossos princípios, o alimentar dos bebês com leite. Vocês lideram, de fato, mas não na invenção das novidades, e sim na restauração do trabalho episcopal antigo, e na tentativa e autonegação de um dever que poucos, de fato nenhum, podem contradizer. À exceção de homens que invejem seus trabalhos e sofrimento, ou que invejem que as almas dos homens estejam sendo salvas, eu não sei o que poderia ser invejado de vocês nisso. Esta era é tão conflituosa que, onde houver qualquer motivo para se focar, se não pudermos explicar a fundo uma verdade, ou realizar um dever, um ou outro, senão muitos, terão pedras a nos jogar e falarão maldades sobre coisas que não compreendem, ou a que seus corações e interesses se opõem. Mas nesse aspecto acredito que tenhamos silenciado a própria malícia e espero que possamos fazer essa parte do trabalho de Deus em paz. Se eles não puderem aguentar ouvir coisas das quais não sabem, ou terem aquilo em que acreditam contradito, ou serem confundidos pela descoberta de que disseram algo errado, espero que ao menos nos permitam fazer aquilo que homem nenhum pode contradizer e praticar aquilo em que todos concordam. Espero, então, que possamos ter sua concordância, ou ao menos sua paciência silenciosa, para negarmos a facilidade e o prazer da carne, e nos colocarmos em bondade e sinceridade a ajudar o homem em seu caminho ao Céu, e propagarmos o conhecimento de Cristo com nossos povos. Eu entendo como um sinal de um trabalho grandioso e necessário, dotado de aprovação universal; as verdades mais comumente reconhecidas, e os deveres similares, sendo, em sua maior parte, de maior necessidade e motivo. A prática fiel das verdades e dos deveres aos quais todos os homens se confessarão é um

trabalho mais nobre do que a criação de deveres novos, ou a descoberta de algo que outros ainda não saibam. Não sei por que devemos ter a ambição de procurar novos caminhos aos Céus; deixar o antigo caminho claro e andar por ele é o nosso trabalho e nossa maior honra.

E, porque o trabalho em questão transborda em vantagens para a igreja, eu lhes descreverei aqui alguns dos benefícios que podemos esperar, para que, ao verem as excelências disso, vocês possam se sentir mais encorajados ainda a realizar esse trabalho, e sentirem ainda mais ódio daqueles que o negligenciam ou o frustram. Pois, certamente, aquele que tem as verdadeiras intenções de um pastor se regozijará na aparição de novas esperanças para a fruição de seu objetivo, e nada pode ser mais bem-vindo a ele do que aquilo que melhorará as questões de sua vida; e nosso trabalho atual o faz, como demonstrarei agora:

1. Será a mais esperançosa vantagem para a conversão de muitas almas pela qual poderemos esperar; pois consiste em um acordo destas grandes coisas que devem levar adiante um trabalho.

a) De fato, este é sobre as coisas mais necessárias; os princípios essenciais da fé cristã.

b) Na questão de exercício, será por conferência privada em que teremos a oportunidade de fixar isto em nossos corações.

c) A concordância comum dos pastores fará muito pelo objetivo de curvar seus corações ao consentimento. Se fosse uma reunião para resolver questões controversas, não teria uma tendência tão direta à conversão; e se fosse ocasional, não nos poderíamos ater a elas de maneira tão próxima. Contudo, quando fazemos desta uma questão de compromisso, será mais facilmente esperada e não

será vista com olhos estranhos. E, se a maioria dos pastores se empenhasse nesse trabalho singularmente, apenas alguns de nossos povos teriam se submetido, e então vocês teriam perdido suas oportunidades principais, e aqueles que mais necessitavam de nossa ajuda seriam aqueles que a teriam tido menos. Agora, porém, podemos esperar que, quando esta é uma coisa geral, poucos irão recusá-la; e quando virem seus vizinhos fazerem-no, sentir-se-ão envergonhados de ser tão estranhos e abertamente profanos, e não poderão mais negar.

O trabalho da conversão consiste em duas partes:

a) O bem informar do julgamento sobre as partes necessárias.

b) A mudança da vontade através da eficácia desta verdade.

Neste trabalho, nós temos a excelente vantagem de ambos. Para informar aos outros, é de excelente auxílio termos a soma de todo o Cristianismo em nossas memórias; e, apesar de meras palavras, se não compreendidas, surtirão pouco efeito; quando estas são simples aquele que as possui tem maior probabilidade de compreender o sentido e a questão do que outro; pois o que mais temos para deixar claras as coisas invisíveis, senão palavras e outros signos subservientes? Portanto, aqueles que irão ridicularizar a catequese e as profissões como coisas de pouco proveito podem muito bem ridicularizar a si mesmos por falarem usando a forma de suas próprias palavras para deixarem o que pensam claro aos outros; e podem também ridicularizar a palavra de Deus pela mesma razão, pois é uma forma de se guiar os pregadores e ensinar aos outros a doutrina da vida eterna. Por que as palavras escritas, que se encontram diante de seus olhos e em suas memórias, não podem instruí-los tão bem quanto as palavras transientes de um

pregador? Essas formas de palavras estão, portanto, longe de não terem proveito, como tais pessoas fantásticas imaginam, e são, na verdade, admiravelmente úteis para todos.

Teremos a oportunidade, por conferência pessoal, de testar o quanto compreendem e o que não sabem; e também de explicar-lhes conforme formos, e escolhendo e insistindo em questões específicas conforme as pessoas que mais precisam ouvi-las, de modo que, no conjunto da forma de palavras com uma explicação simples, façamos mais do que se essas coisas estivessem a sós.

Além disso, temos a melhor oportunidade de gravar certas verdades sobre seus corações quando podemos falar uns aos outros sobre alguma necessidade e então dizer ao pecador: "Você é o homem"; tratem com ele de seu caso em particular e lhe entreguem a verdade conforme a oportunidade trouxer. Se algo neste mundo pode fazer bem a eles, será isso. Aqueles que ouvirem um sermão entenderão um discurso familiar como se fosse tolice, e ainda tem muita ajuda para a aplicação disso a si mesmos. E, além disso, vocês ouvirão as objeções e saberão no que o demônio tem maior poder sobre eles, e o que neles se opõe à verdade; e, a partir disso, poderão lhes mostrar os erros que cometeram, refutar suas objeções e mais efetivamente os convencer. A partir disso, poderemos mais facilmente fazer com que descubram suas resoluções para o futuro e que prometam o uso dos meios para a renovação. De que mais precisamos para isso do que nossas experiências? Eu mesmo raramente lidei intencionalmente com homens neste grande assunto em conferência séria e privada, mas eles parecem sair dessas com novas convicções e promessas de obediência, ou ao menos algum remorso e uma compreensão de suas condições. E espero que nossas experiências tenham sido as mesmas.

Irmãos, que golpe ainda não daremos ao reino da escuridão com a execução fiel e habilidosa deste trabalho! Se a salvação das almas, de seus vizinhos e de muitas outras da miséria eterna for algo que valha seu trabalho, levantem-se e

façam-no! Se o aumento da Igreja de Cristo for desejável, o trabalho que lhe promoverá certamente será excelente! Se vocês seriam os pais de muitos que nascem para Deus, e pretendem que a viagem de suas almas ocorra com conforto, e que possam dizer: "Cá estou, e também as crianças que me deu", levantem-se, então, irmãos, e façam este trabalho abençoado. Se lhes fizer bem ver seus devotos entre os santos em glória, adorando o Cordeiro diante de Seu trono; se os felicita apresentá-los sem culpa e sem mácula a Cristo; sejam, pois, felizes por essa oportunidade singular que lhes é ofertada. Se vocês são realmente pastores de Cristo, desejarão o aperfeiçoamento de seu corpo, e seus corações se dedicarão a isso, e vocês trabalharão com eles do nascimento até que Cristo se forme neles. Tomarão, então, tais oportunidades como a colheita e os dias de sol em época de chuva, nos quais é indesculpável não tomar ação. Se houver em vocês qualquer faísca de compaixão cristã, certamente lhes parecerá válido fazer todo o possível para salvar tantas almas quanto possível da morte e cobrir toda uma multidão de pecados. Se forem realmente colegas de Cristo em Seu trabalho, empenhem-se, então, nestes atos e não negligenciem as almas pelas quais Ele morreu. Lembrem-se, quando estiverem falando com os não conversos, que aqui se encontra uma oportunidade para salvar uma alma e regozijar com os anjos do Céu, e com o próprio Cristo, e que seu trabalho é retirar Satanás dos pecadores, e aumentar a família de Deus. "*Porque, qual é a nossa esperança, ou gozo, ou coroa de glória? Porventura não o sois vós também diante de nosso Senhor Jesus Cristo em sua vinda? Porque vós sois nossa glória e gozo*" (1Ts 2.19, 20).

2. O segundo benefício de nosso trabalho, se este for realizado propriamente, será a construção e o estabelecimento daqueles que estão convertidos na fé. A realização imprópria dessa parte coloca em perigo, ou ao menos atrasa, o trabalho inteiro. Como se pode construir, sem que antes seja feita uma fundação sólida? Ou como se pode erguer um segundo andar

quando o primeiro é negligenciado? "*Gratia non facit saltum*",[188] não mais do que a natureza. A segunda ordem de verdades cristãs depende de tal modo da primeira, que nunca podem ser bem aprendidas antes destas básicas. Isso faz com que muitos novatos iludidos, que estão inchados com os conceitos vaidosos de conhecimento sendo que ainda são profundamente ignorantes, desejem pregar antes de saber bem o que é serem cristãos, pois eles não tomaram o trabalho que se colocava diante deles, mas, sim, aprenderam algumas questões menores das quais ouviram, antes que aprendessem os princípios vitais. Isso faz com que muitos trabalhem em vão quando ainda estão aprendendo, portanto, nunca alcancem o conhecimento da verdade, pois aprenderiam a ler antes de conseguirem soletrar, ou reconhecer as letras; e isso faz com que se afastem e sejam tomados pelos ventos da tentação, pois não foram bem ensinados nas partes fundamentais. São essas fundações que devem levar os homens às maiores verdades; é a partir dessas que devem construir, nessas em que devem viver e nas quais devemos atuar todas as suas graças, e animá-los em seus deveres; e nessas que devemos fortificá-los contra as tentações; e aquele que bem as conhece saberá tanto quanto o fizer feliz; e aquele que não as conhece não sabe de nada; e aquele que as conhece melhor, este é o mais completo cristão. Aqueles mais devotos em suas congregações, portanto, descobrirão que seu trabalho é válido para aprender as palavras do catecismo, e que você busca edificá-los e estabelecê-los firmemente para serem diligentes neste trabalho.

3. Um terceiro benefício que pode ser esperado pela realização correta deste trabalho é o de que fará nossa pregação pública ser mais entendida e bem-recebida. Quando estiverem familiarizados com os princípios, compreenderão melhor o que você diz e perceberão sobre o que você fala. Isso prepara as mentes deles e abre a vocês um caminho aos corações; quando sem isso seus trabalhos serão perdidos, e quanto mais vocês

[188] "A graça não dá salto".

se empenharem em preparações corretas, menos bem farão. Então, para que não percam seu trabalho público, certifiquem-se de ser fiéis a seus trabalhos privados.

4. E um benefício nem um pouco desprezível: vocês virão a ser familiares com seus povos, quando tiverem a oportunidade de uma conferência familiar; e a falta disso, naqueles que de nós que temos paróquias muito numerosas, é um grande impedimento ao sucesso de nossos esforços. Pela distância e pela estranheza, caluniadores e enganadores têm a oportunidade de possuí-los de conceitos falsos sobre vocês, que deixam suas mentes formadas contra a sua doutrina; e por essa mesma distância e estranhamento os erros entre os pastores e seus povos são exagerados. Além disso, a própria familiaridade tende a gerar afeições, e isso pode abrir os ouvidos dos outros a mais ensinamentos. E, quando estamos familiarizados com eles, eles se sentirão mais encorajados a se abrir conosco, buscando resoluções a suas dúvidas e sendo honestos conosco. Mas, quando um pastor não conhece seu povo, ou é um estranho para eles, isso impede a realização de qualquer bem.

5. Também, por meio dessas instruções privadas, nós nos tornaremos mais compreensivos com o estado espiritual de cada pessoa, portanto, saberemos melhor como cuidar delas e como nos comportarmos para com elas. Saberemos melhor como pregar às pessoas quando soubermos seus temperamentos e suas objeções principais, e, a partir disso, aquilo que mais precisam ouvir. Saberemos melhor onde se fazem mais invejosos e contra que outras tentações devemos ajudá-los. Saberemos melhor como lamentar por eles, e nos regozijarmos por eles, e orarmos por eles a Deus. Pois tal como aquele que ora por si próprio, que sabe suas feridas e seus desejos, e as doenças de seu próprio coração; também aquele que irá orar pelos outros deve saber sobre eles tanto quanto puder. Se um homem for encarregado de ovelhas ou de gado, ele não poderá tão bem dispensar sua confiança se não os conhecer, e a seu estado e suas qualidades. Assim é também com o Senhor que ensi-

nará Seus aprendizes e com pais que educarão suas crianças; e também com ministros que ensinarão a Igreja de Deus.

6. Essa familiaridade com os estados de nosso povo também nos satisfará na hora da administração dos sacramentos. Poderemos entender melhor quão aptos ou inaptos eles estão; e mesmo que isso não lhes dê o estado ou a relação dos membros da igreja que supervisionamos, como os membros da igreja universal, mesmo que não sejam de nenhuma igreja em particular, podem ainda ter direito às cerimônias de Cristo onde estiverem, e em outros casos não têm este direito, por meio desses métodos nós estaremos melhor informados sobre como lidar com eles. E, enquanto muitos questionarão o pastor que examina seu povo para administrar a Ceia do Senhor sobre com que autoridade ele o faz, esse trabalho ainda deve ser assim feito, sem exceções. Eu não duvido que um pastor requererá que seus rebanhos venham a ele assim que for conveniente, para receberem instrução, de modo que ele os prepare para o sacramento, como houve pastores que deixaram essa examinação para ser feita apenas à necessidade da aptidão para a cerimônia, e não em seus deveres comuns, onde deveriam observar o estado e proficiência dos membros de seu rebanho sempre que possível, tal como é o dever do povo se submeter ao conselho e instrução do pastor em todos os momentos, estes, então, ocasionalmente fizeram com que as pessoas discordassem ignorantemente de suas análises e pedissem provas. E, enquanto é simples provar que um erudito na escola de Cristo deve estar sempre sob a supervisão de seus professores, e deve obedecê-los em todas as coisas legais para sua própria edificação e salvação; se dificulta provar a necessidade de que um pastor deve examiná-los para conferir a Ceia do Senhor, mais do que no Dia de Ação de Graças ou no domingo, ou no batismo de suas crianças. Por meio disso, nós discerniremos quão aptos eles estão para aquele dia mais inquestionável.

7. Outro benefício é este: por meio disso seremos mais capazes de ajudar nossos povos contra as tentações e preve-

niremos também que considerem certos erros ou heresias, ou caiam em cismas que colocam em perigo a eles mesmos e à igreja. Pois os homens abrirão suas mentes a nós com maior facilidade, e, se já estiverem infectados, ou inclinados a qualquer erro ou cisma, eles estarão prontos para descobri-lo, portanto, se farão satisfeitos antes que tenham recebido qualquer cura; e a familiaridade com seus ensinadores os encorajará a se abrirem em qualquer momento. A causa comum da infecção e das heresias é a familiaridade das pessoas com os sedutores e o estranhamento para com seus pastores. Quando eles apenas nos ouvem em público, e ouvem os sedutores frequentemente de maneira privada desdizerem tudo que dizemos, e nós não podemos saber ou os ajudar contra isso, as heresias se apresentam antes que estejamos cientes delas. Infelizmente, nossos povos são em grande maioria fracos, e qualquer um que tenha interesse em sua estima e afeição, e a oportunidade de ter conferências privadas com eles, poderá influenciá-los com suas opiniões, bem como o farão sob pretexto de serem de sua religião. É uma pena que deixemos que os enganadores usem tais oportunidades para desfazer o que fizemos, pois temos a vantagem sobre eles em vários respeitos, mas nossa negligência e a diligência deles nos frustram.

8. Outro, e um dos maiores benefícios de nosso trabalho, será o de melhor informar os homens da verdadeira natureza do trabalho episcopal, ou os despertar para a melhor consideração deste. É comum demais atualmente que os homens creiam que o trabalho do episcopado consiste apenas em pregar bem, batizar, administrar a Ceia do Senhor e visitar os doentes; e por estes meios as pessoas não mais se submeterão, e muitos pastores são tão negligentes para seu trabalho, de modo intencional, que não farão mais do que essas coisas. Entristece meu coração observar alguns pregadores eminentes e capazes que fazem tão pouco esforço pelo salvamento das almas, exceto no púlpito; e quão pouco propósito muito de seu trabalho tem por conta disto. Eles têm centenas de pessoas a quem nunca

falaram uma palavra pessoalmente para realizar a salvação; e, se formos julgá-los por suas práticas, eles não as levam como dever; e a parte que mais endurece os homens neste erro é a negligência da parte privada do trabalho. Tão poucos fazem algo disso, e essa omissão tem crescido entre os homens devotos e capazes, que trouxeram por isso a desgraça a si mesmos; um homem pode ser culpado disso sem qualquer observação comum ou desonra. Nunca um pecado reinou de tal modo na igreja ou no estado, sem que antes ganhasse reputação, ou não trouxesse desgraça ao pecador, nem qualquer ofensa aos que o veem. Mas, pela Graça de Deus, eu não duvido que a prática restaurada da supervisão pessoal convencerá muitos pastores de que esse é realmente o trabalho que devem agora fazer; e muitos se despertarão para a verdade de que o que têm feito é muito diferente da pregação excelente que acreditam estar fazendo. Irmãos, realizem este trabalho diligentemente; e mesmo que o façam silenciosamente, sem quaisquer palavras dirigidas àqueles que são negligentes, espero que a maior parte de vocês aqui vejam o dia em que a negligência da supervisão pessoal do rebanho seja vista como uma omissão odiosa, escandalosa, e que será uma desgraça àqueles que dela forem culpados, tal como um dia a pregação apenas uma vez por dia fora. Um diretor não deve apenas ler um discurso por dia, mas, sim, tomar ciência de cada um de seus alunos, ou fará pouco bem. Se médicos apenas lessem uma palestra da medicina, seus pacientes não ficariam bem; nenhum advogado obtém sucesso lendo uma única passagem da lei. O cargo de pastor requer uma interação pessoal tal como qualquer um desses. Mostremos isso ao mundo por nossa paciência; pois a maioria dos homens cresce apesar das meras palavras.

A verdade é que temos sido levados a danificar a igreja neste aspecto, pelo extremo tomado pelos papistas, que trazem seus povos à confissão auricular; e no ato de nos desfazermos desse erro deles, nós incorremos no extremo oposto e levamos nossos povos muito mais além neste do que nós mesmos fomos.

Perturbou-me ler, em um historiador ortodoxo, que a indecência e o desejo de liberdade dos inquéritos escritos dos padres na confissão muito avançaram a consideração da reforma religiosa na Alemanha. E, ainda assim, é possível que aqueles que se opuseram à reforma em outros aspectos possam, em nome da mudança, e também por essa indecência, unir-se a homens que declamam contra o clero romano. Mas, para que não parecêssemos favorecer essa confissão auricular, acabamos por negligenciar toda a instrução pessoal; exceto nos momentos em que nos encontramos na companhia dos homens, poucos fizeram disso uma parte própria de seus trabalhos. Não possuo dúvidas de que a confissão auricular dos papistas é uma novidade pecaminosa, da qual a igreja antiga não possuía conhecimento. Mas talvez alguns achem estranho que eu diga que nossa negligência à instrução pessoal é consideravelmente pior, se formos considerar as confissões em si, sem considerar as doutrinas conectadas da satisfação e do paraíso. Muitas das igrejas do sul e do oriente usam uma confissão do pecado do pastor; o quanto o senhor Thomas Hooker, em sua "Preparação da alma", assim como outros homens devotos, declaram essa como necessária e útil, isso é sabido. Se qualquer um de nós for culpado desse grandioso erro, de acreditar que ao pregar um pastor realiza todo o seu trabalho, mostremos a esse seu erro ao praticarmos o que lhe falta, para ver que ainda há muito a ser feito e que o ato de se ater ao rebanho é muito diferente do que pastores descuidados e preguiçosos consideram. Se um homem acreditar, mesmo que pouco, que o seu dever, aquele principal, não é realmente um dever, ele provavelmente o negligenciará e será impenitente nesta negligência.

9. Outro benefício em particular que podemos esperar de nossa realização fiel desse trabalho é a de que esse ajudará nossos povos a melhor entender a natureza de seus deveres para com seus supervisores e, consequentemente, os realizarão de melhor maneira. Isso não seria nada de mais se fosse feito apenas pelo nosso bem; mas a salvação deles reside nisso. É

com confiança, e por triste experiência, que digo que não impede a felicidade deles, e da verdadeira reforma da igreja, que o povo não compreenda qual o trabalho e poder de um pastor, e qual seu dever para com eles. Eles comumente acreditam que um pastor não faz nada além de pregar, visitá-los na doença e administrar os sacramentos, e que, se os ouvirem e receberem deles os sacramentos, não lhes devem obediência, nem ele pode demandar mais do povo. Mal sabem eles que o pastor, tal como o diretor em sua escola, deve ensinar e conhecer a cada um em particular, e que todo cristão deve ser discípulo ou erudito de alguma escola. Eles não pensam do pastor como se um médico em uma cidade, a quem todos devem se virar em busca de conselho pessoal para que se curem das doenças que devem ser levadas à atenção do médico; e que os lábios do pastor devem preservar o conhecimento, e as pessoas devem perguntar-lhe a lei, pois ele é o mensageiro do Senhor dos Exércitos. E que toda alma na congregação é atribuída a ele para sua própria segurança, para que confabulem com ele para resolverem seus problemas e suas dúvidas, e para buscar ajuda contra seus pecados, e direção em seus deveres, e para o aumento do conhecimento e da graça salvadora! E que os pastores são intencionalmente assinalados às congregações para esse objetivo, para estarem prontos a aconselhar e ajudar o rebanho. Se nossos povos soubessem de seus deveres, eles prontamente viriam até nós quando ordenados, para receberem instrução e nos dizerem o que sabem, o que vivem e sobre sua fé; e também viriam até nós sem ser convocados, batendo frequentemente em nossas portas e pedindo por conselho e ajuda para suas almas, perguntando: "O que devemos fazer para sermos salvos?". Mas agora a situação é esta, triste, de que se acredite que o pastor não tem nada a ver com eles, e que, se ele os admoestar, eles lhe dirão que olhe para si mesmo, e ele não lhes responderá. Se ele os chamar para serem catequizados ou instruídos, ou que se preparem para a Ceia do Senhor, ou qualquer outra cerimônia divina, ou então que deem relato de sua fé e seus benefícios, eles lhe perguntarão

por que autoridade faz essas coisas; e acharão que é um indivíduo ocupado e pragmático aquele que se mete onde não é chamado, ou um indivíduo orgulhoso por lhes tentar governar as consciências. Poderiam muito bem perguntar-lhe por qual autoridade ele prega ou ora por eles, ou lhes dá o sacramento; ou então perguntar a um diretor por qual autoridade ele chama seus eruditos a aprenderem ou dizerem a lição; ou a um médico por qual autoridade ele lhes comanda que tomem seus remédios. As pessoas não consideram que nossa autoridade é para fazermos nosso trabalho; para que tenhamos o poder de fazer nossos deveres, e nosso trabalho, que é por eles; e é, portanto, uma autoridade para lhes fazer o bem. Não falam, portanto, com qualquer sabedoria; mas, sim, como se estivessem a brigar com um homem que os ajuda a apagar o fogo em suas casas, perguntando-lhe por qual autoridade o fazem; ou que os oferecesse a mão ao vê-los caídos, ou que lhes salvassem do afogamento; e sempre perguntassem por qual autoridade o fazem. Verdadeiramente, não temos interações mais sábias ou gratas com estes homens; não, pior ainda, pois temos a dupla obrigação, pela caridade cristã e pelo episcopado, a lhes fazer o bem. Não sei eu que metáfora pode mais acertadamente explicar o poder e o dever episcopais, e o dever do povo, do que estas conjuntas: a do médico em seu hospital do qual se encarrega, e o diretor em sua escola, especialmente para com filósofos, ou professores de qualquer ciência, ou arte, cuja escola tenha seus membros voluntários e mais velhos assim como crianças. Tais são os pastores da igreja, e tal é o seu trabalho, e a autoridade que neste possuem, e também tal é o dever das pessoas que se submetem a esse; permitindo tais diferenças que a questão requer.

E o que é, então, que trouxe os povos à ignorância de seus deveres, senão o costume? Já faz muito, irmãos, para sermos honestos, já faz muito que não temos feito uso de nós mesmos ou deles para mais do que o mero trabalho comum. Já vimos o quanto o costume faz pelo povo. Onde é de costume, eles não

se colocam ao lado dos papistas na confissão de todos os seus pecados aos padres; porque não é nosso costume, eles desdenham as questões, a catequese ou a instrução. Veem isso como algo estranho e dizem: "Tais coisas nunca foram feitas antes". E, se pudermos prevalecer para fazer deste dever tão normal quanto outros, eles muito mais facilmente se submeterão a eles do que o fazem agora. Que felicidade seria se vocês vivessem até o dia em que será tão comum a todas as pessoas de todas as idades virem em busca de seus professores por conselhos e ajudarem as suas salvações, tanto quanto é agora que eles vão à igreja, ou enviam seus filhos à catequese. Nossa diligência é o meio de se tornar realidade.

10. Além disso, nossa prática dará aos governadores da nação melhores informações sobre a natureza e o peso do episcopado, e assim poderá nos obter maior auxílio. É um obstáculo lamentável à reforma da igreja e à salvação das almas que, nas congregações mais populosas, haja apenas um ou dois homens que possam supervisionar milhares de almas, portanto, faltam trabalhadores o bastante para qualquer trabalho. Assim, se impossibilita fazer qualquer medida do dever pessoal que cada pastor fiel tem de fazer a seu rebanho. Eu tenho dito frequentemente, e devo dizer ainda, que nisso consiste grande parte da miséria da Inglaterra, e dessa grande fome espiritual que existe nas cidades do reino, mesmo onde os outros são insensíveis a isso e se acreditam bem providos. Porém, o que vemos são multidões de pecadores insensíveis, carnais e ignorantes ao nosso redor! Eis aqui uma família, e ali outra, e ali quase toda uma rua ou vila cheia deles, e nossos corações sentem pena; vemos que suas necessidades clamam pelo descanso rápido e diligente que podemos providenciar; e se não formos ávidos em nossa parte, não poderemos ajudá-los; não somente por obstinação deles, mas também por falta de oportunidade nossa. Se pudéssemos ao menos lhes falar, tratar com eles abertamente sobre seu pecado e o perigo deste, haveria a esperança de se fazer o bem para muitos daqueles que pouco recebem de nossos

ensinamentos públicos. Mas não podemos fazer isso; o trabalho necessário nos impede, pois não podemos fazer ambos ao mesmo tempo, e o público deve levar precedência, pois nele lidamos com muitos ao mesmo tempo, e isso é o máximo que somos capazes de fazer; a realização do trabalho público e pouco mais. Se tirarmos tempo no qual deveríamos comer ou dormir, além de enfraquecermos nossos próprios corpos, não poderemos falar com um dentre vários deles; e assim podemos apenas observar enquanto nossos povos perecem, e sentirmo-nos tristes por eles, e não podemos falar com eles para encorajar suas recuperações. Que triste é o caso desta nação que glorifica a plenitude do Evangelho! Um infiel diria que não; mas eu acredito que homem algum que acredita no tormento e na felicidade eterna o diria. Exemplificarei com meu próprio caso: estamos ali presentes, dois pastores e um terceiro na capela, dispostos a oferecer cada hora de nosso tempo para o trabalho de Cristo. Antes de nos empenharmos naquilo que atualmente fazemos, nós estávamos de mãos cheias, e agora separamos dois dias por semana, da manhã até a noite, para a catequese e a instrução privada; assim, qualquer homem pode ver que deixamos de lado nossos outros trabalhos naquele momento, e assim temos de realizar o trabalho público da pregação com pouco tempo de preparo, resultando na mensagem de Deus parecer confusa e crua, incongruente para com sua dignidade e com as necessidades das almas dos homens, algo que muito nos preocupa, ainda mais quando somos nós que fazemos isso. Mas é assim que precisa ser; não há remédio para tal coisa. A não ser que omitamos a instrução pessoal, teremos que ir ao púlpito despreparados; e não ousamos omitir a instrução; não ousamos. É um trabalho deveras necessário. Tendo incorrido então nessas inconveniências e separado dois dias inteiros por semana para o trabalho do qual nos encarregamos, isto é tudo que teremos possibilidade de fazer: passarmos por toda a paróquia ao menos uma vez por ano, pois nela temos quase 800 famílias. E o que é pior, seremos forçados a diminuir isso e fazê-lo menos efetivamente do que deveríamos, tendo mais de 15

famílias para visitar em uma semana. Quão pouco efeito surte falar com um homem apenas uma vez por ano, e quão triste é que sejamos forçados a fazer isso, comparado com o quanto eles necessitam! Ainda assim, esperamos ver frutos provenientes disso; mas quantos mais não poderíamos obter, se pudéssemos falar com eles a cada poucos meses e realizar nosso trabalho mais plenamente, tal como vocês que têm paróquias menores. Muitos pastores na Inglaterra têm dez vezes o número de párocos que eu tenho, senão mais, de modo que, se realizassem seu trabalho do modo que eu realizo, eles só cuidariam de suas paróquias por inteiro uma vez a cada dez anos! E, enquanto esperamos a oportunidade de falar com eles, ouvimos um morrendo após o outro; e, para a grande tristeza de nossas almas, somos forçados a acompanhá-los em suas lápides, sem nunca termos conseguido falar com eles pessoalmente para prepará-los para essa mudança. E qual é a causa dessa miséria, senão que aqueles que nos governam não tenham visto a necessidade de mais pastores nas paróquias, portanto, não permitiram que fundos fossem destinados a isso. Alguns alienam muitos dos fundos da igreja (que o Senhor humilhe todos aqueles que consentiram com tal coisa que não o tenham feito pelo bem da nação), permitindo esta fome nas partes principais do reino. É fácil se separar da multidão, unir igrejas distintas e deixar que o resto se afogue, permitindo que, se as pessoas não forem salvas pela pregação pública, elas sejam condenadas; mas não se esse é o modo mais cristão e caridoso de se fazer as coisas. Qual é a causa disto, desses governos de homens sábios e devotos serem culpados por nossa miséria, de nossos gritos não lhes causarem compaixão? Por acaso eles são tão ignorantes que não estão cientes de tais coisas? Tornaram-se cruéis às almas dos homens, ou são falsos para com os interesses de Cristo e desejam sabotar Seu reino? Não, eu espero que não seja nenhum desses; pelo que vejo, é por razão nossa, dos pastores do Evangelho, que isso ocorre. Por conta dos pastores que, apesar de terem paróquias pequenas, e a capacidade de fazerem toda a parte privada do trabalho, mas ainda não o

fazem; e por conta daqueles nas grandes cidades, que podem fazê-lo em parte, mesmo que não ao todo, mas apenas permanecem ali, fazendo somente o que vem em seu caminho, que é praticamente nada; por tipos como esses, que não dão aos magistrados uma consideração do peso de nosso trabalho, e, se esses não virem nem ouvirem sobre algo, certamente não o reconhecerão. Ou, se compreendem a utilidade da questão, mas ainda veem pastores tão descuidados e preguiçosos a não realizarem seus deveres, eles acreditarão que tais fundos serão em vão, que apenas pagam a manutenção de preguiçosos; portanto, pagam apenas a manutenção de pastores o bastante para pregarem no púlpito, e assim esses farão suas partes, o que os envolve no pecado por nosso intermédio. Se, porém, nós nos empenharmos com todo o coração nesse trabalho e mostrarmos ao magistrado que essa é uma parte séria e necessária de nosso encargo, e que a faríamos corretamente se pudéssemos, e que apenas nos falta quem o faça, com os sucessos de nosso trabalho a nos rodear, então, sem dúvida, se eles forem tementes a Deus e tiverem amor por sua verdade e pelas almas dos homens, eles abrirão a mão do auxílio e não deixarão os homens perecerem por falta de quem lhes falar. Irão, de alguma maneira, aumentar os fundos em locais de alta população, para que os trabalhadores sejam proporcionais ao número de almas e à grandeza do trabalho. Que eles nos vejam trabalhando, e que prosperemos por suas mãos, pois, se for bem administrado, pela bênção de Deus, não há dúvida de que o trabalho prosperará. E então nos empenharemos na promoção deste, e em vez de juntar paróquias para diminuir o número de ensinadores, eles as dividirão, ou permitirão mais ensinadores a uma única paróquia. Mas, quando eles veem tantos pastores carnais gritando por mais fundos a si mesmos, e não por mais ajuda no trabalho do Senhor, eles são tentados, por tais coisas mundanas, a ferir a igreja.

11. Outro benefício que poderá dar sequência a nosso trabalho é o da facilitação do serviço episcopal à próxima ge-

ração, prevenindo uma rebelião das pessoas contra seus ensinadores. Como eu disse, o costume consegue guiar a multidão; aqueles que quebram com um costume destrutivo devem também suportar a força da indignação do povo. E alguém deve fazê-lo: senão isso cairá sobre nossos sucessores, e como podemos esperar que eles sejam mais diligentes e resolutos do que nós mesmos? Já presenciamos o julgamento do Senhor e o ouvimos implorando, pelo fogo e pela espada, com nossa terra. Nós mesmos estivemos na fornalha e devemos, então, estar mais refinados. Temos a mais profunda obrigação, por juramentos e pactos, pelo salvamento, pelas experiências e misericórdias que tivemos; se agora hesitarmos, dermos nossas costas e nos provarmos falsos, por que esperaríamos qualquer coisa melhor daqueles que não foram assombrados por tais coisas? Mas, se eles se demonstrarem melhores do que nós, e o fizerem, o mesmo ódio e oposição que nós evitamos cairão sobre eles, e maiores ainda, devido à nossa negligência; pois as pessoas lhes dirão que seus antecessores não fizeram tais coisas. Contudo, se dermos início a tais coisas agora, para abrir o caminho para aqueles que nos seguirão, suas almas irão nos abençoar, nossos nomes serão queridos por eles, e eles colherão os alegres frutos de nossos trabalhos toda semana e todo dia de seu trabalho. Quando as pessoas se submeterem a suas instruções e análises privadas, e também à disciplina, por nós as termos familiarizado com isso, retirado o preconceito e quebrado o costume negativo que os nossos antecessores causaram, muito teremos feito pelas milhares de almas das eras que virão e também pela era presente em que vivemos.

12. Outro benefício será o de mantermos as mentes e o tempo das pessoas distantes das vaidades que as possuem. Quando os homens trabalham, só falam de suas vaidades; as crianças também aprendem apenas contos e músicas tolas e irreverentes, que maculam suas memórias. Muitas horas são perdidas, e milhares de pensamentos soltos e palavras são tidos como aqueles que botam culpa sobre o homem. Quando,

porém, eles sabem a catequese, e de tudo do qual devem se cuidar, seus pensamentos viverão muito mais nisso.

13. Também os ajudará a organizarem suas famílias e passarem mais frutiferamente o Dia do Senhor. Quando convencermos os mestres de família a examinarem os seus no Dia do Senhor e ouvir o que podem dizer da catequese, eles estarão fazendo o que é de mais útil; sem isso, muitos estariam ociosos, sem fazer nada de bom; e muitos mestres que pouco sabem podem ainda ajudar aos outros nisso.

14. E também fará muito bem a muitos pastores que são aptos ao ócio e passam seu tempo com debates e questões desnecessárias, com leituras e recreações, permitindo-os perceber o quão pouco tempo realmente têm para desperdiçar com tais coisas. E, quando estiverem realizando aquilo ao qual foram chamados, esta será a cura para seu ócio e sua perda de tempo; assim cortando o escândalo que normalmente sucede tais coisas, pois as pessoas costumavam dizer que um pastor poderia sentar-se em uma taverna, ou passar seu tempo assistindo a esportes, ou discursando vaidosamente, então deveríamos fazer o mesmo. Façamos, pois, essa parte de nossos trabalhos e vejamos quanto tempo nos sobra para vivermos ociosamente, de maneira voluptuosa ou mundana.

15. Muitos outros benefícios pessoais serão consequências deste. Muitos virão do exercício e aumento de nossas graças e do subjugamento de nossas corrupções. E, além de nossa segurança, isso também trará paz às nossas consciências e nos confortará quando nosso tempo e nossas ações forem alvos de análises.

a) Nós nos empenharemos em trazer os outros ao arrependimento e ao pensamento divino, o que fará com que os outros se empolguem por si próprios.

b) Declamar o pecado alheio e confrontá-los por isso, dirigindo-os à superação deste, nos ajudará a con-

frontar os nossos próprios pecados, e nossas consciências não nos permitirão que vivamos naquilo que tanto abominamos nos outros.

E esse constante emprego por Deus, de ocuparmos nossas mentes e línguas contra o pecado, por Cristo e pela divindade, muito farão para nos habituar e nos ensinar a superar nossas inclinações carnais, tanto pela mortificação direta quanto pela divergência da atenção, deixando a nossos caprichos nem o espaço, nem o tempo que costumavam ter. Ouso dizer que todas as austeridades de monges e eremitas, que se viciam na solidão infrutífera e são apenas imitadores do servo que esconde seu talento por ter um mestre austero, e acham que se salvarão ao negligenciar a compaixão para com os outros, não farão tanto pelo verdadeiro trabalho da mortificação quanto a diligência em Cristo faz.

16. E também teremos como benefício que, por meio disso, retiramos nossos povos de controvérsias vaidosas, assim como a nós mesmos, e também de que as pessoas empreguem seu cuidado e zelo nas questões menos importantes da religião, que frequentemente atrasam suas edificações espirituais; pois, enquanto nos ocupamos no ensino, e eles, em aprender os fundamentais, nós ocupamos nossas mentes e línguas, e temos menos espaço para coisas mais baixas; isso, portanto, irá curar muita da discórdia entre os pastores e seus povos; pois fazemos aquilo que não precisamos e não deveríamos, para que não façamos aquilo que precisamos e devemos. Se pudéssemos encontrar alguma maneira de atrair as pessoas mais compreensivas que nos pudessem ajudar no auxílio privado (apesar de o preconceito e a imaturidade alheia atrasarem muito isso), esse seria o modo mais efetivo de prevenir quaisquer discordâncias provenientes da pregação; pois esse empenho os ocuparia e contentaria as vontades do ensino às quais eles se inclinam, fazendo-os mais úteis de uma maneira mais saudável e correta.

17. Além disso, a prática diligente desse trabalho teria o efeito de dar cabo das várias controvérsias que assolam a igreja, pondo fim às nossas diferenças. Especialmente aquelas sobre o episcopado, as igrejas e a disciplina, que receberiam luzes mais convincentes por meio da prática do que recebem de nossos debates. Nós muito nos dividimos, e causamos problemas à igreja com várias controvérsias sobre a excomunhão e tais outros casos, que talvez nunca se acabem, ou, se o fizerem, não poderão ser decididas por qualquer homem que não se tenha colocado na prática. É como a profissão do médico, do soldado ou do piloto, que nunca poderão ser úteis em seus trabalhos, não importa o que façam, sem terem experiência. Esse é o único modo de:

a) Fazer homens devotos reais, algo que somente o estudo não fará.

b) Restaurar-nos à simplicidade primitiva, para vivermos das coisas substanciais e necessárias.

c) Direcionar e resolver muitas de nossas disputas que não podem ser acertadas de outra maneira.

Por exemplo: se esse trabalho tivesse sido realizado e fosse para todos visível o que significa a supervisão das almas, algum prelado teria debatido pela supervisão por 200, 400 ou milhares de igrejas, ou para que os presbíteros fossem apenas curadores? Teriam eles lutado tal como fizeram para trazerem para si os pesos de montanhas, e para que respondessem a Deus como supervisores e pastores de tantas mil pessoas, cujas faces eles jamais veriam, quanto mais lhes dizer uma única palavra sobre a vida eterna? Eles não teriam dito: "Se eu for um bispo, deixe-me ser um bispo da paróquia, ou não ter mais para supervisionar do que sou capaz, e deixe-me ser tal como os bispos antigos, que tinham apenas uma igreja,

e não centenas para cuidar; e não me permitam que me empenhe em realizar impossibilidades, e isso sob pena da condenação e da certa destruição do cargo que eu tomo"? Certamente esses sim seriam seus objetivos. Não digo isso contra qualquer bispo que reconheça os presbíteros como os verdadeiros pastores a governarem e ensinarem o rebanho, e que se veem apenas como os chefes ou presidentes entre os presbíteros, que por si governam seus rebanhos; mas, sim, daqueles que anulam o cargo do presbítero, e o governo da igreja e a disciplina, por acreditarem que somente eles possuem essa prerrogativa.

Muitas outras controvérsias sobre a disciplina poderiam ser exemplos aqui, e serão melhor resolvidas por meio dessa prática e a experiência que ela trará, certamente mais do que todas as disputas fizeram até agora.

18. O objetivo deste trabalho é o de reformar e salvar todas as pessoas de nossas várias paróquias; pois não devemos deixar para trás qualquer homem disposto a ser instruído. E, por mais que não possamos esperar que toda pessoa vá reformar-se e ser salva, nós ainda assim devemos ter essa esperança, pois, quando a tentativa é universal, o sucesso será maior do que vimos em outros momentos. Pois, acredito, tal como o Evangelho requer que o ensinemos a toda criatura, e prometamos vida a cada homem, e que ele aceitará se acreditar. É da vontade de Deus que todo homem seja salvo e que encontre o conhecimento da verdade; como reitor e benfeitor do mundo, Ele se manifestou intencionalmente para salvar todos os homens se eles quiserem segui-lo, e Seus eleitos estarão certamente dispostos; segue-se, portanto, que devemos oferecer a salvação a todos os homens e devemos encorajá-los a buscar a verdade de Deus; e se Cristo morreu por todo homem, é claro que devemos pregar sua morte para todo homem. Este trabalho tem um maravilhoso objetivo, muito melhor do que nossas conferências acidentais com a ocasional pessoa privada. E eu vejo que, em

tais discursos ocasionais, os homens ficam satisfeitos de terem dito algumas poucas boas palavras, mas raramente se colocam propriamente a convencer os homens do pecado, da miséria e da misericórdia, tal como devemos fazer em nosso trabalho real agora.

19. E, além disso, é provável que nosso trabalho alcance todo o reino, e não simplesmente pare conosco que o começamos. Pois, mesmo que no presente seja negligenciado, eu suponho que a causa disso é a mesma que assola a nossos irmãos, que, por expectativas vaidosas da interposição dos magistrados, ou por falta de consideração e preguiça que nos afetam ainda nestes dias, omitiram o que fizeram até agora; mas, especialmente, por um desespero diante da insubmissão daqueles que se provaram problemáticos. Todavia, quando eles forem lembrados de seus grandes deveres, e inclinados à consideração destes, e virem conosco que isso é possível, quando feito por meio do consentimento geral, certamente todos os realizarão e concordarão alegremente conosco em um trabalho tão abençoado. Pois eles são servos do mesmo Deus; consideram seus rebanhos com a mesma ternura que consideramos os nossos, são tão sensíveis aos interesses de Cristo quanto nós, tem tanta compaixão para com as almas dos homens quanto e são tão capazes da autonegação quanto nós somos, prontos para sofrer por objetivos excelentes. Vendo, portanto, que eles têm o mesmo Espírito, a mesma lei e o mesmo Senhor, não serei tão cínico a ponto de duvidar que todos aqueles devotos irão prazerosamente se unir a nós por toda a nação. E que felicidade será ver tal união em nome de Cristo; ver toda a Inglaterra responder a um chamado sério, abrindo caminho aos Céus em nome de Cristo! Acredito eu que a consideração disso deveria fazer com que nossos corações se regozijem de vermos tantos servos fiéis de Cristo por todos os lados, aproximando-se dos pecadores com pedidos diligentes pela salvação de suas almas, sem permitirem uma resposta negativa. Eu vejo já que os pastores devotos da Inglaterra se preparam para este traba-

lho, decididos a aceitar as oportunidades que serão facilitadas pela unanimidade, as quais certamente terão sucesso nas mãos de Deus. Não é este um projeto prazeroso no qual nós nos colocamos e no qual pedimos a ajuda de Cristo hoje?

20. Por último, o dever que se põe diante de nós é de tal peso e excelência que a principal parte da reforma da igreja consiste nisso; e esse deve ser o modo principal de nossa resposta ao julgamento, às misericórdias, às orações, às promessas, ao custo, aos esforços e ao sangue da nação; e sem essas coisas não será feito; os objetivos disso tudo jamais serão alcançados, a reforma do propósito jamais ocorrerá, a igreja ainda será fraca, o interesse de Cristo será negligenciado, e Deus terá controversas com nossa terra e, acima de tudo, com os pastores que nela mais forem culpados.

Por quanto tempo não falamos de reforma, quanto dissemos e fizemos por ela, e quão profunda e devotamente nós juramos por ela! (Falarei mais sobre isso adiante). E, depois disso tudo, quão vergonhosamente nós a negligenciamos, algo que fazemos até hoje! Nós nos portamos como se não soubéssemos, ou não tivéssemos considerado, o que essa reforma era, à qual tanto juramos. Como homens carnais, que se entendem cristãos, e professam com confiança que creem em Cristo e aceitam Sua salvação, e por Ele lutam, mas ainda assim não O aceitam e morrem em sua recusa, mesmo que nunca sonhassem em recusá-Lo, apenas por não compreenderem o que Sua salvação é e como ela é realizada; mas sonham com uma salvação que não lhes desagrade a carne, que não envolva a autonegação e a renúncia ao mundo, sem envolver o abandono dos pecados e sem qualquer devoção, sofrimento ou trabalho de subserviência a Cristo e ao Espírito; tal como estes, muitos pastores também falaram, escreveram, oraram, suspiraram e pediram pela reforma, e nunca teriam acreditado se alguém lhes dissesse que, mesmo enquanto isso eles eram opostos à reforma, e que aqueles que estavam orando e jejuando por ela, e derramando seu sangue, estes jamais a acei-

tariam, e apenas a rejeitariam e a destruiriam. Mas ainda assim essa é a realidade, como tem sido claramente comprovado. E de onde vem essa falsidade para com si próprio, com a qual os bons homens já deveriam estar familiarizados? Ora, é um caso simples: eles pensaram que a reforma seria feita por Deus, não em algo que teria de ser feito por eles próprios. Consideraram-na uma bênção, mas nunca pensaram nos meios de realizá-la, como se esperassem que todas as coisas que não fossem eles próprios deveriam ser consertadas sem eles; ou que o Espírito Santo fosse novamente aparecer milagrosamente; ou que cada sermão fosse converter milhares, ou que algum anjo dos Céus, ou algum Elias seria enviado para restaurar todas as coisas; ou que a lei de algum parlamento, ou a espada de um magistrado fossem converter ou constranger a todos, e isso bastaria. Pouco pensaram eles em uma reforma que devesse ser feita pela diligência e pelos trabalhos incansáveis deles, pela pregação honesta, pela catequese, pela instrução pessoal e pela atenção ao rebanho, quaisquer fossem as dores que lhes fossem causadas por isso ou as reprovações que atraíssem. Não pensaram em uma reforma completa, que fosse multiplicar seus trabalhos. Todos tivemos pensamentos carnais, de que, quando tivéssemos o homem carnal à nossa misericórdia, tudo estaria feito e que conquistá-los seria convertê-los, ou que os teríamos assustado para seguirem o caminho ao Céu. Mas a realidade é muito diferente e, se tivéssemos na época compreendido como essa reforma seria realizada, talvez tivéssemos sido mais frios em obtê-la. Mas, por outro lado, mesmo grandes trabalhos parecem pouco importantes a distância, por mais que falemos ou ouçamos sobre eles; mas, quando se aproximam e chega a hora de pormos a mão na massa, de vestirmos nossas armaduras e marcharmos diante das dificuldades, então, a sinceridade e a força do coração do homem deve se provar, e então será demonstrado o quanto valia a determinação prometida antes. A reforma é para nós tal como o Messias foi para os judeus. Antes que Ele viesse, eles O esperavam, falavam d'Ele e se regozijavam em esperança; mas, quando Ele veio, eles O odia-

ram e não acreditaram que Ele era a Pessoa, e, portanto, perseguiram-No e O mataram, confundindo e amaldiçoando toda a nação. *"E de repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais; e o mensageiro da aliança, a quem vós desejais, eis que ele vem, diz o Senhor dos exércitos. Mas quem suportará o dia da sua vinda? E quem subsistirá, quando ele aparecer? Porque ele será como o fogo dos ourives e como o sabão dos lavandeiros. E assentar-se-à como fundidor e purificador de prata; e purificará os filhos de Levi, e os refinará como ouro e como prata; então ao Senhor trarão oferta em justiça"* (Ml 3.1-3). E a razão foi por ser outro tipo de Cristo que os judeus esperavam, não o Jesus que lhes apareceu. Esperavam um que lhes trouxesse riqueza e liberdade, e até hoje eles professam que não irão acreditar em nenhum outro. Esse é o mesmo comportamento que muitos têm para com a reforma. Eles esperavam uma reforma que lhes trouxesse mais riquezas, mais honra para com o povo, mais poder para forçar os homens a fazerem aquilo que pedem; e agora veem uma reforma que lhes traz mais condescendência e dores do que tinham antes; e isso eles não aceitam. Eles se imaginaram com aqueles que se opõem à divindade aos seus pés, e agora veem que devem ir a eles com súplicas humildes e pôr as mãos sob os pés deles, mansamente pedindo até mesmo àqueles que um dia quiseram suas mortes; e convencê-los por gentileza, vencê-los por amor! Quantas expectativas carnais aqui findam!

Ocorre também que muitos baseiam a reforma em suas opiniões pessoais. Os prelados acreditam que a verdadeira reforma os restaurará ao poder; os presbíteros, que se os prelados e os independentes fossem desfeitos e novas escolas montadas, tudo estaria feito; os independentes, que, se eles tivessem unido um grupo separado de pessoas devotas em aliança, muito da reforma já estaria feito; e os anabatistas acham que, se pudessem convencer as pessoas a se rebatizarem, então, sim, ocorreria a reforma. Não irei reprovar qualquer um desses nesta questão (mas, de todos, esses últimos em especial a merece-

riam); apenas desejo apontar que eles apoiam tanto sobre suas ordens e formalidades; quando, de fato, se tivéssemos a forma mais justa de governo neste mundo, a reforma executaria os usos dos mais diligentes e prudentes meios para a conversão e a edificação, por homens capazes e fiéis.

Irmãos, digo-lhes com confiança que, se realizarem fielmente aquilo com o qual concordaram, tanto na catequese e na instrução pessoal quanto na questão da disciplina, onde temos todos falhados nas partes mais controversas, vocês farão muito mais pela verdadeira reforma, que é a coisa que todos desejamos e pela qual oramos, do que jamais foi feito. Se os bispos fizessem esse trabalho, eu lhes diria que são reformadores; e se os presbíteros o fizerem, reformadores serão; e àqueles que negligenciam ou atrapalham este trabalho, a esses chamarei de *deformadores*. Que esse trabalho seja bem feito, este que Deus fez tão necessário para a conversão, preservação, restauração e salvação dos homens; e aqueles que fizerem esse trabalho, sejam prelados ou presbíteros, não verão oposição de minha parte. Mas não é a criação de cânones, nem de ordens ou de nomes, que os homens entenderão como uma verdadeira reforma! Não é a circuncisão ou a não circuncisão, ser um judeu ou um gentio, preso ou livre, que trazem sucesso a algo, mas, sim, uma nova criatura e uma nova fé que trabalhe pelo amor. Essa é a reforma que melhor cura a ignorância, a infidelidade, o orgulho, a hipocrisia e a mundanidade, e que mata outros pecados que assolam nossa terra e que melhor traz os homens à fé e à devoção. Não que eu queira desvalorizar qualquer verdade ou dever, ou que parte da vontade de Deus seja rejeitada; mas o Reino de Deus não consiste em todas as verdades ou deveres, nem nas cerimônias e circunstâncias, nem nas carnes ou nas bebidas; mas, sim, na paz, na justiça e no prazer do Espírito Santo.

Caros irmãos, são vocês e aqueles tal como vocês, que sob Cristo devem ainda dar a esta nação o fruto de todas as suas orações e dores, seus custos e sangue, e seus sofrimentos.

Tudo que eles têm feito pelo bem da igreja e pela verdadeira reforma há tantos anos foi apenas para preparar o caminho para vocês virem e fazerem o trabalho que eles desejavam. O que eles fariam, pelo fogo ou pela espada, por tambores e trompetes, para converter as almas? As ações de exércitos e comandantes famosos, que parecem tão gloriosos e fazem tal barulho que o mundo ecoa com eles, o que eles fizeram ou podem fazer que valerá a pena sem vocês presentes? Quando as consideramos, todas as vitórias e proezas obtidas até agora não são realmente gloriosas, sendo, na verdade, lamentáveis; um açougueiro pode se vangloriar de ter matado várias bestas, ou um executor pode falar dos homens que levou à forca, pois a guerra é o julgamento temporal mais pesado, e eles teriam menos causa para se glorificarem se seus objetivos estivessem errados. Se seus corações, causa e objetivo forem corretos, e eles forem nisso tão honestos quanto qualquer homem neste mundo, estes, então, serão seus pioneiros, que cortarão os espinhos no caminho, livrar-se-ão dos destroços e os prepararão no local em que edificarão sua casa. Eles não podem, com todas as suas vitórias, exaltar o Senhor Jesus Cristo na alma de um pecador; portanto, não podem edificar o reino espiritual, pois o coração de um homem é sua casa e seu trono. Se o trabalho chegar a seu fim quando acabar o deles, e não for mais adiante, nós terminaríamos exatamente no começo; e uma geração de inimigos de Cristo se seguiria à outra, e aqueles que derrubassem os ímpios herdariam seus vícios quando possuíssem seus lugares, e seriam talvez piores por terem culpa mais profunda e se empenhado mais na realização do mal. Toda essa balbúrdia, então, que mexeu com a nação, foi para que o trabalho fosse colocado em suas mãos; deixarão que morra aí? Eles lhes abriram a porta e, com grandes custos e sofrimentos, removeram todos os seus obstáculos e colocaram os instrumentos de construção em suas mãos; e vocês ficarão aí, sem agir? Levantem-se, irmãos, e deem à nação os frutos de seus custos e seus trabalhos! Não frustrem os trabalhos daqueles que os prepararam; não falhem para com as expectativas de tantos mil que oraram por uma reforma verdadeira, paga em esperan-

ça, buscada por esperança, sofrida com esperança e esperada até agora pela esperança. Em nome de Deus, atenham-se para não desapontar as esperanças! Eles tanto tempo passaram cercando o vinhedo, retirando as ervas e o aparando, preparando tudo para vocês, e agora vocês falharão quando devem colher os frutos, e perderão este trabalho, quando o campo já está plantado? Se eles soubessem de antemão que os pastores se provariam preguiçosos ou infiéis, quantas centenas teriam poupado seu sangue, quantos mil teriam ficado inertes, e deixado os velhos leitores e formalistas em paz, e dito: "Se devemos ter homens preguiçosos e incapazes do sucesso, tanto faz um pelo outro; não vale a pena o custo e a dor da mudança de um pastor incapaz pelo outro." O objetivo é mover e avivar o agente em tudo que faz. Quantos não oraram, pagaram e sofreram na expectativa de que isso fosse trazer grandes benefícios à igreja, e uma iluminação e reforma da nação, através de vocês, senhores, que enganam agora a todos? Novamente lhes digo que é de suas mãos que eles esperam pela felicidade em tudo isso. Os olhos da nação estão, ou deveriam estar, todos por Deus e focados em vocês, à espera de que lhes trouxessem a colheita que fizeram com seus custos e trabalhos. Eu professo que me encontro surpreso diante da temível duplicidade do coração do homem, de ver como alguns podem encorajar aos outros que façam seus deveres, ou os censurem por não os fazer, sendo excelentes juízes nos casos dos outros e péssimos nos seus próprios. Os professores mais diligentes da nação poderão reclamar, e com motivos, contra uma facção ou outra facção, e contra os sabotadores ímpios daqueles que acharam que fossem realizar o trabalho, e contra aqueles que perturbam a reforma que ocorre, e dirão: "Estes traíram a igreja, e frustrarão os custos e as esperanças da nação, e desfizeram tudo que estava há tanto tempo sendo feito." E ainda assim não veem, ou não querem ver, que nós somos culpados disso tanto quanto eles. Não foram os magistrados, mas, sim, os pastores, a quem por tanto tempo esperamos para que realizassem a salvação.

Irmãos, seria um estranho erro se algum de nós pensasse que o preço da riqueza e do sangue da nação fora o de nos

garantir benefícios, e derrubar os bispos, e nos dar em silêncio a possessão dos mantimentos dos quais fomos privados. Era a intenção desta reforma que vivêssemos com maior facilidade e sucedêssemos os pastores removidos em seus pecados menos terríveis. Por acaso, senhores, nós somos mais que os outros homens, do que o povo que fez tudo isso por nós? Devemos empobrecer toda uma nação para providenciar para nós mesmos um modo de vida? O que eles veem em nós, que devem tanto nos mimar? Não somos por acaso homens, carne frágil e corrupta, pecadores indignos como eles? Certamente foi por nosso trabalho e nosso objetivo, e não por nós, mas para podermos fazer nosso trabalho, que eles fizeram tudo isso! O que dizem, então, irmãos? Lidarão honestamente com aqueles a quem tanto devem e pagarão a dívida que tem para com a nação? Ou frustrarão o sangue da nação? Vocês agora são chamados para responderem e devem fazê-lo! O trabalho agora se encontra diante de vocês; e nessas instruções a todo o rebanho, assim como na pregação pública, é nisso que eles consistem. Outros fizeram suas partes, aguentaram seus pesos, e agora é a vez de vocês. Podem facilmente ver quão importante é o que se encontra em suas mãos, e quantos serão injustiçados se vocês falharem, e também quanto pela ausência de seu trabalho será perdido. Se seu trabalho valer mais do que todos os tesouros, perigos e vidas, mais do que as almas dos homens e o sangue de Cristo, então se sentem e não ajudem os ignorantes ou os ímpios; sigam seus prazeres e suas coisas mundanas, ou simplesmente descansem. Não importunem os pecadores, nem sua própria carne; mas deixem que seus vizinhos se afoguem; e se a pregação pública não os salvar, que pereçam. Mas, se esse não for o caso, atenham-se. Direi mais disso adiante.

II

Tendo lhes dado as primeiras razões mais comoventes, derivadas dos benefícios presentes no trabalho que devemos realizar, chego então ao *segundo* tipo, que são aquelas deri-

vadas das *dificuldades*; que, se fossem vistas por si próprias, ou em um momento inoportuno, confesso que poderiam ser mais desencorajamentos do que razões; mas, com aquelas já mencionadas, e também aquelas que seguirão depois, a história é outra: pois as dificuldades devem nos levar à maior diligência. E certamente encontraremos muitas dificuldades, tanto em nós quanto nas outras pessoas, que, por serem tão óbvias, suas experiências não lhes deixarão espaço para dúvidas. Passarei por elas rapidamente, portanto.

1. Há em nós muita lentidão e preguiça, de modo que muito é necessário para sermos fiéis com um trabalho tão árduo. Como um preguiçoso em sua cama, que sabe que deve levantar-se, mas demora e fica tanto tempo quanto pode, assim nós nos comportamos para com nossos deveres, que nossas naturezas corruptas lutam contra e nos pedem o uso de todos os nossos poderes. A mera preguiça prende as mãos de muitos.

2. Nós temos também uma disposição básica para agradar aos homens, que fará com que permitamos que os homens pereçam para que não percamos seu amor, e assim deixaremos que eles vão ao Inferno para que não fiquem bravos conosco por serem chamados à salvação. Estamos dispostos a arriscar a raiva de Deus e jogar nossos povos na miséria eterna, para evitar que não sejam nossos amigos. Essa disposição deve ser diligentemente resistida.

3. Alguns de nós também são acometidos por uma timidez tola, que nos impede de interagir com os outros e falar-lhes de maneira simples. Somos tão modestos, que coramos ao falar de Cristo, ao contradizer o demônio, ou ao salvar uma alma, quando não temos vergonha de outras coisas mais vergonhosas.

4. Somos também tão carnais, que temos à disposição os interesses da carne, que nos levam à infidelidade a Cristo; para que não percamos nossas possessões, ou atraiamos problemas, ou coloquemos as pessoas contra nós. Todos estes requerem diligência e grande resistência.

5. O maior impedimento de todos é o de que nós somos fracos na fé; então, quando nos deveríamos empenhar a converter um homem com todas as nossas forças, se houver a sombra da descrença em nós, virão à tona os questionamentos do Inferno e do Céu, pois a crença neles é fraca e não nos traz ao zelo constante, decidido e fervoroso; portanto, o todo é fraco, já que a fonte da fé é fraca. O que os pastores devem fazer por si mesmos, então, é olhar para a fé, especialmente para a Escritura, sobre a felicidade e o tormento da vida por vir, e se alegrar neles.

6. E, por último, temos uma inabilidade na totalidade e uma inaptidão para esse trabalho. Quão poucos sabem como lidar com um homem ignorante e mundano de modo a salvá-lo! A alcançar dentro dele, e vencê-lo, e adequar o que dizemos para sua condição e temperamento; a escolher os melhores assuntos e segui-los com uma mistura de seriedade, terror, amor, mansidão e interesses evangélicos! E quem é apto a tal coisa? Eu professo, em seriedade, que me parece por experiência uma questão difícil a de conferir com uma pessoa carnal para realizar sua mudança, muito mais do que pregar os sermões que fazemos ordinariamente, muito mais. Essas dificuldades em nós devem nos despertar para suas resoluções, para as preparações e à diligência, para que não sejamos tomados por elas e impedidos do ou no trabalho.

Em nosso povo, também encontramos muitas dificuldades.

1. Muitos deles irão teimosamente se recusar a ser ensinados e se recusarão a vir até nós, como se fossem bons demais para serem catequizados, ou velhos demais para aprender, a não que lidemos com eles com sabedoria tanto em público quanto de maneira privada, e, por força de razão e pelo poder do amor, conquistemos suas perversidades, as quais devemos confrontar.

2. Muitos que estão dispostos são extremamente lentos, mal poderiam aprender uma única página do catecismo, portanto, se mantêm distantes, envergonhados por ignorância, a não ser que sejamos sábios e diligentes em encorajá-los.

3. Mesmo quando eles vêm, tão grande é a sua ignorância que eles acharão incrivelmente difícil compreendê-los; e se vocês não tiverem a habilidade de fazer as coisas parecerem simples, eles partirão tão estranhados com o que aprenderam quanto antes.

4. Ainda mais difícil será trabalhar as coisas sobre os seus corações e direcioná-los a produzir mudanças salvadoras, que é o nosso objetivo e sem o qual o trabalho é perdido. Que rocha é o coração carnal endurecido! Quão duramente resistirá às persuasões mais poderosas, e ouvirá sobre a vida e a morte eternas como se não fossem nada! Se vocês não tiverem, portanto, forte seriedade e fervor, e a expressão que transmita ambos, o que poderão esperar? E, quando tudo estiver feito, o Espírito da graça deve fazer seu trabalho; mas, como Deus e os homens usam os instrumentos mais apropriados para a natureza dos agentes, do trabalho e do objetivo, aqui também o Espírito da sabedoria, da vida e da devoção não trabalha por meio de instrumentos carnais, tolos e mortos, mas pelas persuasões da vida, da luz e da pureza, que são mais como Ele e o trabalho que deve ser feito.

5. E, quando vocês tiverem feito as impressões mais desejadas sobre os corações deles, se não os supervisionarem e não cuidarem deles de maneira apropriada quando se forem, seus corações logo retornarão à dureza anterior, e seus velhos companheiros e tentações renderão todos os esforços nulos. Eu meramente cito essas coisas para as saberem. Todas as dificuldades do trabalho da conversão, as quais vocês já devem conhecer, estão aqui diante de nós no trabalho atual; e não as enumerarei, pois presumo que isso seja desnecessário.

III

O *terceiro* tipo de razões são derivadas da *necessidade* do trabalho; pois, se não fosse necessário, os preguiçosos poderiam ser desencorajados em vez de inclinados pelas dificul-

dades mencionadas. E, se nós fôssemos discorrer sobre o assunto, encheríamos um volume inteiro somente dele. Mas, como eu já demorei mais do que pretendia, darei a vocês aqui uma breve ideia das questões da necessidade.

Em primeiro lugar, falemos da necessidade por obrigação, "*Ut Officium, necessitate præcepti*",[189] no segundo falaremos da necessidade "*ad finem*",[190] e aquela por Deus, por nossos vizinhos e por nós mesmos.

Temos sobre nós a obrigação dos preceitos da escritura, tanto geral quanto especial; a obrigação subserviente pelas promessas e ameaças; essas são seguidas pelas execuções de julgamentos e misericórdias; e temos a obrigação de nosso próprio empreendimento diante de nós. Essas todas merecem suas considerações, mas não insistirei nelas para não ser tedioso.

1. Todo cristão é obrigado a fazer tudo que pode pela salvação de outros; mas todo pastor tem uma dupla obrigação, pois ele é separado do Evangelho de Cristo e deve se entregar de todo para este trabalho (Rm 1.1; 1Tm 4.15). É desnecessário que façamos qualquer questão a mais sobre nossa obrigação, quando sabemos que esse trabalho é necessário para a conversão e salvação do povo, e que somos geralmente comandados a fazer tudo que for necessário para esse fim, tal como fomos capazes. Que eles são necessários para nossos objetivos já foi demonstrado antes e será demonstrado de novo depois. Mesmo aos mais velhos professores devem ser ensinados os princípios dos oráculos de Deus se os tiverem negligenciado ou esquecido, disse o apóstolo: *πάλιν χρείαν ἔχετε τοῦ διδάσκειν ὑμᾶς τινὰ τὰ στοιχεῖα τῆς ἀρχῆς τῶν λογίων τοῦ θεοῦ*[191] (Hb 5.12), que os não convertidos tenham necessidade da conversão, e a possibilidade dela, eu espero que não esteja em dúvida entre nós; e também que

[189] "Por ofício: necessidade de comando".

[190] "Até o fim".

[191] "Tendes, novamente, necessidade de alguém que vos ensine quais são os princípios elementares dos oráculos de Deus".

a necessidade desse meio tenha sido esclarecida pela experiência. Deixemos que aqueles que têm sofrido mais em público olhem para seus povos e vejam se muitos deles ainda não são tão ignorantes e descuidados quanto eram antes de ouvirem o Evangelho. De minha parte, estudo para poder falar de maneira simples e energética. E também para falar verdadeiramente, e esse é meu estudo principal. E ainda assim me encontro com aqueles que me ouviram por oito ou dez anos, que não sabem se Cristo é homem ou Deus, e se surpreendem quando lhes conto a história de Seu nascimento, vida e morte, e passam adiante o Evangelho sem nunca o ter escutado antes; e que não sabem que as crianças possuem o pecado original; e daqueles que sabem a história do Evangelho, quão poucos sabem da natureza do arrependimento, fé e devoção que são requeridos, ou ao menos de seus próprios corações! Mas a maioria deles tem uma confiança infundada em Cristo para perdoá-los, justificá-los e salvá-los enquanto o mundo carnal tem seus corações, e vivem pela carne, e esta confiança é o que eles compreendem como a justificação da fé. Eu tenho descoberto por experiência que um bêbado ignorante que tenha sido um ouvinte ingrato por tanto tempo ainda possui mais conhecimento e consciência em uma meia hora de conversa próxima do que tiveram por dez anos de pregação pública. Sei bem que a pregação pública do Evangelho é o melhor meio, pois falamos a vários ao mesmo tempo; mas, em qualquer outra situação, é normalmente mais efetivo pregarmos pessoalmente a um pecador em particular; para os mais simples, pois não podemos falar em público tão simplesmente quanto eles necessitam, mas em particular poderemos muito mais. Em público, não podemos utilizar expressões tão caseiras, ou repetições, tal como a simplicidade deles necessita, mas em particular poderemos. Em público, nossos discursos são longos, e tendemos a atropelar suas compreensões e memórias, deixando-os confuso, perdidos e incapazes de nos seguir, e uma coisa leva a outra, de modo que não sabem o que dissemos; mas em particular po-

demos trabalhar "*gradatim*"[192] e levá-los conosco conforme falamos, de modo que, por questões e respostas, poderemos ver o quanto eles conseguem nos seguir e o que devemos fazer para levá-los. Em público, perdemos a atenção deles, porém, quando são interlocutores, podemos facilmente fazer com que participem. Além disso, podemos, como dito anteriormente, responder às suas objeções de maneira mais satisfatória e os engajar por promessas antes de deixá-los, algo que não podemos fazer em público. Concluo, portanto, que a pregação pública não será suficiente; pois pode ser um ótimo método de se converter muitos, mas ainda assim muitos outros se perdem, que podem ser alcançados pela experiência e por outros meios. Vocês estudarão e pregarão em vão se negligenciarem esse dever.

Para exemplos de obrigações especiais em particular, poderemos mostrar várias, tanto do próprio Cristo, que usou dessa pregação interlocutória tanto com Seus discípulos quanto com os judeus, e também dos apóstolos, que fizeram o mesmo; mas certamente seria um tédio desnecessário recitarmos passagens tão bem conhecidas àqueles que já as conhecem, já que era de costume dos apóstolos que pregassem de maneira interlocutória e debatessem suas conclusões. Assim, Pedro pregou aos judeus (At 2), e a Cornélio e a seus amigos (At 10), e também Felipe pregou ao eunuco (At 10), e Paulo pregou ao carcereiro (At 16), e muitos outros. É claro que essa era a maneira mais comum de se pregar nos tempos antigos, algo que certa vez ocasionou que os quacres nos desafiassem a demonstrar momentos em que tivessem tomado algum texto e pregado tal como fazemos (algo que eles descobriram ter ocorrido, pelo próprio Cristo, em Lucas 4.18). Paulo pregou pessoalmente a homens de boa reputação, para que não fizessem seu trabalho em vão (Gl 2.2), e aquela conjuração sincera em 2Tm 4.1-2 certamente também incluiu isto: "*Conjuro-te, pois, diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu reino, que pregues a palavra, instes a tempo*

[192] "Gradualmente".

e fora de tempo, corrijas, repreendas, exortes, com toda a longanimidade e doutrina." Tanto a pregação pública como todo tipo de reprovação e exortação são aqui necessárias.

E, como esses preceitos são seguidos com promessas e ameaças, é algo bem sabido, portanto, passarei por isso rapidamente.

2. Há também a necessidade deste dever "*ad finem*".[193]

a) Para trazer maior glória a Deus, pelo sucesso completo do Evangelho; não simplesmente a Sua glória, como se Ele não pudesse ter glória sem isso; pois nossa salvação não é necessária à Glória d'Ele; mas, para que Sua glória seja ainda maior, pois Ele fica mais honrado e agradado quando somos salvos; pois Ele jurou que não tem prazer na morte de um pecador e prefere que ele retorne e viva. E, sem dúvida, tal como todo cristão vive na Glória de Deus, ele tomará o curso que for mais apropriado para isto ocorrer; pois que homem não quer atingir seu objetivo? Irmãos, se pudéssemos propagar esse trabalho por todas as paróquias da Inglaterra e fazer nossos povos se submeterem a ele, e então o realizássemos com habilidade e zelo, que glória isso traria à nação, e que glória então isso adicionaria a Deus! Se nossa ignorância comum fosse, por meio disso, banida, nossa vaidade e ócio se tornassem o estudo do meio de vida, e todo lar se ocupasse em aprender os catecismos, e falasse da palavra e dos trabalhos de Deus, que prazer Deus teria em nossas cidades e condados! Ele se faria presente em nossas habitações e faria delas Seu prazer. É a Glória de Cristo que brilha em Seus santos, e toda a glória deles é a Sua glória; portanto, aquilo que os honra, em número ou excelência, honra a Ele. A Glória de Cristo será tão incrível e notável na nova Jerusalém, quando a igreja tiver aquela resplandecência descrita em Apocalipse 21. Ele é o sol e

[193] "Até o fim".

o escudo de Sua igreja, e Sua luz é aquela na qual eles terão luz; e o trabalho de cada santo é o de glorificá-Lo. Se, portanto, pudermos aumentar o número ou a honra dos santos, aumentaremos, então, a honra do Rei dos santos; pois Ele terá serviço e louvor onde antes tinha apenas desobediência e desonra. Cristo também será honrado pelos frutos de Seu sangue derramado, e o Espírito da graça no fruto de Suas operações; e isso tudo requer que realizemos nosso trabalho com diligência.

b) Esse dever também é necessário para o bem-estar de nossos povos. O quanto ele os leva à salvação é claro. Irmãos, vocês poderão olhar com fé para seus vizinhos miseráveis, sem perceber que eles imploram por ajuda? Não há um único pecador para com o qual não devamos ter compaixão, para que nós os livremos de maneira mais efetiva. Vocês passarão por eles, tal como pelo homem ferido no caminho? Não conseguem ouvi-los clamando por vocês, tal como o homem na Macedônia fez a Paulo em sua visão: "Venham e nos ajudem"; e passarão por eles? Recusarão ajudá-los? Vocês por acaso são confiados com um hospital onde alguém sofre em um canto, e em outro há um que chora e pede "ajude-me, tenha pena de mim, pelo amor de Deus", e um terceiro ainda enlouquece, e destruirá a si mesmo e a vocês; e mesmo assim vocês se sentarão e lhes recusarão ajuda? Se algo pode ser dito contra aquele que não alivia o corpo do homem, o que não poderá ser dito contra aqueles que não aliviam as almas dos homens! "*Quem, pois, tiver bens do mundo, e, vendo o seu irmão necessitado, lhe cerrar as suas entranhas, como reside nele o amor de Deus*?" (1Jo 3.17). Vocês não são homens tão endurecidos que não terão pena do leproso; terão pena dos nus, dos presos, dos desolados, terão pena daquele que é atormentado por dor ou doença, mas não dos pecadores ignorantes? Não terão pena daquele que é retirado da presença do

Senhor e que existe sob Sua raiva incansável, quando o arrependimento poderá prevenir isso? Que tipo de coração não teria pena de tal pessoa? De que poderia ser chamado tal coração? Seria este de pedra, ou o coração de um tigre, ou até mesmo um coração infiel? Pois, certamente, se acreditasse na miséria do impenitente, não seria possível não ter pena dele! Como poderão dizer aos homens no púlpito que eles serão certamente condenados se não se arrependerem, e ainda assim não sentem pena deles ao declararem o perigo em que se encontram? E se têm pena deles, por que não fazem esse pouco por suas salvações? O médico não tem desculpa quando tem o dever de salvar os doentes, quando todos os seus vizinhos podem ajudá-lo.

Irmãos, e se vocês ouvissem dos pecadores, clamando por vocês nas ruas: "Senhores, tenham pena de mim e me deem seus conselhos. Tenho medo da raiva eterna de Deus! Sei que logo deixarei este mundo e temo que serei miserável no próximo!" Vocês poderiam negar ajuda a tais pecadores? E se eles viessem até seus escritórios, pedissem por ajuda e não fossem embora até que vocês lhes dissessem como escapar da raiva de Deus, vocês poderiam, em seus corações, afastá-los sem conselho? Tenho certeza que não. Por que tais pessoas estão tão miseráveis que nem ao menos podem pedir por ajuda quando mais precisam; e aquele que não tem a capacidade de sentir que está morto, nem a luz para ver o perigo que se aproxima, ou ao menos sente pena de si mesmo, esse é o homem que mais deve receber pena. Olhem para seus vizinhos, para aqueles à sua volta, e pensem quantos deles precisam de sua ajuda para evitar suas condenações. E cada pessoa impenitente que vocês veem, das quais vocês sabem, pensem que elas lhes dizem: "Se você tiver pena de pobres miseráveis, tenha pena de nós, ou seremos atormentados nas chamas do Inferno; se tiverem corações de

homens, por favor, tenham pena de nós!" Façam isso por todos aqueles a quem teriam feito se lhes tivessem pedido diretamente. Como podem andar, falar e gracejar com tais pessoas, quando sabem de seus casos? Acredito que, quando vocês os veem e pensam sobre a miséria eterna que os espera, vocês deveriam debulhar-se em lágrimas, tal como o profeta fez ao ver Hazael, e se abrirem nas mais inoportunas exortações! Quando vocês os visitam na doença, não fere seus corações que os vejam prontos a partir na miséria, antes que tenham lidado com eles e os guiado à recuperação? Então, pelo amor de Deus e pelo bem dessas pobres almas, tenham pena deles e ajam, não poupando força alguma para conduzir-lhes à salvação.

c) E devo também lhes dizer que essa fidelidade episcopal é necessária para seu bem-estar, por meio da qual vocês serão julgados. Vocês não podem ser mais salvos sem a diligência e fidelidade episcopais do que podem ser salvos sem a diligência e a fidelidade cristãs. Se vocês não se importam com os outros, ao menos se importem consigo mesmos. Que coisa é responder pela negligência em tal coisa; e que pecados são mais hediondos do que a traição às almas! Essas ameaças todas não os fazem tremer? "*Morrerá este ímpio na sua iniquidade, porém o seu sangue eu o requererei da tua mão*" (Ez 33.8). Temo, não, não duvido, que o dia está próximo no qual os pastores infiéis desejarão nunca ter tido seus cargos; que tivessem sido apenas mineiros, ou funileiros, ou varredores, e não pastores dos rebanhos de Cristo! Quando, além de todos os seus pecados, eles terão o sangue de tantas almas pelo que responder.

Irmãos, nossas mortes, assim como as de nossos povos, estão próximas! E isso será terrível aos pastores infiéis! Quando virmos que devemos morrer, e que não há remédio, que não há sabedoria ou conhecimento, crédito

ou agrado popular que poderá impedir isso ou atrasar a data; mas que as almas, prontas ou não, deverão ir a um mundo que jamais vimos, onde nossas pessoas e interesses mundanos não serão respeitados. Então, com consciência limpa, poderei dizer: "Eu vivi não por mim, mas por Cristo; não poupei minhas dores, não escondi meu talento, não ignorei a miséria do homem, nem seu caminho à recuperação". Senhores, que nós, portanto, tomemos nosso tempo, enquanto ainda o temos, e trabalhemos enquanto for dia, pois a noite virá em que ninguém poderá trabalhar. Este é o nosso dia, e, ao fazermos o bem aos outros, faremos bem a nós mesmos. Se vocês prepararam uma morte confortável, e uma recompensa certa e grandiosa, a colheita está diante de vocês; assegurem-se de que poderão terminar seus dias em triunfo confiantemente. "Eu agi corretamente, mantive minha fé, terminei meus empreendimentos. Diante de mim, agora se encontra a coroa da justiça, que Deus, o juiz mais justo, me dará." E se vocês forem abençoados como aqueles que morrerão no Senhor, *trabalhem agora*, para poderem descansar de seus trabalhos então; e façam tais trabalhos como gostariam que os outros os fizessem, para que não careçam de terror em seus julgamentos.

Tendo encontrado tão grandiosas razões para nos motivarem ao trabalho, irei agora falar das direções. Aplicarei essas para maior humilhação e excitação; e então responderei algumas objeções, onde estas forem encontradas.

1. Que causa temos para implorar a Deus hoje, quando por tanto tempo negligenciamos nosso trabalho; quando temos sido pastores do Evangelho por tantos anos e ainda assim fizemos tão pouco, através da instrução e reunião pessoal, para salvar as almas dos homens! Se tivéssemos dado início a esse trabalho mais cedo, quem sabe quantas outras almas não poderiam ter sido trazidas a Cristo, e quão mais felizes nossas paróquias po-

deriam ser; e por que motivo não o fizemos mais cedo? Confesso que muitos impedimentos se puseram diante de nós, e muitos mais ainda restam, e ali permanecerão enquanto houver um Diabo para nos tentar, e enquanto o coração corrupto do homem ainda resistir à luz. No entanto, se nós mesmos não tivéssemos sido o maior impedimento, com nossa escuridão, nossa lentidão e nossa indisposição para com o trabalho, acredito que muito já pudesse ter sido feito. Temos o mesmo Deus a nos comandar, os mesmos objetos miseráveis para com os quais ter compaixão e a mesma liberdade dos governadores da comunidade; mas ficamos à espera de mudanças e queremos do magistrado não somente a permissão do trabalho, mas também que o façam por nós, ou no mínimo que tragam tudo pronto às nossas mãos; e, enquanto esperávamos por dias melhores, nós os fizemos piores por essa negligência lamentável da parte principal de nosso trabalho. E, se tivéssemos peticionado aos parlamentos por sua interferência em ordenar aos homens que fossem catequizados e instruídos pelos pastores, como fizemos pelos fundos de manutenção e outras questões similares, talvez já tivéssemos obtido isso há muito tempo, quando eles se encontravam dispostos a nos dar tais coisas indiscutivelmente importantes. Mas pecamos e não temos desculpa para nosso pecado; talvez pudéssemos desculpar "*a tanto*",[194] mas não "*a toto*";[195] e o pecado é tão grande que devemos temer o uso exagerado da desculpa. Que o Senhor seja misericordioso conosco e não use esta ou qualquer outra de nossas negligências episcopais contra nós como acusação. Que Ele encubra toda a nossa infidelidade; e, pelo sangue do pacto eterno, lave nossa culpa pelo sangue das almas, para que, quando o maior dos pastores retornar, nós possamos nos prostrar diante d'Ele em paz e não sejamos condenados por faltar com Seu rebanho. E também que Ele abrande a controvérsia que teve para com os pastores de Sua igreja e não lide com eles mais severamente, pelos nossos próprios bens, nem aceite que

[194] "Por tanto".

[195] "Por tudo".

sabotadores ou perseguidores os importunem, tal como fazem com seus rebanhos! E que Ele não se importe tão pouco com eles quanto eles têm se importado com as almas dos homens, nem pense que Sua salvação é boa demais para eles, como eles têm achado que seus trabalhos e sofrimentos são bons demais para a salvação do homem. E, como tivemos muitos dias de humilhação na Inglaterra, pelos pecados da nossa nação e pelos julgamentos que caíram sobre nós, espero que ouçamos que Deus humilhou mais completamente os pastores e os fez se arrepender de sua negligência, e que a corrijam, para que não pensem mais que podem lamentar os pecados de outros enquanto ignoram os seus próprios; e que Deus não se aborreça com nossas humilhações nacionais tão solenes por serem realizadas por guias tão pouco humildes; e que possamos primeiro prevalecer com Ele pelo perdão a nós mesmos, para sermos mais aptos a implorar pelo perdão dos outros.

E que possamos remover nosso orgulho, nossa discórdia, nosso egoísmo e nosso ócio, para que Deus não jogue nossos sacrifícios em nossos rostos e nos jogue na lama da terra, como Ele tem feito com muitos outros para sermos avisados! E que possa haver concordância em como seguimos nosso caminho, antes que sintamos uma reprovação maior do que jamais sentimos.

2. E agora, irmãos, nada temos para fazer com o restante de nosso tempo exceto negar nossa carne preguiçosa e contraditória, e nos animarmos com o trabalho que temos adiante. A colheita é boa, os trabalhadores são poucos; os empecilhos e opositores, múltiplos; as almas dos homens são preciosas; a miséria dos pecadores é grande, e a miséria eterna da qual se aproximam é ainda maior; a beleza e a glória da igreja são desejáveis; o conforto que seguirá a uma realização fiel não é pouco, e aquele trazido pelo sucesso completo será ainda maior. Sermos colegas de trabalho de Deus e de Seu Espírito não é uma honra qualquer; supervisionar o derramamento de sangue de Deus pela salvação dos homens não é algo leviano; liderar os exércitos de Cristo pelos inúmeros inimigos e guiá-los

com segurança pelos selvagens, manejando o barco através de tempestades, rochas e areias, trazendo-os para a segurança, requer uma quantia maior de habilidade e diligência. Os campos nos parecem prontos para a colheita, as preparações foram feitas para nós habilmente; a temporada de trabalho é mais acalorada e calma do que muitas já foram antes de nós; já nos demoramos demais, e o tempo presente se passa; enquanto esperamos, os homens morrem e passam ao outro mundo; e nada disso nos despertará ao trabalho, para o fazermos rápida e incansavelmente? Pode um homem ser cuidadoso e ativo demais com esses motivos? Ou pode esse homem ser um instrumento certeiro para a iluminação de outros, quando ele mesmo é tão cego? Por acaso, senhores, vocês que são homens de sabedoria são tão lentos quanto as pessoas comuns? E precisam de montes e palavras para serem persuadidos a fazer o trabalho que sabem e devem fazer? Era de se pensar que isso seria o bastante para que já se empenhassem, que uma única linha do livro de Deus bastaria, que provaria que o seu trabalho levará a salvação aos homens; ou que a mera visão de seus vizinhos miseráveis os levaria a esforços cheios de compaixão. Se um deficiente lhes mostrar seus membros inúteis, isso os comoveria sem qualquer palavra; e, no caso das almas próximas à condenação, esse não os move? Ó igreja feliz, se ao menos os médicos se curassem! E se não tivéssemos tanto daquela infidelidade e estupidez contra a qual pregamos! Se houvesse impressões tão claras e profundas em nossas almas daquelas coisas gloriosas que pregamos diariamente, que diferença isso faria em nossos sermões e em nossos discursos privados! Que coisa miserável é, à igreja e a eles próprios, que os homens devam pregar sobre o Céu e o Inferno antes que acreditem completamente na realidade de ambos ou tenham sentido o peso das doutrinas que pregam! Muito impressionaria a um homem sensível pensar sobre essas coisas que pregamos e falamos! Que coisa maravilhosa é para uma alma sair desta carne e ir perante um Deus justo, e dali ir à felicidade ou a tormentos imutáveis! Com que pensamentos incríveis os homens moribun-

dos devem ver tais coisas! Como tais questões deveriam ser pregadas e discutidas! Que gravidade, que seriedade, que diligência incessante elas requerem! Não sei o que outros pensam delas, mas, de minha parte, eu me envergonho de minha estupidez e me surpreendo comigo mesmo por não lidar com a minha alma e a dos outros, como alguém que tanto espera pelo grande Dia do Senhor; e eu poder ter espaço para quaisquer outros pensamentos ou palavras, e que coisas tão preocupantes não tomam todo o meu ser. Choca-me que eu possa pregar de maneira tão fria quanto já o fiz, como posso deixar estes homens sozinhos com seus pecados, e que não eu não vá a eles e implore pelo nome do Senhor que se arrependam, como quer que seja, quaisquer sejam as dores ou problemas que isso me cause! Eu raramente deixo meu púlpito, mas minha consciência me diz que eu não tenho sido mais sério ou fervoroso. Ela me acusa não tanto pela falta de ornamentos humanos ou elegância, nem por deixar que ocorra algum impropério, mas me pergunta: "Como pode falar da vida e da morte com tal coração? Como pode pregar o Céu e o Inferno de modo tão adormecido? Não acredita no que disse? Ou o disse em chiste? Como pode dizer às pessoas que o pecado é tal coisa, e que tal miséria se cairá sobre elas, sem ser também afligido por isso? Não deveria chorar por tais pessoas e ter suas palavras interrompidas por lágrimas; não deveria mostrar aos homens as transgressões que fizeram e implorar a eles pela vida e pela morte?" Certamente esse é o ressoar dos sinos da consciência em meus ouvidos, mas ainda assim minha alma adormecida não se levanta. Que coisa é um coração adormecido e endurecido! Senhor, salve-nos dessa praga da infidelidade e do endurecimento, senão, como poderemos ser instrumentos adequados à salvação de outros? Sinto-me confuso até por pensar na diferença entre minhas opiniões em doença, meus discursos no púlpito e minhas conversas em saúde sobre a vida que está por vir; que isso me possa parecer algo tão leviano, quando antes me pareceu tão sério e assustador; e que certamente parecerá novamente quando a morte me olhar o rosto. Irmãos,

certamente, se vocês tivessem conversado com a morte tão frequentemente quanto eu o fiz, e recebessem sua sentença, vocês também teriam consciências inquietas, senão uma vida reformada em diligência e fidelidade episcopais. E teriam algo dentro de si mesmos que frequentemente lhes perguntaria: "Esta é toda a sua compaixão pelos pecadores perdidos? Não fará mais para buscá-los e salvá-los? Não há tais ao seu redor que são visivelmente filhos da morte? O que disse para eles, ou tem feito pela recuperação? Deverão eles morrer, e você não disse uma única palavra que pudesse prevenir isso? Deverão eles amaldiçoá-lo por não ter feito nada quando houve tempo de salvá-los?" Tais chamados da consciência se fazem presentes em meus ouvidos todos os dias, apesar de que, o Senhor bem sabe, eu pouco os tenho obedecido. Que o Deus da misericórdia me perdoe e me desperte com o resto de Seus servos, eu que tenho sido tão pecador e negligente! Confesso minha vergonha, que raramente ouço o sino tocar por aqueles que morreram, mas minha consciência sempre me pergunta: "O que fez para salvar aquela alma antes de ela partir do corpo? Lá se vai mais um para o julgamento; o que fez para preparar aquele espírito imortal para ser julgado?" E ainda assim tenho sido preguiçoso e contrário em ajudar aqueles que sobrevivem. Como podem se impedir, senhores, quando veem um corpo em sua cova, de pensar: "Aqui está o corpo, mas a alma, o que fiz por ela antes que se partisse? Era de meu encargo; o que posso dizer que fiz por ela?" Senhores, não é simples a resposta a questões tais como essa! Pode lhes parecer que é agora, mas a hora chega em que não mais será! Se nossos corações nos condenam, Deus é maior que nossos corações e nos condenará muito mais, com uma condenação diferente daquela que a consciência nos traz. A voz dela pode parar, e sua sentença é sempre calma, em comparação à voz e à sentença de Deus. Que triste! A consciência vê apenas um pouco de nosso pecado e nossa miséria, em comparação ao que Deus vê! Que montanhas tais coisas parecerão para suas almas, que agora parecem como formigueiros; e que raios brilharão em seus

olhos que agora parecem apenas feixes; se vocês apenas as vissem agora, não ouso dizer, como Deus as vê! Podemos facilmente tentar apelar à causa com a consciência, tentando subornálo ou suportar sua sentença; mas Deus não é tão facilmente confrontado, e Sua sentença é infinitamente mais pesada. "*Por isso, tendo recebido [e pregado]*[196] *um reino que não pode ser abalado, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus agradavelmente, com reverência e piedade; Porque o nosso Deus é um fogo consumidor.*" (Hb 12.28-29). Mas vocês não o dirão, mas pensarão que tento assustá-los aqui com ideias, e lhes falo de perigos e terrores onde nenhum existe, eu adicionarei aqui que a certeza daquela condenação é capaz de ocorrer a pastores negligentes e particularmente cairá sobre nós, que aqui estamos neste dia, se daqui em diante negligenciarmos este grande trabalho. Muitos estarão prontos a se erguer contra nós nesta condenação.

a) Nossos pais, que nos destinaram ao episcopado, nos condenarão e dirão: "Senhor, nós os devotamos ao Teu serviço, e eles o negligenciaram e serviram a si mesmos."

b) Nossos mestres que nos ensinaram, nossos tutores que nos instruíram, as escolas e universidades nas quais vivemos e todos os anos que passamos em estudo se levantarão em julgamento contra nós e nos condenarão. Para que foi tudo isso senão para o trabalho de Deus?

c) Nosso aprendizado, conhecimento e dons episcopais nos condenarão. Para que partilhamos desses senão para o trabalho de Deus?

d) Nossa participação voluntária no encargo das almas nos condenará, pois todos os homens devem ser honestos com a confiança que lhes foi dada.

[196] A expressão "e pregado" é uma glosa do próprio Baxter.

e) Todo o cuidado de Deus para com Sua igreja e tudo que Cristo fez e sofreu por eles também se colocarão em julgamento contra nós e nos condenarão; pois, por nossa negligência, destruímos aqueles por quem Cristo morreu.

f) Todos os preceitos mais severos e todos os encargos da Escritura, com as promessas de assistência e recompensa, e todas as ameaças de punição, se levantarão em oposição aos infiéis e os condenarão, pois Deus não disse isso tudo em vão.

g) Todos os exemplos dos profetas, apóstolos e outros pregadores gravados na Escritura se levantarão contra eles e os condenarão; mesmo os exemplos demonstrados por Paulo (At 20) e todos os exemplos dos mais diligentes servos de Cristo nos tempos que seguiram, e nos locais à sua volta; pois estes foram para serem imitados, para trazer aos outros a emulação divina, em fidelidade e diligência episcopais.

h) A Bíblia Sagrada que se abre diante de nós, e todos os livros em nossos estudos que nos dizem sobre nosso dever, direta ou indiretamente, condenam os preguiçosos e infrutíferos, pois não temos essa ajuda em vão.

i) Todos os sermões que pregamos para persuadir nossos povos a trabalhar para a salvação com temor, a colocarem as mãos em violência sobre a multidão e tomar o reino por força, a lutarem para chegar no portão e que corram a ele; esses também se levantarão contra nós e nos condenarão, pois, se devem trabalhar pela salvação, não devem aqueles sendo encarregados destes também ser violentos, trabalhadores e incansáveis em ajudar a salvação? Ela merece o trabalho e paciência deles, mas não a nossa?

j) Todos os sermões que pregamos para que abandonassem o perigo de um estado natural, sobre o mal do pecado, da necessidade de Cristo e da graça, das felicidades do Céu e os tormentos do Inferno, sim, e a verdade da religião cristã, tudo isso se levantará em julgamento contra nós e nos condenará. E uma triste questão será, quando formos obrigados a pensar: "Eu lhes contei de tais perigos e esperanças em público, e nada mais fiz para ajudá-los pessoalmente?" Por acaso lhes dirão diariamente sobre a ameaça da condenação e ainda assim cairão nela tão facilmente? Contam a eles sobre a glória, mas não falam uma palavra desta para ajudá-los pessoalmente com isso. Isso tudo é autocondenação.

k) Todos os sermões que pregamos para persuadir outros homens a realizarem seus deveres; tal como vizinhos que exortam uns aos outros diária e claramente, para replicar aqueles que pecam; parentes e mestres o fazem para seus filhos e servos; todos esses nos condenarão. Afinal, como persuadimos outros a fazer aquilo que nós mesmos não faremos? Quando os ameaçamos por negligência, ameaçamos nossas próprias almas.

l) Todas as nossas censuras contra o magistrado por não fazer mais, e todas as nossas reprovações a eles por permitirem sedutores e negarem maior ajuda ao episcopado, fazem com que nos condenemos ao recusar nossos deveres. Devem todos os líderes do mundo serem servos à nossa preguiça, ou nos acenderão uma vela para que não façamos nada, ou nos fazer a cama para que durmamos à luz do dia? Por acaso devem eles fazer suas partes de modo subordinado para nos proteger e avançar, sem que façamos a nossa, quando estamos mais próximos do fim?

m) Todos os fundos e mantimentos que tomamos para nosso serviço, se formos infiéis, nos condenarão;

pois quem pagará um servo para que esse faça o que bem entende, ou não faça nada, ou trabalhe para si próprio? Se tivermos o cajado, certamente é para lidarmos com o rebanho. Ao receber os fundos, obrigamo-nos a fazer o trabalho.

n) Toda a honra que esperamos ou recebemos de nosso povo e todos os privilégios episcopais antes mencionados condenarão os infiéis, pois a honra é apenas o encorajamento ao trabalho e a obrigação a este.

o) Todo testemunho que tivemos contra os pastores escandalosos e negligentes desta época, como as palavras que dissemos contra eles, e todas as ações realizadas para removê-los condenarão os infiéis; pois Deus não é um respeitador de pessoas. Se os sucedermos em seus pecados, falamos tudo aquilo contra nós mesmos; e tal como os condenamos, Deus nos condenará se os imitarmos; e mesmo que não sejamos tão ruins quanto eles, nós nos demonstraremos ainda similares demais.

p) Todos os julgamentos que Deus executou neles diante de nossos olhos nos condenarão, se formos infiéis; por acaso Ele fez os pastores ociosos e nos honrará se formos ociosos e sensíveis? Aqueles que Ele sequestrou, retirou-os de suas habitações e dos púlpitos, e colocou-os como se mortos enquanto ainda vivem e os fez como se um xingamento pela nação; a esses imitaremos? Seus sofrimentos não nos deixaram de sobreaviso? Se qualquer coisa neste mundo devesse acordar os pastores à autonegação e à diligência, era de se pensar que isso o faria; se os julgamentos de Deus a um homem podem fazer tanto, o que tantos anos de julgamento não fariam a tantas pessoas? Imitariam o mundo antigo, apesar da enchente que os assolou? Ou então imitariam os pecados de Sodoma, "arrogância, gula e preguiça", sabendo das chamas que

ali se ergueram? Este foi o argumento de Deus para impedir os israelitas de repetirem aqueles pecados: "*Pois todas estas coisas que tinham visto foram jogadas diante deles*". Quem teria sido um Judas a se enforcar; ou um hipócrita sacrílego mentiroso, que vira Ananias e Safira morrerem? Quem não teria medo de contradizer o Evangelho após ouvir como Elimas ficou cego? E devemos aprovar de pastores egoístas e ociosos, quando vimos que Deus remove estes de seus templos e os expulsa? Que isso não ocorra, pois nossa condenação será maior ainda!

q) Todas as disputas e contendas que tivemos contra homens infiéis, em nome de um episcopado fiel, nos condenarão, se formos infiéis; e também o farão todos os livros que escrevemos sobre isso. Quantas centenas de catecismos não estão escritos pela Inglaterra, aos quais temos ignorado? Quantos livros foram escritos sobre a disciplina, por ingleses e escoceses devotos, e quão fortemente essa foi defendida? E que reprovação foi lançada sobre os adversários desta pela nação? E ainda assim nós nos fazemos de inúteis, quando temos completa permissão de usá-la? Que hipocrisia! De que mais isso poderia ser chamado? Por acaso pensamos estar escrevendo contra esta seita e, quando esta se opôs à disciplina, passamos a escrever contra nós mesmos? Que evidência as livrarias e as bibliotecas possuem contra a grande maioria dos pastores devotos da nação! Que o Senhor lhes traga o bom senso.

r) Todos os dias de jejum e oração que foram realizados na Inglaterra recentemente pela reforma, estes também se levantarão contra os não reformados, que não foram persuadidos a realizar sua parte. E confesso que essa é uma agravação tão horrível de nosso pecado que me faz tremer. Houve, em qualquer momento, uma nação neste mundo que tão solenemente e por tanto tem-

po seguiu a Deus com jejum e oração tal como fizemos? Antes que houvesse início o parlamento, quão frequentes e fervorosos éramos às escondidas; e depois disso, por muitos anos ainda, tivemos o jejum mensal comandado pelo parlamento, além de jejuns privados e públicos frequentes. E de que tudo isso serviu? Quaisquer modos que tomássemos, o nosso objetivo ainda era o da reforma, e nisso, em especial, duas coisas: *um episcopado fiel e o exercício da disciplina na igreja*. E por acaso, em algum momento, nos corações do povo ou nos nossos, houve a compreensão de que, quando tivéssemos em mãos aquilo que tanto desejamos, e tivéssemos de ser tão diligentes quanto pudéssemos, e exercitássemos a disciplina que quiséssemos, nós, então, apenas pregamos publicamente, e não buscamos catequizar e instruir nossos povos pessoalmente, nem exercitamos qualquer parte considerável da disciplina? Surpreende-me apenas pensar na questão! Quão profunda é a duplicidade do coração do homem! Por acaso os corações dos homens bons são tão ardilosos? E os corações de todos os homens? Confesso ter dito a muitos soldados, e outros homens sensíveis, que, quando eles lutaram por uma reforma, eu estava confiante de que a odiariam e seriam seus inimigos quando a vissem e sentissem; acreditando que o peso da disciplina lhes seria excessivo e que, quando tivessem sido catequizados e reprovados por seus pecados, em público e pessoalmente, e trazidos para a confissão e o arrependimento, ou evitados como impenitentes, eles teriam zombado e odiado tudo isso, e acreditado que Cristo era um tirano. Mas não esperava que os pastores teriam falhado em tudo, e não teriam realizado a disciplina, e que teriam abandonado tudo por medo de desagradar aos homens, e deixariam tudo ser perdido.

As orações, meus senhores, que tenho ouvido em segredo por um episcopado fiel e pela disciplina! Eles

oram como se lutassem pela própria salvação! Sim, eles comumente chamam pela disciplina, o Reino de Cristo ou o exercício de sua igreja; e tanto pregaram e oraram por isso, como se trazer a disciplina seria trazer o Reino de Cristo em si; e então eu jamais pensei que se recusariam a realizá-la quando pudessem! Pois eis que agora o Reino de Cristo se encontra entre as coisas que são indiferentes!

Se Deus no Céu, que sabia de nossos corações, estivesse no meio de nossas orações e pedidos em um de nossos jejuns públicos mensais, retornado esta resposta, com Sua terrível voz, à audiência da assembleia: "Enganadores e pecadores, que hipocrisia é esta, que me perturbam com pedidos por algo que terão se Eu lhes der, e então levantam suas vozes por algo que abominam! O que é a reforma, senão a instrução e perseguição de pecadores para que estes compreendam ao Meu Cristo e Minha graça que lhes são ofertados, e o governo da igreja de acordo com a Minha palavra? E estas, que são o seu trabalho, não os persuadirão quando vierem a acreditar que a disciplina é problemática e desagradável. Quando Eu lhes tiver entregue isto, não será a Mim, mas a si mesmos que servirão; e devo com sinceridade os persuadir a reformar a igreja como dever, tal como vocês com sinceridade me pedem liberdade para que haja a reforma; e quando isso tudo for feito, deixarão sua parte sem fazer." Digo eu que, se o Senhor ou qualquer um de Seus mensageiros tivesse nos dado tal resposta, isso teria surpreendido a todos e teria parecido incrível para nós, que nossos corações fossem tais como isso nos provaria. Então teríamos dito tal como Hazael: "É seu servo um cachorro, que deva fazer tal coisa", ou como Pedro: "Por mais que o homem o abandone ou negue, eu não o farei". Bem, irmãos, a triste experiência nos demonstrou nossa fragilidade; negamos a nós a parte difícil e cara da reforma pela qual tanto pedimos; mas Cristo olhou para

nós com misericórdia. Se tivéssemos os corações para tal, imediatamente choraríamos lágrimas amargas e não faríamos mais tal como fizemos, para que nada de pior nos acontecesse; mas, sim, seguiríamos Cristo em Seu trabalho e sofrimento, até mesmo para morte.

s) Todos os julgamentos sobre a nação, o custo, o trabalho, o sangue e as libertações, e todas as ações dos governadores da reforma, se levantarão contra nós, se agora nos recusarmos a ser fiéis à reforma, quando esta está diante de nós.

Já falei disso anteriormente. Se Deus estivesse abrindo o caminho com Sua espada e derrubando os opostos por seus julgamentos terríveis, Ele nos permitiria que agíssemos de maneira preguiçosa? Por acaso a Inglaterra, a Escócia e a Irlanda pagaram tão caro preço por uma reforma e agora verão alguns homens traiçoeiros enforcarem-na no berço e a destruírem? E outros ainda observarão isso como se não valesse o esforço? Quantas mil pessoas podem ser condenadas por tais homens! Outros países poderão dizer: "Senhor, nós fomos pilhados, arruinados e muito empobrecidos, e nisso uma reforma foi prometida, e agora os pastores que deveriam ser o instrumento de realização desta a negligenciam". Muitos dirão: "Senhor, nós arriscamos nossas vidas, em obediência a um parlamento que prometeu reforma, e agora não podemos tê-la." As almas de muitos dos que morreram nestas guerras se ergueriam contra nós: "Senhor, foi pela esperança de uma reforma que lutamos e sofremos, em obediência a esses governadores que disseram pretender fazê-la; e agora eles a rejeitam em seu ócio." E o parlamento poderá dizer: "Quanto tempo nós sentamos e consultamos sobre a reforma, e agora os pastores não a realizam quando lhes demos o poder." A nação poderá dizer: "Quanto não imploramos por Deus e peticionamos ao parlamento, e agora os pastores nos negam o que quere-

mos." Sim, o próprio Deus poderá dizer: "Quantas orações não ouvi, e que perigos fiz que evitassem, quantos, quão grandiosos e de que maneira incrível; e para que acham que tudo isso fiz? Não foi para fazerem Meu trabalho? E agora o traem, ou negligenciam, depois de tudo isso?" Sinceramente, Senhor, não sei o que os outros pensam; mas, quando considero os julgamentos que senti e as maravilhas da misericórdia que meus olhos testemunharam, para a frequente surpresa de minha alma, pois sei que tais coisas demandam isso de nós, portanto, agora me encontro temeroso, que essas coisas sejam atribuídas a mim, como agravamento de minha negligência. Ouço cada facção exasperada se jogando uma contra a outra, e uma diz: "Foi você que matou o rei", e a outra responde: "Foi você que lutou contra o parlamento, forçou-o a se defender e molhou a terra de sangue". Mas que o Senhor permita que não sejamos *nós*, se nos provarmos negligentes em nosso episcopado e traiamos a reforma à qual Deus nos chamou, que tenhamos todo este sangue e miséria em nossas mãos, mesmo que nunca tenhamos tido parte nele. E que o Senhor não diga de nós, tal como de Jeú, quando este destruiu a casa de Acabe por Seu comando, pois ele não realizou a reforma a essa execução pretendia. "*Porque daqui a pouco visitarei o sangue de Jezreel sobre a casa de Jeú*" (Os 1.4). Senhores, poderemos, em nosso coração, permitir que se perca todo o custo e trabalho de três nações, apenas para nos pouparmos de algumas dificuldades, trazendo, assim, a culpa para cima de nós mesmos? Que esse não seja o caso, pois temos corações cristãos.

t) Por último, se ainda recusarmos a reforma, instruirmos os ignorantes e exercitarmos a disciplina de Cristo, muitos juramentos e promessas que fizemos por vontade própria serão levantados em julgamento contra nós e nos condenarão!

• No pacto nacional, aqueles que nele participam juram e prometem solenemente diante do Senhor e de Seu povo, que, "tendo diante de nossos olhos a Glória de Deus e o avanço do Reino de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, nós iremos sincera, real e constantemente nos empenhar, em nossos vários locais e encargos, pela reforma da religião em doutrina, louvor, disciplina e governo, e professamos nosso verdadeiro e honesto propósito, desejo e motivo, para nós e para todos aqueles sob nosso poder e encargo, tanto em público quanto em particular, em todos os deveres que devemos a Deus e ao homem para melhorar nossa vida e irmos um diante do outro conforme o exemplo da reforma. E esse pacto nós fizemos na presença de Deus, que vê nossos corações, com a honesta intenção de realizá-lo e por isso seremos julgados no grande dia em que os segredos de todos os corações serão revelados." Que triste situação, então, é esta em que nos encontramos, se a misericórdia infinita não nos ajudar! Que não digamos da lei (2Rs 22.13; 2Cr 34.21) "Grande é a raiva do Senhor contra nós, pois não fizemos de acordo com Seu pacto. Poderia um povo ter criado um modo mais fácil de se jogar sob a maldição de Deus do que por meio de um pacto tão solene e terrível, e, quando o tiverem jurado, tão aberta e intencionalmente violá-lo?" Isso não nos une tanto às partes públicas quanto privadas deste dever, e à real reforma da disciplina em nossa prática? Novamente, portanto, devo dizer, que a duplicidade infindável reside no coração do homem! Que acusações terríveis trouxemos contra outros desta época pela quebra desta jura e pacto solenes (os quais eu ainda tenho muito a fazer para poder me absolver), quando nós,

que deveríamos ter liderado o caminho, tirado deles força e pregado diariamente a reforma e a disciplina, tão horrivelmente violamos esse pacto, de modo que, em todo o país, é raro encontrar um pastor que exercite a disciplina ou a instrução privada. E aquele que vê muito sendo feito por isso na Inglaterra conhece mais pessoas, ou possui olhos melhores que os meus.

• Também em nossos frequentes e solenes dias de humilhação, nos tempos de nosso maior sofrimento e medo, quão pública e honestamente nós imploramos pela salvação, não pelo nosso bem, mas pelo bem da igreja e do Evangelho, como se não nos importássemos com o que seria feito conosco, contanto que a reforma da igreja ocorresse; e prometemos que, se Deus nos ouvisse e nos salvasse, tudo faríamos por esta. Mas quão infiéis temos sido para com essas promessas! Confesso que isso encheu a minha própria alma de vergonha, ao considerar a irresponsabilidade de minhas ações a todas as orações fervorosas, todas as raras salvações e as promessas confiantes daqueles anos de adversidade! E tal experiência, dessa infidelidade inacreditável de nossos corações, é quase o bastante para fazer com que um homem nunca mais confie em seu próprio coração; e consequentemente isso irá eternamente abalar a certeza de sua sinceridade. Por acaso temos agora, ou é possível que algum dia tenhamos, quaisquer resoluções maiores que aquelas que já quebramos? E isso também nos leva a questionar, por outro lado extremo, se mesmo na hora da morte Deus nos ouvirá e providenciará ajuda, a nós que abandonamos nosso crédito com Ele ao sermos tão infiéis. Se a

humilhação pública de tantos anos, trazida por tais calamidades que nem nós nem nossos pais, por várias gerações, viram igual, não tinham mais para si mesmas do que aparentam agora ter, e se essa é a questão como um todo, como podemos de agora em diante acreditar em nós mesmos? Poderemos temer que nosso caso seja tal como o dos israelitas (Sl 78.34-37; 42; 57), que: "*Quando os matava, então o procuravam; e voltavam, e de madrugada buscavam a Deus. E se lembravam de que Deus era a sua rocha, e o Deus Altíssimo o seu Redentor. Todavia lisonjeavam-no com a boca, e com a língua lhe mentiam. Porque o seu coração não era reto para com ele, nem foram fiéis na sua aliança.*" "*Não se lembraram de sua mão, nem do dia em que os livrou do adversário.*" "*Mas retiraram-se para trás, e portaram-se infielmente como seus pais; viraram-se como um arco enganoso.*"

• Além disso, se não formos fiéis em nossos deveres, nossos acordos e empreendimentos, que continuam atados às nossas mãos e são publicados para a vista de todo o mundo, também se levantarão em julgamento contra nós e nos condenarão. Nós nos engajamos há mais de três anos no exercício da disciplina, e vejam quantos de nós a negligenciam até hoje, sem uma desculpa justa e aceitável sobre isso! Nós agora redigimos outro acordo sobre a catequização e a instrução, ao qual todos nos submetemos. E temos cumprido este até então; mas, se agora falharmos e nos provarmos faltosos e superficiais também nisso, nossa submissão nos condenará; esse dia de humilhação nos condenará. Não se enganem, pois Deus não pode ser zombado; não é apenas de

> seus nomes, mas de seus corações, suas línguas e suas mãos que Ele requer: não há como enganar Deus por promessas falsas, pois Ele espera que você cumpra com sua palavra. Ele não verá aquele que, por promessas ou juramentos falsos, toma Seu nome em vão como inocente. "*Quando a Deus fizeres algum voto, não tardes em cumpri-lo; porque não se agrada de tolos; o que votares, paga-o. Melhor é que não votes do que votares e não cumprires. Não consintas que a tua boca faça pecar a tua carne, nem digas diante do anjo que foi erro; por que razão se iraria Deu contra a tua voz, e destruiria a obra das tuas mãos*" (Ec 5.4-6).

Mostrei-lhes, portanto, qual será a consequência de não se empenharem fielmente a esse trabalho, com o qual vocês possuem tantas obrigações e empreendimentos. E que indesculpável nossa negligência será, quão grande e múltipla a condenação à qual seremos expostos. Realmente, irmãos, se eu não tivesse entendido o trabalho como sendo de grande importância para vocês, pelo povo e pela honra de Deus, eu não os teria perturbado tão longamente com isso nem presumiria poder falar tão diretamente quanto o fiz. Mas, em se tratando de vida e morte, os homens costumam esquecer sua reverência, cortesia e elogios. De minha parte, compreendo este como um dos melhores e maiores trabalhos que terei a honra de realizar, e creio fortemente que os senhores partilham de minha opinião; e que não acharão que demorei demais neste assunto, nem fui excessivamente rude. Lembro-me da época em que fui sincero sobre a questão da reformulação das cerimônias; e, se eu for tão frio em algo tão essencial quanto isso, que desproporcional meu zelo poderá parecer. Como podemos esperar que a reforma tenha ocorrido, quando apenas realizamos algumas cerimônias, trocamos algumas vestimentas, alguns gestos? Não, senhores! É a conversão e a salvação das almas que é nosso trabalho! A parte principal da reforma é aquela que faz o

maior bem e tende à salvação de mais pessoas. Que os outros a entendam como quiserem! Eu lhes exponho minha consciência para encorajá-los e digo novamente que creio que estejam persuadidos a concordarem sobre este trabalho, e fielmente executarão este acordo, com seu acordo anterior sobre a disciplina, de modo que farão mais pela verdadeira reforma, e isso pacificamente, sem que as controvérsias se intrometam, mais do que jamais foi feito em qualquer parte da Inglaterra, pois esse é, inquestionavelmente, seu dever.

Responderei agora a algumas objeções que mentes errôneas podem jogar em nossos caminhos.

1. Alguns podem ter a objeção de que "este curso demorará tanto tempo que homem algum poderá seguir com seus estudos; a maioria de nós é jovem, e temos necessidade de tempo para melhorar nossas habilidades, e essas ações nos impedem." A isso respondo:

> a) Supomos que aqueles a quem persuadimos para este trabalho compreendem a essência da religião cristã e são capazes de ensinar aos outros; e a adição das coisas mais baixas e desnecessárias não deve levar preferência antes desta comunicação necessária dos fundamentos. Eu, é claro, dou grande valor ao saber comum, e não encorajo ninguém a ignorá-lo; mas dou valor maior à salvação das almas, antes de qualquer outra coisa. Todo aquele trabalho que for conectado com o nosso maior objetivo deve ser feito, sob qualquer custo. É altamente desejável que um médico seja um erudito em seu campo, e que consiga compreender todas as suas operações, e lidar com as controvérsias difíceis que se põem diante dele; mas se ele estivesse encarregado de um hospital, ou morasse em uma cidade que estivesse sendo vítima de uma peste terrível, se ele se pusesse a estudar "*de fermentatione, de circualtione sanguis, de vesiculo*

chylo, de instrumentis sanguificationis"[197] e tais livros absolutamente excelentes quando deveria estar atendendo seus pacientes e salvando suas vidas, e os negasse e deixasse que morressem, e lhes dissesse que não pode dar conselho, pois precisa estudar; eu diria que este é um estudante prepóstero, que prefere os modos de seu estudo em vez dos objetivos; de fato, pensaria nele como apenas um tipo civil de assassino. As almas dos homens podem ser salvas sem que se saiba se Deus predeterminou todos os atos da criatura; se a compreensão necessariamente determina a vontade; se Deus trabalha a graça em uma relação física ou moral de causa; o que o livre arbítrio é; se Deus tem "*scientiam mediam*",[198] ou graus positivos "*de malo culpæ*";[199] e outras cem coisas, que são coisas que seriam estudadas quando se deveria estar salvando almas. Cheguem bem ao Céu e ajudem seu povo nisso, e vocês saberão essas coisas em um momento, e mais mil deles, do que jamais poderão saber; não é esse o caminho mais certo para o conhecimento?

b) Se vocês não crescerem extensivamente em conhecimento, poderão fazê-lo por meio da prática diligente, que também lhes trará um crescimento mais intensivo e excelente. Se não sabem tantas coisas quanto os outros, saberão coisas maiores e melhores do que eles; pois lidar seriamente com os pecadores pela salvação deles os ajudará a se aprofundar nos conhecimentos dos princípios salvadores, mais do que poderão fazer por quaisquer outros meios, e um pouco mais de conhecimento disso vale mais do que todo o conhecimento do mundo. Quando olho na direção dos céus, em busca dessa luz inacessível, e busco pelo conhecimento de Deus e compreendo que

[197] "Sobre a fermentação, sobre a circulação do sangue, sobre pequeno quilo, sobre instrumentos de sangue".

[198] "Conhecimento médio".

[199] "Do mal do pecado".

minha alma se encontra tão obscura e distante, encontro-me pronto para dizer: "Eu não conheço Deus — Ele está acima de mim — e muito além de meu alcance", esta é a mais terrível ignorância! Acredito eu que poderia trocar todo o conhecimento que tenho por um vislumbre do conhecimento de Deus e da vida por vir. Que eu não soubesse uma única palavra de lógica ou metafísica, nem soubesse o que meus professores disseram, se isso me desse apenas uma faísca daquela luz que me mostraria todas as coisas que eu devo um dia ver. Da minha parte, imagino que, pela conversa séria sobre as coisas eternas, e o ensino do credo e do catecismo, vocês poderão crescer mais em conhecimento, não necessariamente no conhecimento de mais coisas, e se provarão homens mais sábios do que se passassem seus tempos nas coisas comuns, curiosas e menos necessárias.

c) Permitam-me ainda adicionar que, apesar de acreditar que esta seja a principal, desejo que vocês tenham mais, pois as ciências subservientes são muito úteis; portanto, digo que, se tiverem tempo competente para ambas, não o percam em recreações e empreendimentos vãos; não percam um minuto; não se consumam com sono desnecessário; façam o que fazem com todas as suas forças e então vejam se seu tempo é competentemente gasto ou não. Se resguardarem apenas dois dias por semana para esse grande trabalho, poderão encontrar tempo para seus estudos comuns nos outros cinco.

d) Os deveres devem ser considerados juntos, e o maior deles deve levar preferência; mas nenhum deles deve ser negligenciado se puder ser realizado, nenhum deve ser usado como motivo de se ignorar o outro, pois cada um possui seu devido tempo e lugar. Mas, se estivéssemos em um caso de necessidade e isso nos impedisse de ler em nossos estudos e instruirmos os ignorantes, eu queimaria todas

as bibliotecas do mundo antes que fosse culpado pela perda de uma única alma; esse é o meu dever.

2. "Mas este curso destruirá a saúde de nossos corpos pelo gasto contínuo do espírito e por não nos permitir tempo para as recreações necessárias; e nos retirará completamente de quaisquer visitas civis e amigáveis, de modo que nunca sairemos de casa, teremos um dia para o relaxamento da mente; pareceremos pouco educados e antipáticos para os outros, e nos cansaremos, e assim o arco que se enverga quebrará de todo."

a) Este é meramente o chamado de uma mente carnal ao seu próprio interesse. O preguiçoso diz que há um leão no caminho, que não irá plantar devido ao frio. Não há o dever da importância e da autonegação, mas, se vocês se consultarem com a carne e o sangue, essas razões são tão sábias quanto aquelas que receberá. Quem seria queimado na fogueira por Cristo, se esse raciocínio fosse bom? Ou, até mais, quem seria cristão?

b) Nós poderemos tomar o tempo necessário para a recreação nisso tudo. Uma hora ou meia hora de caminhada antes da refeição é toda a recreação necessária para a saúde da maioria dos estudantes. Eu bem sei disso, por experiência própria. Possuo um corpo que tem sofrido de várias doenças ao longo dos anos, e estas requereram tantos exercícios quanto qualquer outra, e eu tenho encontrado no exercício a minha fonte principal de preservação até agora, portanto, tenho mais razões do que muitos homens para lutar por isso; mas também sei que a quantia atual foi abençoada para a minha preservação, mesmo que mais exercícios talvez melhorassem minha saúde. Não conheço nenhum pastor que precise deles tanto quanto eu. Sim, sei que grande parte dos pastores não realiza nenhuma forma de exercício, mas não os felicito por isso. Não duvido que seja nosso dever nos

utilizarmos de quantos exercícios forem necessários para a preservação de nossa saúde, conforme permitido pelo trabalho; mas isso pode muito bem ser feito junto ao trabalho, e não em detrimento dele. Nos dois dias da semana em que vocês não realizam seu trabalho, poderão muito bem tirar um tempo para a realização de exercícios.

Mas, para aqueles homens que não limitam suas recreações às horas ditas previamente, e que as requerem para agradar seus humores voluptuosos, estes precisam estudar melhor a natureza do Cristianismo, para reaprender o perigo de se viver pela carne e obter a mortificação e a autonegação que tanto pregam diante dos outros. Se absolutamente requerem seus prazeres, não se deveriam ter empenhado em um chamado que requer que façam de Deus e o serviço a Ele seu prazer, e que tanto restringe os prazeres carnais. É sua promessa de batismo a luta contra a carne; e vocês sabem que muito do embate cristão consiste no combate entre a carne e o espírito; e que a diferença entre um cristão verdadeiro e um pecador maldito é de que um vive em busca do espírito, mortifica os feitos e desejos do corpo, e o outro vive pela carne? E vocês sabem, também, que a superação da carne é a principal parte de nossa vitória, na qual a coroa da vida depende; e vocês fariam de seu chamado pregar isso aos outros, enquanto vocês mesmos se entregam a seus prazeres? Se o devem fazer, então por vergonha se entreguem à pregação do Evangelho, à profissão da abnegação cristã e professem ser tal como são; e, conforme seguem a carne, da carne receberão os frutos da corrupção. Façam tal como Paulo disse: "*Pois eu assim corro, não como a coisa incerta; assim combato, não como batendo o ar. Antes subjugo meu corpo, e o reduzo à servidão, para que, pregando eu aos outros, eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado*" (1Co 9.26-27). E não temos nós a necessidade de fazer igual? Devemos mimar nossos corpos e lhes

dar seus desejos nestes prazeres desnecessários, quando Paulo subjugou seu próprio corpo? Deve Paulo também fazer isso, para que, após toda a sua pregação, ele não seja reprovado; e nós não temos causa para temer isso de nós mesmos? Sei que algum prazer, por si só, é aprazível; ao menos quando este nos deixa mais aptos ao trabalho. Porém, para um homem, estar tão enamorado com seus próprios prazeres, de modo que gaste tanto tempo os entretendo e negligencie o trabalho de Deus pela salvação dos homens, e então implorar por isso como se tivesse que ser feito, para tentar se justificar em tal coisa, isso é uma perversidade inconsistente com a fidelidade comum de um cristão. Tais homens são amantes do pecado mais do que são amantes de Deus, e devem esperar ser amados por Ele de acordo, e são mais aptos a serem removidos da comunhão cristã do que a serem líderes da igreja; pois somos comandados a dar as costas a tais (2Tm 3.5). A recreação para um estudante deve ser o exercício de seu corpo, tendo diante dele uma variedade de deleites para sua mente; e devem usar isso tal como o afiar de uma faca: a ser usado apenas quando necessário para seu trabalho. E devemos ser cuidadosos, para que isso não nos roube tempos preciosos e seja mantido de maneira estrita. Oro para lerem o "Sermão da redenção do tempo", do senhor Wheatley. O trabalho no qual nos empenhamos agora é pouco provável que nos afete a saúde. É verdade, devemos ser sérios; mas isso irá apenas excitar e reavivar nossos espíritos, e não gastá-los. Os homens podem falar o dia inteiro de outras questões sem que isso afete a saúde deles; e por que não poderemos, então, falar aos homens sobre a salvação sem que isso afete a nossa?

c) Deve ser compreendido que a direção nos dada e o trabalho ao qual nos empenhamos não são feitos para homens moribundos, que não são capazes de pregar ou de falar; mas, sim, para homens competentes e

fortes, cujas fraquezas são toleráveis e que podem lidar com tais trabalhos.

d) Para que temos nosso tempo e nossas forças, senão para utilizá-los em nome de Deus? Para que serve a vela senão para queimar? Queimada e gasta deve ser, e não é melhor que seja usada para iluminar o caminho do homem ao Céu, em vez de iluminá-lo na carne? Quão pouca diferença existe entre os prazeres de uma vida longa e uma curta, quando ambas terminam! Que conforto lhes será na morte, quando vocês alongaram suas vidas ao encurtarem seu trabalho? Aquele que muito trabalha muito vive. Nossa vida é estimada por seu objetivo e pelo trabalho nela feito, não de acordo com a mera duração. Como Sêneca disse: "*Ibi jacet, non ibi vivit; et diu fuit, non diu vixit*".[200] Não nos confortará mais em morte termos vivido pouco tempo em fé do que muito tempo sem?

e) E, quanto à questão das visitas e das civilidades, se elas tiverem um objetivo maior do que nossos deveres episcopais, poderão quebrar o sábado por elas; poderão abnegar a pregação e também o trabalho privado. Se não, como ousam fazer delas um motivo para negligenciar seus deveres? Deve Deus esperar por seus amigos? E se eles forem lordes, ou cavaleiros ou cavalheiros! Devem estes ser servidos antes de Deus? O desagrado deles por acaso lhes causa mais dor que o desagrado de Deus? Ou ousam pensar, quando Deus lhes questionar sobre suas negligências, que lhe dirão esta desculpa: "Senhor, eu teria passado mais de meu tempo buscando a salvação dos homens; mas tal cavalheiro e tal amigo teriam se desagradado se eu não os visse!" Se vocês buscam dar prazer aos homens, não são mais servos de Cristo. Aquele que ousa passar sua vida agradando à carne e ao homem é mais corajoso do que eu sou; e aquele que ousa gas-

[200] "Ele está lá, mas não vive lá; e já faz muito tempo, ele não viveu muito".

tar seu tempo com elogios pouco considera o que fazer com eles. Quisera que eu pudesse melhorar meu tempo de acordo com minhas convicções sobre a necessidade deste! Aquele que olha a morte no rosto tanto quanto eu faço certamente aprenderá a valorizar mais seu próprio tempo. Eu confesso que me surpreendo com aqueles pastores que podem caçar, atirar e usar destas recreações por duas ou três horas, de fato dias inteiros; que podem sentar-se por horas em conversas vãs, passar dias inteiros em visitas elogiosas e até viajar para tais fins. Meu bom Deus, sobre o que esses homens pensam? Quando tantas almas lhes pedem por ajuda, e a morte não nos dá descanso, e eles não sabem quão pouco tempo têm com seus povos, e a menor paróquia tem tanto trabalho que poderia necessitar de sua diligência no dia e na noite!

Irmãos, espero que lhes agrade o quão diretamente eu lhes falo aqui. Se vocês não têm a noção do valor das almas, da preciosidade do sangue que foi derramado por elas e da miséria eterna à qual elas se arriscam, então vocês não são cristãos, nem dignos de ser pastores; e, se têm essa noção, como podem ocupar-se com recreações desnecessárias, visitas e debates? Vocês ousam, tal como velhas conversadeiras, ficar fofocando, conversando e desperdiçando seu tempo, quando têm tantos trabalhos tão importantes a fazer? Tempo precioso, que se passa rápido! Que logo terá passado! O que são os 40 anos de minha vida que já se passaram? Se cada dia durasse um mês, eu acredito que ainda seria pouco tempo para todo o trabalho que um dia necessita! Já não perdemos tempo o bastante nos dias de nossas vaidades? Nunca, quando visito um homem moribundo que não seja absolutamente estúpido, ele não vê melhor o valor do tempo! Naquele momento, se pudessem reobter o tempo, quanto não fariam! Se pudessem comprá-lo, quanto não pagariam! E nós o desperdiçamos! Sim, e nos permitimos isso,

intencionalmente nos desfazendo dos maiores trabalhos de Deus! Que coisa tola é o pecado, que pode tanto distrair homens que parecem tão sábios! É possível que um homem de compaixão e honestidade, ou que tenha qualquer cuidado com seus deveres episcopais, possa gastar seu tempo com tais vaidades?

Devo ainda lhes dizer, irmãos, que, se outros reservam seus tempos para deleites que não são necessários, vocês certamente não poderão fazer o mesmo; pois aquilo que vocês devem fazer os obriga a uma atenção mais estrita que a da maioria. Pode um médico em tempos de peste tirar seu tempo para relaxar ou recrear, quando tantos esperam sua ajuda em casos de vida e morte? Como o prazer dele não vale a vida dos homens, o seu também não vale as almas deles. Suponham que suas cidades fossem cercadas e que o inimigo observa tudo de um lado e lança rochas pelos outros. Rogo que me digam, então, se certos homens tomassem seus postos para observar os inimigos e proteger os outros das pedras, estes homens poderiam parar para se divertir? No máximo seria permitido apenas o absolutamente necessário.

Não tenham rancor de mim agora e não digam: "Isto é algo difícil de se ouvir", pois essa é sua misericórdia; e então passo para a próxima objeção.

3. "Eu não acho que seja requerido dos pastores que façam burros de carga de si mesmos. Se eles pregarem diligentemente, visitarem os doentes, fizerem seus outros deveres episcopais e ocasionalmente fizerem bem àqueles com quem conversarem, eu não acho que Deus irá requerer que nos atenhamos a instruir cada pessoa distintamente nem que façamos de nossas vidas um peso e uma escravidão."

a) De que utilidade e importância é o dever, eu já lhes mostrei antes, e também quão claramente este lhes é ordenado. E vocês acham que Deus não requer que façam todo o bem que for possível? Vocês ficarão sem ação, observando os pecadores chorando pela agonia da morte e dirão: "Deus não requer que eu me faça um burro de carga para o salvar"? Essa é a voz do episcopado, ou da compaixão cristã? Ou é a da preguiça sensual e da crueldade demoníaca? Deus lhes ordenou esse trabalho, e vocês não acham que Ele quer que vocês o façam? É essa a voz da obediência, ou da rebelião? Suas carnes prevalecem com vocês para que neguem obediência ao dever jurado e declarem abertamente: "Não O obedecerei além do que me agradar", ou lhes faz rejeitar intencionalmente a evidência que deveria convencê-los de seus deveres e dizerem: "Não serei convencido de que este é um dever, pois não me agrada"? É a real face de um hipócrita que faz uma religião para si mesmo da parte mais barata do serviço a Deus, para que defenda sua carne e sua própria felicidade, e rejeita o restante, algo que, por si próprio, é inconsistente. Às palavras da hipocrisia, esta objeção adiciona as palavras da impiedade. Pois é uma grande calúnia contra o mais alto Deus chamar o seu serviço de escravidão! Que pensamentos esses homens têm de seu Senhor, de seu trabalho, de sua recompensa? Os pensamentos de um crente, ou de um herege? Esses homens honrarão a Deus e promoverão seu serviço, se têm pensamentos tão altivos sobre si mesmos? Poderão ter deleite na divindade quando a consideram trabalho escravo? Eles acreditam de fato na miséria dos pecadores, consideram escravidão o trabalho diligente para os salvar? Cristo disse que aquele que não nega a si mesmo, não abandona a tudo, e não levanta sua cruz e o segue, não pode ser seu discípulo; e ainda esses homens consideram escravidão trabalhar em seu vinhedo e ter seus prazeres negados, em uma época em que têm tantas comodidades e encorajamentos? Onde isso pode

ser a abnegação de tudo; e como podem esses homens ser aptos ao episcopado quando se revelam tais inimigos da autonegação e do real cristianismo? Ainda sou forçado a dizer que todas essas objeções são prevalentes, e todas essas ideias carnais atrasam a reforma; e em uma palavra, eis a miséria principal da igreja: *que tantos sejam feitos pastores antes que sejam cristãos.* Se esses homens tivessem visto a diligência de Cristo em fazer o bem, quando Ele negligenciou Sua carne para falar com uma mulher (Jo 4), e quando não teve tempo de comer o pão (Mc 3.22), eles teriam concordado com Seus amigos carnais, que foram até Ele e disseram que estava louco. Eles teriam dito a Cristo que se fazia de escravo, e que Deus não O obrigava a fazer tudo isso. Se O tivessem visto passando a noite em oração, e o dia na pregação e na cura, Ele teria aparentemente ouvido tais censuras por Seu trabalho! Eu aconselho a esses homens que busquem seus próprios corações, para descobrirem se realmente acreditam na palavra que pregam. Realmente acreditam que a glória espera aqueles que morrem no Senhor, e o tormento àqueles que morrem sem estar convertidos? Se sim, como podem acreditar que qualquer trabalho é muito para mãos que tanto carregam? Se não o acreditam, digam isso, saiam do vinhedo e vão com os pródigos cuidar dos porcos, mas não tentem alimentar o rebanho de Cristo.

Vocês não sabem que é de seu próprio benefício que caluniam? Quanto mais fizerem, mais receberão; quanto mais plantarem, mais colherão. Se vocês são estranhos a estes paradoxos cristãos, não deveriam ter aceitado ensiná-los aos outros. No momento presente, nossas recompensas pela vida e paz espiritual são comumente aquelas que são úteis ao dever; de modo que aquele que mais se empenha no dever tem mais de Deus, e o exercício da graça aumenta. E é uma escravidão ter mais de Deus e receber mais d'Ele do que outros homens? A recompen-

sa da alma boa é o próprio fazer do bem, recebendo por isso nada, e exercer aquelas coisas divinas que residem em seu coração. Um bom estômago não dirá em um banquete que é escravidão ter que se devotar tanto ao alimento; e também nós nos preparamos para maiores recompensas depois. Levamos nossos talentos à usura e, ao melhorá-los, faremos cinco virarem dez, para que governemos dez cidades. Seremos julgados de acordo com nossos feitos. É escravidão que troquemos nossas coisas inúteis por ouro e joias? Esses homens buscam justificar o profano, consideram a devoção diligente uma escravidão e reprovam-na como um modo de vida tedioso! Dizem que jamais acreditarão que um homem possa ser salvo sem tudo isso. Assim dizem dos trabalhos do episcopado; tomam essa diligência por tédio ingrato e não acreditarão que um homem possa ser um pastor fiel sem tantas coisas! É um pecado hediondo ser tão negligente em algo tão importante; mas aprovar essa negligência e pleitear contra o dever, como se fosse nada, e quando deveriam sacrificar-se pela salvação das almas, dizer: "Eu não creio que Deus o tenha ordenado", isso é uma agravação do pecado, que, onde a necessidade da igreja não nos forçar a fazer diferente, eu não consigo pensar em punição melhor que a de removê-los como se um câncer, como o sal que perdeu seu sabor, que não é útil para a terra ou para a lama e deve ser removido. "*Quem tem ouvidos para ouvir, ouça*" (Lc 14.35). E, se tais pastores virarem um modo de reprovação, esses terão apenas a si mesmos para agradecer; pois é o pecado desses que os faz vis (1Sm 3.13). E, enquanto eles abominam o serviço ao Senhor, na verdade, abominam a si mesmos e se preparam para uma abominação maior ainda no fim.

4. "Mas, se vocês fizerem leis tão severas para os pastores, a igreja não terá mais nenhum; pois que homem trará para si mesmo uma vida tão severa, e que pais escolherão tal peso

para seus filhos? Os homens evitarão isso por causa do peso corpóreo e pelo perigo que oferece para suas consciências, se não o fizerem bem."

a) Não fomos nós, mas, sim, Cristo que fez e impôs essas regras que você diz serem severas; e se eu as silenciar, ou as interpretar mal, ou disser que não existem, isso não as faria menos severas, nem o desculparia. Aquele que as fez sabe por que as fez e espera que sejam seguidas. A bondade infinita será questionada ou suspeitada por nós de fazer leis ruins ou pouco misericordiosas? Não, é a própria misericórdia d'Ele que nos impõe esse grande dever. Se médicos são obrigados a ser diligentes nos hospitais ou nas casas que têm a peste, ou com outros pacientes, de modo a salvar suas vidas, não há mais misericórdia que rigor nessa lei? Deveria Deus permitir que as almas de seus vizinhos pereçam, para que vocês não tenham que trabalhar tanto, e isso, então, seria Sua misericórdia? Que mundo miserável teríamos, se homens cegos e egoístas nele reinassem!

b) E quanto à provisão de pastores, Cristo providenciará. Aquele que impôs o dever tem a plenitude do Espírito e pode dar aos homens corações que obedeçam às Suas leis. Ou vocês acham que Cristo aceitaria se todos os homens fossem tão cruéis, impiedosos e egoístas quanto vocês? Aquele que se pôs a trabalhar pela redenção, aguentar as nossas transgressões e ser fiel como pastor principal e ensinador da igreja, este não perderá todo o seu trabalho e sofrimento por falta de instrumentos com os quais realizar seu trabalho; e também não virá novamente fazê-lo por conta própria, simplesmente porque ninguém mais o fará; ele providenciará homens para serem seus servos e ajudantes em sua escola, aqueles que farão o trabalho alegremente e se felicitarão por estarem empregados, e que dirão que é a vida mais feliz do mundo

aquela em que se carrega tal fardo; e que nada mudariam para agradar à carne e facilitar suas vidas, mas apenas para salvar almas e propagar o Evangelho de Cristo, e se contentarão em aguentar o peso e o calor do dia, e preencherão seus corpos com o sofrimento de Cristo, e isso com todas as suas forças, e trabalharão enquanto for dia, e serão servos de todos, e não se agradarão, mas, sim, aos outros pela edificação destes; e serão tudo para todos os homens, para que possam salvar alguns; e tolerarão a tudo pelo bem do eleito, e gastarão e serão gastos pelos homens, mesmo que, quanto mais amam, menos devam ser amados, e serão vistos por seus inimigos como lhes contando a verdade; tais pastores são os que Cristo providenciará a Seu povo, feitos conforme Ele, e a eles dará o conhecimento. Se vocês acreditam que Cristo não tem servos, farão, então, como Demas, virar-se-ão ao mundo e O abandonarão? Se os desagrada o serviço, procurem, pois, um melhor onde puderem e falem de seus ganhos na conclusão; mas não O ameacem com a perda do seu serviço. Ele fez tais leis que vocês chamariam de severas, para todos aqueles que serão salvos, assim como seus pastores, mesmo que não tenha imposto o mesmo cargo a todos eles; pois todos devem negar a si mesmos, mortificar a carne, ser crucificados no mundo, levantarem suas cruzes e seguirem Cristo; e estes serão Seus discípulos. E Cristo não ficará sem discípulos, nem irá esconder termos que pareçam duros aos homens para os convencer a servi-Lo, mas, sim, lhes dirá o pior e deixará que venham por escolha. Ele os chamará de antemão para lhes dizer o que lhes custará, e que "*as raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça*" (Mt 8.20). Ele não vem ao mundo para lhes dar a paz mundana e a prosperidade, mas para os chamar ao sofrimento com Ele, para poderem reinar junto a Ele, e em paciência possuir suas almas e conquistar, para que sejam coroados com Ele e se sentem

em Seu trono; e de tudo isso Ele empoderará Seus escolhidos para que façam. Se estiverem naquela encruzilhada com Cristo, tal como os israelitas estiveram com Davi, e disserem "*dar-vos-á também o filho de Jessé, a todos vós, terras e vinhas*" (1Sm 22.7); e, se disserem: "Cuide agora da tua casa, Davi", verão que Cristo cuidará da casa dele; e vocês cuidarão da sua como melhor puderem e me dirão, na hora da morte, qual julgamento é a melhor barganha e se Cristo tem mais necessidade de vocês do que vocês têm d'Ele.

E, quanto à hesitação por medo da falha, não são imperfeições involuntárias que Cristo verá como hediondas, mas, sim, a infidelidade e a negligência intencionais; e não pensem que poderão sair do vinhedo ou da colheita sob a falsa hesitação quanto ao seu trabalho. Ele os alcançará como fez a Jonas, com tal tempestade que os jogará na barriga do Inferno; abandonar o dever porque não se pode aguentar ser fiel à realização deste é uma péssima desculpa. Se os homens tivessem de início tido a compreensão das coisas temporais e das eternas, e do que poderão perder ou ganhar por Cristo, e se tivessem essa fé que é evidência de todas as coisas não vistas, e vivessem por fé, e não pelos sentidos, todas essas objeções seriam facilmente resolvidas; e todas as tentativas da carne e do sangue por seus interesses lhes pareceriam inaceitáveis.

5. "Mas para que serve isso, quando a maioria das pessoas não se submeterá? Elas apenas ridicularizarão sua moção e nos dirão que não serão catequizadas, e que estão velhas demais para ir à escola; portanto, é melhor que as deixemos em paz do que nos dar ao trabalho sem propósito."

a) Não há de se negar que muitas pessoas são teimosas em suas perversidades, que muitas das mais sim-

ples amam sua simplicidade, e ainda muitos zombadores se deleitam em suas zombarias, e que os tolos odeiam o conhecimento. Mas, por piores que sejam, quanto mais deploráveis forem seus casos, mais eles devem ser alvos de nossa piedade e mais diligentes devemos ser para que se recuperem.

b) Eu gostaria que isso não fosse tanto parte dos pastores, que tantos de nosso povo são tão teimosos e desdenhosos. Nós brilhamos e queimamos diante deles antes do que deveríamos? Demos sermões convincentes, vivemos vidas convincentes? Nós nos colocamos a fazer todo o bem que poderíamos, qualquer que fosse o custo? Se fôssemos mais humildes e mansos, mais amáveis e caridosos, e deixássemos que vissem a luz que brilha nas coisas mundanas em comparação com a salvação, muito mais poderia ser feito do que já é, e as bocas de muito seriam paradas, e por mais que os perversos ainda o seriam, seriam muito menos, e também mais calmos do que são. Se disserem a mim que os pastores mais aptos e devotos do mundo têm párocos tão desdenhosos e grosseiros quanto qualquer outro, eu lhes responderia que até os homens aptos e devotos têm sido arrogantes e estranhos, e alguns deles muito mundanos e pouco caridosos, e opostos a trabalhos necessários que sejam mais difíceis; e alguns deles fizeram pouco em particular, mesmo que tenham feito muito em público, e assim atrasam os frutos de seus trabalhos. Mas onde esses impedimentos não estão presentes, a experiência nos diz que o sucesso é muito maior do que apenas a submissão das pessoas, do que a calma e a disposição. Mas não podemos esperar isso de todos.

c) A grosseria deles não nos retira o dever. Se não lhes oferecermos nossa ajuda, como saberemos quem a recusa? A oferta é a nossa parte, e aceitar é a deles. Se não oferecermos, nós os deixaremos desculpáveis (pois

então eles não terão recusado) e então seremos indesculpáveis; mas, quando eles recusarem a ajuda ofertada, teremos feito nossa parte e salvo nossas próprias almas.

d) Se alguns recusam nossa ajuda, outros a aceitarão; e o sucesso com eles poderá ser grande. Não são todos que se convencem pela pregação pública, mas isso não quer dizer que possamos desistir.

6. "Mas qual a chance de haver homens informados ou convertidos por esses meios que não já serão convertidos pela pregação, quando essa é a principal maneira de Deus para se alcançar esse objetivo? A fé vem pela capacidade de ouvir a palavra pregada."

a) As vantagens eu já lhes mostrei anteriormente e não vou repeti-las aqui; apenas, se alguém acredita que isso lhes trará alguma inconveniência, ou lhes impedirá de pregar, adiciono aos 20 benefícios antes mencionados que este é um ótimo meio de os ajudar a pregar. Pois o trabalho do médico já está meio feito quando ele sabe o diagnóstico, e quando vocês estiverem familiarizados com os casos das pessoas, poderão saber sobre o que pregar; e isso lhes dará coisas sobre as quais falar com os ignorantes e os pecadores por uma hora inteira, pois saberão em que devem insistir e quais argumentos devem refutar.

b) Espero que não haja alguém aqui tolo o bastante para acreditar que esta conferência pessoal não é uma forma de pregação. Por acaso é o número de pessoas que faz o ato da pregação; e quando há interlocução todos somem? Certamente um homem poderá pregar tanto para um quanto para mil; e, como dito anteriormente, se vocês buscarem, descobrirão que a maior parte da pregação do Evangelho nos dias passados foi por conferência, ou discursos sérios feitos a pessoas, que eram frequentemen-

te interlocutórios; e isso com um, dois, ou mais, conforme a oportunidade do momento. Assim, o próprio Cristo também frequentemente pregava. Além disso, devemos nos ater ao aprendizado de nossos povos se queremos ter sucesso em nosso trabalho.

Não há nada, portanto, de Deus, do Espírito nem da razão que nos dê motivo para questionar nosso trabalho, ou estarmos indispostos a fazê-lo; mas do mundo, da carne, e do demônio teremos muito, mais talvez do que jamais esperamos. Porém, contra todas as tentações, se tivermos os recursos de Deus, virmos suas grandes obrigações de um lado, seus efeitos e recompensas no outro, teremos pouca razão para duvidar ou para desistir.

Coloquemos isso, pois, diante de nós em texto, aprendamos nosso dever de agora em diante e o imitemos. Servir ao Senhor, e não aos homens ou a nós mesmos, com humildade e sem orgulho, e com muitas lágrimas; manter nada que seja útil ao povo, e lhes ensinar publicamente e também de porta em porta; que o assunto de nossa pregação seja o arrependimento a Deus e a fé para com nosso Senhor Jesus Cristo; que, mesmo que ajamos em correlação com o Espírito, sem saber o que exatamente nos ocorrerá, nenhuma dessas coisas nos afetará, nem consideraremos nossas vidas como importantes, para podermos terminar nosso serviço com alegria, e o episcopado que recebemos de nosso Senhor Jesus; testemunhar o Evangelho da Graça de Deus; atermo-nos a nós mesmos e ao rebanho, particularmente contra os sedutores domésticos e as cismas; sem que nossos avisos cessem um dia ou uma noite, às lágrimas; não invejar a prata, o ouro ou a joia de qualquer pessoa, considerando mais honrável dar do que receber. Que lição se coloca aqui diante de nós! Mas quão mal aprendida ela é por aqueles que ainda questionam se tudo isso constitui seu dever. Confes-

so que algumas dessas palavras de Paulo tão frequentemente se apresentam diante dos meus olhos, que me convenci por elas tanto do meu dever quanto da negligência; e acho que esse discurso merece um ano de estudo, mais do que muitas das coisas às quais os estudantes se dedicam atualmente. Irmãos, escrevam diante de suas portas, ou copiem em letras maiúsculas diante de seus olhos! Se ao menos pudéssemos aprender duas ou três linhas das que seguem, que pregadores seríamos! Para nosso trabalho geral, **sirvamos ao Senhor com humildade**. Para o trabalho especial, **atenham-se a si mesmos e a todo o rebanho**. Na doutrina, **arrependam-se para com Deus e tenham fé em nosso Senhor Jesus Cristo**. Quanto ao lugar e o modo de ensino, **ensinem-lhes publicamente e de porta em porta**. Quanto ao objetivo e a maneira interna, **não deixem de avisar a todos pela noite e pelo dia em lágrimas**. Isso deve ser feito para ganhar e preservar as almas. Da inocência e autonegação pela vantagem do Evangelho, **eu não cobiço a prata ou o ouro de qualquer homem**. Da paciência, **nenhuma destas coisas me moverá, nem considerarei minha vida importante**. E, dentre todos esses motivos, estes devem ser colocados em letras grandes diante de nossos olhos. Nós supervisionamos e alimentamos **a Igreja de Deus, que foi comprada com o sangue d'Ele. Os lobos malignos tentarão se infiltrar e não pouparão o rebanho, e dentre vocês homens se levantarão e dirão coisas perversas, para afastar os discípulos e separá-los.** Escrevam tudo isso sobre seus corações, e farão a si mesmos e à igreja mais do que 20 anos de estudo das coisas mais mundanas, que podem obter mais aplauso neste mundo, mas, separadas deste, lhes farão apenas soar como se fossem címbalos e tambores.

A grande vantagem de um coração sincero é que Deus, a glória e a salvação das almas são o seu objetivo; e, onde este objetivo é realmente a intenção, não há tra-

balho ou sofrimento que os impedirá ou os fará dar para trás; pois um homem deve atingir seu objetivo, não importa o que este lhe custe. Ele ainda mantém essa lição, não importa o que mais esqueça, de que **uma coisa é necessária**: e *busque primeiro o Reino de Deus, portanto, diz: necessidade é colocada sobre mim, e ai de mim se não pregar o Evangelho!* Isso é o que mais facilitará nossos trabalhos, fará de nossos fardos mais leves, fará nosso sofrimento ser mais tolerável e nos convencerá a enfrentar qualquer perigo que se coloque em nosso caminho. Desejo fazer aquele lema que em outra luta tive como minha bandeira que também seja o meu agora, pois, a meu ver, esta não é tão diferente. De um lado, *aquele que salva sua vida irá perdê-la*. Do outro, *nec propter vitam vivendi perdere causas*.[201] Nisso, o doutor Reginolds viu razão o bastante para se manter em seus trabalhos, mesmo que isso lhes tenha custado a vida. Aquele que sabe que serve um Deus que nunca fará um homem perder por Ele não teme qualquer perigo que se coloque em seu caminho; e aquele que sabe que busca uma recompensa que, se obtida, irá compensar todo e qualquer custo poderá se empenhar corajosamente e vender tudo que possui para obter tão rica pérola.

Bem, irmãos, não gastarei mais palavras exortando a mercadores tão sábios uma barganha, ou dizendo para professores verdades tão comuns; e se eu já disse mais do que preciso, fico feliz. Espero agora que possa tomar como certo que vocês têm a resolução para com a diligência e a fidelidade neste trabalho. Portanto, prossigamos.

[201] "Não salve a vida perdendo a causa da vida" (Iuvenalis, *Saturae* 8.84).

CAPÍTULO VII

Direções para a administração correta deste trabalho.

É um trabalho tão alegre que temos diante de nós, que é uma grande pena que seja destruído na infância, e pelas nossas próprias mãos. Por mais que eu saiba que temos uma geração difícil com a qual lidar, e que está além de qualquer um de nós a capacidade de se mudar um coração carnal sem a Graça do Espírito Santo, Deus trabalha pelos meios e abençoa os bons empreendimentos de Seus servos, de modo que me encontro certo de que grandes coisas serão feitas, e um golpe incrível será dado ao reino da escuridão por nosso trabalho, se este não falhar por culpa dos próprios pastores. O perigo principal é a falta de diligência e habilidade, da primeira já falei anteriormente, e da última eu me encontro muito ciente da falta de habilidade que possuo e dificilmente me elegeria apto a dar direções a qualquer um além dos jovens inexperientes do episcopado; portanto, devo torcer pela justiça de suas interpretações, pois agora terei de lhes dizer exatamente isso. Mas antes devo dizer algo para que essa parte não se perca no silêncio, pois o número de coisas é grande e me sinto apreensivo que o bem-estar da igreja e da nação dependam do sucesso deste trabalho.

As duas questões em que necessitamos de preocupação são? Trazer seu povo à submissão a este caminho da instrução privada, pois, se eles não se aproximarem de vocês, que bem

poderão receber? E a realização do trabalho de modo que mais tenda ao sucesso dele, quando seu povo vier.

I

Para essa *primeira*, as melhores direções que poderei dar são estas:

1. O modo principal disso tudo é que um pastor se comporte propriamente no curso de seu episcopado e sua vida, bem como possa convencer as pessoas de sua habilidade, sinceridade e amor legítimo por elas; se acreditarem que ele é ignorante, irão odiar seus ensinamentos e pensarão ser tão sábias quanto ele. Se pensam que ele é egoísta ou hipócrita e que não acredita no que diz, suspeitarão de tudo que ele disser e fizer por eles, e não vão aceitá-lo. Se acharem que ele pretende dominar suas consciências e lhes trazer problemas e desgraças, ou meramente exercitar a sagacidade e a memória deles, fugirão desse pastor como de um adversário, e de suas ações como se fossem dolorosas e nojentas. Por outro lado, quando acreditam que ele as compreende e tem boas opiniões de suas habilidades, elas o reverenciarão e aceitarão seu conselho mais prontamente. Quando forem persuadidas de que ele é correto, suspeitarão menos de suas ações; e quando compreenderem que ele não tem objetivos privados e próprios, mas meramente deseja o bem deles, serão mais facilmente persuadidos por ele. Porque aqueles a quem escrevo não são os mais aptos dentre os pastores, a estes digo? Vocês devem estudar e trabalhar mais para serem mais reverentes; vocês devem ter aquilo que Ames denomina como o menor grau tolerável, ou seja, ser "*supra vulgus fidelium*",[202] e isso produzirá reverência quando eles souberem que você é mais sábio do que eles; e aquilo que vocês buscam em habilidade deve ser compensado com outras qualificações, e então seus conselhos terão tanto sucesso quanto os de outros.

[202] "Além do comum".

Se os pastores se contentam em comprar seu interesse no povo ao custo de sua própria carne, e condescenderem a eles, e serem familiares, amáveis e prudentes em sua conduta, e realizarem seus bons trabalhos de acordo com suas habilidades, eles poderão fazer muito mais do que normalmente fazem. Não que devamos dar muito interesse a eles, para nosso próprio bem; mas para sermos mais capazes de promover nossos interesses em Cristo e levar adiante a salvação do povo. Se não fosse pelo bem deles, não seria grande questão se nos amam ou nos odeiam; mas qual comandante pode fazer seu melhor serviço se o exército o odeia? E como podemos pensar que eles considerarão nossos conselhos, quando abominam a pessoa que os deu? Trabalhem, portanto, para haver interesse nas estimas e afeições de seu povo, e então prevalecerão com eles.

Objeção: "Mas o que um pastor deve fazer para encontrar o interesse que nele foi perdido?"

Resposta: Se o povo desse pastor for vil o bastante para odiá-lo não por qualquer fraqueza, nem por histórias sobre qualquer coisa ruim em particular, mas meramente por tentar fazer-lhes o bem, por prudência e zelo, e odiaram a qualquer um que tentasse fazer seu dever; então ele deve, em paciência e mansidão, continuar a instruir aqueles que se opõem, para que Deus, porventura, possa lhes trazer ao arrependimento e ao reconhecimento da verdade. Mas, se isso for baseado em alguma fraqueza dele, ou alguma diferença de opinião, ou algum preconceito contra sua pessoa, que o pastor primeiro tente remover esse preconceito por meios apropriados; e se não puder, que lhes diga: "Isso não é por mim, mas, sim, por vocês; portanto, vendo que não obedecerão a uma única palavra minha, desejo que concordem em aceitar a de algum outro que lhes faça bem, algo que eu não posso", e então os deixe e veja se outro homem não é mais adequado a eles. Um homem de gênio dificilmente poderá ficar com um povo contra a vontade deles; e um homem sincero também não poderá permanecer em um lugar onde será inútil, apenas atrasando o bem que po-

deriam receber de outro homem, que tenha a vantagem do interesse, da estima e da afeição deles.

2. Supondo, então, essa preparação geral, a próxima coisa a ser feita é o uso dos modos mais efetivos para convencê-los do benefício e da necessidade desse curso de ação para suas próprias almas. O modo de se ganhar o consentimento de qualquer homem a qualquer coisa que lhe seja oferecida é o de provar que isso é bom para ele, pelo meio da evidência de que isso é correto de modo que caiba em sua compreensão; pois, se você não o convencer de que isso é bom ou necessário para ele, ele jamais o aceitará. Vocês devem, portanto, pregar a eles alguns sermões simples e convincentes com esse propósito de antemão, que lhes mostrarão o benefício e a necessidade do conhecimento das verdades divinas em geral, e o conhecimento dos princípios em especial, e que os mais velhos têm os mesmos deveres que os outros, em alguns aspectos até mais. Hebreus 5.12 nos fornece muitas observações úteis para tal coisa:

a) Que os oráculos de Deus devem ser a lição do homem.

b) Os pastores devem ensinar estes e as pessoas devem aprender por meio destes.

c) Os oráculos de Deus têm alguns princípios ou fundamentos que todos devem conhecer para serem salvos.

d) Estes princípios devem ser os primeiros a serem aprendidos.

e) Pode ser esperado que as pessoas prosperem neste conhecimento segundo os modos ou o ensinamento que possuem; e se não prosperarem, este é o seu pecado.

f) Se qualquer um que tenha vivido na igreja sob os meios do conhecimento ainda for ignorante destes princípios, eles devem ser ensinados, independentemente de sua idade.

Tudo isso é claro no texto; onde temos uma oportunidade justa, por meio de 20 razões claras e convincentes, para lhes mostrar a necessidade de conhecer os oráculos de Deus, especialmente os primeiros princípios; e especialmente para os mais velhos, que pecaminosamente perderam tanto tempo e há muito prometeram o arrependimento quando fossem velhos, e deveriam agora estar ensinando aos outros, e cuja interferência é um pecado e vergonha duplos, pois têm pouco tempo para aprender e estão perigosamente perto do julgamento; e que têm almas para salvar ou perder tanto quanto qualquer outro. Convençam-nos de quão impossível é chegar ao Céu sem saber disso, quando há tantas outras dificuldades e inimigos em nosso caminho. Os homens não podem realizar seu trabalho mundano sem conhecimento, nem aprender um ofício sem um aprendizado. Quem pode amar, ou buscar, ou desejar aquilo que não conhece? Convença-os de que é uma contradição ser um cristão e se recusar a aprender. Pois o que é um cristão senão um discípulo de Cristo, e como ele pode ser discípulo se se recusa a aprender? Aquele que se recusa a ser ensinado por Seus pastores se recusa a ser ensinado por Ele. Pois Cristo não descerá do Céu novamente para ensiná-los de Sua boca, mas, sim, apontou Seus pastores para ensinarem em Seu lugar. Dizer, portanto, que eles não serão ensinados pelos pastores é dizer que não serão ensinados por Cristo, e isso é dizer que não serão Seus discípulos. A abundância de tais evidências inegáveis são as armas que temos para convencê-los de seu dever. Façam com que eles compreendam que não é uma questão arbitrária que estamos criando e impondo, mas uma necessidade colocada diante de nós, e se não cuidarmos de cada membro do rebanho conforme pudermos, eles perecerão de suas iniquidades, mas seu sangue estará em nossas mãos; é Deus, e não nós, que nos impõe o trabalho, portanto, que eles culpem Deus, mais do que nós, em suas acusações. Seriam eles tão cruéis a ponto de desejar que um minis-

> tro abandonasse sua própria alma intencionalmente por medo de lhes atrapalhar enquanto busca prevenir sua condenação? Especialmente, familiarize-os com a verdadeira natureza do trabalho episcopal e a necessidade da igreja nisso; como consiste no ensino e no aconselhamento de todo o rebanho; mostre a eles que devem vir à congregação como eruditos a uma escola e devem se contentar em dar parte do que aprenderam, e ser instruídos de homem para homem. Faça com que saibam que isso os leva à salvação, e que será uma grande melhoria de seu tempo, e de quanta vaidade e mal isso irá lhes prevenir; e, quando descobrirem que isso lhes fará bem, aceitá-lo-ão mais facilmente.

3. Quando isso for feito, será necessário, de acordo com nosso pacto, darmos um catecismo a cada família na paróquia, seja rica ou pobre, para que não possam ter desculpas; pois, se você os deixar obter os seus próprios, metade não o fará. Por outro lado, quando os coloca em mãos, esse ato de receber é um incentivo para o aprendizado; e se eles lerem mesmo que só a exortação, isso poderá convencê-los e os levar a se submeter. Ao entregá-los, é melhor que o pastor primeiro traga a atenção da congregação para a necessidade de ter o catecismo em suas casas e então vá pessoalmente de porta em porta entregá-los, e tome a oportunidade de persuadi-los ao trabalho; e, conforme forem a eles, cataloguem as pessoas de cada família por idade, para que saibam de quem precisam tomar conta e instruir, e por quem esperar quando vier a vez deles. Eu, no passado, ao distribuir os livros, desejei que cada família os buscasse; mas vi muita confusão e incerteza nisso; talvez funcione em paróquias menores. Quanto ao custo dos livros, se o pastor for capaz, pode muito bem pagá-los; se não, os mais ricos dentre seu povo devem pagá-lo; ou, em um dia de humilhação preparatório para o trabalho, deixe que a coleção que deve ser feita para os pobres seja utilizada para a compra dos catecismos, e que as pessoas sejam encorajadas a ser mais liberais; e o que faltar pode ser compensado pelos mais ricos.

E, quanto à ordem de procedência nas paróquias menores, isso não é grande questão; mas nas maiores será necessário que façamos por ordem, família por família, começando um mês na execução, ou seis semanas após a entrega dos livros, para poderem ter o tempo de aprender; e assim os levando junto, eles virão mais facilmente, e os opostos terão mais vergonha de não participar.

4. Certifiquem-se de que sejam gentis com eles e façam os desencorajamentos da maneira mais cuidadosa que puderem.

a) Digam a eles publicamente que, se tiverem aprendido qualquer outro catecismo, você não lhes dirá que leiam este, a não ser que desejem fazê-lo por conta própria; pois a substância de todo catecismo ortodoxo é a mesma; nossas razões para lhes oferecer isso eram puramente brevidade e plenitude, para podermos lhes dar tanto quanto possível em tão poucas palavras quanto possível, e assim fazer o trabalho deles mais fácil. Se qualquer um quiser aprender outro catecismo ortodoxo, deixe que tenham essa escolha.

b) Quanto aos mais velhos, de memórias mais fracas, e que não devem perdurar muito neste mundo, que reclamam que não conseguem lembrar as palavras; digam-lhes que não esperam perplexar suas mentes, mas simplesmente os ouvir lendo frequentemente, e ver que eles compreendem, e que isso adentrou em seus corações e suas mentes, e que eles o carregam consigo, mesmo não lembrando as palavras.

c) E deixe que sua interação com aqueles que começarem seja gentil, convincente e vencedora, para ser um encorajamento para outros que ouçam sobre.

5. Se isso tudo ainda não submeter certas pessoas, não as abandonem; vão até elas e falem sobre o caso; saibam suas razões e as convençam do pecado e do perigo de seu desdém à

ajuda que lhes é oferecida. A alma é preciosa, e não devemos arriscar uma pela falta de trabalho; mas sigam-nos enquanto ainda houver esperança e não desistam deles como desesperados, até que não haja mais remédio. Antes de os largarmos como porcos ou cães, tentemos ao máximo, até termos motivos para desistir deles. A caridade espera o tempo necessário.

II

Tendo usado esses modos de procurá-los e trazê-los a nós para que se submetam a seus ensinamentos, a próxima parte a se considerar é como lidar com eles da maneira mais efetiva em seu trabalho; e novamente devo dizer que acredito ser muito mais fácil compor e pregar um sermão do que lidar diretamente com um homem ignorante, para sua instrução nos princípios necessários da religião. Muito desse trabalho é desprezado por alguns, e não duvido que isso irá testar o espírito de alguns pastores e lhes mostrar a diferença entre alguns homens e outros, certamente mais do que a pregação no púlpito faz. E aqui eu irei, como é apropriado para meu propósito, transcrever as palavras de um homem devoto, ortodoxo e erudito: Bispo Usher, em seu sermão diante do Rei James em Wanstead, sobre Efésios 4.13: "Nunca será suficientemente elogiado o cuidado de vossa majestade ao ordenar que as principais partes do catecismo deveriam ser explicadas diligentemente ao povo por toda a nação no episcopado; algo que eu só posso desejar que fosse tão devotamente executado quanto foi por pretendido por vossa majestade. Grandes eruditos poderão pensar que lhes faz crédito descer a estes pontos básicos e passar tanto tempo ensinando esses rudimentos e princípios da doutrina de Cristo. Mas eles deveriam considerar que a preparação habilidosa da fundação é a parte mais importante de todo o prédio e o início de toda construção. Segundo a Graça de Deus, que achou correto me fazer Seu construtor, eu preparei a fundação, disse o grande apóstolo. E que os mais eruditos dentre nós tentem, quando pudermos, e descobriremos que preparar este terreno

propriamente (ou seja, aplicarmos na capacidade de auditório comum, e fazer um homem ignorante compreender estes mistérios em alguma boa medida) nos colocará a testarmos nossas habilidades e nos trará mais trabalho do que se fôssemos discutir controvérsias, ou lidar com o aprendizado nas escolas. Mas Cristo disse a seus apóstolos, profetas, evangelistas, seus pastores e professores, todos, que trouxessem os que aprenderam e os que não aprenderam a essa união da fé e do conhecimento; e a negligência para com isso frustra todo o trabalho do episcopado. Pois que não preguemos tantos sermões ao povo, nosso trabalho estará perdido enquanto a fundação não for erguida; e os primeiros princípios, sobre os quais toda a doutrina deve ser construída, permanecerem não sendo ensinados."

As direções que acho necessário observar na realização do trabalho, quanto a modo e assunto, são as seguintes:

Direção 1: Quando seus vizinhos vierem até você, uma família ou mais, comece com um breve prefácio, para amaciar suas mentes e lhes tirar qualquer ofensa, indisponibilidade ou desencorajamento, e prepará-los para entreterem suas instruções: "Vizinhos e irmãos, talvez pareça para alguns de vocês algo incomum e problemático isso que lhes peço; mas espero que não o pensem desnecessário; pois, se eu achasse isso, teria poupado a vocês e a mim mesmo deste trabalho. Mas minha consciência me diz, e Deus me contou Sua palavra, sobre o que é estar encarregado das almas dos homens, e como o sangue daqueles que perecem sobre seus pecados será cobrado das mãos do pastor que os negligenciou, algo do qual não ouso ser culpado. Tristemente, todo o nosso trabalho neste mundo é o de chegar em segurança ao Céu; e Deus nos apontou como guias de Seu povo, para que os ajudemos nesta travessia. Se isso for bem feito, tudo estará feito; e, se não, tudo estará desfeito! O Senhor sabe que temos apenas um curto tempo em que estaremos juntos, portanto, nos compete fazer o possível pela salvação nossa e sua, antes que nós os deixemos e deixemos o mundo. Todos os outros ofícios no mundo são como brinca-

deiras e sonhos comparados a isso! O ofício ao qual vocês têm vocação servem apenas para manter sua carne, enquanto vocês se preparam para a morte e o julgamento, que Deus sabe que está próximo. E eu espero que vocês se felicitem pela ajuda em um trabalho tão necessário, e não achem muito que eu lhes passe tal trabalho, quando as coisas do mundo não podem ser obtidas sem maiores problemas."

Isto, ou algo nessas linhas, pode fazer deles mais dispostos a ouvirem e receberem a instrução, e lhes falar de seu conhecimento ou prática, que deve ser o trabalho do dia.

Direção 2: Quando vocês tiverem, então, falado com todos, tome as pessoas uma por uma e lide com elas em particular conforme puder, sem que as outras possam ouvi-los; pois alguns não podem falar abertamente diante de outros, e algumas não aceitam ser questionadas na presença alheia, pois acreditam que se sentem envergonhados quando os outros ouvem suas respostas; e algumas pessoas, que podem fazer melhores respostas, estarão prontas quando saírem a fofocar sobre o que ouviram, e a odiar aqueles que não falam tão bem quanto eles. Vocês devem, portanto, ser prudentes para evitar tais inconveniências. Mas a razão principal é, como eu vejo por experiência, de que as pessoas serão mais honestas e abertas sobre seus pecados, miséria e dever quando vocês as atendem a sós do que quando o fazem diante de outros; e se você não tem a oportunidade de lidar com eles em paz, isso apenas frustrará a todos. Se, portanto, vocês tiverem um local conveniente, deixem que o resto fique em um cômodo, enquanto vocês têm sua conferência com cada um a sós. E, para evitar escândalos, devemos falar com as mulheres na presença de outros; e se perdemos algumas vantagens para o sucesso de nossas instruções com isso, não há o que fazer; é melhor do que dar motivos àqueles que os procuram para destruir nosso trabalho. Para isso, podemos fazer com que, mesmo que outros estejam presentes no cômodo, aquelas passagens que são menos apropriadas para a audição de outros sejam ditas em

"*submissa voce*"[203] para que outros não ouçam; portanto, eles devem ser colocados na parte mais remota do cômodo; ao menos, faça com que não estejam presentes membros da mesma família, que serão menos prováveis de reprovar uns aos outros. Em suas análises e reprovações, direcionem-se principalmente aos mais ignorantes, confiantes e rancorosos, para estarem melhor posicionados para lidar com eles, e que, ao ouvir isso, as pessoas próximas sejam despertadas, mesmo que a mensagem não seja diretamente para elas. Essas pequenas coisas merecem atenção, pois são parte de um trabalho que não é pequeno; e pequenos erros podem atrasar um grande bem.

Direção 3: O começo de seu trabalho deve ser o de falar sobre o que aprenderam do catecismo, recebendo a resposta deles a cada questão; e, se eles forem capazes de recitar um pouco, tente ensaiar o credo ou o decálogo.

Direção 4: Escolha, então, alguns dos pontos mais importantes e teste, através de outras questões, a compreensão deles. E nisso, considere o seguinte:

> a) Que você não deve começar com as coisas menos necessárias, mas aquelas que eles acreditam que mais se aplicam a si mesmos. "O que você acha que ocorre com o homem após a morte? Você acredita que existe o pecado; ou que nasceu em pecado; e o que o pecado merece? Que solução Deus providenciou para a salvação das almas pecadoras e miseráveis? Alguém sofreu por nossos pecados, ou nós mesmos devemos sofrer por eles? Quem são aqueles a quem Deus perdoará? Quem deverá ser salvo pelo sangue de Cristo? Que mudança deve ser feita naqueles que serão salvos, e como deve ser feita? Onde reside a nossa felicidade principal? Sobre o que nossos corações devem se colocar?" E outras tantas perguntas.
>
> b) Atenham-se a lhes fazer perguntas agradáveis e desnecessárias, ou duvidosas e difíceis, sobre aquelas

[203] "Em voz baixa".

questões que são de maior peso; especialmente, sejam cuidadosos sobre as definições ou descrições. Alguns homens arrogantes se ocuparão com questões a que não podem responder por conta própria e serão severos com as pobres pessoas que não puderem responder, como se a vida e a morte dependessem disso. Vocês poderão nos perguntar, por exemplo, "o que é Deus?", e que resposta defeituosa esta pergunta trará! Será mais fácil dizer o que Ele não é, do que o que Ele é. Se perguntarem o que é o arrependimento, o que é a fé, ou o que é o perdão do pecado, para quantos pastores não terão que perguntar antes que tenham obtido uma resposta certa, da qual não tivesse grande discordância sobre o assunto? O mesmo ocorreria se vocês perguntassem o que é a regeneração ou a santificação. Mas podem dizer: "Se os homens não sabem o que Deus é, o que o arrependimento, a fé, a conversão, a justificação e a santificação são, como podem ser cristãos verdadeiros e serem salvos?" Eu lhes respondo, é diferente saber exatamente o que estas coisas são, e saber da natureza e dos efeitos delas, com um conhecimento mais geral e indistinto; e é diferente saber a respeito de algo e dizer o que este algo é. Os nomes por si próprios, como são comumente utilizados, já as significam e expressam a coisa sem a definição; e eles compreendem parcialmente o que os nomes significam, quando não podem colocar isso em palavras. Tal como eles sabem o que é arrepender, acreditar, perdoar; por costume da fala eles sabem o que essas coisas significam, mesmo que não possam defini-las, mas talvez lhes deem uma resposta básica: arrepender-se é arrepender-se, perdoar é perdoar. Ou, se eles puderem dizer que é o ato do perdão, isso é justo. Eu não posso impedi-los de usar essas questões; mas usem-nas cuidadosamente, em casos nos quais suspeitam de alguma grandiosa ignorância sobre alguma questão; especialmente sobre Deus.

c) Em tal caso, monte sua questão de modo que eles possam ver a resposta e lhes deem a solução que vocês esperam. Não se ocupem com as palavras, mas com as coisas e deixem para eles apenas a escolha do sim ou não, ou a mera eleição entre uma de duas descrições que vocês mesmos tenham proposto. Por exemplo: "O que é Deus: Ele é feito de carne e sangue tal como nós, ou é um espírito invisível: Ele teve começo? Pode morrer? O que é fé: é a crença em toda a Palavra de Deus? O que é acreditar em Cristo: é isso que faz um cristão verdadeiro, ou é acreditar que Cristo é o Salvador do mundo, e aceitá-Lo como seu salvador que perdoará, ensinará, governará e glorificará a você? O que é o arrependimento: é apenas se sentir mal pelo pecado, ou é a mudança da mente, do pecado para Deus; ou é ambos?"

d) E quanto ao que fazer quando se chega em questões difíceis, definições e outros similares: em todas as partes em que perceberem que eles não compreendem o sentido e foco de suas questões, devem primeiro compor mais cuidadosamente a questão para que a resposta seja óbvia e demandar um sim ou não; é absolutamente necessário fazer isso nas questões mais difíceis, se a primeira resposta for insatisfatória. Por exemplo: eu já perguntei a várias pessoas ignorantes como elas achavam que seus grandes e vários pecados serão perdoados, e me disseram que o fariam pelo arrependimento e a reforma de suas vidas, sem nunca mencionar Jesus Cristo. Ainda lhes perguntei se achavam que essa reforma poderia fazer com que tudo estivesse certo com Deus e houvesse satisfação pelo pecado cometido, e a resposta foi "esperamos que sim, pois não sabemos o que mais poderia fazê-lo." Era de se pensar que nunca ouviram falar de Cristo; e, realmente, alguns nunca ouviram. Portanto, eu lhes contei a história do Evangelho e do que Cristo fez e sofreu, e o porquê; e eles se põem a olhar, pensando nisso como uma coisa estranha da qual nunca ouviram, e dizem que nunca ouviram

nada sobre isso até agora, por mais que viessem à igreja todo domingo. Mas outros, eu noto, dão tais questões porque não compreendem a grandiosidade da questão e tomam a morte de Cristo por dada, perguntando somente como podem satisfazer a Deus, como sua parte sob Cristo. E, quando perguntei se suas ações poderiam honrar a Deus de alguma maneira, disseram que não, mas esperavam que Deus pudesse aceitá-los; e, quando pergunto se podem ser salvos sem a morte de Cristo, eles dizem não. E, quando pergunto o que Ele fez ou sofreu por eles, dizem que Ele derramou Seu sangue por eles e confessam que têm confiança em Sua salvação. Isso é o que muitos homens têm em suas mentes, que não estão prontas para a enunciação e, por falta de educação ou prática, são estranhas às expressões das coisas das quais tem algum conceito; e, por meio disso, vocês veem aqui o quão necessário é lidar gentilmente com as pessoas comuns em questões de conhecimento e expressão, se elas estiverem dispostas a aprender e a usar os meios e viver obedientemente; pois mesmo as pessoas mais velhas e devotas não podem falar o que pensam em expressões toleráveis; nem conseguem aprender quando essas expressões são colocadas em suas bocas. Alguns dos cristãos mais devotos e aprovados que conheço reclamam constantemente para mim, em lágrimas, que não conseguem aprender as palavras do catecismo, e quando considero as vantagens desses homens, que viveram com excelente auxílio e em dever constante, na melhor companhia, por 40, 50 ou 60 anos, isso me ensina o que esperar das pessoas pobres e ignorantes, que nunca tiveram tais vantagens, e a não as rejeitar tão prontamente quanto alguns professores altivos gostariam que fizéssemos.

e) Também deve ser observado que, se vocês os perceberem perdidos e preocupados por não saberem responder, se interponham e respondam por eles, retirando-lhes o fardo; então façam uma explicação comple-

ta e simples, para que, por meio de seus ensinamentos, possam compreender o necessário. E nisso é comumente necessário que se busque o problema "*ab origine*"[204] e se enfrente esta até que chegue ao ponto em questão.

f) Normalmente, com os muito ignorantes, é necessário que se passe por toda a nossa religião do modo mais simples e familiar que for possível. Mas este será o tema da nossa próxima direção.

Direção 5: Quando tiverem feito o que acharem justo neste teste de seu conhecimento, devem instruí-los pessoalmente, conforme as capacidades que tiverem. Se for um professor que compreende os fundamentos, vejam aquilo que ele mais precisa e expliquem mais a fundo certas doutrinas do Evangelho, ou preparem o caminho para algum dever do qual ele duvide, ou mostrem a necessidade daquilo que ele negligencia, ou os levem a admitir seus pecados e erros, da maneira mais convincente para edificá-lo. Se for alguém profundamente ignorante, dê-lhe uma recitação simples da religião cristã em poucas palavras; pois, mesmo que esteja no catecismo, de tal maneira: "Você deve saber que na eternidade havia um único Deus, que não tem começo e não pode ter fim, que não é um corpo tal como somos, mas um ser puro e espiritual, que sabe todas as coisas e pode fazer todas as coisas, e possui bondade e bênção em Si mesmo. Este Deus é um e também três pessoas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, de uma maneira incompreensível, além de nosso alcance; mas nós possuímos algo d'Ele em nós, e as outras criaturas nos mostram essa semelhança. Em um homem, seu poder, sua compreensão e sua vontade são todas uma única alma; mas não uma única capacidade, sendo diferentes uma da outra; tal como no sol o ser, o poder, o calor e a luz não são uma única coisa, apesar de haver apenas um sol; Deus é isso, em uma maneira incompreensível. E você deve saber que esse Deus fez todo o mundo por meio de Sua palavra;

[204] "Desde o início".

Ele fez os céus nos quais colocará Sua glória e fez um mundo de anjos divinos para servi-Lo em Sua glória; mas alguns desses, por orgulho ou outros pecados, caíram e se tornaram demônios que serão miseráveis em tormentos eternos; quando Ele fez o resto deste mundo terreno, fez o homem, a criatura mais nobre; fez um homem e uma mulher, Adão e Eva, e os fez perfeitos, sem pecado ou falha, e os pôs no jardim do Éden, e os proibiu de comer o fruto de uma única árvore no jardim, dizendo-lhes que, se o fizessem, morreriam. Mas o primeiro demônio que caíra os tentou ao pecado, e eles se entregaram a essa tentação, e, por pecarem intencionalmente, caíram sob a maldição da Lei de Deus e invocaram Sua ira. Mas Deus, em Sua sabedoria e misericórdia infinitas, enviou Seu Filho Jesus Cristo para ser o Redentor, aquele sendo prometido no começo e que foi feito homem há 1655 anos, nascido de uma virgem pelo poder do Espírito Santo, vivendo na terra entre os judeus por 33 anos; pregou o Evangelho pessoalmente e realizou vários milagres para provar a Sua doutrina, fazendo com que os homens acreditassem n'Ele; curou os cegos, os doentes e trouxe os mortos de volta à vida pelo poder de Sua palavra divina; e, ao fim, pela malícia dos judeus e por seu próprio consentimento, Ele foi crucificado, um sacrifício por nossos pecados, para carregar a maldição que seria nossa; e então Ele foi colocado em uma tumba e, no terceiro dia, ressuscitou e viveu entre eles por mais 40 dias; e, antes de partir, deu a Seus apóstolos e outros pastores o dever de pregar o Evangelho da salvação ao mundo e de chamar os pecadores para o arrependimento, e lhes garantir em Seu nome que, se acreditarem n'Ele e O aceitarem como seu salvador, e honestamente lamentarem seus pecados passados e se virarem para Deus, renunciando seus interesses e desejos carnais, Ele os perdoará de tudo que se passou e será misericordioso para com eles na hora certa, levando-os à comunhão espiritual com Deus e trazendo-os à glória após esta vida. Mas àqueles que fizerem pouco de seus pecados e da misericórdia d'Ele, e não abandonarem os prazeres deste mundo pelo próximo, estes serão condenados à eterna punição. Este Evangelho, Cristo ordenou que Seus pas-

tores pregassem por todo o mundo; e, ao dar esse encargo a seus apóstolos, Ele subiu aos céus diante de seus olhos, onde agora reside em glória com Deus, o Pai, reinando sobre tudo; e, no fim deste mundo, Ele voltará e trará os mortos à vida novamente, colocando-os a serem julgados, e todos que realmente tiverem se arrependido e crido n'Ele, e foram renovados por Seu Espírito, e renunciaram a este mundo em nome do próximo, poderão viver com Deus em glória, e serão a Ele tal como anjos, em eterno louvor; e os outros, que não se arrependeram e não acreditaram n'Ele, mas viveram pela carne e pelo mundo, serão condenados à eterna miséria. Por meio disso, vê-se que a felicidade do homem não reside neste mundo, mas, sim, no próximo, e que todos os homens perderam a esperança desta felicidade por meio do pecado, e que Jesus Cristo, o único Filho de Deus e Redentor do mundo, recuperou isso por nós pelo preço de Seu sangue, e fez conosco um novo pacto, garantindo-nos a vida e a salvação, se nos arrependermos e acreditarmos n'Ele por toda esta vida, e mortificarmos nossos desejos carnais. Para este fim, Ele enviou Seu Espírito Santo para converter todos aqueles que serão salvos e trazer seus corações deste mundo a Deus. Se pretende ser salvo, então, isso deve residir com você; seus pecados passados devem ser a tristeza de sua alma, e você deve buscar Jesus crucificado como seu único refúgio da maldição merecida, e o Espírito de Cristo o converterá e residirá em você, fazendo-o uma nova criatura; ou não haverá a salvação." Um ensaio desses, simples e curto sobre os princípios da religião, da maneira mais familiar que vocês puderem fazê-lo, com um leve toque de aplicação no final, será necessário para lidar com os mais hediondamente ignorantes; e se vocês ainda não acharem que eles os entendem, repitam isso até que o entendimento ocorra; e se possível, afixe-o às memórias deles.

Direção 6: Quer eles sejam ignorantes ou não, se você suspeita que sejam ímpios, faça a seguir um inquérito prudente quanto ao estado deles; o melhor e mais inofensivo modo de se fazer isso é falando algumas poucas palavras para preparar suas mentes, convencendo-os da necessidade desse inquérito;

"Se vê no sétimo artigo da escritura que o Espírito Santo por meio da palavra iluminou as mentes dos homens, e amaciou e abriu seus corações, retirando-os do poder de satã por Deus pela fé em Cristo, o que faz dessas pessoas santificadas em Deus; e que ninguém, exceto esses, tomam parte de Cristo e da vida. Eu não tenho intenção alguma de me intrometer no estado de qualquer homem, mas, porque é o cargo dos pastores oferecer conselhos às pessoas nas questões da salvação, e por causa do perigo causado pelo erro em questões de vida ou morte eternas, eu peço que me diga honestamente se encontrou essa grande mudança em seu coração ou não. Encontrou o Espírito de Deus pela palavra, chegou por sua nova compreensão a uma vida nova e eterna, que o fez uma criatura nova? O Senhor que vê seu coração bem sabe se este é o caso; portanto, rogo que fale a verdade." Se ele disser que espera estar convertido (todos são pecadores), mas que se arrepende de ter pecado, ou algo similar, então digam algumas palavras sobre a natureza da conversão verdadeira e assim renovem e reforcem seu inquérito de tal maneira: "Pois sua salvação ou condenação reside nisso, eu gostaria de o ajudar nessa questão, para que não cometa um erro em questão tão importante; e encontre a verdade antes que seja tarde demais; pois tal como Deus nos julgará imparcialmente, nós temos Sua palavra e, por meio dessa, sabemos agora como Deus nos julgará; pois Sua palavra nos diz da maneira mais certa quem serão aqueles que irão ao Céu ou ao Inferno. A escritura nos conta que o estado do homem não convertido é este: ele não busca qualquer felicidade no amor e comunhão com Deus na vida por vir, que retirará seu coração deste mundo presente; ele vive para si mesmo, e sua preocupação principal é com o bem de seu corpo aqui. O mundo e a carne são suas prioridades principais, Deus e Sua glória se encontram muito abaixo, e todo o seu serviço a Deus consiste em Lhe dar apenas aquilo que ao mundo e à carne sobram. Esse é o caso verdadeiro de todo homem não convertido; e todos que estão nesse caso residem em um estado miserável. Mas aquele que for realmente convertido, esse tem uma luz brilhando em sua alma, dada por Deus, que lhe mostrou a

grandiosidade de seu pecado e sua miséria, e fez desses um peso sobre sua alma; e lhe mostrou Cristo e o que Ele fez pelos pecadores, e o fez admirar as riquezas da Graça de Deus nele! Que boa notícia esta é para ele, de que ainda há esperança para pecadores dessa estirpe, que tantos pecados horríveis poderão ser perdoados e que tudo isso é oferecido àqueles que aceitarem! Quão alegremente ele recebe essa mensagem e oferta; e pelo tempo futuro ele renuncia a si mesmo e a tudo aquilo que tem para Cristo, para que seja d'Ele por completo, e que Cristo disponha dele em nome de Sua glória eterna, como foi prometido. Aquele que agora tem tal visão do estado abençoado dos santos em glória, aquele que abomina todo este mundo como tolo e impuro em comparação, e ali coloca sua felicidade e suas esperanças, e toma todas as questões desta vida como auxílio ou atraso conforme o caso, para que o objetivo e prioridade principais de sua vida sejam a felicidade na vida por vir. Esse é o caso daqueles que estão realmente convertidos e que serão salvos; esse é o seu caso ou não? Você teve essa mudança sobre sua alma?" Se ele disse que espera que sim, vá a algumas questões mais específicas. "Rogo então que responda estas duas ou três questões."

a) Você pode realmente dizer que todos os pecados passados de sua vida são a tristeza de seu coração, que você sente que a miséria eterna é o preço deles, e que, em sua sensação deste peso, você se sentiu um homem perdido, e alegremente ouviu a notícia do Salvador, e deu sua alma a Cristo pelo perdão de Seu sangue?

b) Você pode realmente dizer que seu coração se distanciou de seus pecados passados, que odeia esses pecados que anteriormente amou, que ama a vida devota com a qual não se importou antes e que não vive mais na prática intencional de qualquer pecado? Não há pecado algum do qual você não abrirá a mão nem dever que você se recusará a fazer, não importa o que custe?

c) Você pode realmente dizer que tem, até o momento, sentido o prazer eterno de Deus pela sua felicidade, que esta consiste da maior parte de seu coração, de seu amor, desejo e cuidado; e que você está certo, pela força da graça, a deixar tudo que tem no mundo em vez de arriscar a esta; e que seu trabalho principal e diário é buscá-la? Pode dizer sinceramente que, apesar de suas falhas, sua principal preocupação e a intenção de toda a sua vida é a de agraciar a Deus e desfrutá-Lo para sempre, e que seu trabalho mundano é apenas tal como um viajante procurando provisões para sua jornada, e que o Céu é o seu lar?

Se ele disser que sim à 2.ª questão, então vá ao 9.º, 10.º, 11.º ou 12.º artigos do catecismo e leia alguns daqueles deveres que suspeitam que ele omite; e lhe perguntem se ele realiza tais deveres, especialmente a oração familiar e privada, e o modo de se passar o domingo; pois esses são de grande importância e falarei deles mais adiante.

Direção 7: Quando vocês tiverem, pela descoberta anterior da tremenda ignorância ou pelos inquéritos do estado espiritual dele, discernido a probabilidade aparente de a pessoa ainda não estar convertida, sua próxima ação deve ser a de trazer, com toda a sua habilidade e poder, o coração desse pecador à compreensão da situação em que ele se encontra. "Verdadeiramente, vizinho, eu não tenho o desejo, como o Senhor bem sabe, de fazer sua condição pior do que já é, nem pôr qualquer medo infundado em sua mente; mas suponho que você me fosse tomar por um inimigo ardiloso, e não um amigo fiel, se eu tentasse encobrir a verdade. Se em sua doença você procurasse um médico, gostaria que ele lhe contasse a verdade; mesmo que fosse ruim; isso se aplica ainda mais aqui, pois naquele caso o conhecimento de sua doença poderia agravá-la; aqui, se não o souber, jamais poderá recuperar-se. Temo que você ainda é um estranho à nova vida daqueles que Cristo salvará; pois, se você fosse realmente um cristão, realmen-

te convertido, seu coração estaria focado em Deus e na vida por vir, você admiraria as riquezas da graça em Cristo, teria se empenhado em se preparar para a eternidade, e você não o faz; você não viveria em pecado intencional nem na negligência de seus pecados já conhecidos. O que fez, como tem passado o seu tempo até agora? Você não sabia que tem uma alma a salvar ou perder, que deve viver no Céu ou no Inferno eternamente, e que tem sua vida e tempo neste mundo para o propósito de se preparar para a próxima? O que tem feito este tempo todo enquanto tem sido ignorante e despreparado para a morte, se esta lhe encontrar agora? Se você tivesse se ocupado mais com o Céu do que com a terra, teria maior conhecimento desta, teria feito mais por esta e procurado por ela mais diligentemente do que o fez! Se você pode aprender a fazer os trabalhos do mundo, porque não pôde aprender aqueles que são a vontade de Deus? Você tem vizinhos que aprenderam mais, que tiveram tanto para fazer no mundo quanto você e tão pouco tempo quanto! Por acaso o Céu não vale seu trabalho, ou você acha que este pode ser obtido sem cuidado ou dores, quando não se pode ter as coisas do mundo sem as buscar, e quando Deus lhe disse que deveria primeiro buscar Seu reino, e a certeza deste? Vizinho, e se tivesse morrido antes desta hora, neste estado não convertido? O que lhe poderia ter acontecido, onde estaria agora? Por que não soube esse tempo todo que deveria viver por um objetivo? E pensar que você seria tão cruel consigo mesmo a arriscar seu estado eterno tão desesperadamente quanto o fez! O que estava pensando? Não sabia que logo iria morrer e ser julgado tal como for encontrado? Tem por acaso algum trabalho maior a fazer, ou qualquer questão mais importante em sua mente do que a salvação? Acha por acaso que tudo que poderá obter neste mundo é o conforto na hora da morte, ou que poderá comprar sua salvação, ou aliviar a dor do fogo do Inferno?" Deixe que essas coisas se assentem em seus corações com uma voz mais sincera do que usou na parte anterior de seu discurso, pois, se não alcançar seus corações, você terá feito pouco ou nada, e aquilo que o afeta não é rapidamente esquecido.

Direção 8: Em seguida, conclua com uma exortação prática, que deverá conter duas partes: o dever do coração de buscar a finalidade em Cristo, e aquilo que é implícito nesta finalidade; e o uso dos meios externos para o tempo por vir e a evitação dos pecados passados. "Vizinho, estou profundamente triste de vê-lo em tal situação, mas serei mais triste ainda se o abandonar nela; portanto, permita-me suplicar, pelo amor de Deus, e pelo seu próprio bem, que pense no que lhe digo, pois o tempo está por vir. É pela grande misericórdia de Deus que você não foi levado em seu estado não convertido, que ainda tenha vida e tempo, e que há remédio o suficiente provido para sua alma no sangue de Cristo; o perdão e a vida ainda lhe podem ser oferecidos; Deus não deixou o homem pecador abandonado ao mais completo desespero, por falta de um resgate através do Redentor, tal como fez com os demônios; nem fez Ele qualquer exceção na oferta ou promessa de perdão e vida contra você, não mais do que fez a qualquer outro. Se seu coração ainda sangrar pelo pecado, e você vier a Cristo para se recuperar, e renunciar a si pelo seu salvador e Senhor, o Senhor terá misericórdia de você, perdoará seus pecados e salvará sua alma; e devo lhe dizer como deve ser o trabalho da Graça de Deus lhe dar tal coração, quando Ele o perdoar e salvar, também fará com que essa mudança opere em você, tal como antes a mencionei; Ele fará seu pecado como se o maior peso do mundo, aquilo que é odioso por si próprio e que se deixou aberto à maldição de Deus; Ele fará com que você veja que é um homem perdido, e que não há outra possibilidade para você, exceto a condenação eterna, se você não for perdoado pelo sangue de Cristo e santificado por Seu Espírito; Ele fará com que você veja a necessidade que tem de Cristo e o quanto deve a Ele por derramar Seu sangue, e que todas as suas esperanças e sua vida residem n'Ele; fará com que veja a vaidade deste mundo e tudo que ele lhe oferece, e que toda a sua felicidade reside com Deus, naquela vida eterna, onde, com santos e anjos, você poderá presenciar Sua glória, viver em Sua presença e louvá-Lo eternamente, enquanto aqueles que forem rejeitados serão atormentados junto aos demônios;

e porque somente Cristo, o Redentor, poderá trazê-lo a essa glória e retirá-lo deste tormento, Ele fará com que você O veja como sua esperança e vida, e você deixará sua alma pesarosa com Ele; e se dará a Ele para ser salvo, ensinado e governado; e Ele irá possuí-lo com o Espírito da divindade, para que seu coração se coloque em Deus e o Céu como seu tesouro, e a preocupação de sua mente, e o ofício de sua vida será a obtenção disso, e você detestará este mundo, negará seus interesses carnais e desejos, e renunciará ao pecado com abominação por seu antigo deleite; e sofrimento algum será grande demais para obter a vida eterna com Deus. Deixem que eu lhe diga que, até que este trabalho seja feito, você é um homem miserável; e se morrer antes que isso seja feito, estará eternamente perdido. Agora, você tem a esperança e o auxílio diante de você, mas não haverá nenhum. Permita-me, então, implorar por duas ou três coisas, e não as negue a mim, se ama sua alma.

a) Que não permanecerá nesta condição; não aquiete sua mente até que ocorra a verdadeira conversão. Pense nela quando se levantar pela manhã; que este poderá ser seu último dia, e a morte o encontrará em um estado tão desgraçado. Pense, quando estiver trabalhando, sobre os trabalhos grandiosos que ainda deixa por fazer, para que sua alma se reconcilie com Deus e seja possuída por Seu Espírito! Pense quando estiver comendo ou bebendo, ou olhando para qualquer coisa que possuir neste mundo, que bem isso lhe trará, se viver e morrer como inimigo de Deus, estranho para com Cristo e Seu Espírito, e então perecer para sempre. Deixe que esses pensamentos estejam dia e noite em sua mente, até que sua alma seja mudada.

b) Pense seriamente sobre a vaidade deste mundo, e quão rapidamente isso o levará à cova fria e à miséria eterna, se não obtiver um tesouro melhor do que este. Pense sobre o que é viver na presença de Deus, reinar com Cristo e ser tal como os anjos; e que esta é a vida que

Deus deseja para você e para a qual lhe prepara, e que oferece de graça para você, se aceitar a ela e aos termos simples e razoáveis d'Ele. Pense se não é loucura ofender essa glória infinita e preferir esses sonhos carnais e sombras terrenas. Acostume-se a tais considerações quando estiver sozinho e deixe que residam em sua mente.

c) Presentemente, sem qualquer demora, aceite a felicidade e esse salvador; aceite do Senhor Jesus essa oferta à vida eterna. Alegre e graciosamente aceite essa oferta, como o único modo de se ser feliz, então poderá acreditar que todos os seus pecados serão desfeitos por ele.

d) Coloque-se presentemente contra seus pecados passados; descubra o que maculou seu coração e sua vida, e se desfaça deles por meio do arrependimento, tal como você retiraria o veneno de seu estômago e jamais o beberia novamente.

e) Coloque-se no uso dos meios de Deus até que essa mudança realmente ocorra, então continue no uso desses meios até que seja confirmado e finalmente aperfeiçoado. Porque você não poderá por conta própria realizar essa mudança em seu coração e sua vida, dedique-se diariamente a Deus pela oração e implore sinceramente por sua vida que Ele perdoe todos os seus pecados anteriores, mude seu coração e lhe mostre as riquezas de Sua graça e de Cristo, e a glória de Seu reino, e traga seu coração a Ele.

Siga a Deus dia e noite nesses pedidos. Fuja das tentações e das ocasiões pecaminosas, abandone sua companhia maldosa anterior e se dedique à companhia daqueles que temem Deus, e que irão ajudá-lo a entrar no Céu. Especialmente, passe o Dia do Senhor em exercício divino, tanto público quanto privado, e não perca nem um quarto de hora de seu tempo, mas especialmente daquele tempo mais precioso, que Deus lhe deu para que focasse

> sua mente n'Ele, para ser instruído por Ele e se preparar para seu fim. O que você diz? Fará isso como lhe peço? Faça ao menos o que puder. Promete pensar nessas coisas que mencionei e a orar diariamente por sua mudança até que a tenha realizado, mudar sua companhia e seu curso, e se colocar no uso dos meios do Senhor em ler e ouvir as escrituras, e meditar sobre elas, especialmente no Dia do Senhor?" E aqui, se puderem, obtenham essa promessa e os encorajem a essa reforma, especialmente quanto aos meios, à mudança de companhia e à negação do pecado, pois essas são as coisas mais possíveis a eles, e desse modo poderão esperar mais pela realização da mudança que ainda não ocorreu. E façam isso solenemente, lembrando-os da presença de Deus que ouviu suas promessas e esperará que as cumpram.

Direção 9: Antes que eles partam, adicionem algumas palavras: "Espero que não levem a mal que o perturbei tanto, ou fui tão franco com você! É tão pouco prazeroso para mim quanto é para você. Se eu não soubesse que essas coisas são verdadeiras e necessárias, eu teria poupado isso a nós dois. Mas sei que ficaremos aqui apenas mais um pouco (já estamos quase no próximo mundo), portanto, é hora que todos olhemos para nós mesmos e vejamos se estaremos prontos quando Deus nos chamar." Pois é raro que tenhamos a oportunidade de falar com a mesma pessoa, coloquem-nas no caminho de aperfeiçoar aquilo que foi começado. Falem com o chefe de cada família para que deem conta a ele toda tarde de domingo, antes de irem à cama, que ensaiem o catecismo, e assim continuem até que tenham aprendido tudo perfeitamente; e quando o tiverem feito, ouça-os recitarem, para que não esqueçam; pois mesmo os mais judiciosos acharão ajuda excelente que isso seja memorizado: é a soma de toda a doutrina, para meio, método e palavras. Quanto aos mestres da família em si, ou aqueles que estão sob tais mestres sem os ajudar, se tiverem aprendido apenas uma pequena parte do catecismo, encorajem-nos a vir novamente quando tiverem aprendido o resto, ou então a

irem até um vizinho experiente e recitar para eles e aceitar sua ajuda, quando não puderem ter a sua.

Direção 10: Tenham os nomes de todos os seus párocos anotados em um livro; e quando eles vierem e recitarem o catecismo, anote quais vieram e quais não; e quais são tão ignorantes a ponto de serem inaptos para a Ceia do Senhor e a comunhão divina, e quais não. E, conforme notar as necessidades de cada um, lide com eles no futuro. Mas, para aqueles que forem terrivelmente teimosos e não vierem até vocês nem forem instruídos por vocês, lembrem o último artigo de nosso acordo: "lidar com eles tal como os mais teimosos odiadores de nossa instrução devem ser lidados, quanto à comunhão, e à aplicação dos selos e das cerimônias confirmadoras". Ou seja, evitem-nos e não tenham as comunhões com eles, na Ceia do Senhor ou em outras cerimônias; e, apesar de que alguns de nossos irmãos receberiam os filhos destes para o batismo, e se ofendem comigo por contradizê-los, eu não poderei fazê-lo sem reconhecer as ações de seus antepassados, ou a fé dogmática de pais rebeldes, supondo que não sejam tal como seus pais. A esses particulares, adiciono estes gerais:

Direção 11: Durante toda a sua conferência com eles, certifiquem-se de que o modo assim como o assunto sirvam bem ao objetivo. Quanto ao modo, atenham-se a estas questões:

> a) Falem diferentemente de acordo com a pessoa com a qual tiverem de lidar. Aos lentos e teimosos, vocês devem ser mais honestos e diretos; aos mais mansos e tímidos, que já estão humilhados, devem insistir na direção e na confirmação; aos jovens, devem reforçar a vergonha da voluptuosidade sensual e lhes mostrar a natureza e a necessidade da mortificação; aos mais velhos, devem mostrar a desgraça deste mundo presente e deixá-los apreensivos da proximidade de sua mudança e da agravação de seus pecados, se continuarem a viver e morrer em ignorância ou impenitência; aos inferiores e mais jovens, devem ser mais liberais; aos superiores e mais

velhos, mais respeitosos; aos ricos deste mundo, devem ser mais desgraçados, a natureza e necessidade da autonegação deve ser explorada, e as consequências enganosas da preferência à prosperidade presente e não da felicidade futura; assim como a necessidade de realizar maior caridade; aos pobres, mostrar as riquezas da glória que lhes é proposta no Evangelho, e quão bem as coisas presentes poderão ser poupadas, já que as eternas virão. Insista também sobre aqueles pecados que dependem de sua idade ou sexo, ou chamado, ou emprego no mundo. Quanto às mulheres, loquacidade, diálogos malignos, paixão, malícia, orgulho, etc. Todos os quais, e muitos outros diferentes, requerem uma conduta diferente.

b) Sejam tão condescendentes, familiares e simples quanto possível com aqueles que são mais fracos.

c) Deem a eles a prova da escritura para tudo que disserem, para verem que Deus lhes fala por meio de vocês.

d) Sejam sérios em tudo, mas especialmente na parte da aplicação. Eu dificilmente temo qualquer coisa mais do que alguns pastores que deixam seus trabalhos malfeitos, ou apenas superficialmente, sem vida, e destroem seus deveres, transformando-os em mera formalidade; dão ao povo apenas algumas palavras frias, sem qualquer sentimento, portanto, nada produzem em seus ouvintes. Mas certamente aquele que dá valor às almas, e sabe da oportunidade que está diante dele, este fará o trabalho da maneira correta.

e) Acho, portanto, muito necessário que nós, tanto antes quanto depois do trabalho, sintamos o sofrimento de nossos corações, para sermos excitados e reforçados na crença da verdade do Evangelho e na glória invisível e na miséria que virão. Sinto-me confiante que este trabalho testará a força de nossa fé; pois aquele que é um cristão apenas superficialmente, e não possui força em

sua fé, sentirá seu zelo falhar, especialmente quando o dever se tornar comum, por falta de noção das coisas que deverá trabalhar para manter vivas. Um fervor afetado e hipócrita não perdurará em tais deveres. O púlpito terá mais deles do que a conferência com as pobres almas ignorantes; pois o púlpito é o palco do pastor hipócrita. Ali, na imprensa e nos atos públicos, onde há mais espaço para a ostentação, eles certamente darão o seu melhor. É outro tipo de homem, o que melhor fará o trabalho que é realmente necessário.

f) É, portanto, vital que nos preparemos para isso pela oração privada; e se o tempo permitir, se começarmos e terminarmos com uma oração rápida por nosso povo, isso será melhor.

g) Recitem todas as passagens, até as mais honestas, em claras demonstrações de amor pelas almas do rebanho e façam com que não desejam nada além da salvação deles, e evitem todas as passagens duras e desencorajadoras.

h) Se não tiverem o tempo para lidar completamente com cada um de maneira pessoal como eu aqui sugiro, então não omitam as partes mais necessárias; juntem tantos quanto puderem que forem amigos, e que não divulgarão as fraquezas uns dos outros, e falem para eles as coisas comuns, que concernem a todos; e somente as análises do conhecimento e dos estados deles, das convicções da miséria e das direções especiais devem ser usadas apenas com os indivíduos; mas se atenham para que o trabalho não seja malfeito, ou breve demais.

Direção 12: Por último, se Deus lhes permitir, estendam sua caridade aos mais pobres, antes que eles os abandonem; deem-lhes algum alívio e ocasionalmente os encorajem a fazer o melhor que puderem; prometa isso quando tiverem aprendido o catecismo. Sei que não poderão dar o que não tiverem; mas falo isso para aqueles que podem. Isso servirá para as

direções dos pastores mais jovens, em suas interações com os mais ignorantes e carnais dentre os que conhecerem.

Quanto àqueles que se encontram temerosos, ou cujas mentes estão preocupadas, que ainda nos dão esperança no trabalho da graça salvadora em suas almas, por mais que isso mereça um discurso inteiro para si, não tratarei disso agora; pois minha intenção para esse discurso é que alcance outro objetivo, porque já acredito ter feito o bastante em minhas "direções para a paz da consciência."

CAPÍTULO VIII

Há outro tipo com o qual temos a ocasião de realizar conferência privada, apesar de que estes estarão raramente dispostos a serem catequizados: são os questionadores de opiniões, que, estando maculados com orgulho e egoísmo, estarão mais prontos para ensinar do que para serem ensinados, e a falarem de seus próprios conceitos e brigarem com vocês, sendo eles mesmos ignorantes ou errôneos, do que a receberem instrução. E, se eles estão maculados com qualquer erro notável ou disposições separatistas, buscarão desperdiçar o tempo com coisas pedantes e disputas, em vez de aprender. Não lhes direi o que fazer com esses homens em outros momentos (isso farei mais adiante); mas somente caso eles venham até vocês nos momentos dedicados à catequese e instrução; nem presumo dirigir qualquer pastor exceto os mais fracos nisso.

É provável que vocês vejam alguém vir junto aos outros, e quando estes forem dar parte de suas experiências na fé, colocar-se-ão a ensinar e discursar de maneira conflituosa; um lhes dirá que vocês não têm igreja real, pois têm péssimos membros; outros perguntarão por qual autoridade batizam crianças; outros ainda perguntarão como podem ser pastores verdadeiros se não foram ordenados por prelados; e ainda outros perguntarão que escritura vocês têm para orar ou cantar salmos em uma assembleia mista; e mais outros irão interpelá-los por não administrarem a Ceia do Senhor para eles, com os gestos e a maneira que eles desejam, e que acham apropriado receber; ou vocês exercitam a disciplina entre eles. Se qualquer pessoa vier a vocês buscando de tal maneira lhes causar distração, acredito que devam fazer o seguinte:

I

Informem-nos de que esse horário é dedicado à instrução do povo nos princípios da religião e que é pouco apropriado perverter isso de seu uso original; sendo, afinal, um pecado realizar o trabalho de Deus de maneira desorganizada, ou o realizar mal, quando pode ser feito melhor. Portanto, tal como se evita tornar o louvor público de Deus no domingo em uma disputa vã, o que indispõe a mente dos homens e atrapalha o trabalho, vocês também acham impróprio abusar desse tempo para outras finalidades, quando esse já possui uma finalidade maior.

II

Mas também deixem claro que não pretendem evitar esse teste da verdade; e que, portanto, os entreterão em um momento mais apropriado, para os satisfazer; ou que receberão a instrução dele se ele for capaz disso, contanto que também receba a instrução que vocês oferecem; e se for esse o caso, deem-lhes essa reunião se sobrar tempo após o trabalho, mas sob essas condições, e de que ele primeiro se submeta ao trabalho principal.

III

Peça-lhe, então, que primeiro fale dos princípios do catecismo; e se ele se recusar, convença-o antes de tudo da iniquidade de suas ações.

1. Por serem esses princípios iniciais aqueles dos quais a salvação depende, portanto, são de grande excelência e necessidade, e devem ser os primeiros a ser considerados.

2. Por ser o trabalho pretendido para este dia.

3. Por ser correto começar com os fundamentos, pois eles apoiam o resto, que os supõem, fluem deles e não podem ser compreendidos sem eles.

4. Por a marca de um hipócrita vaidoso fazer tanto de coisas menores enquanto se é ignorante das maiores, ou fazer pouco do momento de profissão de conhecimento, que o povo, a quem ele odeia, não se recusa a fazer.

Se ele fizer o que pedem, perguntem-lhe apenas questões de grande importância, mas também o forcem mais do que fazem com as pessoas comuns; e, especialmente, demandem que ele defina, ou explique, ou faça distinção entre alguns termos, ou sentenças da Escritura. Conforme tais questões se apresentarem a ele e forem pedidas definições, há grande chance de que vocês descobrirão que ele é um ignorante: "O que é Deus? O que é Jesus Cristo? O que é o Espírito Santo? O que é a pessoa na Trindade? Quantas naturezas tem Cristo? Foi Cristo uma criatura antes de Sua Encarnação ou Criação? Ele é chamado de o primogênito de todas as criaturas como Deus, ou como o homem? Ele é chamado de imagem do Deus invisível, ou de Imagem Expressa da pessoa do Pai, ou subsiste como criatura ou como Deus? Adão poderia acreditar em Cristo? Foram feitos um ou dois pactos com Adão antes de sua queda? O primeiro pacto da natureza fez alguma promessa da glória celestial eterna? Ameaçou o fogo do Inferno ou a morte temporal? Ameaçou o tormento eterno apenas à alma, ou ao corpo também? Deve haver uma ressurreição do corpo, se Cristo não decidiu que isso fosse feito? Cristo teria vindo, ou nos liderado, ou nos levado à glória, se o homem não tivesse caído? Qual é o primeiro pacto? Quais suas condições? Qual é o segundo pacto e quais suas condições? Quais as diferenças entre o pacto feito com Adão e aquele feito com Moisés? O pacto com Moisés foi um pacto sobre os trabalhos, ou sobre a graça? Quais eram as condições da salvação antes da encarnação de Cristo? O que é o perdão dos pecados? O que é a justificação? Como somos justificados pela fé? Por meio de que trabalhos? O que é a fé? O que é o arrependimento? O que são a santificação, a vocação, a regeneração? O pacto da graça é feito apenas com os eleitos ou com todos; ou com quem? O que é o livre-arbítrio? Há conversão sem a palavra? Qual é a natureza verdadeira da graça especial; e qual é a di-

ferença entre um homem regenerado e todos os outros? O que é a Igreja Católica? Como saberemos se é a verdadeira igreja? Como você sabe que a Escritura é a palavra de Deus? Qual é o cargo profético, nobre e divino de Cristo? São estes três cargos, ou um só, ou são todos?" Abundem de questões tal como estas.

Se forem controvérsias do sacramento que ele menciona, digam que é necessário que vocês primeiro concordem sobre o que o batismo e a Ceia do Senhor são; antes que disputem sobre quem deve ser batizado; e, na grande maioria do tempo, ele não saberá dizer quais são os reais sacramentos. Uma verdadeira definição de batismo ou da Ceia do Senhor não é tão comumente dada quanto se acha.

IV

Se ele descobrir a própria ignorância nos casos propostos, encorajem-no a se humilhar no sentido de seu orgulho e sua presunção; e deixem-no saber o que esses são e o que significa tal comportamento combativo e orgulhoso, enquanto ele for realmente tão ignorante das coisas mais importantes.

V

Certifiquem-se de que poderão informá-lo melhor nas questões em que ele for ignorante.

VI

Mas especialmente se certifiquem de discernir o espírito desse homem; e se ele for um cismático perverso, ou um herege, que se esteja conduzindo de maneira imperiosa e carregada de orgulho, sem qualquer esperança de recuperação, então façam tudo aquilo que lhes disse anteriormente diante de todos os presentes, para ele ser humilhado e envergonhado; e os restantes, confirmados. Mas, se vocês acharem que ele é

devoto e comedido, e que há esperança de sua redução, então se certifiquem de fazer isso tudo de maneira privada, somente entre vocês; e não deixem que palavras amargas causem ressentimentos. Assim os aconselho, porque devemos ter cuidado com as reputações de todos os homens, por fidelidade a eles e à verdade, conforme possível; devemos carregar os fardos uns dos outros, e não os aumentar, e devemos restaurar aqueles com espíritos mansos causados pela enfermidade, lembrando que nós mesmos também poderemos ser tentados. E também porque sempre há a esperança de que vocês poderão fazer o bem aos outros.

VII

Certifiquem-se de que, para com tais pessoas errôneas acerca das quais vocês têm esperanças, se comportam com a gentileza e o amor que condizem com seus deveres quanto à Igreja de Deus; pois a maioria deles, quando estão maculados dessa maneira, são tão egoístas e arrogantes que se tornam mais impacientes para com a reprovação do que muitos dos mais profanos.

Foi dessa maneira que Musculus lidou com os anabatistas, visitando-os em pessoa e trazendo-lhes a libertação, mesmo que tenham dito que ele não era cristão; e assim ele continuou, sem gerar disputa com eles, até que os convenceu de que ele os amava; então o buscaram por seus conselhos, e muitos ali foram salvos por ele.

VIII

Na conclusão de sua conferência, ou em um momento apontado, quando vocês debaterem as controvérsias que ele trouxe, digam que, visto que ele acredita que vocês não podem ensiná-lo, e que ele é capaz de ensiná-los, é então seu desejo aprender; que vocês supõem que a disputa, que normalmente apenas exaspera a mente dos homens em vez de satisfazê-los,

deve ser usada apenas como último recurso; portanto, vocês se encontram dispostos, se eles forem capazes de lhes ensinar, a aprender do que eles dizem e a falar com suas mentes. Se eles se recusarem, digam a ele que acreditam que o modo mais humilde e cristão de edificar aquele que tem mais conhecimento é o de ensinar, e ao outro, aprender; portanto, seu propósito é o de ser tanto aprendiz quanto professor (mas não disputante, se eles não fizerem disso necessário). Quando tiverem declarado o que pensam a vocês de maneira a ensiná-los, se isso não passar de nada além dos chamados comuns dos seduzidos, como provavelmente serão, digam-lhe que "nada disso é novidade. Não é a primeira vez que se ouve isso, ou que se considera, e que, se houver qualquer evidência divina nisso, já foi há muito recebida; estamos dispostos a receber toda a verdade, mas essa é contrária à doutrina, que possui muito mais evidência do que o que foi trazido." Se eles desejarem ouvir quais são essas evidências, digam que, se ouvirem como aqueles que buscam aprender, vocês comunicarão a evidência da maneira mais compreensível que puderem; e se ele prometer tal coisa, deixe-o de sobreaviso que essa promessa obriga-o à imparcialidade e a considerar a verdade de maneira livre e humilde, e que não devem dar as costas a isso e voltar à reclamação e à contenda, e devem levar o que for dito em consideração; o que, se eles prometerem, e se vocês forem hábeis com o assunto em questão o bastante para realizar isso "*ex tempore*",[205] ou se forem comedidos e aptos a tais debates, então apresentem suas evidências em forma de discurso, demonstrando suas bases na escritura; não muitas, mas aquelas que forem mais claras e aprovadas. Quando estiverem acabados (ou sem o ensino verbal, se acreditarem que ele não aprenderá dessa maneira), deem-lhe algum livro que fizer boa defesa da verdade questionada e lhe digam: "É algo vaidoso dizer tão frequentemente algo que já foi dito por completo, e o homem pode considerar melhor aquilo que tem diante de seus olhos do que aquilo que passa por entre suas orelhas, apenas

[205] "Fora do momento", "no momento".

para ser mal-entendido ou esquecido; portanto, desejamos que seja um aluno humilde, que leia este livro com maturidade; pois essas são as mesmas coisas que diríamos a você, e desejamos que chegue a uma resposta mais sóbria e sólida quanto à força principal disso, se, após a leitura, considerá-la insólita." E, se possível, esclareçam uma das evidências mais fortes nele antes que se parta. Se ele se recusar a ler o livro, convençam-no de sua infidelidade à verdade e à sua própria alma: por acaso ele acha que a verdade de Deus não vale a pena seu estudo? Ou ele deseja arriscar sua alma, como os ímpios fazem, e a paz da igreja junto dela, apenas para se poupar do trabalho? Não é justo para com Deus que a ilusão seja deixada, que não nos preocupemos com as dificuldades da informação e que ofereçamos à verdade uma audiência justa?

IX

Mas, acima de tudo, antes que se separem, ou mesmo antes de debaterem a controvérsia, contabilizem as verdades precedentes com as quais vocês ambos concordam.

1. Saibam se ele concorda com tudo aquilo que se encontra no catecismo, que você ensina ao povo.

2. Se ele supõe que se pode obter a salvação, se for fiel a tudo aquilo com que vocês concordam.

3. Se vocês, concordando em tantas coisas, não deveriam viver em paz como filhos do mesmo Deus, e membros do mesmo Cristo, e herdeiros do mesmo reino.

4. Se vocês não têm ambos, apesar de suas diferenças, o dever de ajudar no trabalho do Evangelho, de converter e salvar as almas.

5. Se eles não deveriam melhor cuidar de suas diferenças de modo a não interromper o trabalho, para que os menores possam ser elevados.

6. Se não deveriam tomar parte na comunhão em louvor público, e em relação com a igreja, com aqueles que concordam em andar tementes a Deus.

7. E se não é uma forma de cisma se separar deles por causa de tal discordância, quando eles não cometeram algum pecado que os impeça da comunhão.

Digo isso tudo apenas quanto às diferenças toleráveis que se apresentam entre homens que temem a Deus; e nesse caso, se a pessoa for comedida e compreensiva, ele deve responder afirmativamente a essas questões, o que se fizer a qualquer uma delas, deixe que ele abertamente declare isso; e então que todas as testemunhas compreendam que nada do que vocês discutirem é questionado; pelo contrário, se torna inquestionável, e a escritura é que faz isso; portanto, não há causa para qualquer desencorajamento.

O bispo Usher disse ao Rei James, em seu sermão em Wanstead, sobre a unidade da igreja; que ele fez a proposta aos próprios padres papistas para que se unissem no ensino das pessoas daquela nação bárbara dos princípios comuns aos quais ambas as partes aderiam; uma proposta cristã demais para tais homens de facções. Repetirei as palavras dele, na página 33: "O perigo dessa ignorância é a confissão dos devotos mais judiciosos de ambos os lados, reconhecida como grandiosa; o terrível estado deste pobre país onde vivo é lamentável, e as pessoas frequentemente perecem por falta de conhecimento (ele se referia aos papistas), as superstições do papismo não realizando nada que mudasse a ignorância dos princípios comuns da fé, que todos os cristãos devem aprender. A consideração disso ocasionalmente tem me levado a tratar com aqueles da facção oposta para convencê-los de que, independentemente de nossas diferenças, nós devemos nos unir ao ensino dessas questões principais, cujo conhecimento é tão necessário à salvação e da verdade na qual não há controvérsias entre nós. Mas as invejas que essas distrações nas questões da religião criaram entre nós fizeram com que essa moção tivesse pouco efeito; e assim, dente nós, as pessoas pobres se

mantêm em ignorância miserável, sem saber os fundamentos de uma religião nem da outra."

E que pouco surpreendente é que os padres papistas tenham recusado essa moção, quando agora, entre nós, é tão raro encontrar qualquer um na Inglaterra, apesar de a única diferença ser a questão do batismo infantil, que irá calmamente, e sem segundas intenções fraudulentas, considerar e promover tal moção pelo bem maior; como se preferissem que o Cristianismo fosse removido do mundo do que as crianças fossem permitidas na igreja! Bem, que qualquer facção ou pessoa finja seu zelo ou divindade; eu entenderei este "*dividatur*"[206] como um mau sinal; a mão verdadeira evita a divisão da criança, e o cristão verdadeiro prefere o interesse comum da cristandade, antes do interesse de qualquer facção ou opinião, e não colocaria o edifício inteiro em perigo para evitar que uma estaca fosse inserida; preferiria que uma única verdade, supondo-se que esta seja verdade, deva sofrer, em vez do todo ou da parte principal.

Tendo lhes dado esses conselhos, sobre o que fazer quando esse tipo de homem estiver em sua conferência na ocasião já mencionada, adicionarei agora algumas palavras de conselho sobre como se portar para com eles em outros momentos; para a preservação da unidade e da paz de suas congregações, que muito dependem de vocês lidarem propriamente com homens desse tipo. Pois, para nossa tristeza e vergonha, é muito comum que homens que professam uma religiosidade mais do que ordinária sejam os divisores da igreja.

I

Devo presumir aqui que a parte principal de seus trabalhos consiste na preservação da igreja de tais homens, e consiste no ato de impedir que caiam; pois eles estão completamente infectados; independentemente do erro, eles raramente se recuperam,

206 "Coisa que foi dividida".

mas, se forem retirados do erro no qual caíram, eles vão a outro e então talvez a um terceiro, mas raramente retornam à verdade.

II

Para esse fim, é mais desejável que um pastor seja de uma origem acima do povo, para poder melhor ensiná-los, maravilhá-los e fazer com que manifestem suas fraquezas a si e a todos. A verdade é, pois, que isso não pode ser ignorado, que é por parte dos pastores que as pessoas pobres caem em tantas facções; e, particularmente, por causa da fraqueza de muitos deles. Quando um sedutor orgulhoso tiver a língua ágil, e um pastor for lento e ignorante, capaz de ser surpreendido, ou jogado contra os outros, isso traz a ele o desdém, e os derruba por serem fracos; pois aqueles que os julgam terão causa, e aquele que tem a língua mais plausível e confiante será triunfante. Mas, quando o pastor consegue abrir sua vergonha para todos, isso ajuda a salvar a igreja da infecção.

III

É necessário também para esse fim que vocês frequente e diligentemente lembrem seu povo da natureza, necessidade e uso diário dos grandes e inquestionáveis princípios da religião, e do grande pecado e perigo de um zelo perverso sobre as questões menores antes que as maiores sejam esclarecidas, e deixem que eles fiquem cientes de que é dos princípios, e não das controvérsias menores, que a vida e a morte dependem.

IV

Deixem claros os malefícios das divisões, das grandes e certeiras obrigações que recaem sobre todos nós para mantermos a unidade e a paz da igreja.

V

Quando o fogo for aceso, não zombem nem da menor faísca; portanto, vão diante da pessoa infectada e a sigam pelos meios mencionados anteriormente, até que esteja curada.

VI

Especialmente, usem uma distração apropriada. Quando uma controvérsia pequena colocar a igreja em perigo, levantem-se acima desta, onde terão mais vantagem para lidar com ela, e não causar divisões; isto é, deixe que saibam que há dificuldades maiores do que as deles que devem ser resolvidas primeiro, tal como algumas das questões anteriormente mencionadas, e então lhes deem um catálogo destas, e os coloquem para trabalhar nisto, para que se ocupem longe desta ferida, e também para serem humilhados com uma compreensão da ignorância que possuem, e seus conceitos orgulhosos sejam abatidos.

VII

Certifiquem-se de que pregam a tais audiências alguns pontos maiores, que atrasam a compreensão deles, e os alimentem não somente com leite, mas também com a carne mais forte; pois os enche de orgulho quando o pastor lhes diz algo que já sabem, ou que poderiam dizer por si próprios. Isso faz com que pensem que são tão sábios quanto vocês e que deveriam ser os ensinadores; pois acham que vocês não sabem mais do que o que pregam, e isso faz com que eles preguem, pois não ouvem nada dos outros que já não saibam; e os pastores devem, então, os humilhar, para impedi-los de fazer tal coisa. Não que eu queira que vocês negligenciem as grandiosas verdades fundamentais, ou façam mal aos fracos e ignorantes quando lidam com estes; mas, nas partes de seus sermões que forem as mais simples, falem uma pequena parte que deixará os homens mais arrogantes confusos, ou então, a cada quatro ou

cinco sermões, insira um especial para eles, não pela citação dos pais da igreja ou pela repetição do latim ou do grego (exceto quando for convencê-los da dificuldade do texto da Escritura, pois eles certamente zombarão disso), mas façam algumas questões profundas, das que agitam as escolas, e deixem que vejam que não é a sua maneira obscura de lidar com tais coisas, mas a questão em si que é difícil demais para eles, e que eles ainda são crianças que precisam de seu leite, e que vocês falariam de questões maiores se não fosse pela incapacidade deles de os acompanhar.

VIII

Certifiquem-se também de pregar pouco no púlpito que seja diretamente oposto a eles, ou à facção deles, ou quaisquer títulos que possuam; pois aqueles que tomam parte em uma cisão são excessivamente sensíveis, orgulhosos, passionais e imprudentes; e se notarem a oposição, terão ódio, eles os tomarão como inimigos e debatedores. O modo correto, portanto, é o de fazer isso sem os nomear, preparando cuidadosamente a fundação da qual vocês irão subverter os erros deles; e então o erro cairá por conta própria. E, quando vocês tiverem que lidar com eles diretamente, não o façam por frases e interações curtas e pouco satisfatórias, ou comentários sarcásticos e reprovações; mas, sem os nomear, abordem a controvérsia e lidem com ela propriamente, de maneira pacífica e convincente, e deixem-nos a sós dentre o público, sem se demorarem em qualquer parte; dando apenas as melhores evidências em seus sermões, sem dizer tudo que poderia ser dito, lidando com aquilo que eles tiverem menos razão para discordar e passando por cima daquilo do qual eles teriam maiores reclamações, ou exigiriam mais argumentos para esclarecer e defender.

IX

Mantenham também algumas reuniões privadas, trazendo-os a vocês e realizem-nas com prudência. Por meio disso,

vocês poderão impedi-los de formar reuniões entre eles, nas quais dirão o que quiserem pelas suas costas, sem seu controle; pois muitos ensinadores possuem o vício pelas reuniões privadas, que, bem ordenadas, são de grande utilidade na edificação; e se não tiverem a oportunidade de realizar uma, tomarão parte daquelas que não deveriam. Na realização destas, para nosso propósito atual, observe tais coisas:

1. Certifiquem-se de sempre estar com eles pessoalmente.

2. Não deixem que os assuntos principais dessas reuniões sejam as contendas, ou a ostentação orgulhosa das opiniões dos homens, mas, sim, a edificação do povo; não para a pregação ou comentário da escritura por parte dos homens, nem, como alguns fazem, que cada um fale questões que tiverem, mas, sim, para a repetição de sermões que vocês pregaram, para clamar por Deus e louvá-Lo.

3. Mas também permitam que tenham a oportunidade de falar e ouvir de maneiras que levem ao aprendizado. Para esse propósito, quando tiverem terminado de se repetir, deixem que todos os presentes saibam que, se eles duvidam de qualquer coisa que foi dita, ou gostariam que algo fosse explicado a eles, ou qualquer outra coisa que possa ser ligada ao assunto presente, ou qualquer outra questão necessária, que vocês desejam que deixem claras as suas dúvidas; portanto, permitam que tenham a liberdade de questionar, como aprendizes, enquanto vocês permanecem como ensinadores, e também impeçam que disputem ao deixá-los fazer suas próprias respostas. E, se vocês não tiverem quaisquer habilidades "*ex tempore*"[207] de resolver as dúvidas deles, não façam isso; mas, se tiverem, será de grande utilidade, tanto para a edificação deles quanto para a manutenção da ordem e da dependência deles em vocês.

4. Mas, se vocês notarem que eles estão desnecessariamente dedicados ao exercício da ostentação de suas próprias opiniões, e que há a possibilidade da discórdia, se eles não possuírem a oportunidade de fazê-lo, não sejam duros demais

[207] "Coisa que foi dividida".

com eles; calmamente os deixem cientes de que, para o próprio bem deles, vocês desaprovam disso, tanto por ser o sinal de um coração orgulhoso, que prefere ensinar a aprender, especialmente devido à presença de um ensinador encarregado que já supre esta necessidade; e também porque vocês temem que isso não levará à edificação do rebanho, mas, sim, à balbúrdia vaidosa ou à incitação de outros que não são capazes dessa imitação. Procure saber se eles possuem alguma verdade de Deus a revelar aos outros e por que não a revelam. Se não possuem, por que desejam desnecessariamente dizer aos outros aquilo que já é dito diariamente por vocês? Se possuem, é necessário que vocês a ouçam e a considerem antes de consentir que essa seja ensinada ao rebanho. Contudo, se essa leve resistência não os satisfizer, deixe que continuem por algum tempo para que não haja uma separação da igreja; a não ser que eles já sejam hereges perversos e sutis; e, quando tiverem terminado seus exercícios, digam que, tal como vocês dão a liberdade para proporem suas dúvidas sobre aquilo que vocês lhes disseram, também devem tomar aquela liberdade que permitiram; e então questionem, primeiro, se as compreensões do povo serão edificadas por tais introduções vãs e vaidosas, ou se seriam melhor servidas pela memorização das coisas que mais recentemente ouviram; e se tais exercícios ou repetições são mais necessários. Então exponham a fraqueza dos discursos deles: as citações incorretas das Escrituras, os erros na maneira, no método e nas palavras; e não o façam de maneira desdenhosa ou deselegante, mas simplesmente como comentários às coisas que os deixaram insatisfeitos. Por tais meios, vocês rapidamente envergonharão aqueles ostentosos e farão com que desistam.

X

Usem seus povos ao máximo, como seus auxiliares, de maneira metódica sob sua orientação, ou eles se tornarão desordenados, se dividirão e farão oposição a vocês. Essa é uma grande causa de cismas, quando pastores desdenhosamente impedem a pregação privada sem qualquer desejo de utilizar

os dons que Deus deu a esses homens para auxiliar os pastores, e os afastam das coisas divinas, como se fossem profanos. O trabalho dificilmente será bem feito se não houver pessoas capazes empenhadas nele além dos pastores. Deus não nos deu seus dons para estes serem enterrados, mas para o uso comum. Por meio de uma melhoria prudente dos dons dos cristãos mais aptos, poderemos receber muito auxílio deles e prevenir o abuso destes dons, tal como um casamento previne a fornicação. E as coisas às quais eles podem se dedicar são estas:

1. Encoraje-os a serem diligentes no ensino e na pregação com suas próprias famílias, especialmente em catequizá-las, e ensinem a eles o sentido daquilo que aprenderam, ajudando a compreensão por meio de suas afeições; e se eles quiserem pregar para seus filhos e servos, contanto que não façam mais do que são capazes de fazer, eu não vejo porque não poderiam.

2. Encorajem-nos também a ocasionalmente irem a seus vizinhos pobres e ignorantes, e os catequizar e instruir com mansidão e paciência, e isso lhes trará maior paz de espírito em vez de condená-los.

3. E os encorajem também a ir até os pecadores impenitentes e escandalosos, e lidar com eles com toda a habilidade e honestidade que puderem, mas também com amor e paciência, para converter, reformar e salvar as almas deles.

4. Familiarizem-nos com o dever de se aterem uns aos outros em amor fraternal, e que admoestem e exortem uns aos outros diariamente. E, se qualquer um fizer de algo escandaloso, que digam suas falhas diante de dois ou três, depois que forem reprovados pessoalmente; e se isso não prevalecer, que contem aos oficiais da igreja, para que proceda aquilo que Cristo recomendou.

5. Em suas reuniões privadas, e nos dias de humilhação e de ação de graças em particular, peçam que orem e os dirijam a pensar nas questões anteriormente ditas.

6. Se houver algum pecador especialmente ignorante ou escandaloso do qual vocês saibam, e vocês não tiverem tempo

algum com o qual falar com eles, enviem aqueles que forem mais capazes e comedidos para que o façam em seu lugar; que instruam os ignorantes e admoestam os ofensores, como pessoas carregando a mensagem de um pastor e que carregam o dever desse onde forem.

7. Permitam que alguns deles sejam escolhidos para representar a igreja; ou serem seus agentes na preparação dos casos de disciplina para a audiência pública, e a estarem presentes com os oficiais da igreja nas reuniões para ouvir as evidências apresentadas contra os pecadores escandalosos e impenitentes; e também para discernir quão válidas essas são, e se as pessoas deverão dar satisfação e testemunho público de arrependimento, ou se algo mais deve ser feito.

8. Que todos que forem aptos sejam feitos oficiais subservientes, como diáconos; então eles poderão ajudá-los de maneira mais natural e, por meio dessa relação, se sentirão obrigados a manter a unidade da igreja e a autoridade do episcopado, já que tomam parte em seu emprego e honra; assim, pela complicação de seus interesses, vocês os tornarão mais firmes na igreja; mas certifiquem-se de que eles são competentes nisso antes de tudo.

Estou certo de que, se os pastores tivessem feito o uso de seus membros mais aptos, poderiam ter prevenido muitas dessas divisões, apostasias e distrações que nos assolam; pois teriam encontrado trabalho o bastante em suas mãos, sem invadir o espaço do episcopado, e também teriam mais razões para lamentar suas próprias imperfeições e habilidades. A experiência os teria convencido e humilhado muito mais do que nossas palavras jamais poderão. Um homem pode pensar que poderia causar excitação ou arrancar uma árvore por suas raízes sem nunca ter tentado; e quando tenta, será envergonhado. Certifiquem-se, então, de torná-los diligentes em seus trabalhos e mantenham em suas mentes que é um pecado negligenciar suas próprias famílias e seus vizinhos ignorantes e miseráveis; então eles permanecerão humildes e não terão intenção de realizar mais do que são capazes, permitindo que vocês os

impulsionem por conta própria e os reprovem pela negligência; nem terão qualquer plano de lazer ou cisma, por conta da constância e grandiosidade de seu emprego.

XI

Mantenham também o amor e a familiaridade cristãs com eles, mesmo quando tiverem começado a se deformar e demonstrar defeitos; e não percam seus interesses neles, se tiverem quaisquer esperanças de que se recuperem.

XII

Se eles se retirarem em reuniões separadas, sigam-nos e estejam entre eles continuamente se for necessário. Discordem da legalidade disso; mas digam a eles que estão dispostos a ouvir o que eles têm a dizer, e a estar no meio pelo bem deles, se permitirem, pois temem que eles possam encontrar males maiores, que não serão facilmente banidos; mas se cuidem para que eles não os excluam, pois, no meio deles, vocês terão a oportunidade de apresentar uma educada e comedida oposição aos erros que fizerem e, com o tempo, demonstrar a eles as vaidades de suas ações; assim prevenindo muitas das coisas mais impudentes que os poderiam levar ao erro grave e que certamente ocorreriam sem a presença de alguém que os contradissesse. Eles poderão dizer qualquer coisa quando ninguém os contrariar e farão com que pareça bom aos olhos dos mais fracos; e, por meio disso, se algum sedutor de fora vier a confirmá-los, vocês estarão ali para dar oposição; portanto, prevenirão ao menos que o grupo aumente. Que os pastores apenas condenem tal coisa é uma grande parte da razão de haver tantas cismas na Inglaterra, pois isso fez com que houvesse mais dessas reuniões separadas, onde se falava contra os pastores, sem os confrontar em pessoa, enquanto os sedutores, tomando a oportunidade que se apresentava a eles, se tornavam familiares sem os contradizer, tendo, pois, a van-

tagem para enganá-los. Que o episcopado tivesse menos culpa nestes erros e cismas das quais tanto fala! Mas é mais fácil reprovar um separatista no púlpito por dar testemunho contra ele do que ser o médico habilidoso que o cura, e fazer ao menos parte do dever ao qual somos obrigados para prevenir e curar tais questões calamitosas. Não que eu esteja criticando as repreensões públicas ou os testemunhos contra tais coisas; mas acredito que teremos motivo para temer no futuro se não proclamarmos publicamente nossa parte e negligência na situação atual, e nossa fraqueza; e que, ao condenar e testemunhar contra eles, condenemos e testemunhemos também contra nós mesmos.

XIII

Se vocês não puderem lidar da melhor maneira possível com eles, façam o que antes sugeri: deem-lhes um livro nos assuntos da fé para que o leiam.

XIV

Se nada disso servir, vão ao pastor vizinho mais apropriado que conheçam e peçam sua ajuda; não em público, nem como forma de disputa; deixem que estas ocorram naturalmente, "*ex improviso*",[208] encontrem-se com eles em suas reuniões privadas, desejosos de vê-los e ouvi-los, então lidem com os pecadores. E, se depois disso ainda houver disputas, atenham-se às velhas regras, enfrentem-nos no campo deles e não permitam que isso afete os seus enquanto puderem; portanto, vão às assembleias deles, mas não permitam que venham às suas. Pois com eles vocês terão pouco a perder e muito a ganhar, mas em casa o contrário ocorre. Esses separatistas estão cientes disso, portanto, será necessário que vocês os convençam a deixá-los entrar em suas assembleias.

[208] "De improviso".

XV

Não permitam que os autores da cisma triunfem sobre vocês, ou vão além de qualquer coisa que seja boa; pois a verdade deve ter mais força que o erro; e se vocês derem a eles essa vantagem, se lhes derem a vitória, e suas disputas fizerem pouco bem, as pessoas mais fracas julgarão isso pela aparência e pelos efeitos, em vez de pela doutrina em si. Eles acreditam que aquele que ganha tais coisas possui a melhor causa.

Estendo essa regra tanto à doutrina quanto à vida. Se um libertino pregar a graça livre, preguem-na mais efetivamente do que ele; empenhem-se nisso e façam dela mais gloriosa nos termos certos do que ele jamais poderá nos errados. Se, de maneira similar, ele magnificar a graça do amor e, para declamar contra o medo e a humilhação, defender a vida de puro amor por Deus, não o contradigam nas asserções, mas apenas nas partes negativas e destrutivas; e também o superem, pregando amor de Deus, com seus motivos e efeitos, mais plena e efetivamente do que ele poderá fazer na corrupção na qual procede; ou então farão com que os tolos acreditem que essa é a diferença entre vocês, que ele é a favor da graça livre e do amor a Deus, e vocês, contra; pois, se vocês não se preocuparem tanto com a sua pregação quanto ele com a dele, o povo não notará essas concessões curtas. Portanto, se um entusiasta falar do Espírito Santo e da luz, e do testemunho e da lei em nós, concentrem-se também nesse assunto e façam bem aquilo em que ele falhou; e preguem o encargo do Espírito Santo, Suas moradias e operações, e a luz, e o testemunho, e a lei em nós melhor do que ele fez. Esse é o melhor modo de combater a sedução que ataca seu povo. Portanto, se vocês forem atacados por pelagianos, se eles tecerem uma longa história para provar que Deus não é o autor do pecado, vocês devem criar uma história similar também. Se eles pregarem pelo livre-arbítrio, preguem sobre o livre-arbítrio que temos (a liberdade natural, inegável, que consiste em um poder de autodeterminação e supõe uma verdadeira indeterminação) e neguem apenas aquelas liberda-

des que a vontade não possui; ou seja, a liberdade do governo de Deus, ou da orientação necessária do intelecto e da força moral do objeto; ou aquela liberdade ética espiritual verdadeira das várias inclinações, que consiste na disposição correta da vontade; apenas os santificados possuem isso, em parte. Portanto, se algum pelagiano ou semipelagiano tentar provar o poder do homem, ou sua impotência para querer ou fazer o mal, faça-o tão efetivamente quanto ele; pois isso é provar que o homem é um pecador sob a pretensão de prová-lo livre, ou ao menos prová-lo defeituoso, senão com inclinações ao mal, mas à possibilidade do pecado; isso é o que eles defendem, e nesse caso teremos mais a dizer do que eles. Portanto, se eles trabalhosamente tentarem provar que Cristo morreu por todos, eu me empenharia em fazê-lo tão efetivamente quanto eles, para poder ficar claro ao povo que nossas diferenças não são nisso, que eles não magnificarão as riquezas da graça melhor do que eu, ou que eu deixarei os pecadores sem esperanças ou salvação, e sem um objetivo na fé, não mais do que eles; nem eu rejeitaria a Escritura, quando eles as reconhecem como verdadeiras; mas eu deixaria claro que a controvérsia reside em outros lugares; se Cristo, ao se oferecer como sacrifício pelo pecado, não possuiu uma intenção ou resolução especiais, de acordo com a vontade predestinadora de Seu Pai, para infalível e efetivamente salvar Seus escolhidos por meio de Seu nome, em aplicação de Seu sangue, para o perdão dos pecados e para lhes dar seu Espírito e enviar-lhes à glória, e não tendo a vontade, intenção ou resolução de morrer (não mais do que Seu Pai lhe predestinara) quanto o resto do mundo. Portanto, se um que for a favor da pregação privada dos homens vier contra os pastores para censurá-los pelo uso dos dons de Deus para a edificação da igreja, eu não o iria contrariar; mas, sim, usaria os dons dele das maneiras que antes mencionei; e então os criticaria por não os usar mais; então o traria a seu fim por meio de minhas repreensões. E esse exemplo que aqui apresentei, aplico a todas as outras questões. Pregar a verdade é o modo mais efetivo de se prevalecer contra o erro; e eu não permitirei a sedutor algum que tenha a glória de prevalecer

contra nós em qualquer coisa boa, nem na defesa da verdade. Novamente: se um sociniano se empenhar em defender a paz da igreja, e em nome da unidade pedir pela antiga simplicidade da fé, eu o superaria em falar do mesmo; e então lhe mostraria que aquela fé antiga e simples o condenaria. Se ele pregar pela razão da Escritura, ou da religião cristã, eu me empenharia em superá-lo, e ele não deve ter a oportunidade de possuir a glória por ter razão onde eu não tive nenhuma. Mas eu lhe mostraria que possuo razão em acreditar na Escritura, enquanto ele tem, por meio dessa, os seus erros condenados. Se um separatista falar da necessidade da ordem da igreja e da disciplina, eu também o faria; e lhe mostraria que é somente a desordem, a confusão e sua inconsistência com a ordem e a disciplina que desgosto nele, ou naqueles que concordam com ele. E assim faria em outros casos similares.

E vocês devem repugnar a ideia de que esses homens possam superá-los na prática de uma vida devota e correta, mais do que no ensino diligente. Por acaso algum deles expressa o ódio ao pecado e o desejo pela reforma da igreja? Então devemos fazer isso melhor do que eles. Algum deles passa seu tempo de nossas reuniões em debates devotos em vez de discussões vaidosas? Façamos melhor ainda. Eles são incansáveis em propagar suas opiniões? Que sejamos incansáveis em propagar a verdade. Eles são condescendentes aos piores e vão às casas para capturar os mais tolos para o rebanho? Que nos entrosemos mais ainda e sejamos diligentes para lhes fazer o bem. Eles amam suas facções e condenam o mundo? Sejamos amantes a todos, e especialmente aos santos, e façamos bem a todos, já que temos esse poder; e especialmente a todo lar da fé; e amemos o inimigo tão bem quanto eles podem amar um amigo. Sejamos mais justos do que eles, mais misericordiosos, mais humildes, mais mansos e mais pacientes. "*Porque assim é a vontade de Deus, que, fazendo bem, tapeis a boca à ignorância dos homens insensatos*" (1Pe 2.15). Superemo-los na vida devota, inofensiva, correta, misericordiosa, frutífera e divina, assim como na certeza de nossa doutrina; que sejamos mais justos, misericordiosos, humildes, mansos e pacientes do

que eles, para que por nossas ações sejamos conhecidos, e as pessoas mais fracas vejam a verdade nesse reflexo que não podem ver em si mesmas; e que nossa luz brilhe diante dos homens, que eles a vejam em nossa conversa e glorifiquem ao Pai que está no Céu; e mesmo aqueles que não obedecem nossa palavra poderão sem ela ser convencidos pela conversa de seus ensinadores. Quão feliz a Inglaterra teria sido — quão feliz toda a igreja teria sido, se os pastores do Evangelho tivessem antes dito isso! Teria feito mais contra os erros e as cismas do que todas as nossas reclamações fizeram, ou do que toda a força que poderemos desejar do magistrado.

Três tipos de pessoas poderemos encontrar em nossas conferências, e delas eu falei: os profundamente ignorantes e inconversos; os crentes duvidosos e problemáticos; e o questionador cismático e sedutor. Do quarto tipo que devo falar nesta instrução, estes são aqueles que, por meio de uma vontade professa de aprender e obedecer, e por outros meios, nos dão alguma probabilidade de que possam ter o verdadeiro arrependimento e fé, mas que ainda, por ignorância, ou indiferença (não sendo notados por qualquer profissão especial de devoção), ou por alguma outra questão, causam em nós medos maiores do que qualquer esperança que tenhamos; de modo que ficamos entre a esperança e o medo por eles, esperando o pior de sua segurança atual, apesar de não termos motivo para dizer que não são conversos, impenitentes ou santificados. Acredito que metade dos que vem até mim é desse tipo, e desse, 10, senão 40, aparecem para cada um que é realmente incapaz de ser regenerado. Poderá, porém, parecer problemático aos pastores mais jovens predizer o que deve ser feito com tais pessoas, quando não se tem razões o bastante para determinar se são devotos ou não, quaisquer que seus medos ou esperanças sejam. Desses, direi apenas o seguinte:

I

As primeiras direções serão suficientes para lidar com esses e são apropriadas até para os piores casos; pois, tal como dire-

mos a um homem notoriamente ímpio, "Seu caso é miserável, e você é um filho da morte"; assim, diremos a estes: "Temo que seu caso é incrivelmente triste; esses são maus sinais, e eu me pergunto como você ousa arriscar sua salvação". E com isso diminuiremos em grande quantidade o mal que aparece neles, podendo ver como se deve lidar com tal situação no primeiro caso.

II

Eu os aconselho a serem muito cuidadosos sobre censuras absolutas e apressadas, tanto para com eles quanto para com qualquer um com quem lidem; pois não é uma questão simples discernir um homem realmente desprovido da graça que se professa cristão quando alguns acreditam que seja; e vocês poderão realizar esse trabalho sem uma conclusão absoluta nisso, como os exemplos anteriores, que todos servirão com alterações mínimas, demonstram.

III

A descrição geral do trabalho episcopal provirá o resto. Adicionarei apenas:

1. Mantenham-nos próximos ao uso dos meios públicos e privados.

2. Estejam frequentemente com os indiferentes, para despertá-los, e admoestem os descuidados em presença deles.

3. Tomem a oportunidade da doença, que curvará seus corações e abrirá seus ouvidos.

4. Certifiquem-se de que eles passem o domingo corretamente e que bem ordenem suas famílias.

5. Retirem-nos das tentações e das ocasiões do pecado.

6. Encarreguem-nos de vir a vocês por ajuda em todas as questões mais necessárias e lidem com suas tentações e perigos antes que estes os engulam.

7. Destruam seus pecados mais radicais: o egoísmo, a mente carnal, a sensualidade, o orgulho, a mundanidade e a infidelidade. Façam com que leiam a Escritura e os bons livros, e os direcionem àqueles que poderão ajudar a despertá-los.

8. Peçam aos vizinhos devotos deles que se atenham.

9. Exercitem a disciplina, para os maravilhar.

10. Vivam uma vida de graça vocês mesmos, para isso ficar claro a eles em todos os seus sermões; para que todos que vierem ao sermão com frieza sejam aquecidos antes de partir.

Tendo dado meu conselho, deixo-os para fazerem a prática. Os orgulhosos certamente receberão isto com desdém; os egoístas e preguiçosos, com desgosto e indignação; mas não duvido que Deus usará isto, apesar das oposições dos pecados e de Satã, para despertar muitos de Seus servos aos seus deveres e à promoção do trabalho da reforma correta. E que muitas bênçãos virão deste trabalho de salvação das almas, da paz que vocês realizam e mantêm, do alento de seus servos por toda a nação a seguirem-nos e do aumento da pureza e da unidade de suas igrejas. Amém.

25 de dezembro de 1655.